

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ADRIANA MELLO CANÇADO

**MAJESTADES DA CIDADE PRINCESA: CONCURSO RAINHA DA SOJA DE
PONTA GROSSA, PARANÁ
(1970-1980)**

**CURITIBA
2008**

ADRIANA MELLO CANÇADO

**MAJESTADES DA CIDADE PRINCESA: CONCURSO RAINHA DA SOJA DE
PONTA GROSSA, PARANÁ
(1970-1980)**

Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial a obtenção do título de Doutora em História.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Paula Vosne Martins

**CURITIBA
2008**

*Ao Luiz, meu marido, e às minhas filhas,
Gisele, Naiana e Tatiana.*

Por suportarem as ausências e os silêncios.

Por partilharem de minhas conquistas.

Por nossas histórias.

Amores meus.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Roberto e Arletti, pelo amor incondicional e apoio constante. Ao Beto e Araceli, irmão e cunhada, que me presentearam com Laurinha, minha afilhada. Agora terei tempo para acompanhá-la!

Às sempre rainhas Suzy, Margareth, Regina, Edna, Judith, Marisa e Peggy, pela gentileza com que me receberam e por possibilitarem este trabalho com suas histórias de vida.

À Ana Paula, minha orientadora, por confiar em mim e respeitar meu ritmo de produção contribuindo para meu crescimento como historiadora. Obrigada!

Às professoras Roseli e Marlene, pelas críticas e sugestões apresentadas na qualificação da tese.

À Ana Cristina, pela calma e profissionalismo com os quais me atendeu nestes anos, suportando esquecimentos e equívocos com datas.

À Leila, Ingrid, Alan e Anselmo pelas transcrições cuidadosas que fizeram dos jornais. Do mesmo modo e com igual carinho, agradeço ao Adriano, ao Tiago, ao Jean Carlo pela transcrição e organização do material jornalístico.

Ao Danilo e ao Julio Bandeira, pelas tantas e tantas fotografias das fontes primárias. Ao Rodrigo, pela disposição em acompanhar-me nas entrevistas, sempre alegre e disposto a discutir comigo sobre “as nossas rainhas”. Obrigada também pelas muitas fotografias do material disponibilizado pelas entrevistadas.

À Gisele Gaspar, pelo auxílio nas transcrições das entrevistas. À Drieli, pelas digitações, tardes após tardes.

Aos funcionários da Casa da Memória Paraná e do Museu Campos Gerais, pela disponibilidade e presteza em atender minhas necessidades de pesquisa.

À Joseli, por dividir seus conhecimentos e experiência de pesquisa. Pela amizade e carinho constante. À Andréa, amiga de tantos anos, obrigada pela leitura do texto e pelas colocações ponderadas. À Sueli, presença amiga. Companhia amável nas caminhadas feitas após os longos dias redação. Agradeço também o

apoio constante, as palavras de ânimo e o estímulo para que eu enxergasse o final desta etapa.

À Jeanete, pela compreensão e pelo apoio quando necessitei parar. Obrigada por acreditar em mim e pelas oportunidades profissionais.

Ao Edi, pela rápida intervenção e pronta solução para os problemas tecnológicos, verdadeiros enigmas para mim.

À Ângela, bibliotecária da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pelas orientações seguras sobre as normas para a apresentação da tese. À Sandra, pela revisão do texto. À Silvana, pelas traduções.

À Direção do Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais por permitir meu afastamento e preservar meus espaços.

À Capes, pelo auxílio financeiro no último ano desta caminhada.

À todos/as os professores/as de história que, de uma maneira ou de outra, contribuíram com a minha formação teórica, com meu amadurecimento intelectual e com minhas maneiras de ler o mundo. Em especial aos professores/as de minha graduação. Estes, para sempre, meus mestres.

RESUMO

Esta tese tem como objetivo estudar articulações entre os campos econômico e político por meio de corpos femininos consagrados Rainha da Soja de Ponta Grossa. Instituídas rainhas no ritual do concurso Rainha da Soja, realizado no decorrer da década de 1970, em Ponta Grossa, Paraná, as jovens eleitas, pertencentes a famílias de reconhecido capital econômico e simbólico na cidade passavam a representar a indústria multinacional Sanbra, beneficiadora e exportadora de soja, e a Prefeitura Municipal de Ponta Grossa. Através do desempenho de bons modos, de vestuário adequado aos padrões de seriedade atribuídos ao concurso, do controle da sexualidade, as jovens eleitas reproduziam valores e posturas que identificavam e distinguiam os membros pertencentes aos grupos envolvidos no certame e, respectivamente, reforçavam práticas familiares, acumulando capital simbólico a si mesmas, a suas famílias e à Sanbra, organizadora do evento. Desse modo, desmistifica-se a idéia de que concursos de beleza são eventos frívolos e banais, a partir da concepção de que são espaços rituais instituídos por complexos poderes e que podem comunicar e reforçar distinções de gênero e de classe, contribuindo para a hierarquização da própria estrutura social na qual ocorrem. Este evento ritual integra a subjetividade das jovens eleitas, hoje mulheres casadas, mães de família, que, através da metodologia da história oral e dos processos de rememoração, reconstituíram identidades femininas e redes de sociabilidades relacionadas à experiência do concurso. Essas redes de sociabilidades reconstituídas a partir da interpretação das narrativas das mulheres eleitas e de documentos escritos possibilitam a reconstrução da importância atribuída ao concurso e à representação da Rainha, pela sociedade ponta-grossense, em seus distintos grupos sociais, indicando que a identidade coletiva local associava-se às representações instituídas no decorrer do ritual do concurso e objetivadas no corpo da jovem eleita. De outro modo, compreendido enquanto um evento ritual, o concurso, referente deste estudo, foi reconstruído, assim como seus significados, a partir de concepções teórico-metodológicas como memória, identidade, ritual e gênero.

Palavras-chave: Concursos de beleza. Memória. Identidade. Ritual. Gênero.

ABSTRACT

The focus of this study is the articulation between economics and politics through the female bodies of Soybean Queens in the city of Ponta Grossa. Those girls, made queens in the ritual of the Soybean Queen contests in the 70s, came from wealthy families and represented the multinational Sanbra and Ponta Grossa Town Hall. Through their performance regarding politeness and dressing that matched the seriousness of the event, as well as sexuality control, the young ladies reproduced values and postures that identified and distinguished the members belonging to the groups involved, and at the same time reinforced family practices, accumulating symbolic capital to themselves, their families and to Sanbra, the company that organized the event. Thus, the idea of beauty contests being frivolous and shallow events is demystified, and the conception of such events as ritual spaces established by complex powers which can communicate and reinforce distinctions of gender and class, contributing to the hierarchization of the social structure in which they are inserted is taken into consideration. This ritual event integrates the subjectiveness of the chosen ladies, nowadays married women, mothers, who, through the oral history methodology and remembrance processes reconstructed female identities and sociability nets related to the experience of the contest. Such sociability nets reconstructed from the interpretation of the narratives of the chosen women as well as written documents made possible the reconstruction of the importance given to the contest and to the representation of the Queen, by the Ponta Grossa society, within its different social groups, showing that the local collective identity was linked to the representations instituted throughout the contest ritual and the body of the elected girl. Therefore, the contest subject of this study, seen as a ritual event, was reconstructed as well as its meanings, from theoretical-methodological conceptions as memory, identity, ritual and gender.

Key-words: Beauty contests. Memory. Identity. Ritual. Gender.

LISTA DE SIGLAS

ACIPG	- Associação Comercial e Industrial de Ponta Grossa
AMP	- Associação dos Municípios do Paraná
ARENA	- Aliança Renovadora Nacional
BADEP	- Banco de Desenvolvimento do Paraná
BRDES	- Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul
CONSUPER	- Conselho Superior de Controle e Administração
COPEL	- Companhia Paranaense de Eletricidade
DEDEC	- Companhia Paranaense de Eletricidade
EFAPI	- Exposição Feira Agropecuária e Industrial
PARANATUR	- Empresa Paranaense de Turismo
PLADEI	- Plano de Desenvolvimento Industrial de Ponta Grossa
PTS	- Proteína Texturizada de Soja
PUC	- Pontifícia Universidade Católica do Paraná
SANBRA	- Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro
SESC	- Serviço Social do Comércio
UEPG	- Universidade Estadual de Ponta Grossa

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 DESENHANDO O OBJETO: CONCURSO RAINHA DA SOJA DE PONTA GROSSA.....	25
1.1 CONCURSOS DE BELEZA: LEITURAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS.....	26
1.2 HISTÓRIA ORAL E HISTÓRIA DAS MULHERES.....	42
1.3 MEMÓRIA, IDENTIDADE E RITUAL.....	60
2 CENÁRIOS DO CONCURSO RAINHA DA SOJA: POLÍTICA, ECONOMIA, SOCIEDADE.....	74
2.1 A PRINCESA DOS CAMPOS: DE “CAPITAL CÍVICA” À “CAPITAL MUNDIAL DA SOJA”.....	76
2.2 “A GLYCINE MAX” FAZ A FESTA”: OS ENCONTROS COM A SOJA.....	98
2.3 O CONCURSO E A “NOITE DE RARO BRILHANTISMO”.....	108
3 MEMÓRIAS DAS MAJESTADES DA SOJA: SOCIABILIDADES E IDENTIDADES FEMININAS.....	129
3.1 SOCIABILIDADES NAS LEMBRANÇAS DAS RAINHAS.....	130
3.2 LEMBRANDO E TECENDO IDENTIDADES FEMININAS.....	148
3.2.1 <i>Moças direitas</i> : Mães, Pais, Filhas e outros parentescos.....	153
3.2.2 Entre Permanências e Mudanças: Casamento, Maternidade, Profissão.....	161
3.2.3 De meninas à Rainha.....	170
4 “REINADO COR DE OURO”: RITUAL DO CONCURSO RAINHA DA SOJA DE PONTA GROSSA.....	186
4.1 APROXIMAÇÕES ENTRE RITUAIS E O CONCURSO RAINHA DA SOJA.....	187
4.2 RELENDO O RITUAL E SEUS SIGNIFICADOS.....	195

4.2.1	Relendo o Ritual: Articulações entre Economia, Política e Família.....	196
4.2.2	Relendo o Ritual e seus significados: Articulações entre Economia, Política e Gênero.....	214
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....		233
REFERÊNCIAS.....		238
ANEXOS.....		259

Bom dia, Rainha Suzy Mara Samways!

Quando você inicia o seu reinado de graça e beleza representando o doirado [sic] da soja no esplendor de novas riquezas, simbolizando uma esperança que foi verde e que amadureceu na realidade radiosa dos nossos dias, nós os súditos deste reinado que traduz uma era de trabalho e progresso, à saudamos respeitosamente a nossa terra.

O encanto da sua juventude, a beleza [sic] do seu sorriso e a elegância real do seu porte, levarão às cidades visitadas a notícia de que juntamente com o padrão do nosso trabalho e da nossa esperança, a graça feminina também é riqueza abundante na Princesa dos Campos Gerais.

Quando você desfilar pelas passarelas ou comparecer as reuniões onde a sua regência será homenageada, todos saberão que o esforço de um povo, conjugado pela inteligência e a visão dos seus governantes, ensejou um período em que a soja, na grandeza dos seus recursos naturais, motivou tantas coisas boas, entre elas esses encontros periódicos, onde o ponto alto, bonito, elegante e social culmina com a eleição de uma Rainha da Soja, cujo reinado é uma seqüência de

promoções de todos nós, representados pela embaixatriz da beleza das nossas mulheres.

Porisso [sic] todos nós estamos unidos para saudá-la efusivamente e para desejar que o seu reinado seja permanente mensagem de graça e encanto, de esperanças que se transformem em realidades risonhas, pois a sua glória será a glória da cidade que você representa e muito mais do produto que deu origem a esse reinado cor de ouro.

E todos nós estamos igualmente agradecendo e louvando a contribuição admirável que nos ofereceu a SANBRA, pois foi graças ao seu impulso que vimos o desenvolvimento de todo esse programa que agora culmina com essa festa e com esse roteiro de viagens que você cumprirá como Rainha da Soja e como representante da nossa riqueza.

Receba nossos votos de um feliz reinado e nossos augúrios para que você mantenha a tradição que outras rainhas firmaram, elevando bem alto a beleza da mulher princesina e reinando sobre todos nós com o encanto da sua juventude e da sua elegância.

Bom dia, Rainha Suzy Mara Samways!

PERFIS DA CIDADE

Vieira Filho¹

¹ DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, 04 jun. 1974, p. 4. Guaracy Paraná Vieira, Vieira Filho, nasceu em 04 de agosto de 1918 e faleceu em 18 de junho de 1991. Mudou-se para Ponta Grossa a fim de trabalhar na Prefeitura Municipal, onde desempenhou várias funções, entre as quais a de Chefe da Seção Mecanizada, de Diretor de Gabinete, da Biblioteca Pública e do Departamento de Educação e Cultura. Em 1949, começou a trabalhar na Rádio Clube Pontagrossense, tarefa que conciliou com suas atividades na prefeitura. Em 1952, o radialista Barros Junior passou a ler diariamente uma crônica escrita por Vieira Filho. Ainda nos primeiros anos da década de 1950 as crônicas transmitidas pela emissora passaram a ser publicadas no Jornal Diário dos Campos, e só deixaram de ser publicadas na década de 1980. Nos anos de 1958 e 1959 Vieira Filho assumiu a redação deste jornal. Em 1963 e 1964, foi secretário de redação, publicando as colunas "Um homem dentro da vida" e "O assunto é diário". Por mais de trinta anos consecutivos o jornal publicou a coluna "Perfis da Cidade". (VIEIRA, M. Z. (org.). **Perfis da Cidade**: Crônicas de Vieira Filho. Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 1993. SCHAETAE, A. M. Representações: A Polícia Militar Feminina no Paraná (1979-1984). Revista de História Regional, Ponta Grossa, v. 9, n. 2, p. 111-127, 2004).

INTRODUÇÃO

O concurso Rainha da Soja, realizado na cidade de Ponta Grossa¹, tornou-se um acontecimento tradicional na agenda da sociedade ponta-grossense² durante a década de 1970. Objetivado pelos poderes econômico e político através da Prefeitura Municipal e da multinacional Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro³ (SANBRA), que construiu na cidade um complexo agroindustrial beneficiador de soja, o certame elegia, ao final de uma semana de reuniões sobre a soja, a “Majestade da Soja”.⁴ Reunindo bons modos, vestuários elegantes, cultura e beleza, as jovens eleitas passavam a representar a multinacional e os benefícios que, supostamente, esta poderia trazer para a cidade, para o Estado do Paraná e para o país. De modo semelhante, as jovens majestades simbolizavam a cidade de Ponta Grossa e seu potencial social e político.

-
- ¹ A cidade de Ponta Grossa recebeu algumas expressivas alcunhas no decorrer de sua história, conforme veremos nos capítulos que se seguem. Dentre elas, encontra-se a denominação de “Princesa dos Campos”, criada e divulgada no início do século XX, quando a cidade sofreu alterações socioeconômicas com a chegada de intenso contingente populacional, com o aumento das atividades comerciais e com a consolidação de entreposto ferroviário. Essas transformações foram associadas a uma concepção de urbanização e modernização e Ponta Grossa passou a ser chamada de Princesa por vários intelectuais e jornalistas que enfatizavam este surto de desenvolvimento e descreviam-na como a “cidade ideal”. (O PROGRESSO. Ponta Grossa, n. 588, 20 jun. 1912; O PROGRESSO. Ponta Grossa, n. 586, 16 jul. 1912. Ver também: VICTOR, N. **A terra do futuro**. Impressões do Paraná. 2. ed. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996).
- ² Consta no Dicionário Aurélio a palavra “ponta-grossense” tal como redigida aqui, ligada por hífen. No entanto, a grafia do início do século XX encontrada nos periódicos locais é de “pontagrossense”. Nas citações será mantida a grafia presente no dicionário. (PONTA-GROSSENSE. In: HOLANDA, A. B. de. **Novo Dicionário Aurélio**. Da Língua Portuguesa. Curitiba: Positivo, 2004).
- ³ Apesar de ser uma sigla da Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro (SANBRA), utilizarei a expressão “Sanbra”, em minúsculo, para referir-me à multinacional, uma vez que é com esta grafia que a própria indústria se autodenomina e é reconhecida na imprensa ponta-grossense, assim como nas revistas “Atualidades Sanbra”, publicada pela própria multinacional.
- ⁴ CINESCÓPIO. Ponta Grossa: Tipografia Noviski, n. 89, jul. 1973. p.13.

Esse evento, cuja última edição ocorreu no ano de 1980, permanece na memória dos moradores da cidade. Membros de diferentes grupos sociais comentam sobre o período e, nas lembranças, as imagens das rainhas são associadas ao surto de desenvolvimento pelo qual a cidade passou na época. Nas rememorações, o concurso é evocado pelo glamour e como um acontecimento que movimentava a cidade, aquecendo o comércio local e colocando Ponta Grossa na rota de importância estadual e nacional, revelada pela presença constante de ministros e outras autoridades do cenário político da época.

O fato de um acontecimento, considerado banal e fútil, como um concurso de beleza, ser rememorado, e também revelar redes de conhecimento local, pois as pessoas, ao lembrarem, sempre dizem ter conhecido alguma candidata ou ser parente de uma, despertou meu interesse em estudar o evento. Inicialmente instigava-me saber por que um evento marcadamente masculino, como os “Encontros com a Soja”, culminava com a eleição de uma jovem mulher, intitulada Rainha da Soja, cuja missão era de representar a multinacional Sanbra e a cidade de Ponta Grossa no decorrer de um ano. Assim, indagava-me por que uma mulher simbolizava, com reconhecido prestígio, um produto agroindustrial e uma estrutura econômica e política amparada no capital internacional.

Tais questionamentos conduziram-me a refletir sobre os significados econômicos, políticos e simbólicos do concurso, numa perspectiva de gênero e memória. Desse modo, concepções teóricas como memória e identidade, no sentido atribuído por Maurice Halbwachs, Michel Pollak, Pierre Nora e outros autores, dedicados a essas temáticas, orientaram a estruturação da pesquisa.

Neste sentido, interessava-me investigar a experiência⁵ das mulheres eleitas Rainhas da Soja de Ponta Grossa e a reconstituição de identidades femininas representadas no decorrer do concurso. Para atingir este objetivo amparei-me nos pressupostos da história oral, assim como nas orientações de Alessandro Portelli no que se refere ao estabelecimento de uma relação dialógica entre pesquisador e entrevistado, técnica que dispensa rígidos roteiros de entrevista e na qual a resposta do entrevistado/a orienta as questões do pesquisador, que se ampara em eixos temáticos sobre o objeto da pesquisa.

Somada às premissas teóricas, a pesquisa de campo orientou a reelaboração da questão inicial. Neste sentido, estabeleci como problematização: as maneiras como se articulam os significados econômicos, políticos e simbólicos do concurso Rainha da Soja de Ponta Grossa por meio da e para a construção da figura feminina. Dessa forma, o objetivo da investigação é compreender o concurso Rainha da Soja na articulação de significados econômicos, políticos e simbólicos, defendendo o pressuposto de que a sua realização reconstituiria identidades de

⁵ A concepção de experiência, apropriada e utilizada neste texto, refere-se à reconstrução de um tempo vivido, cuja presentificação não remete, apenas, para o fato evocado, mas navega no tempo e se desloca no espaço, interconectando palavras e imagens e correlacionando sentidos. A experiência, como sinônimo de veracidade é negada e impraticável e priorizo a idéia de que a experiência vivida resulta de discursos subjetivos sobre o passado. (PESAVENTO, S. J. Palavras para crer. Imaginários de sentido que falam do passado. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, n. 6, 2006. Disponível em <http://nuevomundo.revues.org/document1499.html>. Acesso em 05/05/2007; CERTEAU, M. **A escrita da história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002).

classe⁶ e gênero, diante de transformações culturais no campo econômico, assim como nas práticas e funções femininas, tais quais o ingresso das mulheres nas instituições de ensino superior e a intensificação da presença feminina no mercado de trabalho.

Em viés relacional, a pesquisa propõe uma abordagem das questões de gênero, seguindo as reflexões de Joan Scott, Louise Tilly e Heleni Varikas, entre outras/os, e suas imbricações com o político e o econômico numa aproximação singular, contribuindo para o conhecimento teórico e para novas possibilidades metodológicas no campo das Ciências Sociais e Humanas. Neste sentido, tais preocupações são permeadas pela concepção analítica de gênero que prioriza as experiências humanas em seus aspectos processuais e culturais, entendendo-as em movimentos múltiplos e variados entre homens e mulheres, desnaturalizando e desconstruindo dicotomias, desigualdades e diferenças. Tal pressuposto alicerça a história das mulheres, na qual este estudo se filia, construída no processo de estudo

⁶ Os termos “classe social” e “elite” merecem uma nota de esclarecimento uma vez que serão citados no decorrer do texto. O conceito de “classe social” inspira-se nas orientações de Pierre Bourdieu e diz respeito à constituição de espaços sociais – ou estruturas de diferenças – onde indivíduos ocupam diferentes posições que possibilitam o recorte, eminentemente teórico, de classes, considerando os capitais econômicos, políticos, culturais e simbólicos praticados entre os indivíduos de um dado contexto histórico observado. Assim, ao aplicar o termo “classe”, remeto à constituição de posições sociais ocupadas na estrutura social de Ponta Grossa e relacionadas ao acúmulo dos capitais anteriormente mencionados, além de que, às potencialidades objetivas e simbólicas de estabelecer diferenciações com outros grupos ou posições (BOURDIEU, P. Condição de classe e posição de classe. In: _____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1999. p. 3-26; BOURDIEU, P. Espaço social e gênese das classes. In: _____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989. p.133-162). Por sua vez, o conceito “elites” apresenta a tendência em qualificar aqueles indivíduos que compõem o grupo que ocupa posições simbólica, econômica e politicamente reconhecidas e que se arrogam, em virtude de sua origem, de seus méritos, de sua cultura ou de sua riqueza, o direito de dirigir e negociar as questões de interesse da coletividade. Porém, as propriedades que definem a participação dos indivíduos nas elites são historicamente construídas e relacionadas à valorização ou desvalorização dessas propriedades através do tempo, ao conhecimento da composição de capitais cultural, econômico, político, e sua inscrição nas trajetórias dos indivíduos (HEINZ, F. (org.). **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 7-17). Desse modo, as “elites”, a que me refiro, dizem respeito a grupos compostos por membros de famílias pontagrossenses detentores de reconhecido capital econômico, político, cultural e simbólico.

das articulações entre os campos de poder econômico e político, assim como de construções idealizadas do feminino.

Assim, objetivando compreender a articulação de significados do concurso Rainha da Soja de Ponta Grossa, constituí um *corpus* documental formado por narrativas das mulheres eleitas rainhas, jornais, documentos oficiais e atas da Associação Comercial e Industrial de Ponta Grossa (ACIPG) e da Câmara Municipal. O uso de múltiplas fontes, escritas e orais, não visa a suprimir lacunas entre umas e outras, mas permitir a livre circulação das possibilidades de reconstrução histórica do evento e da sociedade que o possibilitou e o legitimou, assim como as relações entre memórias e identidades.

As fontes orais são compostas por narrativas das Rainhas da Soja. As narrativas resultam de entrevistas realizadas com sete mulheres sob o signo da metodologia da história oral, detalhada no decorrer do capítulo 1, no qual desenvolvi a trajetória de construção do objeto de pesquisa.

As fontes escritas são pensadas como parte constitutiva da sociedade analisada, pois não apenas expressam ou espelham o social, mas são construídas na mesma conjuntura histórica. Do mesmo modo, não revelam verdades ou provas, são documentos criados em linguagens que lhes são próprias e que criticam, endossam, propõem relações sociais. Dessa maneira, o diálogo estabelecido com as fontes escritas parte do princípio de que a história é um campo de possibilidades, instituído na relação entre historiador/a, fontes e opções teórico-metodológicas, que considera a experiência vivida e sua própria narração.⁷

Na pesquisa priorizei os jornais ponta-grossenses “Jornal da Manhã” e “Diário dos Campos”, por sua ampla circulação na cidade, durante os anos 1970. Desses periódicos foram transcritos artigos e notas que se referiam aos aspectos econômicos, políticos e sociais com relação à implantação da multinacional Sanbra e ao concurso Rainha da Soja, no decorrer dos dez anos de existência do evento.

⁷ VIEIRA, M. do P. de A.; PEIXOTO, M. do R. da C.; KHOURY, Y. M. A. **A pesquisa em história**. São Paulo: Ática, 1989.

Compreendidos como relatos parciais sobre a vida cotidiana da sociedade local, os artigos e notas foram lidos nesta pesquisa como formas que possibilitam a reconstrução de relações sociais.⁸

A legislação municipal selecionada diz respeito às normatizações e disciplinizações referentes aos aspectos econômicos do período, informando sobre determinadas práticas que se relacionam nas instâncias da ordem política e do processo social. As atas transcritas dos livros de reuniões da Associação Comercial e Industrial de Ponta Grossa (ACIPG) assim como das sessões da Câmara de Vereadores foram delimitadas entre os anos de 1969 e 1980. Esses documentos possibilitam a reconstrução dos movimentos políticos e econômicos entre os grupos de empresários e políticos da cidade.

Sabemos que a história pode ser reconstruída de muitas maneiras e compreendida através de diferentes propostas de análise. A que se apresenta nesta tese inscreve-se na filiação teórica da memória histórica, em que memórias escritas e orais constituem fontes para a reconstrução e compreensão dos significados do concurso e suas articulações no sentido da instituição de identidades e redes de sociabilidades. Entendendo que os significados não existem em si, nem são transparentes, mas relacionados ao processo de reconstrução da memória e à atividade narrativa dos envolvidos, procuro compreender o concurso Rainha da Soja de Ponta Grossa na reconstrução de múltiplos e específicos significados. Significados relacionados ao processo mnemônico das entrevistadas, ao trabalho interpretativo pautado pelas opções teóricas e metodológicas da pesquisadora e na relação que se estabelece entre o presente e o passado.

Desse modo, para atingir o objetivo proposto para esta tese, o trabalho foi estruturado em quatro capítulos.

O primeiro capítulo, “Desenhando o Objeto: Concurso Rainha da Soja de Ponta Grossa”, apresenta o percurso teórico-metodológico trilhado para a

⁸ CREDDO, M. do C. S. (org.). **Fontes históricas**. Abordagens e métodos. São Paulo: Unesp, 1996.

construção do objeto de pesquisa. Amparada em análises realizadas por pesquisadores que investigaram concursos femininos em diversas localidades mundiais, como Katarina Mattson, Katarina Pettersson, Sarah Banet-Weiser, Beverly Stolje e Mirta Lobato, entre outros, demonstro as aproximações entre os concursos de beleza feminina e os campos: econômico e político. De modo semelhante, os autores analisados possibilitam a reflexão desses eventos como espaços rituais, nos quais ocorrem intrincados jogos identitários. Neste sentido e procurando articular memória, identidade, gênero e ritual, discuto aspectos teóricos que permeiam essas concepções.

Uma vez que o objeto de pesquisa não se encontra descontextualizado, as imbricações políticas e econômicas, que constituíam as relações sociais de Ponta Grossa, no decorrer dos anos de 1970, e que concretizaram a realização do concurso, são desenvolvidas no segundo capítulo. Intitulado “Cenários do Concurso Rainha da Soja: Política, Economia e Sociedade”, o capítulo apresenta a configuração social específica que possibilitou o surgimento do concurso e sua realização no decorrer de dez anos. Além das variáveis política e econômica, os Encontros com a Soja, festividade que incluía o concurso, são abordados a noite do baile e o envolvimento da sociedade local.

O terceiro capítulo, “Memórias das Majestades da Soja: Sociabilidades e Identidades Femininas”, problematiza as redes de sociabilidades locais que se instituem em relação ao concurso e a sua simbologia, assim como são reconstruídas identidades femininas reconstituídas no processo de rememoração das mulheres entrevistadas. Filhas, mães, esposas, profissionais e rainhas constroem as identidades ressignificadas nas narrativas femininas.

No quarto capítulo, “‘Reinado Cor de Ouro’: Ritual do Concurso Rainha da Soja”, o concurso é analisado em sua forma ritual a partir das concepções de Marisa Peirano, Beverly Stoelje, Pierre Bourdieu, Victor Turner. Aspectos formais e de conteúdo são discutidos conduzindo as reflexões, num primeiro momento, para a forma do evento e sua relação com a configuração histórica que possibilitou a sua

forma. Num segundo momento, estudo os possíveis significados, no sentido de reconstruir as representações reafirmadas e projetadas no presente, por meio da memória das entrevistadas e do grupo ao qual pertencem, uma vez que a memória é sempre coletiva conforme orienta Maurice Halbwachs. Representações de família, de gênero, de feminilidade, como também representações de desenvolvimento econômico são discutidas.

A disposição dos capítulos procura revelar a estrutura da pesquisa partindo da construção do objeto, transitando no contexto dos anos de 1970, especificamente o local para, em seguida, abordar aspectos identitários e redes de sociabilidades, ambos reconstruídos na rememoração das mulheres eleitas rainhas. Para finalizar, o concurso é estudado como um espaço ritual, no qual, práticas sociais se estabeleciam marcando posições sociais e, enquanto lugar de memória, possibilitando reconstituições do tempo presente.

Desse modo, a apresentação das mulheres que compuseram o evento ritual, contribuindo para seu acontecimento por meio de múltiplas representações sociais, torna-se imprescindível, para que se possa identificá-las como atrizes sociais, cujas identidades foram e são reconstruídas em relação a este evento e às redes que o instituíram.

Antes de iniciarmos esta história, apresento-lhes as Rainhas da Soja de Ponta Grossa.⁹

Judith Silveira.

Representante do Colégio Municipal Regente Feijó, aos dezesseis anos foi eleita, dentre dez candidatas, Rainha da Soja de Ponta Grossa 1971. Filha de Maria

⁹ Sete das dez rainhas eleitas por Ponta Grossa contribuíram com entrevistas. São elas que compõem esta apresentação. Para facilitar a identificação das entrevistadas durante a leitura do texto, apresento em anexo uma tabela destacável com informações sobre as mesmas. (ANEXO 1). Informações sobre a eleição das dez Rainhas da Soja consultar ANEXO 24.

Clara Borges de Macedo Silveira e de Sady Silveira¹⁰, ambos ponta-grossenses. Seu pai era um conhecido médico que dividia a propriedade do Hospital São Lucas, atual Pronto Socorro Municipal, com dois colegas de medicina que, por sua vez, ocuparam cargos políticos relevantes no âmbito local e estadual, Amadeu Puppi e David Federmann. Sua avó paterna, de quem herdou o nome, formou-se no magistério e fundou uma escola em Ponta Grossa, desempenhando várias atividades na área da Educação.¹¹ Sua mãe descende de tradicional família de fazendeiros. Casada, mãe de um filho, Judith é bioquímica, preside uma associação beneficente e faz planos para concluir o curso de Psicologia trancado por excesso de atividade. (ANEXO 2).

Regina Puppi.

Filha do médico e prefeito municipal (1973-1976) Amadeu Puppi e de Carmem Kohler. Representando o Clube da Lagoa, aos dezesseis anos foi eleita, dentre dezessete candidatas, Rainha da Soja de Ponta Grossa 1973. Seu reinado apresentou uma especificidade, pois ocorreu no mesmo ano em que Ponta Grossa completava 150 anos e a Sanbra, 50 anos. Seu pai assumiu a prefeitura municipal quando o prefeito Luiz Gonzaga Pinto aceitou o convite para dirigir a Secretaria Estadual da Indústria e Comércio do Estado do Paraná. Ao receber o convite para o concurso, Regina cursava o 2º ano do antigo Científico¹², no Colégio Aplicação de

¹⁰ ÁLBUM PERSONALIDADE 1974. **Ponta Grossa**: Gráfica Planeta, 1974. Acervo particular de Suzy Mara Samways.

¹¹ Judith Macedo Silveira formou-se no magistério pela Escola Normal de Curitiba, em 1909. Em Ponta Grossa atuou no Grupo escolar Senador Correia e dirigiu a Escola Intermediária que credenciava para a matrícula na Escola Normal de Curitiba e que foi incorporada pela Escola Normal Primária de Ponta Grossa, em 1924. Em 1926, fundou o Liceu Campos Gerais e o dirigiu até 1945. (OLIVEIRA, J. C. de. **Educadores ponta-grossenses**. 1850-1950. Ponta Grossa: UEPG, 2002. p.145-147).

¹² Corresponde ao atual Ensino Médio.

Ponta Grossa. Era participante ativa do grupo de jovens denominado “grupo Caloc”.¹³ Regina foi assim apresentada na imprensa local:

Aprecia as artes em geral, literatura, pintura e podemos informar que desenha muito bem. Dizemos que detesta falsidade [...]. A nossa candidata, teceu demorados elogios à juventude pontagrossense a qual classificou adjetivamente de “formidável”. Regina Maria gosta de música moderna de um modo geral e constitui-se em fã nº. 1 do conjunto Bee Gees sendo seu cantor preferido o norte – americano Johny Mathgs. Sua cor preferida é o branco e o strognoff constitui-se no seu prato preferido, sendo fã de uma boa leitura, apreciando entre outros o trabalho de Harold Robbins e Morris West. Dizendo que acha o concurso Rainha da Soja de 1973 uma experiência positiva da qual vai participar [...] Regina Maria informou que pretende ser psicóloga e vai fazer o Curso de Belas Artes.¹⁴

Regina casou-se logo após graduar-se em Odontologia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, fixou residência em São Paulo e não exerceu a profissão. Atualmente reside em Ponta Grossa, é mãe de três filhos e quando a entrevistei aguardava o nascimento do primeiro neto. (ANEXO 3).

Suzy Mara Samways.

Representante do “Léo Clube”, clube juvenil filiado ao Lions Clube Vila Velha¹⁵, aos dezesseis anos foi eleita, dentre doze candidatas, Rainha da Soja de Ponta Grossa 1974. Nascida em Curitiba, é filha única de um funcionário da Receita Federal, Alcides Samways e de Cleusa Samways. Mudou-se para Ponta Grossa, junto com a família, aos catorze anos e logo passou a se relacionar com jovens integrantes do Léo Clube e associados do Clube da Lagoa. Na imprensa foi destacada por várias atividades,

¹³ O grupo Caloc era formado por jovens freqüentadores do Clube da Lagoa que também integravam o Léo Clube. Promoviam bailes, gincanas, festivais com renda destinada a ações filantrópicas.

¹⁴ DIÁRIO DOS CAMPOS, Ponta Grossa, n.23294, 13 maio 1973, p.3.

¹⁵ DIÁRIO DOS CAMPOS, Ponta Grossa, n.23605, 28 maio 1974, p.1.

Já fez cursos de teatro, fotografia e etiqueta social na Socila de Recife, e também decoração. Atualmente, Suzi está cursando o último ano de Inglês [...] e este ano cursará a 3ª série do 2º Grau Profissionalizante [...] pretende ser Arquiteta. Aprecia teatro, arquitetura, cinema, pintura, escultura, música, tanto a clássica como a jovem, literatura, sendo seus autores preferidos Jorge Amado, Carlos Drummond de Andrade, Hermann Hesse e Agatha Christie. Gosta de estudar línguas e adora viajar. Conhece as principais capitais brasileiras, de Porto Alegre até Fortaleza e também a Argentina e Paraguai. Adora praias e esportes, principalmente a natação, e seu hobby é colecionar fotografias.¹⁶

Graduada em Arquitetura e Design pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC), atualmente reside em Curitiba. Na capital do Paraná atua na área da arquitetura e divide um escritório com seu marido, também arquiteto. Mãe de um único filho, Suzy Mara conquistou também o título de Miss Paraná 1978 e ficou classificada entre as dez finalistas do concurso *Miss Brasil*. (ANEXO 4).

Marisa Sielski.

Representante do Clube Princesa dos Campos, aos dezoito anos foi eleita, dentre nove candidatas locais, Rainha da Soja de Ponta Grossa 1975 e Segunda Princesa da Soja do Paraná. Nascida em Ponta Grossa e filha de um comerciante de carnes e derivados, Marisa morava no bairro São José. Sua família participava ativamente das atividades religiosas e sociais desenvolvidas na igreja do bairro homônimo. Foi catequista e aluna do Colégio São José, de onde saiu para completar o ensino médio no Colégio de Aplicação de Ponta Grossa. Sobre ela o jornal enfatizava que,

Cursa atualmente o primeiro período de Matemática na Universidade Estadual de Ponta Grossa e pretende formar-se em Engenharia Civil. Pratica xadrez e tênis e gosta de literatura, teatro, cinema e ballet. Marisa

¹⁶ DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 23785, 1 jan. 1975, p.1.

disse que candidatou-se (*sic*) para dar maior divulgação ao seu clube, a cidade de Ponta Grossa e a Sanbra, que patrocina o concurso [...].¹⁷

De fato, Marisa concluiu o curso de Matemática pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e praticou o magistério por algum tempo. Ao casar, passou a dedicar-se exclusivamente para a família. Reside em Ponta Grossa e é mãe de um casal de filhos. (ANEXO 5).

Edna Fae.

Filha de Honório Ziguer Babinski e Maria Zinguer Babinski¹⁸, representante do Clube Pontagrossense, foi eleita, dentre oito candidatas locais, Rainha da Soja de Ponta Grossa 1976 e a única ponta-grossense a ganhar o título de Rainha da Soja do Paraná. Além das viagens, a rainha recebeu como prêmio um carro zero quilômetro e uma jóia em ouro 18 quilates. Em Brasília foi recebida pelo Ministro da Agricultura e ainda viajou para o Rio de Janeiro, São Paulo e Curitiba, na companhia das princesas. Nascida em Laranjeiras do Sul, filha de um madeireiro e proprietário de cinema, possuía parentes maternos em Ponta Grossa. Aos quinze anos mudou-se para a cidade acompanhando seus pais e sua irmã. Sobre Edna o jornal dizia que,

É universitária do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Ponta Grossa, 3º Período. Fala inglês com grande desembaraço. Conhece o Paraguai, Argentina e Uruguai, além das principais cidades brasileiras. Seu hobby é tocar violão. Gosta de leitura, música teatro, cinema e artesanato. Pratica esportes. [...] é apontada como uma forte candidata ao título.¹⁹

Após concluir o magistério no Colégio Sagrada Família, no qual sua mãe havia estudado, graduou-se em Pedagogia, exerceu o magistério e foi orientadora

¹⁷ DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 23390, 15 maio 1975, p.1.

¹⁸ ÁLBUM PERSONALIDADE 1974. Ponta Grossa: Gráfica Planeta, 1974.

¹⁹ DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 23701, 29 maio 1976, p. 1.

pedagógica até casar-se. Sempre exerceu atividade profissional e atualmente é responsável pela franquia de uma agência dos Correios e Telégrafos em Ponta Grossa. É casada e mãe de dois filhos. (ANEXO 6).

Margareth Sponholz.

Representante do Clube Pontagrossense e aos dezenove anos foi eleita, dentre trinta e uma candidatas locais, Rainha da Soja de Ponta Grossa 1977 e Primeira Princesa da Soja do Paraná. Nascida em Ponta Grossa, seu pai, o advogado e deputado estadual Edgar Sponholz nasceu em Imbituva, Paraná, cidade em que foi prefeito e sua mãe pertencia à tradicional família ponta-grossense. Da família materna Margareth herdou a centenária Fazenda Bom Sucesso, uma das mais antigas da região dos Campos Gerais. Na época do concurso, os jornais a definiam como “[...] fanática por xadrez, natação, arte culinária, decoração e modas. Margareth fala inglês, alemão e espanhol, tem noções de piano e violão, tendo ainda cursado balé”.²⁰ Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), jamais exerceu a profissão. Casada, reside em Ponta Grossa e não possui filhos. (ANEXO 7).

Peggy Gutmann.

Representante da Sociedade Rural dos Campos Gerais foi eleita, aos dezoito anos, Rainha da Soja de Ponta Grossa 1978 e Primeira Princesa da Soja do Paraná. Nascida em Carazinho, Rio Grande do Sul, mudou-se para Ponta Grossa junto com os pais e a irmã em 1973. Seu pai possuía a representação de uma empresa de comercialização de maquinários agrícolas e sua mãe era funcionária pública da Agência de Correios e Telégrafos. Cursava Administração de Empresas quando se

²⁰ DIÁRIO DOS CAMPOS, Ponta Grossa, n. 23883, 8 maio 1977, p.1.

casou com Luiz Carlos Stanislawzuk, prefeito de Ponta Grossa, eleito em 1976. Motivada pelos inúmeros compromissos nos quais participava como Primeira Dama desistiu do curso superior antes mesmo de graduar-se. É mãe de dois filhos. (ANEXO 8).

1 DESENHANDO O OBJETO: CONCURSO RAINHA DA SOJA DE PONTA GROSSA

Os pressupostos de classe, raça, cultura e gênero, as crenças e os comportamentos da própria pesquisadora ou pesquisador devem estar colocados dentro da moldura do quadro que ela ou ele pretende pintar.

HARDING¹

O objetivo deste capítulo é elucidar a trajetória de construção do objeto de pesquisa, o concurso Rainha da Soja de Ponta Grossa, por meio de uma análise teórica dos fenômenos socioculturais conhecidos como concursos de beleza e de outros pressupostos analíticos que possibilitem seu estudo. Trata-se de um capítulo que visa a discutir como o concurso, tipo específico de manifestação cultural, foi e é abordado por determinados autores que utilizam certas categorias de análise como forma de entendê-los, não pelo seu exotismo ou superficialidade, mas por seus significados.

No caso do concurso Rainha da Soja de Ponta Grossa, cuja reconstituição histórica e analítica pautou-se em fontes escritas e orais, as relações entre a metodologia da história oral e a história das mulheres são abordadas como orientação para os procedimentos de coleta e interpretação das narrativas das mulheres eleitas rainhas da soja. De modo semelhante, concepções como identidade, memória, gênero e ritual complementam a trajetória de construção do objeto, indicando caminhos e possibilidades para a compreensão do fenômeno investigado.

¹ HARDING, S. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. **Estudos Feministas**, v.1, n. 1, 1993. p. 9.

1.1 CONCURSOS DE BELEZA: LEITURAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS

No decorrer da minha graduação em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, ouvi inúmeros comentários sobre a situação econômica e política da cidade de Ponta Grossa, no decorrer dos anos de 1970. Pessoas falam deste período como um tempo no qual a cidade vivenciara intensa industrialização, urbanização e modernização pautada no desenvolvimentismo praticado pelos governos militares brasileiros. Como historiadora e moradora da cidade há aproximadamente doze anos, este fato despertou minha curiosidade acadêmica, tornando-se cada vez mais instigante quando, nos comentários feitos em relação a esta época, as pessoas evocam também lembranças sobre o concurso que elegia a Rainha da Soja de Ponta Grossa. Integrante dos “Encontros com a Soja”, evento organizado na forma de seminários e discussões sobre a soja, o concurso representava o ápice da semana em que ocorriam os encontros, acrescentando glamour e significados culturais a uma ação aparentemente baseada em exclusivas estratégias de marketing da multinacional Sanbra.

Desse modo, constatei que representantes de diversos grupos sociais relembram o período, discorrendo sobre uma série de relações sociais e culturais que se organizavam em torno do concurso Rainha da Soja. Mesmo depois de passados trinta e sete anos da primeira edição, este evento, aparentemente fútil, é fortemente rememorado por homens e mulheres suscitando, portanto, atenção acadêmica. O fato de serem lembrados e possibilitarem o estudo de relações culturais instituintes e instituídas pelo concurso justifica o interesse em torná-lo objeto de investigação histórica. Diante disto, minha dúvida inicial sustentava-se em compreender as relações sociais e os significados do concurso Rainha da Soja de Ponta Grossa que amparam esta memória coletiva. Assim, com base nesta questão inicial, busquei outras abordagens acadêmicas que tratam de temas similares.

Após a leitura de bibliografia estrangeira, uma vez que não há no Brasil estudos publicados cujos objetos sejam concursos de beleza, concluí haver entre os

autores duas maneiras distintas de tratar o tema. Esses autores tratam os concursos de beleza feminina como competições que, ao final, elegem uma *miss* ou uma rainha. Apesar de semelhantes, num primeiro olhar, as modalidades diferem em sutis nuances no formato, no conjunto de elementos que os objetivam e no sistema de significações instituído e instituinte de outras relações sociais. Nos concursos para a eleição de *misses*, a beleza estética é ponto central e o corpo feminino, rigidamente medido, é amplamente exibido durante a competição em trajes de banho. Esses concursos foram, no decorrer das décadas de 1960 e 1970, tratados pela imprensa internacional e nacional como eventos nos quais a atração principal eram belas e “incultas” mulheres. Grupos feministas criticavam a realização dos concursos acusando que mulheres eram convertidas em objetos para o consumo visual masculino assim como em suportes para exposição de mercadorias voltadas para o consumo estético de outras mulheres.

Para Naomi Wolf², o mundo pós-revolução industrial criou o mito da beleza. Propagado pela mídia e sustentado por grupos econômicos, esse mito, representado por mulheres altas, magras e elegantes, acrescentou à rotina feminina uma inesgotável e frustrada busca de um corpo idealizado. Esse processo impunha às mulheres uma terceira jornada somada às atividades domésticas e profissionais, justamente num período de ascensão feminina a “posições de poder”.³ A naturalização da beleza feminina idealizada no mito consistiu num espaço de dominação ao diferenciar as mulheres com base em sua aparência estética. Neste aspecto, os concursos para *misses* soaram como *locus* privilegiado para a consolidação deste ideal de beleza feminina.

² WOLF, N. **O mito da beleza**. Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

³ Ibid., p.13.

O feminismo dos anos de 1960 e 1970, do qual Naomi Wolf, jornalista e escritora, é representante, produziu contundentes críticas aos concursos de beleza, denunciando que os organizadores desses eventos impunham um determinado modelo de mulher e um ideal de beleza. Para essas estudiosas, os concursos não se constituíam em objetos de estudo, mas foram compreendidos como indícios da exploração sexual e da constituição ideológica de uma feminilidade que reduzia as mulheres à condição de objeto sexual.⁴ Outro elemento que contribuía com a objetificação da mulher em concursos de misses era a apresentação de belas candidatas sem voz, cujos corpos eram desfilados, esquadrinhados, sem que a candidata emitisse uma só palavra ou o fizesse com base em comentários banais e fúteis. Essa forma reforçava o ideal da bela e inculta mulher.

A antropóloga Ana Maria Fonseca Batista⁵, ao estudar o concurso miss Universo, orienta que dentre os anos de 1950 e 1970 predominava a concepção de que a beleza e a feminilidade idealizada deveriam ser “naturalmente” possuídas pelas candidatas. Não se valorizava o que era dito nas entrevistas, pois o foco da atenção era a beleza “natural” das jovens, considerada como parte constitutiva da “essência” feminina. No Brasil, relata a autora, até meados de 1975, a imprensa noticiava o concurso *miss* Universo em estilo narrativo destituído de crítica e com elevado nível de curiosidade sobre questões fúteis como tropeços, roupas, simpatia. Nas décadas de 1980 e 1990, conforme Batista, possivelmente influenciados pelas críticas feministas, pelos discursos e práticas adotadas internacionalmente sobre as

⁴ Para as feministas, a mulher liberada profissionalmente, capaz de competir com os homens em todos os níveis, ativa, nas horas de folga de suas múltiplas atribuições, investia obsessivamente em sua aparência para manter a juventude e a beleza que lhe permitiriam preservar o trabalho e o lar. Versão moderna dos controles sociais instituídos pela Revolução Industrial, o mito da beleza não deixaria a mulher vencer seu maior dilema: o espelho nem sempre lhe retorna as imagens que a publicidade institui como os novos símbolos da feminilidade idealizada, gerando insegurança e frustração. (WOLF, N. **O mito da beleza**. Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.).

⁵ BATISTA, A. M. F. de O. **O telefone sem fio, a sobrinha do presidente e as duas polegadas a mais**. Concepções de beleza no concurso de Miss Universo. Dissertação. (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

mulheres⁶, os meios de comunicação brasileiros alteraram suas notícias com base em novos valores. A partir de então, a apresentação pública das candidatas enfocava suas perspectivas profissionais e intelectuais, apontando para uma relativização da idéia de que as participantes de concursos de beleza seriam meros objetos de consumo.

Também no campo acadêmico foram perceptíveis as mudanças nas abordagens dos concursos de beleza. Pesquisadoras diversificaram posições teóricas e metodológicas nas análises desses eventos, convertendo os concursos em referentes para a compreensão de complexas redes de relações culturais que se instituem no processo de realização dos certames. Conforme orienta a historiadora argentina Mirta Zaida Lobato⁷, concursos de beleza podem ser analisados em relação a outros conceitos, como virtude, amor filial e maternal, nacionalismo, localismo, que os colocam numa rede de preceitos culturais. Esta perspectiva orienta o estudo do concurso Rainha da Soja de Ponta Grossa.

Tendo o concurso *Miss Suécia*, realizado entre os anos de 1949 a 1960, como objeto de análise, Katarina Mattson e Katarina Pettersson⁸ defendem que esses eventos envolvem construções de identidades por meio de uma série de ações interligadas. O conjunto dessas ações constitui um “ritual cívico”, segundo as autoras, que aproxima gênero, identidade nacional e padrões de consumo. Nesta linha de raciocínio, símbolos como maquiagem e acessórios adquirem visibilidade nos corpos femininos e passam a expressar a identidade de grupos pertencentes às classes média e alta. Imagens de beleza, inteligência e juventude, vinculadas a classes sociais específicas, passam a reproduzir padrões hegemônicos de

⁶ Como a declaração, pela Organização das Nações Unidas (ONU), do Ano Internacional da Mulher. (PINTO, C. R. J. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Perseu Abramo, 2003).

⁷ LOBATO, M. Z. Introdução. In: _____. (org.). **Cuando las mujeres reinaban**. Belleza, virtud y poder em la Argentina del siglo XX. Buenos Aires: Biblos, 2005. p. 9-18.

⁸ MATTSON, K.; PETERSON, K. **Crowning miss Sweden**. Constructions of gender, race and nation in beauty pageants. In: 5th EUROPEAN FEMINIST RESEARCH CONFERENCE, 2003, Sweden.

feminilidade. Dessa forma, um concurso de beleza pode associar nacionalidade e feminilidade a valores praticados nessas classes. Os concursos de *misses* podem ser analisados como uma construção mítica, conforme orientam as autoras, na qual certas concepções de nação, seu passado e seu futuro são reproduzidos. Desse modo, os mitos estabelecem a idéia de um determinado grupo de pessoas com determinadas características comuns, não importando se tal característica é a língua, a religião ou traços físicos. Todas essas maneiras de definir uma população nacional incluem a idéia de nação como uma unidade “natural e imutável” e, assim, nos concursos de beleza, um corpo de carne e osso é escolhido para representar o corpo nacional imaginado.

Seguindo o parâmetro da reprodução dos concursos, Colleen Ballerino Cohen e Richard Wilk⁹ afirmam que esses eventos se assemelham por estabelecerem valores de moralidade e de gênero que convencionam versões idealizadas de feminilidade. Contudo, evocam também questões relacionadas com o cotidiano das candidatas, dos patrocinadores, dos organizadores e do público e que parecem não ter ligação com a competição em si. Para os autores, concursos de beleza podem ter a forma facilmente replicada e combinada com outros eventos propiciando oportunidades para expressão pública e negociações de padrões e valores. Exemplo disso é a promoção da ilusão de que existe um padrão de beleza cuja existência preexiste ao indivíduo, “naturalizando-o” e estreitando noções de diversidade e também permitindo que pequenos grupos falem pela maioria. Desse modo, concursos produzem, consomem e rejeitam significados culturais e podem projetar “uma feminilidade nacional idealizada”. A análise de significação de gênero em concurso demonstra como a feminilidade idealizada é ligada às relações culturais, econômicas e políticas e como as candidatas são treinadas para exercerem algumas

⁹ COHEN, C. B.; WILK, R.; STOELTJE, B. (orgs.). **Beauty Queens on the Global Stage**. Gender, Contests and Power. New York: Routledge, 1996.

funções sociais.¹⁰ Assim, os concursos de beleza podem informar modelos ocidentais de beleza, feminilidade e civilidade e evidenciar a persistência de práticas limitantes e opressivas – estruturas e práticas enraizadas nas idéias sobre diferença de gênero e sexualidade.

Partidária da vertente que aproxima concursos, consumo e identidades, Sarah Banet-Weiser¹¹ afirma que as práticas e representações instituídas nos concursos constroem significados atribuídos a identidades individuais e coletivas, continuamente negociados e contestados. Ao estudar o concurso *Miss América*, a autora afirma que esses eventos representam uma variedade de expressões nacionalistas compondo um ritual no qual um público particular pode “contar suas próprias histórias entre eles mesmos”. Além disso, são espetáculos mediados pela população, firmemente incrustado na cultura de “mercadoria”, na qual quase todas as formas de participação e significados sociais são influenciados por uma contínua interposição entre representação e consumo. Concursos, na concepção da autora, instituem *performances*¹² de gênero nas quais práticas disciplinares que constroem mulheres como femininas são expostas. Trata-se de uma arena política, no sentido de que a apresentação e reinvenção da feminilidade que acontece no palco do concurso de beleza produzem sujeitos políticos.

Relativizando as posturas críticas feministas sobre os concursos de beleza, Banet-Weiser atribui outras conotações analíticas a esses eventos. Defende que concursos de beleza, ao invés de operarem como simples lugares para exibição de corpos objetificados, constituem espaços nos quais identidades femininas são

¹⁰ STOELTJE, B. The Snake Charmer Queen: Ritual, Competition, and Signification in América Festival. In: COHEN, C. B.; WILK, R.; STOELTJE, B. (orgs.). **Beauty Queens on the Global Stage**. Gender, Contests and Power. New York: Routledge, 1996. p. 13-30.

¹¹ BANET-WEISER, S. **The most beautiful girl in the world**. Beauty pageants and national identity. Los Angeles: University of Califórnia Press, 1999. p.1-30.

¹² A expressão *performance* é utilizada como um conjunto de práticas que simbolizam aspectos culturais específicos por meio de vários meios de comunicação, através dos quais os participantes experimentam intensamente o evento, remetendo a valores vinculados pelos atores/atrizes no desempenho da *performance*. (PEIRANO, M. (org.). **O Dito e o Feito**. Ensaios de Antropologia dos Rituais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. p. 17-42).

construídas na negociação das contradições resultantes de ser a mulher socialmente constituída como “apenas” um corpo e, simultaneamente, como um sujeito pensante. Essa identidade particular é uma das “incorporações femininas”, que é a condição de ser “pega entre a existência como apenas um corpo e o desejo de transcender aquele corpo e tornar-se um sujeito que age sobre o mundo e no mundo e através dele”.¹³ Essa noção de ser um agente no mundo, de existir como um corpo e transcender aquele corpo é tema implacável dos concursos de beleza, segundo indica Banet-Weiser.

Defensora da concepção de construção identitária e do controle social, Penny Van Esterik¹⁴, ao realizar uma retrospectiva sobre a política da beleza na Tailândia, discute as aproximações entre a beleza feminina e a construção da nação tailandesa. Para a autora, a Ásia apresenta uma longa tradição de exibição e avaliação da beleza feminina e concursos são analisados como espaços nos quais ocorrem negociações entre o Estado tailandês e um modelo idealizado de feminilidade, amparado na beleza, na gentileza, no silêncio, na virtude. Desse modo, as representações de identidade, na Tailândia, concentram a atenção na aparência das mulheres, que incorporam publicamente a cultura tailandesa. Esse ideal de gênero sustenta a conformação da nação tailandesa, desde os anos de 1930, quando as mulheres foram essenciais na estratégia de modernização, uma vez que a aparência das mulheres estava vinculada às concepções que incluíam apropriações de costumes ocidentais. Defende a autora, ainda, que o envolvimento do Estado tailandês em concursos de beleza revela formas sutis de controle social: o corpo feminino é submetido a rígidos padrões estéticos. A exaltação de qualidades e aparências femininas está ancorada em valores morais como virtude, silêncio, e comedimento.

¹³ BANET-WEISER, S. **The most beautiful girl in the world**. Beauty pageants and national identity. Los Angeles: University of Califórnia Press, 1999. p. 18.

¹⁴ VAN ESTERIK, P. The politics of beauty in Thailand. In: COHEN, C. B.; WILK, R.; STOELTJE, B. (orgs.). **Beauty queens on the global stage**. Gender, Contests and Power. New York: Routledge, 1996. p. 203-216.

Além de indicarem possibilidades de problematizações dos concursos de beleza, Katarina Mattson, Katarina Pettersson, Colleen Ballerino Cohen, Richard Wilk, Banet-Weiser e Penny Van Esterik chamam a atenção para o fato de que concursos relacionam identidades locais, regionais, nacionais com características de um grupo eleito, no caso, jovens mulheres cujos comportamentos vinculam-se às identidades que representam. Além disso, as regras, às quais são submetidas às candidatas nos concursos indicam práticas de controle social relativos ao comportamento feminino. Assim, as relações entre o corpo feminino e as identidades nacionais são privilegiadas pelos estudos recentes sobre os concursos de *misses*. No entanto, a pretensa padronização da beleza feminina nos concursos de *misses*, regulada pelos rígidos padrões de medidas corporais, esbarra em especificidades culturais. É o que anuncia a análise de Lena Moskalenko.¹⁵

Ao olhar para a Rússia, esta autora constatou que antes da Revolução Russa de 1917 conviviam dois diferentes ideais de beleza feminina. Um deles ligava-se à Rússia camponesa, no qual corpos femininos robustos evidenciavam propensão à maternidade; e outro ligado à Rússia urbana, da nobreza que valorizava mulheres magras e altas, com cinturas finas. Após a revolução russa, o mercado de trabalho passou a absorver mão-de-obra feminina, as mulheres representavam quase metade da população. Apesar de conquistar direitos civis, garantidos pelo Estado, estas acarretaram as tarefas profissionais e domésticas. Essa situação foi questionada nos anos de 1990, quando a abertura da Rússia ao Ocidente possibilitou a retomada de discussões e críticas advindas de movimentos populares. Nesse contexto aconteceu o primeiro concurso de beleza em Moscou. Para Moskalenko, os concursos de beleza realizados na Rússia eram sustentados por interesses econômicos e políticos do período, compactuando com interesses da indústria cosmética ocidental e com outras áreas envolvidas em concursos

¹⁵ MOSKALENKO, L. Beauty, women and competition: "Moscow beauty 1989". In: COHEN, C. B.; WILK, R.; STOELTJE, B. (orgs.). **Beauty queens on the global stage**. Gender, Contests and Power. New York: Routledge, 1996. p. 61-74.

femininos. No entanto, conclui que o concurso *Miss Moscou*, ao contrário do que se esperava, caiu no ostracismo. O motivo para isto, defende Moskalkenko, seria o fato de que a cultura russa apoiada na diversidade de significados de beleza feminina recusara a apropriação de uma beleza universal indicada nos concursos femininos. Desse modo, a padronização da beleza física feminina não encontraria espaço na cultura russa, evidenciando particularidades contextuais a serem consideradas nas análises sobre concursos de beleza feminina. Neste sentido, a contribuição da análise de Moskalkenko é indicar a premente necessidade de analisar as singularidades contextuais das sociedades nas quais ocorrem os concursos de beleza.

No entanto, especificidades formais também devem ser consideradas nos estudos sobre os concursos. Como dito anteriormente, duas concepções de análises são apontadas pelos estudiosos: concursos de *misses* e rainhas. Sobre os primeiros posso apontar as aproximações entre as identidades nacionais e o grupo eleito, entre consumo e representações do feminino, a exibição e o controle do corpo feminino esquadrinhado, a associação entre beleza feminina e mulheres "incultas".

Concursos para eleição de rainhas também apresentam perspectivas identitárias relacionadas à cidade representada pela candidata, ou o Estado, mas dificilmente englobam aspectos nacionais. Normalmente, a rainha representa um produto agrícola ou urbano e a competição que a consagra integra um evento maior, como rodeios e festividades diversas. A relação entre a rainha e as tramas que sustentam objetivamente o evento, assim como valores e normas que passam a representar, são mais específicos e vinculam-se a uma cidade, uma região, um Estado ou um produto. No entanto, a diferença fundamental entre os concursos de *misses* e de rainhas reside que nos últimos inexiste a competição de maiô¹⁶, o que

¹⁶ Excluem-se desta afirmação os concursos que elegem rainhas de piscinas dos clubes sociais, nos quais as jovens comumente desfilam em torno das piscinas, no verão, em trajes de banho. Sobre a questão do desfile em trajes de banho ver: BANET-WEISER, S. Anatomy of a Beauty Pageant: the Swimsuit Competition. In: _____. **The most beautiful girl in the world**. Beauty pageants and national identity. Los Angeles: University of Califórnia Press, 1999. p. 58-86.

aufere seriedade ao evento, destituindo-o de elementos eróticos e sensuais, conforme constatei na bibliografia e na análise das fontes usadas na construção do objeto deste estudo. A abordagem dos concursos de rainhas aponta para os múltiplos conceitos e colocam em xeque a noção de futilidade desses eventos ao reconstruir relações de poder, jogos identitários, tramas de preservação de *status* que se mesclam com a beleza feminina.

Ao estudar o concurso de Rainha Encantadora de Serpentes, realizado numa pequena cidade dos Estados Unidos, voltada para a agricultura, Beverly Stoelje¹⁷ defende que concursos de beleza instituem espaços rituais amparados em relações sociais de poder e por onde circula o poder. Para essa autora, uma das características dos concursos de beleza é a replicação que, por sua vez, relaciona-se com dois princípios essenciais: uma forma que pode ser facilmente reproduzida, reconhecida e adaptada aos significados locais. Neste sentido, facilidade de replicação e capacidade de adaptação tornam possível a criação de um local público, no qual questões contemporâneas são simbolicamente aprovadas. Concursos de beleza alcançam seus propósitos mobilizando mecanismos de significação e competição e esses mecanismos combinados propiciam a dinâmica que liga a jovem candidata a unidades específicas da sociedade e à sociedade como um todo.

Sobre o mecanismo da significação, Stoelje afirma que o patrocínio desencadeia o processo da representação, pois a candidata deixa de ser um corpo para representar um sistema de obrigações sociais. A competição funciona como um sistema de significações dotando seus elementos constitutivos de certos significados e valores e estabelecendo regras. Assim, concursos de beleza focalizam a aparência das mulheres, colocam-nas sob um olhar público e premiam a mulher que

¹⁷ STOELTJE, B. The Snake Charmer Queen: Ritual, Competition, and Signification in América Festival. In: _____.; COHEN, C. B.; WILK, R.; (orgs.). **Beauty Queens on the Global Stage.** Gender, Contests and Power. New York: Routledge, 1996. p. 13-30.

mais se aproxima de uma imagem feminina ideal num dado contexto. Desta maneira, as candidatas também representam a mulher idealizada.

Stoelje afirma que permeando a representação e a competição encontra-se o poder. Neste sentido propõe um modelo para análise do fluxo do poder nos concursos de beleza que tenta reconhecer a criatividade do poder e a desigualdade das relações sociais tão freqüentemente reveladas nesses eventos. O modelo identifica três fontes que estruturam a *performance* de um evento ritual e que devem ser levadas em consideração para identificar a localização do poder em concursos. A primeira diz respeito à evolução da forma, que ocorre através do tempo, incorporando influências de contextos sociopolíticos específicos. A segunda fonte refere-se ao discurso, que inclui a linguagem da própria *performance*, mas também aquela de qualquer texto relacionado ao concurso, incluindo aqueles usados pela mídia e tradições orais que circulam informalmente. Por fim, cita a “organização da produção”, fonte que se refere à produção material do evento, incluindo decisões relacionadas às regras, à forma e ao processo de seleção para determinar o resultado.

Esta orientação baliza a minha análise do concurso Rainha da Soja, no sentido de que é necessário ponderar os aspectos políticos e econômicos do período, com a análise da forma do concurso e os campos de poder que objetivavam a realização do evento. Nesta linha de argumentação, em concursos de beleza, jovens mulheres são exibidas e avaliadas em relação aos padrões de beleza e comportamento; mulheres e beleza tornam-se o sujeito do poder, que não está visível e que precisa ser lido. Defendo que o concurso de beleza é um evento ritual replicado em sociedades no mundo todo, possibilitando a reconstrução de normas e valores daquelas sociedades, por meio do sistema de significação que produz. Enquanto ritual que tem como referente jovens mulheres e tentativas de controle de comportamentos e poderes, concordo com Stoelje de que o concurso de beleza institui e é instituído por incertezas, mudanças e contradições inerentes aos sistemas contemporâneos de significação de gênero. Desse modo, o concurso não

reflete, mas constrói significados. Ele não é um espelho do social, pois é parte constituinte tanto que cria identidades de gênero que estão relacionadas a um grupo social – o das mulheres eleitas.

Um grupo de pesquisadoras argentinas, sob coordenação de Mirta Zaida Lobato¹⁸, ao estudar o mundo do trabalho e suas relações com a cultura e com o gênero na Argentina peronista (1945-1955), elegeu como objetos de pesquisa concursos de rainhas. Para essas estudiosas, concursos de beleza são uma parte da intensa circulação de bens culturais, de conflitos de poder, de fenômenos de controle social e político, assim como estão integrados a uma cultura associada com particulares e específicas relações de gênero. Desse modo, os concursos possibilitam a reconstrução de múltiplas relações sociais.

Os estudos têm como referência cinco festas populares que aconteciam tanto na área urbana quanto na rural e possibilitam a análise de imbricações existentes entre esses eventos e as especificidades econômicas e políticas da Argentina no período em questão. Nesses anos, os trabalhadores argentinos foram investidos de simbologias que os valorizavam diante e a partir do poder político e os concursos para a escolha de jovens rainhas converteram-se em espaços de reconstrução identitária. Tal reconstrução baseava-se em novos modelos de feminilidade – que associavam as mulheres ao espaço do trabalho – sem, no entanto, afastar-se de ideais tradicionais, como a responsabilidade pela manutenção de valores morais relacionados ao casamento e à maternidade. Distantes das concepções sobre a frivolidade dos eventos de beleza feminina, os estudos indicam caminhos teóricos e metodológicos baseados em concepções de poder, beleza e gênero que desmistificam os concursos e possibilitam elegê-los como objetos de investigação historiográfica.

¹⁸ LOBATO, M. Z. (org.) **Cuando las mujeres reinaban**. Belleza, virtud y poder em la Argentina del siglo XX. Buenos Aires: Biblos, 2005.

Orientadas pela concepção de problematização dos concursos de beleza, Cecília Belej, Ana Laura Martin e Alina Silveira¹⁹ analisaram a Festa da Uva, realizada anualmente entre 1936 e 1955, na Província de Mendoza, famosa pela produção de vinho. Organizada pelo poder público, a festa encerrava-se com a eleição da Rainha da Colheita da Uva. Nela, jovens e humildes mulheres, pertencentes às classes trabalhadoras, corporificavam valores morais simbolizando uma Argentina educada e disciplinada, constituída por trabalhadores esforçados. A beleza das rainhas da colheita exemplificava um conjunto de valores como a moderação, a mesura, a graça, como sinônimos do trabalho produtivo e da saúde proporcionada pelo consumo moderado do vinho. Imagens de harmonia e unidade, de exaltação e de controle, de popularidade e de ordem eram transmitidas de Mendoza para o resto da nação Argentina, por meio dos valores corporificados nas jovens rainhas eleitas.

Realizadas no território de *La Pampa*, as três primeiras edições da Festa Regional do Trigo foram investigadas por María José Billorou e Ana María Rodríguez.²⁰ Tendo como fontes de pesquisa fotografias publicadas na imprensa, as autoras definiram as três festas como uma etapa do processo de institucionalização do evento e como palco para reivindicar a provincialização do território pampeano. Contando com variadas atrações como exposição industrial e agropecuária, torneios esportivos, atividades infantis, palestras, a festa mesclava finalidades culturais, recreativas, políticas e sociais. No entanto, o elemento principal era a associação entre as atividades produtivas e a construção da identidade pampeana. Desse modo, para as autoras, a eleição da rainha se revestia de uma

¹⁹ BELEJ, C.; MARTIN, A. L.; SILVEIRA, A. Las más bella de los viñedos. Trabajo y producción em los festejos mendocinos (1936-1955). In: LOBATO, M. Z. (org.) **Cuando las mujeres reinaban**. Belleza, virtud y poder em la Argentina del siglo XX. Buenos Aires: Biblos, 2005. p. 45-76.

²⁰ BILLOROU, M. J.; RODRÍGUEZ, A. M. Reinas e campesinas: las "hijas de los colonos" em scena. In: LOBATO, M. Z. (org.) **Cuando las mujeres reinaban**. Belleza, virtud y poder em la Argentina del siglo XX. Buenos Aires: Biblos, 2005. p. 121-142.

centralidade na qual se materializavam o progresso e o desenvolvimento alcançados com a produção agrícola, simbolizando o agricultor pampeano e os potenciais necessários para a provincialização do território.²¹ As jovens rainhas representavam as mulheres camponesas: mães, esposas e companheiras do homem na labuta agrícola, símbolos da força mantenedora das famílias no meio rural. A moralidade das jovens era conclamada nos discursos e simbolizada como uma forma de controle e preservação dos papéis tradicionais femininos. Assim, a festa foi também um meio de consolidar e difundir uma identidade de gênero inspirada na mulher rural, que em seu fazer doméstico sustentava o lugar da família. Ao mesmo tempo contribuiu para reforçar padrões de beleza e modelo de feminilidade amparado no desempenho de funções tradicionalmente atribuídas às mulheres. Num período em que se discutiam os direitos femininos, como os políticos, as imagens instituídas pelas rainhas reproduziam formas de controle social que procuravam manter as mulheres em papéis tradicionais. A festa e a exaltação da agricultura, da beleza e da moralidade articulados em torno de ideais de progresso e desenvolvimento instituíam identidades de local e de gênero.

Mirta Zaida Lobato, María Damilakou e Lizel Tornay²² estudaram a festa de *Primeiro de Mayo*, a partir da conotação a ela atribuída pelo governo de Domingo Perón. A festividade reunia trabalhadores e trabalhadoras e a eleição da rainha integrava um evento formado por apresentações artísticas e desfiles de carroças decoradas. As candidatas ao título de Rainha do Trabalho representavam sindicatos ou atividades produtivas e eram escolhidas em várias localidades argentinas para concorrerem na final, realizada em Buenos Aires, na presença do casal presidencial.

²¹ A autonomia do território de *La Pampa* foi conquistada em 1951, quando o território passou a ser província Eva Perón. (BELEJ, C.; MARTIN, A. L.; SILVEIRA, A. Las más bella de los viñedos. Trabajo y producción em los festejos mendocinos (1936-1955). In: LOBATO, M. Z. (org.) **Cuando las mujeres reinaban**. Belleza, virtud y poder em la Argentina del siglo XX. Buenos Aires: Biblos, 2005. p. 45-76).

²² LOBATO, M. Z.; DAMILAKOU, M.; TORNAY, L. Las reinas del trabajo el peronismo. In: In: _____. (org.) **Cuando las mujeres reinaban**. Belleza, virtud y poder em la Argentina del siglo XX. Buenos Aires: Biblos, 2005. p. 77-120.

Pertencentes a modestas famílias de trabalhadores, as jovens representavam trabalho digno e beleza, desmistificando imagens anteriores que associavam o trabalho à supressão da beleza feminina. As jovens dignificavam o trabalho feminino através da exibição da beleza. Complementarmente, reforçavam ideais de casamento e maternidade ao anunciarem, em entrevistas, ser este o sonho de suas vidas. As rainhas representavam beleza feminina, espírito do povo argentino e todas as mulheres que trabalhavam. Assim, as qualidades das rainhas – trabalhadoras e belas – estendiam-se a todas as mulheres do país.

As autoras argentinas assim como Beverly Stoelje indicam em suas análises que concursos de rainhas possibilitam a reconstrução de incertezas e contradições nas práticas e representações que constituem o masculino e feminino, indicando mudanças e permanências sociais. Assim, diante da leitura de autores que pesquisam concursos de beleza, pode-se verificar que esses eventos, aparentemente, pouco divergem em sua forma. Em todos constatamos a presença de belas e jovens mulheres que competem entre si, objetivando integrar um seleto grupo. Aspectos simbólicos são abordados e construções identitárias e de gênero assim como relações de poder – econômicas, políticas, culturais – perpassam todas as análises desses eventos, compreendidos como espaços rituais.

Os autores que abordam os eventos para a eleição de rainhas, dizem que concursos podem ser compreendidos como espaços rituais de construção de identidades femininas, nos quais se expõem práticas disciplinares que constroem um modelo de mulher. Sendo que as mulheres simbolizam valores e normas das sociedades as quais representam. Identidades coletivas nacionais, regionais ou locais associadas aos campos político e econômico também se constituem neste espaço e se relacionam a valores como comedimento, moralidade, seriedade, praticados e representados pelas mulheres eleitas. A especificidade contextual é outro elemento elencado pelos autores, a ser considerado no estudo dos concursos e é justamente esta singularidade que constitui os diferentes significados de um concurso de beleza feminina.

Neste sentido, o concurso Rainha da Soja apresenta uma estrutura semelhante aos concursos de beleza que elegem uma rainha, pois em sua forma apresenta belas e jovens mulheres em disputa pelo título, o envolvimento dos poderes econômico e político e também de vários grupos sociais locais. Entretanto, o concurso apresenta singularidades identificadas a partir de especificidades contextuais próprias da década de 1970, vivenciadas na cidade de Ponta Grossa ainda fortemente presentes na memória coletiva local, trazendo significados complexos que necessitam ser investigados em torno do gênero e sua vinculação com outros elementos sociais, como a política e a economia.

A partir desta premissa tornou-se mister identificar que no decorrer dos anos de 1970, a cidade de Ponta Grossa vivenciou uma fase de desenvolvimento pautada nas diretrizes econômicas nacionais. Essas diretrizes emanadas dos governos militares priorizavam abertura ao capital internacional, a disseminação da empresa agrícola, a integração da região sul ao circuito de atividades industriais formando e estimulando “complexos industriais de caráter regional aproveitando economias de escala”.²³ Nessa configuração, grupos políticos locais, sob orientação do prefeito, adotaram medidas para estimular a instalação de indústrias na cidade. A instalação da multinacional Sanbra satisfez os anseios políticos locais e ocorreu acompanhada por outros processos sociais. Dentre eles encontrava-se um rápido processo de urbanização, estimulado pela chegada de expressivo contingente populacional, migrado de áreas rurais afetadas pela mecanização e pela ampliação de áreas destinadas ao plantio da soja. Prédios foram construídos no centro da cidade, as atividades no setor de prestação de serviços cresciam, o comércio aquecia-se. A cidade contava com rádios, transmissora de televisão, universidade e hospitais.²⁴

²³ BRASIL. Secretaria de Planejamento. **II Plano Nacional de Desenvolvimento**, 1975-1979. Guanabara: IBGE, 1974, p. 33.

²⁴ PREFEITURA MUNICIPAL DE PONTA GROSSA. **Ponta Grossa, hoje, é uma cidade-futuro**. Ponta Grossa: Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, 1970.

Essas mudanças não afetavam apenas os aspectos econômicos e políticos locais, mas atingiam outras esferas sociais como a família, valores morais, identidades. Conhecida por um tradicionalismo pautado na cultura tropeira, que para a historiadora Aída Mansani²⁵ se formou com características “conservadoras, apoiadas na Igreja Católica, na família, ligada ao paternalismo e a figura do fazendeiro [que] marcava autoridade sobre as propriedades, os dependentes e todos os que com ele trabalhavam”, a sociedade ponta-grossense vivenciou um processo de profundas modificações e também de preservação de determinados aspectos culturais, que se revelam na memória daqueles que participaram daquele processo histórico.

As orientações obtidas a partir do arcabouço teórico, associadas à reconstrução do contexto político, econômico e cultural ponta-grossense, instigam o olhar para as relações que instituíram e foram instituídas pelas práticas desenvolvidas no decorrer do concurso Rainha da Soja de Ponta Grossa. São relações sociais mobilizadas por recursos de toda a ordem como relações pessoais, econômicas, de prestígio, que se reconstróem na memória coletiva de expressiva parcela da população. Neste sentido, a metodologia da história oral conduziu a coleta de narrativas das rainhas eleitas, nas quais elementos e significados praticados no concurso Rainha da Soja foram rememorados pelas mulheres.

1.2 HISTÓRIA ORAL E HISTÓRIA DAS MULHERES

As lembranças são vozes que discorrem, descrevem, explicam, interpretam, pois são narrativas discursivas portadoras de imagens que dão a ver aquilo que

²⁵ LAVALLE, A. M. **Clube Guáira**. Germânia - Guáira. 1896-1996. Um século de sociedade na memória de Ponta Grossa. Ponta Grossa: Centro de Publicações, 1996. p. 37.

dizem através da escrita ou da fala.²⁶ Trabalho de linguagem que transmite a outrem um acontecimento ou situação vivida através de imagens que remetem e ressignificam a experiência, as narrativas são pistas para se reconhecer o passado, são versões do acontecimento.²⁷ Neste sentido, as narrativas de que trato resultam de entrevistas orientadas pela perspectiva da história oral e pelas reflexões da história das mulheres, cujas fontes de pesquisa residem na oralidade. Neste aspecto, as narrativas consistem em expressões de significados das experiências das entrevistadas em relação ao concurso e ao contexto sociopolítico e cultural dos anos de 1970. Significados estes reconstruídos no ato de lembrar, pois como orienta Alessandro Portelli²⁸: “recordar e contar já é interpretar”.

As narrativas possibilitam a recriação dos processos de subjetividade através dos quais as entrevistadas constroem e atribuem significados às próprias experiências e identidades.²⁹ As narrativas orais foram constituídas por meio da aplicação do diálogo denso, cujo pressuposto orienta que as questões da entrevistadora se “seguem dialeticamente às respostas”³⁰ das entrevistadas, num constante movimento relacional. Desse modo, as entrevistas pautaram-se pelo tema concurso e seus significados. Esse tema funcionou como fio condutor e balizador da relação dialógica, possibilitando a eliminação de rígidos roteiros pré-estabelecidos e

²⁶ PESAVENTO, S. J. Palavras para crer. Imaginários de sentido que falam do passado. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, n. 6, 2006. Disponível em <http://nuevomundo.revues.org/document1499.html>. Acesso em 5 maio 2007.

²⁷ ALBERTI, V. (a). **Beyond the versions**. Possibilities of the narrative in oral history interviews. Rio de Janeiro: CPDOC, 2004. 10f. Trabalho apresentado na XIIIth International Oral History Conference “Memory and Globalization”. Rome, Italy, 23-26 de 2004. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br>> Acesso em 14 dez. 2006.

²⁸ PORTELLI, A. **A filosofia e os fatos**. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. Tempo, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 59-72, 1996. p. 60.

²⁹ BORLAND, K. “That’s not what I said”: Interpretative conflict in oral narrative research. In: GLUCK, S. B.; PATAI, D. **Women’s Words**. The feminist practice of oral history. New York: Routledge, 1991. p. 63-76.

³⁰ PORTELLI, A. História oral como gênero. **Projeto História**, São Paulo, n. 22, p. 9-24, jun. 2001. p. 20.

tornando a entrevista flexível nos limites das possibilidades temáticas vinculadas ao concurso.

As entrevistas tinham como objetivo a evocação de lembranças das mulheres e as questões orientadoras privilegiaram temas relevantes, como relações entre as entrevistadas e a sociedade, aspectos relativos à conjuntura política e econômica da realização do concurso e sentimentos identitários reconstruídos no processo de lembrar. Nesse contexto, a fonte oral é elaborada intencionalmente a partir de interferências da historiadora, da seletividade mnemônica da entrevistada e ouvida como representação “poética, ritual” do significado de uma experiência histórica.³¹ Assim, os depoimentos não representam comprovações ou provas sobre o concurso ou de algo a ele relacionado, nem uma reprodução da realidade ou a tentativa de “recuperar vozes de grupos oprimidos”.³² Representam uma teia de lembranças, sentimentos, atitudes e valores, selecionados entre presente e passado, que dão sentido às vivências e experiências das mulheres³³ eleitas Rainhas da Soja e registrados em diálogos, com a concordância das entrevistadas que possuem reconhecimento social para falar sobre o acontecimento, uma vez que dele participaram diretamente.³⁴

As entrevistas foram realizadas em salas de estar das residências das mulheres, em seus espaços domésticos, íntimos, familiares, onde sempre fui bem recebida e tratada como uma visita aguardada, dada minha posição de historiadora, isto é, legitimamente nomeada a ouvir as falas sobre o concurso, “pois quem fala,

³¹ PORTELLI, A. História oral como gênero. **Projeto História**, São Paulo, n. 22, p. 9-24, jun. 2001. p. 25.

³² Sherna Berger Gluck e Daphe Patai afirmam que o produto típico de uma entrevista é um texto, não uma reprodução da realidade. (GLUCK, S. B.; PATAI, D. Introduction. In: _____. **Women's Words**. The feminist practice of oral history. New York: Routledge, 1991. p. 1-5).

³³ ANDERSON, K. Interview techniques: shedding agendas In: GLUCK, S. B.; PATAI, D. **Women's Words**. **The feminist practice of oral history**. New York: Routledge, 1991. p. 12-18.

³⁴ VOLDMAN, D. A invenção do depoimento oral. In: FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. (orgs.) **Usos e Abusos da História Oral**. 5. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p. 247-266.

fala de algum lugar, a partir de um direito reconhecido institucionalmente”.³⁵ Desde o momento do agendamento até a análise das narrativas, a entrevista é uma aprendizagem para o historiador, pois o processo envolve estratégias de aproximação, sentimentos compartilhados e decisões interpretativas que dão sentido às lembranças e permitem a construção de uma boa história. Desse modo, a fonte oral é compreendida como um conhecimento criado na reinvenção do acontecimento e em suas relações com a narrativa, com as versões individuais, com a transmissão, com o subjetivo e com as interpenetrações entre o presente e o passado. É um caminho fronteiro que possibilita ao historiador a ressignificação do acontecimento num âmbito relacional no qual se problematiza a trajetória da composição das lembranças, as próprias lembranças e o acontecido reconstruído.

Conforme Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira³⁶, na história oral, o objeto de estudo do historiador é recriado por meio da memória dos informantes que passa a orientar as reflexões históricas acentuando valores simbólicos inspirados nas emoções, no cotidiano e na subjetividade dos entrevistados. Seguindo essa orientação, as entrevistas foram transcritas respeitando-se os silêncios, os risos, as lágrimas, as intervenções, sem cortes ou acréscimos, sem aquilo que denominei “editoração das falas”. Na adequação das transcrições para a leitura preservei as características da linguagem falada, apenas suprimindo titubeações, cacoetes de linguagem e evitando contrações de palavras que atrapalham a fluidez da leitura e não acarretam ônus interpretativo.³⁷

Com as narrativas das mulheres em mãos, considerando os contextos específicos de suas produções, optei por interpretá-las a partir do cruzamento entre a problematização dos significados e das identidades reconstruídas nas falas com o

³⁵ BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1998. p. 31.

³⁶ FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. (orgs.) Apresentação. In: _____. **Usos e Abusos da História Oral**. 5. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p. vii-xxv.

³⁷ ALBERTI, V. (b). **Manual de História Oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 173-227.

aparato teórico sobre memória e identidade. Para isto, as narrativas foram divididas em seções temáticas, entendendo que o tema é “unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado segundo critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura”.³⁸ Durante a leitura flutuante, constituí as unidades de registro com base em palavras-chaves e efetuei os recortes textuais criando as unidades de significação e suas recorrências. Ressalto que tais unidades de significação são generificadas, pois são construídas em narrativas de mulheres, por uma outra mulher. Isto significa que relatos de mulheres não somente tratam da relação entre o “eu” e a esfera social, mas também tratam da relação entre a condição concreta da entrevistada com as representações coletivas sobre a mulher, com as quais a entrevistada tem que lidar.³⁹ Cabe aqui chamar a atenção para o fato de que mesmo sendo construídas por mulheres, as narrativas preservam o aspecto social relacional entre o masculino e o feminino. Isto quer dizer que não se perde do horizonte interpretativo o inter cruzamento dos campos de gênero.

No processo de elaboração das unidades de significação, observei que alguns temas não são recorrentes e que, algumas vezes, é impossível recortá-los devido aos feixes relacionais que os interligam. Desse modo, a análise de conteúdo foi flexibilizada por meio das possibilidades interpretativas da hermenêutica. A hermenêutica foi apropriada em seu sentido de construir significados a um conjunto de vivências historicizadas, de aceitar a compreensão como ato temporal, intencional e histórico; como mediação entre o presente e o passado permeada pelas intenções do historiador e pela relação entre o todo e as partes textuais. O contexto de produção das narrativas assim como o aparato teórico selecionado

³⁸ BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979. p. 105.

³⁹ DUCHET-CHANFRAULT, M. F. Narrative structures, social models and symbolic representation in the life story. In: GLUCK, S. B.; PATAI, D. **Women's Words**. The feminist practice of oral history. New York: Routledge, 1991. p. 77-92.

complementa a constituição de significado⁴⁰.

O singular grupo de entrevistadas é formado por sete mulheres que participaram e venceram as etapas classificatórias do concurso e por este motivo foram convidadas e aceitaram falar sobre os significados de suas experiências no processo ritual de eleição para o título Rainha da Soja de Ponta Grossa. Dentre as dez eleitas Rainhas da Soja de Ponta Grossa, não consegui entrevistar três delas. Das três, a Rainha 1979 não foi localizada; a Rainha 1980 não pôde receber-me por impedimentos de ordem pessoal, orientando-me a conversar com sua mãe que reside em Ponta Grossa. Em contato com sua família – mãe e irmã – fui informada de que não conseguiria a entrevista e orientada a desistir de tentar. A Rainha 1972, por sua vez, não explicitou sua recusa, ao contrário, marcou datas e horários, mas não compareceu a nenhum deles. Não justificou, em momento algum, suas ausências, limitando-se a remarcar a entrevista até que percebi a impossibilidade de conversar com ela sobre o concurso. Numa das conversas, ao telefone, ela exclamou: “Eu não queria ter sido candidata. Fui embalada por insistências de outras pessoas”. Coincidentemente, ambas as mulheres que não entrevistei são graduadas em Direito, sendo que a Rainha 1972 é docente numa instituição pública de ensino superior, em Ponta Grossa.

Mesmo não sendo foco deste estudo, o silêncio das duas mulheres eleitas conduz à reflexão sobre o significado do não dizer, do silenciamento. Orienta Eni Orlandi⁴¹, que o silêncio tem significância própria, pois sempre se diz algo a partir do silêncio. Prossegue afirmando que quando se trata de silêncios o pesquisador terá

⁴⁰ ALBERTI, V. A existência na história: revelação e riscos da hermenêutica. **Estudos Históricos**. Historiografia, Rio de Janeiro, v. 9, n. 17, p. 31-57, 1996. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/>> Acesso em 21 jun. 2006.; MINAYO, M. C. de S. Fase de análise ou tratamento do material. In: _____. **O desafio do conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004. p. 197-248. Ver também DUCHET-CHANFRAULT, M.F. Narrative structures, social models and symbolic representation in the life story. In: GLUCK, S. B.; PATAI, D. **Women's Words**. The feminist practice of oral history. New York: Routledge, 1991. p. 77-92.

⁴¹ ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio**. No movimento dos sentidos. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1995.

pistas, indícios, traços para sua compreensão. Nos dois casos tratados, as mulheres resistem a significar através da linguagem suas experiências relacionadas ao concurso e o fato de serem advogadas pode contribuir com esta postura. Ocupando posições no campo do Direito, no qual predomina a seriedade, a sisudez enquanto características do bom profissional⁴², as mulheres podem ter resistido a associar suas imagens profissionais a um evento considerado fútil. Neste sentido é possível compreender o silêncio enquanto resistência e negação de uma experiência que, no presente, contradiz suas posturas enquanto mulheres e profissionais, pois como orienta Mireya Suárez⁴³, ficar calado pode ser uma forma diferente e mais sutil de atuar e de reagir, especialmente quando exprime a recusa de participar da troca coloquial ou da denúncia de que aquilo que se tem para dizer não é aceito socialmente enquanto discurso significativo.

Por sua vez, a escolha das candidatas vencedoras para a entrevista justifica-se por materializarem, em seus corpos, significados simbólicos bem como por pertencerem e representarem as elites econômicas e políticas locais. Também importava reconstruir a subjetividade da experiência deste grupo particular de mulheres e analisar os processos de transformação destas em símbolos e modelos a serem seguidos. Neste sentido, gênero e classe social particularizam as memórias das entrevistadas uma vez que são depoimentos prestados por mulheres pertencentes a uma realidade sociocultural específica, isto é, membros de famílias que integram ou integraram as elites econômicas, políticas e culturais locais.

Diante do exposto, inspiro-me em Myrian Sepúlveda dos Santos⁴⁴, ao orientar que as abordagens teóricas são como lentes de aumento que nos ajudam a compreender melhor certos aspectos da realidade. Assim, oscilei entre as

⁴² BOURDIEU, P. A força do Direito. Elementos para uma sociologia do campo jurídico. In: _____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989. p. 209-254.

⁴³ SUÁREZ, M. A problematização das diferenças de gênero e a antropologia. In: AGUIAR, N. **Gênero e Ciências Humanas**. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1997. p. 31-48.

⁴⁴ SANTOS, M. S. **Memória coletiva e teoria social**. São Paulo: Annablume, 2003. p. 24-27.

abordagens desconstrutivistas com ênfase na análise do discurso, na psicanálise e na teoria lingüística e as vertentes construtivistas, cuja tendência é a defesa de aparatos culturais estruturados e estruturantes, reconstruídos nas ações humanas. O que está em jogo na concepção construtivista é a reflexão entre ação e estrutura e, neste aspecto, considero que toda a prática se dá a partir de um campo de significados que lhe antecede e é necessário considerar que há situações em que as determinações destes campos sobre as ações sociais são predominantes e vice-versa. Neste sentido e procurando alternativas ao estruturalismo e às teorias da ação, Pierre Bourdieu⁴⁵ fortalece o primado da razão prática e desenvolve os conceitos de *habitus* e campo, indicando que há uma ação com capacidade criativa que não se confunde com natureza ou razão universal humana, pois é resultado de um conhecimento adquirido.

Assim, a história oral permite aproximações com universos simbólicos reconstruídos na relação entre as lembranças das entrevistadas e o aparato teórico metodológico selecionado para a investigação. Além desta questão, a história oral, segundo estudiosas feministas⁴⁶, possibilita a compreensão de processos de constituição de subjetividades femininas, numa perspectiva de gênero. Neste sentido, a história que pretendo é uma história inscrita nos pressupostos da história das mulheres, numa abordagem de gênero⁴⁷, aquela orientada por fontes orais e escritas. Quero com isto dizer que a construção da articulação entre os significados

⁴⁵ BOURDIEU, P. **Razões Práticas**. Sobre a teoria da ação. São Paulo: Papirus, 1996.

⁴⁶ Ver: SANGSTER, J. Feminist debates and use of oral history. In: THOMSON, A.; PERKS, R. **The oral history reader**. New York: Routledge, 2003. p. 86-100.; MINISTER, K. A feminist frame for the oral history interview. In: GLUCK, S. B.; PATAI, D. **Women's Words**. The feminist practice of oral history. New York: Routledge, 1991. p. 27-41.; LEWIS-ETTER, G. Black Women's life stories: reclaiming self in narrative texts. In: GLUCK, S. B.; PATAI, D. **Women's Words**. The feminist practice of oral history. New York: Routledge, 1991. p. 43-59.; CHANFRAULT-DUCHET, M. F. Narrative structures, social models, and symbolic representation in the life story. In: GLUCK, S. B.; PATAI, D. **Women's Words**. The feminist practice of oral history. New York: Routledge, 1991. p. 77-92.

⁴⁷ TILLY, L. A. Gênero, história das mulheres e história social. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 3, p. 29-62, 1994.

econômicos, políticos e simbólicos do concurso Rainha da Soja pauta-se no aspecto relacional entre o feminino e o masculino, o que esclarece que as narrativas das entrevistadas, ditas, ouvidas e interpretadas por mulheres, também encontram relação com valores e atitudes masculinos.

Complementarmente, a concepção de gênero possibilita o questionamento da categoria “mulher”. Ao problematizar a diferença através de variáveis como idade, classe social, etnia e o próprio gênero⁴⁸, a perspectiva de gênero recusa a existência de uma identidade feminina comum e universal e aponta para a multiplicidade interna das categorias “mulheres” e “homens”. Desse modo, pauto-me no caráter social e cultural das diferenças entre homens e mulheres, negando qualquer determinismo biológico e na articulação entre classes sociais e gênero para interpretar e reconstruir os inter cruzamentos entre as esferas de poder envolvidas no concurso. Além disso, o gênero como uma forma primeira de significar as relações de poder, orienta que as mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre a mudanças nas representações do poder, mas nem a direção da mudança ou seu significado seguem sentidos únicos.⁴⁹

Neste ponto da discussão considero importante trazer o embate existente entre vertentes que estudam a história das mulheres. Autoras que discutem o conceito gênero apresentam variadas posturas. Oscilam em realizar críticas às idéias associadas à distinção sexo e gênero sem abandonar critérios associados ao conceito, como o caráter relacional entre o masculino e o feminino, a construção

⁴⁸ “Gênero não pretende significar o mesmo que sexo, ou seja, enquanto sexo se refere à identidade biológica de uma pessoa, gênero está ligado à sua construção social como sujeito masculino ou feminino. Uma decorrência imediata para o trabalho prático: agora não se trata mais de focalizar apenas as mulheres como objeto de estudo, mas sim os processos de formação da feminilidade e da masculinidade, ou os sujeitos femininos e masculinos. O conceito parece acenar também imediatamente para a idéia de relação; os sujeitos se produzem em relação e na relação”. (LOURO, G. L. Nas redes do conceito de gênero. In: LOPES, M. J.; MEYER, D. E.; WALDOW, V. R. **Gênero e Saúde**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 2).

⁴⁹ SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, n. 16, p. 5-22, jul./dez. 1990. Ver também: SCOTT, J. História das Mulheres. In: BURKE, P. (org.). **A escrita da história**. Novas Perspectivas. São Paulo: Unesp, 1992. p. 63-96.

cultural das oposições e a multiplicidade interna das categorias. Outras propõem alterações radicais ao conceito e dentre estas se encontra a historiadora Joan Scott.

Para Joan Scott⁵⁰, o surgimento da história social, com suas novas abordagens, pluralizou os objetos da investigação histórica admitindo grupos marginalizados como sujeitos da história. Neste movimento acadêmico, as mulheres passaram a ser analisadas em grupos, por suas necessidades comuns, como suas atuações nas fábricas, na vida doméstica, na família. A princípio, esse modelo encontrou respaldo nos movimentos feministas dos anos 1960 e 1970 que lutavam pelos direitos das mulheres em relação à igualdade profissional com os homens, à igualdade social e à liberdade quanto aos usos do próprio corpo. Aparentemente, as necessidades femininas tinham a mesma origem/essência, o que homogeneizava a categoria “mulher” e centralizava a política feminista e a história numa oposição direta entre as categorias homem/mulher.

No entanto, pesquisas e dados sobre as mulheres do passado, assim como pressões realizadas sobre os movimentos feministas por outros grupos minoritários⁵¹, reafirmavam a impossibilidade de homogeneidade das experiências e necessidades femininas invalidando assim o pressuposto da universalidade do sujeito feminino ou masculino. Para Scott, a visibilidade da diferença possibilitou a aplicação do gênero como categoria de análise, instituindo a concepção de pluralidade baseada nos questionamentos sobre a existência ou não de uma identidade comum às mulheres. Essa abordagem pôs em xeque os processos de construção da oposição entre os sexos, chamando a atenção para as formas culturais que constroem os significados das categorias homem/mulher, pois “a masculinidade e a feminilidade são encaradas como posições de sujeito, não

⁵⁰ SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, n. 16, p. 5-22, jul./dez. 1990.

⁵¹ O movimento feminista neste momento foi forçado pelo movimento negro que reivindicava a presença, na história e nos próprios movimentos sociais, das minorias raciais. Acrescentavam-se assim outros elementos de análise ao processo histórico e à finalidade do movimento feminista. À diferença sexual somavam-se outros elementos de análise, como a classe e a etnia.

necessariamente restritas a machos ou fêmeas biológicos”⁵², assim como a variação nestas relações é atribuída a outras características sociais estabelecidas. Desse modo, o uso do gênero, enquanto categoria analítica, possibilitou a reflexão sobre “diferentes sistemas de gênero e nas relações daqueles com outras categorias como raça, classe ou etnia”⁵³, assim como a percepção de que existem variações nas experiências femininas.

Apoiada na proposta desconstrutivista do filósofo francês Jacques Derrida, para quem o pensamento ocidental opera sobre princípios fundantes, geralmente expressos pela hierarquia de pares opostos, Joan Scott⁵⁴ defende que oposições binárias indicam que os dois pólos diferem e se opõem, mas também indicam que cada um é idêntico a si mesmo, suspendendo a realização do outro. Aplicada ao gênero, a diferença não estaria apenas na distinção das categorias homem e mulher, mas no sentido de que uma categoria desvia, suspende ou adia a consumação do outro. Joan Scott propõe a desconstrução da polaridade igualdade/diferença entre homens e mulheres. Argumenta que a noção de igualdade pressupõe a diferença, uma vez que não seria necessário buscar a igualdade para sujeitos que são idênticos. Prossegue afirmando que o igualitarismo “pressupõe um acordo social para considerar obviamente diferentes como equivalentes (não como idênticas) em relação a um dado propósito”⁵⁵. Assim, é necessário perceber que o oposto da igualdade é a desigualdade e não a diferença. A manutenção da polaridade igualdade/diferença apenas fortalece a posição conservadora que aceita que as mulheres não podendo ser idênticas aos homens em todos os aspectos, não podem ser iguais a eles. No entanto, a pretensão da autora não é anular as

⁵² SCOTT, J. História das Mulheres. In: BURKE, P. (org.). **A escrita da história**. Novas Perspectivas. São Paulo: Unesp, 1992. p. 89.

⁵³ Ibid., p. 87.

⁵⁴ SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, n. 16, p. 5-22, jul./dez. 1990.

⁵⁵ LOURO, G. L. Nas redes do conceito de gênero. In: LOPES, M. J.; MEYER, D. E.; WALDOW, V. R. **Gênero e Saúde**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 5.

diferenças entre os sujeitos, mas afirmar que tais diferenças têm sido usadas para justificar tratamentos desiguais, não equivalentes.

É possível perceber na leitura dos textos de Joan Scott a reclamação de uma identidade entre homem e mulher baseada numa diversidade historicamente variável, mais complexa do que aquela permitida pela oposição macho/fêmea. Diversidade comprometida com diferentes propósitos e expressa em diferentes contextos. Não basta ver a diferença entre os sexos e sim perceber como tais diferenças represam a diversidade nos grupos de gênero.

Estudiosas como Guacira Lopes Louro⁵⁶ defendem que, além da dimensão cultural, o gênero também tem uma dimensão biológica. Reflete Louro que o discurso contra as interpretações biologistas – num contexto onde as diferenças biológicas justificavam as desigualdades entre homens e mulheres – pode ter promovido uma forte separação entre as categorias gênero/sexo. A primeira associada à questão cultural e a outra entendida como biológica. Diante do maior valor atribuído, na sociedade ocidental, às características masculinas, a distinção lingüística servia para demonstrar que concepções tidas como naturais eram características socialmente estabelecidas. Nessa tarefa de enfatizar o caráter cultural das diferenças entre homens e mulheres, as pesquisas sobre as mulheres podem ter obscurecido a perspectiva de que “a construção dos gêneros envolve o corpo, implica em corpos sexuados”.⁵⁷ Coerentemente, a autora cita Pierre Bourdieu⁵⁸ que aponta para a somatização das relações de dominação, acentuando que determinados gestos, posturas, marcas da dominação se inscrevem nos corpos dos dominados. Bourdieu diz que o mundo social imprime nos corpos das pessoas, além de um modo de ser e estar, um “programa de percepção” do universo social. Através de diversificados processos “se opera uma transformação durável dos

⁵⁶ LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**. 8. ed. São Paulo: Vozes.

⁵⁷ _____. Nas redes do conceito de gênero. In: LOPES, M. J.; MEYER, D. E.; WALDOW, V. R. **Gênero e Saúde**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 3.

⁵⁸ BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1999.

corpos e da maneira usual de usá-los”. Para Guacira Lopes Louro, essa percepção está entrelaçada com as representações de gênero presentes num dado espaço temporal, ocorrendo então uma estreita interpenetração do social com o biológico e a compreensão do gênero deve supor essa interpenetração. ”Embora continuemos afirmando que a construção dos gêneros é, fundamentalmente, um processo social e histórico, temos de admitir que esse processo, sem dúvida, envolve os corpos do sujeito”.⁵⁹

Joan Scott⁶⁰ afirma que a história das mulheres não pode estar desvinculada da política, pois traz em seu bojo as reivindicações de direitos pleiteados pelos movimentos feministas. Para a historiadora, ao escrevermos as histórias das mulheres, indicamos espaços de dominação, processos de criação e relações de poder que permitem tal processo, além de práticas criativas desenvolvidas pelas mulheres para burlar e às vezes inverter tal dominação.⁶¹ De outro modo, Scott sugere que o gênero integre estudos relacionados ao político e ao poder, em sua expressão tradicional, isto é, vinculado ao governo e ao Estado. Em outra perspectiva, a historiadora Arlette Farge⁶² defende a necessidade de expandir a presença de poder para além da esfera pública da política. Pondera Farge que, apesar da dominação masculina, a atuação feminina reflete-se no uso de complexos contra-poderes, como o poder maternal, poder sobre outras mulheres e poder de sedução. Dessa forma, o confronto do par dominação/submissão seria desviado para os “micro-confrontos”, espaço de partilha do poder entre homens e mulheres.

⁵⁹ LOURO, G. L. Nas redes do conceito de gênero. In: LOPES, M. J.; MEYER, D. E.; WALDOW, V. R. **Gênero e Saúde**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 4.

⁶⁰ SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, n.16, p.5-22, jul./dez. 1990.

⁶¹ Ver também: CHARTIER, R. A história hoje: dúvidas, desafios, propostas. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 7, n. 13, p. 97-113. 1994.

⁶² FARGE, A. La historia de las mujeres. *Cultura y poder de las mujeres: ensayo de historiografía*. **Historia Social**, n. 9, p. 79-102, inverno 1991.

No mesmo viés, Rachel Soihet⁶³ acredita que o modelo proposto por Joan Scott, ao enfatizar as participações femininas no domínio público da política, torna imperceptíveis elementos “essenciais ao desvendamento da atuação concreta das mulheres”⁶⁴ possibilitado por outras esferas do social como o cotidiano, o imaginário, a relação público/privado. Cabe salientar a influência de Michel Foucault⁶⁵, cujas reflexões permitiram a ampliação das concepções de poder. O entendimento do poder como uma rede disseminada pelo social, presente em discursos e práticas diversas permite a superação polarizada da mulher vítima/rebelde. Uma vez que o poder não tem lugar definido na sociedade, não pode emanar da categoria homem ou Estado e ser passivamente aceito, sem que ocorra um consenso sobre a legitimidade deste poder.

Nesta discussão, contribui Roger Chartier⁶⁶ ao destacar o aspecto simbólico da dominação masculina. Para esse historiador, a história das mulheres deve ter por objeto o estudo dos discursos e das práticas que garantem o consentimento feminino nas representações dominantes da diferença entre os sexos. As representações da inferioridade feminina inscrevem-se nos pensamentos e nos corpos de homens e mulheres. O essencial seria identificar em cada configuração histórica os mecanismos que enunciam e representam como natural e biológica a divisão social e histórica dos papéis e funções. No entanto, a incorporação da dominação não excluiria divergências, manipulações, subversões ou deslocamentos da dominação. Reconhecer a existência de uma forma de “consentimento” da dominação permite dissipar um privilégio dedicado pela história das mulheres à

⁶³ SOHIET, R. Enfoques feministas e a história: desafios e perspectivas. In: _____. ; SAMARA, E. M. de; MATOS, M. I. de. (orgs.). **Gênero em Debate**: Trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea. São Paulo: EDUC, 1997. p. 53-82.

⁶⁴ Ibid., p. 68.

⁶⁵ FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 15. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

⁶⁶ CHARTIER, R. A História das Mulheres. Séculos XVI-XVII. Diferenças entre os sexos, e violência simbólica. In: DUBY, G.; PERROT, M. **As Mulheres e a História**. Lisboa: Dom Quixote, 1995. Ver também: CHARTIER, R. A história hoje: dúvidas, desafios, propostas. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 7, n. 13, p. 97-113. 1994.

vitimização feminina ou a um acentuado caráter de rebeldia. Pondera Chartier que as resistências nem sempre ocorrem sob um aspecto espetacular ou sob um discurso de recusa. Elas nascem no interior do próprio consentimento, quando a linguagem da dominação é reutilizada para sua própria subversão.

Além da concepção da desconstrução binária para explicar os significados e processos que instituem a diferença entre homens e mulheres e do apelo à análise do campo político tradicional e suas relações com o feminino, outro ponto no pensamento de Joan Scott é motivo de divergências entre as pesquisadoras da história das mulheres. Esse ponto diz respeito à crítica feita por Scott⁶⁷ à história social e à transposição de seus métodos para a história das mulheres. Preconizada pela Escola de Annales, a prática da história social tornou possível o alargamento de objetos, de temáticas e de métodos, além de estimular o contato interdisciplinar entre a história e outros campos de conhecimento. Centrados na idéia de predominância dos fenômenos coletivos sobre os individuais, optando por abordagens socioculturais e métodos demográficos, enfatizando a pertinência de ser a 'história vista de baixo', os historiadores sociais abriram caminho para as vozes silenciadas pela historiografia tradicional.⁶⁸ Entretanto, defende Joan Scott que a história social não propiciaria diretrizes satisfatórias para a desconstrução das desigualdades de gênero, haja vista em seu interior o determinismo econômico, a marginalização das experiências femininas, a unicidade presumida da categoria classe e a indiferença pela influência de gênero na constituição da cultura, questões que para Louise Tilly⁶⁹ foram relativizadas justamente pelos escritos sobre mulheres, surgidos neste campo, concomitantemente aos movimentos feministas, conforme descrito acima.

⁶⁷ SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, n. 16, p. 5-22, jul./dez. 1990.

⁶⁸ CASTRO, H. História Social. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. **Domínios da História**. Ensaios de Teoria e Metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 45-60. BURKE, P. **História e Teoria Social**. São Paulo: Unesp, 2002. p. 28-32.

⁶⁹ TILLY, L. A. Gênero, história das mulheres e história social. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 3, p. 29-62, 1994.

Louise Tilly, por sua vez, defende os métodos de análise da história social, argumentando que esta perspectiva mantém os sujeitos como atores da história, reduzindo o enfoque que as vertentes desconstrutivistas atribuem ao discurso. A historiadora defende que os trabalhos descritivos sobre as mulheres contribuíram para concebê-las como sujeitos sociais ativos, situados em contextos históricos concretos e cujas vidas, enquanto membros de famílias, de organizações ou de movimentos sociais, têm um interesse tanto para historiadores quanto para não especialistas. Explicita que a história das mulheres guiou o interesse investigativo dedicado às pessoas comuns do passado na direção das relações sociais, econômicas e políticas vivenciadas pelas mulheres e estudos descritivos contribuíram para evidenciar tais experiências femininas. Desse modo, trabalhos sobre as mulheres não devem estudar a vida destas de maneira isolada, mas vincular estas vidas a outros temas, “como o poder das idéias ou as forças que governam as transformações estruturais”.⁷⁰

Por conseguinte, a autora chama atenção também para abordagens que resolvam problemas analíticos, defendendo que “ambas as abordagens, a descritiva e a analítica, devem figurar no campo da história das mulheres”⁷¹. Para ela, a adoção do gênero, enquanto uma categoria de análise, possibilita a problematização de determinismos, a idéia da diferença e o cruzamento de outras variáveis como etnia e classe social nos estudos sobre mulheres. Tilly propõe uma história social analítica que completaria a descrição e a interpretação com a explicação, sem, no entanto, menosprezar os estudos descritivos e interpretativos em prol daqueles que resolvem problemas analíticos e examinam questões gerais, afirmando: “o fato é que os dois tipos de trabalho são importantes”.⁷²

⁷⁰ TILLY, L. A. Gênero, história das mulheres e história social. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 3, p. 29-62, 1994. p. 41.

⁷¹ *Ibid.*, p. 43.

⁷² *Ibid.*, p. 60.

Contribuindo no debate entre Scott e Tilly, a historiadora francesa Eleni Varikas⁷³ orienta que a crítica mais importante que Joan Scott faz à história social é a de presumir uma relação causal entre posições estruturais e interesses sociais, entre interesses e necessidades sociais e formas de consciência. Para Varikas, colocar as experiências femininas no centro da interrogação supõe uma hipótese preliminar sobre a existência de interesses e de necessidades diferenciadas das mulheres devido a sua posição estrutural num certo tipo de relações de poder. Todavia defende que isso não prejudica a amplitude e o conteúdo desses interesses e dessas necessidades, nem as formas pelas quais eles estão articulados com os interesses comuns dos homens e das mulheres, nem quais interesses e necessidades prevaleceram nas ações das mulheres num dado período, mas estabelece a pertinência da interrogação que visa precisamente responder a essas questões.

Criticando a ênfase na textualidade e na dinâmica interna do discurso, Varikas afirma que os estudos sobre mulheres “não esperaram o pós-estruturalismo para sublinhar a importância das representações e dos sistemas simbólicos na análise e na compreensão de gênero e das relações sociais que os sustentam”.⁷⁴ Para ilustrar a afirmação, demonstra que os primeiros trabalhos de história das mulheres estão inscritos no âmbito da história das idéias e das mentalidades, concedendo espaço para a análise das representações, dos discursos normativos, do imaginário coletivo, fornecendo assim as primeiras manifestações daquilo que foi chamado de “guinada lingüística”⁷⁵ na história. Elucida que a opção de considerável número de historiadoras pelos métodos de pesquisa e de interpretação de sentido coincidiu com a vontade de se construir categorias de análise a partir das experiências femininas. A utilização das abordagens da Antropologia na análise das práticas sociais e das

⁷³ VARIKAS, E. Gênero, experiência e subjetividade. A propósito do desacordo Tilly-Scott. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 3, p. 63-84, 1994.

⁷⁴ Ibid., p. 70.

⁷⁵ Id.

representações, dos rituais de sociabilidade e de trabalho, a pesquisa das significações culturais, a interrogação da dinâmica social e da polissemia destas significações desenvolveu-se no processo de reconstituição histórica das experiências das mulheres. Não se trataria apenas de atribuir visibilidade às mulheres, mas de reafirmar que a história não é o resultado de leis impessoais e sim “resultado, sem dúvida enviesado e freqüentemente incontrollável, de ações humanas providas de sentido”.⁷⁶ Nesse aspecto, defende que abordar a história das mulheres sob a forma de escolha entre a história social e a desconstrução soa como um “falso dilema”. Conclui dizendo que o potencial da história das mulheres e da problemática do gênero reside menos nas suas possibilidades de encontrar “uma pátria” que na sua possibilidade de se imiscuir sub-repticiamente nas mais intransponíveis fortalezas da história e de outras disciplinas, para desestabilizar suas certezas.

As reflexões de Joan Scott, Louise Tilly e Eleni Varikas, entre outras, orientam minha concepção da história das mulheres e confirmam a premissa de que a história oral constitui-se em relevante fonte para a história das mulheres, no sentido de que possibilita a reconstrução de subjetividades⁷⁷, de experiências femininas não apenas vinculadas ao espaço privado, mas também experiências que articulam significados econômicos e políticos com construções identitárias e formas de estar no mundo. Assim, memórias de mulheres podem possibilitar a “análise das maneiras pelas quais o político constrói o gênero e o gênero constrói o político”.⁷⁸ O concurso Rainha da Soja foi palco dessas construções. Para complementar o estudo dessas

⁷⁶ VARIKAS, E. Gênero, experiência e subjetividade. A propósito do desacordo Tilly-Scott. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 3, p. 63-84, 1994. p. 75.

⁷⁷ Para Mireya Suárez, hábitos afetivos não são privados e, sim, socialmente modelados. Por essa razão, além de serem fatos observáveis e descritíveis em si, não apenas marcam o sujeito, mas também as instituições, as concepções e as condutas que se supõe que os etnólogos não só observam, como inclusive descrevem e analisam (SUÁREZ, M. A problematização das diferenças de Gênero e a antropologia. In: AGUIAR, N. (org.). **Gênero e Ciências Humanas**. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1997. p. 31-48).

⁷⁸ SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, n. 16, p. 5-22, jul./dez. 1990. p. 17.

construções, neste trabalho, as concepções de memória, identidade e ritual tornam-se fundamentais para a reconstituição das relações sociais e culturais que instituíram o concurso, e por ele foram instituídas, assim como os elementos que o mantém vivo na memória coletiva local.

1.3 MEMÓRIA, IDENTIDADE E RITUAL

A partir da análise das entrevistas e da leitura do referencial teórico e partindo do pressuposto de que o concurso Rainha da Soja, assim como tantos outros concursos de beleza feminina, constituíram-se num espaço de reconfiguração de relações sociais, a pergunta de partida transformou-se na seguinte questão central: como o concurso articula significados econômicos, políticos e simbólicos por meio da figura feminina?

Para auxiliar na condução da investigação, a questão central desdobra-se em três outras indagações: A primeira delas: como a política e a economia sustentaram simbólica e objetivamente a realização do concurso, e por ele foram sustentadas?

Essa discussão pauta-se nos poderes políticos e econômicos que, na figura da multinacional Sanbra e da Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, mantiveram financeiramente o concurso. Como patrocinadores do evento, ambas as esferas de poder, obtinham vantagens econômicas com a realização do concurso, mas também estabeleciam relações de significados, de convivência, de aceitabilidade, de poder.

A reconstrução dos significados políticos e econômicos foi inspirada em documentos oficiais, jornalísticos e na historiografia produzida sobre os períodos e compreendidos como integrantes de uma memória escrita sobre o concurso. Assim, os aspectos políticos e econômicos dos anos de 1970 são discutidos na perspectiva de campos relacionais, observados na lógica de realização do concurso Rainha da Soja. Os processos de constituição desses campos são específicos à conjuntura

local, estadual e nacional do período. Nesse sentido, autores⁷⁹ que rediscutem o lugar da política nos estudos historiográficos a partir da perspectiva da História Cultural, inspiram a análise e indicam pressupostos de que o concurso Rainha da Soja integrava um acontecimento particular e simbólico que possibilita indícios sobre o comportamento e a cultura política e econômica vivenciada por Ponta Grossa no decorrer dos anos de 1970.⁸⁰

Esclarecer sobre a política é questão central na linha de argumentação. A história política que se pretende não se vincula à mitificação de personagens ou acontecimentos ou a leitura do Estado enquanto concentrador de poderes ou como reflexo das injunções econômicas, destituído de dinâmica própria.⁸¹ A concepção de política da qual se partilha tem o Estado como “a instituição ou objeto fundamental do ‘político’”.⁸² Porém, chamo atenção para o fato de que entender a política como instituição do Estado não significa afirmar que este seja o único lugar de exercício de poderes, ocupando posição de centro numa estrutura hierárquica que distribui poder para a periferia social. Nesse aspecto, o Estado é compreendido como uma dentre tantas instâncias sociais onde o poder encontra-se diluído.⁸³

Conivente com a proposta de Joan Scott, analisar o campo político em suas relações com o concurso Rainha da Soja significa estudar um:

⁷⁹ REMOND, R. Por que a história política? **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 13, p. 7-19, 1994.; JULLIARD, J. A política. In: LE GOFF, J.; NORA, P. **História: Novas abordagens**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. p. 181-193.; GOUVÊA, M. de F. A História Política no Campo da História Cultural. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 3, n. 1, p. 25-36, Verão 1998.; FERREIRA, M. de M. A Nova “Velha História”: O Retorno da História Política. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 265-271, 1992. FÉLIX, L. O. A História Política Hoje: Novas Abordagens. **Revista Catarinense de História**, Florianópolis, n. 5, p. 25-36, 1998.

⁸⁰ FERREIRA, M. de M. A Reação Republicana e a Crise Política dos Anos 20. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 6, n.11, p. 9-23, 1993.

⁸¹ _____. A Nova “Velha História”: O Retorno da História Política. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 265-271, 1992.

⁸² GOUVÊA, M. de F. A História Política no Campo da História Cultural. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 3, n. 1, p. 25-36, Verão 1998. p. 32.

⁸³ Id.

Sistema de representações, fundado sobre certa visão de mundo, sobre uma leitura significativa do passado histórico, sobre as escolhas de um sistema institucional e de uma sociedade, conforme os modelos retidos, e que se exprimem por um discurso de símbolos, ritos.⁸⁴

A política, nessa linha, envolve elementos relacionados ao Estado e às instituições de poder vinculadas a ele mais diretamente⁸⁵, possibilitando a introdução da diversidade, de ritos e símbolos onde se acredita reinar o imutável e permitindo a análise das instituições, das práticas, do simbólico e do imaginário social.⁸⁶

Os aspectos econômicos do período são lidos como:

Relações (...) sociais [que] não são anteriores às culturais, nem as determinam; elas próprias são campos de prática cultural e produção cultural – o que não pode ser dedutivamente explicado por referência a uma dimensão extracultural da experiência.⁸⁷

Neste sentido, constituir as relações que integram o âmbito da economia a partir de discursos de representantes das esferas econômicas, políticas e sociais sobre as questões relativas à produção, capital e industrialização relacionando o acontecimento aos aspectos estruturais mais amplos, torna-se ponto essencial. Nessa perspectiva, a economia, tal qual a política, não está separada do corpo social, mas compõe-se nas relações entre as múltiplas instâncias sociais criando símbolos e significados compartilhados pela coletividade.

Uma vez que as investigações relacionadas à política e economia são objetos de reflexões e críticas devido à multiplicidade teórica no campo da historiografia⁸⁸,

⁸⁴ FERREIRA, M. de M. A Reação Republicana e a Crise Política dos Anos 20. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 6, n.11, p. 9-23, 1993, p. 10.

⁸⁵ GOUVÊA, M. de F. A História Política no Campo da História Cultural. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 3, n. 1, p. 25-36, Verão 1998. p. 25-36.

⁸⁶ FERREIRA, M. de M. A Nova “Velha História”: O Retorno da História Política. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n.10, p. 265-271, 1993.

⁸⁷ HUNT, L. **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 9.

⁸⁸ FÉLIX, L. O. A História Política Hoje: Novas Abordagens. **Revista Catarinense de História**, Florianópolis, n. 5, p. 25-36, 1998.

principalmente pela discussão posta pela história dos acontecimentos e a postura estruturalista que critica a narrativa superficial dos grandes eventos, por sua vez, recebe considerações sobre seu reducionismo e determinismo, é pertinente ponderar que as evidências fazem parte de uma reconstrução hipotética e que outras interpretações são possíveis. Compreendo os acontecimentos como portadores de traços sociais distintos que são regulados pela cultura, no sentido de que os conceitos e categorias de uma sociedade particular inspiram os modos pelos quais seus membros percebem e interpretam seja o que for que aconteça em sua época. Por isso, “o acontecimento pode [...] ser estudado como uma espécie de papel heliográfico que revela as estruturas da cultura”.⁸⁹ Peter Burke⁹⁰ orienta que no processo de incorporação dos acontecimentos, numa sociedade específica, a cultura é reordenada e assim, é possível relativizar posições dicotômicas entre o acontecimento e a estrutura, reconhecendo o poder dos acontecimentos nos processos de estruturação social e relacionar os acontecimentos às estruturas constituídas no tempo e no espaço onde ocorrem.

Na perspectiva apresentada, a política e a economia construídas para o Brasil, Paraná e Ponta Grossa são tecidas em referência ao concurso Rainha da Soja e as imbricações simbólicas e objetivadas criadas nos processos relacionais entre aqueles campos e o concurso. A narrativa tecida inspira-se na possibilidade de constituir nuances e significados entre o concurso, a política e a economia, numa interação simbólica e cultural com as representações de gênero.

O conceito de “campo” tomado de Pierre Bourdieu⁹¹ complementa a análise. O campo político, para esse autor, é espaço de forças e de lutas onde são gerados, na concorrência entre os indivíduos, instrumentos de percepção e de expressão do

⁸⁹ BURKE, P. A História dos Acontecimentos e o Renascimento da Narrativa. In: _____. (org.). **A escrita da história**. Novas Perspectivas. São Paulo: Unesp, 1992. p. 346.

⁹⁰ Ibid., p. 327-348.

⁹¹ BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

mundo social. Estes instrumentos – programas, problemas, conceitos, acontecimentos – relacionam-se aos interesses dos grupos políticos e à capacidade de expressão desses interesses como algo comum a toda a coletividade. A expressão dos interesses políticos depende da legitimação outorgada pela comunidade ao agente emissor de tais interesses, o agente político. O agente político é reconhecido como “profissional” capaz de nomear e proclamar os interesses políticos coletivos, função delegada através do ato objetivo e simbólico da eleição. A força de “dizer” os interesses políticos, atribuída ao agente político, é uma forma de capital simbólico firmado na crença e no reconhecimento dos poderes conferidos pela comunidade ao próprio agente político. Dito de outro modo, o poder simbólico é um poder que existe, porque aquele que lhe está sujeito crê que ele existe, legitimando-o. A concepção de capital simbólico é estendida para a composição do campo econômico em questão na análise que se pretende. O campo econômico, objetivado nas indústrias instaladas em Ponta Grossa, no decorrer dos anos de 1970, é reconhecido e legitimado como poder simbólico capaz de possibilitar concretizações enunciadas pelos indivíduos políticos e almejadas pela comunidade. Os enunciados propalados diziam respeito aos anseios de “progresso” e “desenvolvimento” da cidade e de seus habitantes. Enunciados que não são vazios de sentido, mas que, ao contrário, integram representações identitárias coletivas.

A segunda questão, na qual desdobra-se a problemática da pesquisa, trata de identidade e memória: Quais identidades femininas são reconstruídas nas memórias sobre o concurso? Essa pergunta foi formulada no sentido de compreender a construção de identidades femininas idealizadas e articuladas ao contexto econômico e político, que permanecem atuando na dinâmica identitária contemporânea e na memória das mulheres entrevistadas.

Primeiramente parti da idéia de que enquanto pesquisadora estaria reconstruindo imagens, uma vez que o ato de recordar é já uma construção organizada e seletiva daquele que recorda. Estaria atuando sobre imagens

construídas do passado das mulheres e tais lembranças deveriam ser compreendidas ainda em relação ao movimento temporal entre o presente e o passado e ao trajeto social de cada uma delas e do grupo em particular. Em segundo lugar, é preciso ponderar a minha intervenção, enquanto pesquisadora, no momento da entrevista que, apesar de não apresentar uma estrutura rígida, um roteiro esquemático, obedeceu a interesses relacionados aos objetivos da pesquisa e às minhas próprias subjetividades. Por fim, ao ler e reler as narrativas, realizar o exercício intelectual de interpretação, optei por lentes que identificam a memória coletiva a construções simbólicas, defendendo-a enquanto fenômeno social e sinônimo de representações coletivas que trazem com elas uma dimensão histórica.⁹²

Para Maurice Halbwachs⁹³, a memória é, em grande medida, um fenômeno social, submetido a flutuações, transformações e mudanças. Esse sociólogo defende que por mais que pareçam resultados de sentimentos, pensamentos e experiências individuais, as memórias são perpassadas e marcadas por “quadros sociais”⁹⁴ que remetem ao aspecto coletivo dos grupos aos quais pertence o indivíduo. Assim é que Halbwachs defende que os indivíduos se lembram, porque fazem parte de grupos ou já estiveram com eles, estando o esquecimento ou a lembrança atrelados à permanência numa sociedade, a ligação afetiva com seus membros e a referência

⁹² SANTOS, M. S. **Memória coletiva e teoria social**. São Paulo: Annablume, 2003. p. 12.

⁹³ HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

⁹⁴ “Quadros sociais” são interpretados como campos de significados que servem de referência para o ato de lembrar. O conceito integra noções de tempo, espaço e convenções sociais amparadas no caráter coletivo e simbólico construído e reconhecido por uma sociedade historicamente datada (BARROS, M. M. L. de. Memória e família. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 29-42, 1989. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/>> Acesso em 21/06/2006). Para Elizabeth dos Santos Braga, a memória individual, em Maurice Halbwachs, forma-se no encontro de várias correntes do pensamento coletivo. Essas correntes compõem dinâmicos “quadros sociais” que se transformam, em diferentes grupos, em diferentes momentos. Nesse sentido, as memórias individuais nunca são independentes, pois são pontos de vista da memória coletiva. Os pensamentos, as preocupações, os interesses, as lembranças, são reconstruídas de acordo com o lugar que o indivíduo ocupa na dinâmica social. (BRAGA, E. dos S. **A construção social da memória**. Uma perspectiva histórico-cultural. Ijuí: Unijuí, 2000).

em quadros espaços-temporais. Sendo assim, a memória do indivíduo estaria relacionada aos grupos dos quais faz parte como a família, a classe social, a escola, a igreja, a profissão; enfim, seus mais distintos grupos de convívio. Desta forma, ao lembrarem, os indivíduos não reviveriam o passado tal como ocorreu, mas o reconstruiriam a partir do presente.

Ecléa Bosi⁹⁵ aponta que ao entender a memória não como sonho, mas como trabalho, Halbwachs estabeleceu uma crítica ao pensamento bergsoniano⁹⁶, para quem a lembrança é a ressurreição de um passado conservado. Contrariamente, Halbwachs defende que a menor alteração do ambiente atinge a qualidade íntima da recordação. Segundo Ecléa Bosi, “por essa via, Halbwachs amarra a memória da pessoa à memória do grupo; e esta última à esfera maior da tradição, que é a memória coletiva de cada sociedade”.⁹⁷ A concepção acerca da relação entre espaço e tempo em Halbwachs inspira que essas categorias denotam quadros formais do pensamento individual e coletivo e que podem ser concebidos como quadros formais da memória coletiva. A sensação de temporalidade nos indivíduos derivaria do fato de que diversos momentos fariam parte de um conjunto de pensamentos comuns a um determinado grupo, de um quadro social da memória. Tal sensação de continuidade da memória tendo como referências esses quadros sociais seria fundamental para a conformação de um sentimento de identidade nos indivíduos.⁹⁸

Em semelhante linha de raciocínio, para Myriam Sepúlveda dos Santos⁹⁹, a noção de identidade está associada à idéia de memória como esta última à primeira,

⁹⁵ BOSI, E. **Memória e Sociedade**. Lembranças de Velhos. 9. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

⁹⁶ Sobre o pensamento bergsoniano, ver: BERGSON, H. **Matéria e Memória**. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

⁹⁷ BOSI, op. cit., p. 55.

⁹⁸ HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004. p. 87.

⁹⁹ SANTOS, M. S. Sobre a autonomia das novas identidades coletivas: alguns problemas teóricos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 13, n. 38, São Paulo, 1998.

diluindo assim a dicotomias entre indivíduo e sociedade, passado e presente. A autora explica que o sentido de continuidade e permanência presente em um indivíduo ou grupo social, ao longo do tempo, depende tanto do que é lembrado, quanto o que é lembrado, depende da identidade de quem lembra.

Da mesma forma, Michael Pollak¹⁰⁰ enfatiza que o sentimento de identidade está ligado à memória. Para esse autor, a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela também é um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. É a memória que permite, segundo Pollak, que o indivíduo construa a imagem que tem de si, tanto em relação a si mesmo como aos outros; que adquira esse sentimento de pertencimento ao grupo; que tenha um sentido de continuidade no tempo e que se desenvolva por meio de um sentimento de coerência.

A relação entre memória e identidade foi ponto-chave para a compreensão de como as mulheres entrevistadas se percebem e como ressignificam a experiência vivenciada no concurso. As identidades construídas no presente pelas entrevistadas estão ligadas às memórias do passado, mas também relacionadas aos valores e práticas vivenciados nas relações cotidianas atuais de suas famílias e outros grupos sociais aos quais pertencem. Assim, essas memórias são também marcadas por seus interesses no presente e pela forma como querem ser reconhecidas. Como apontou Sepúlveda dos Santos¹⁰¹, trata-se de compreender o jogo entre o presente, o passado, a identidade atual e a memória.

Essas idéias e conceitos deixam claro que, ao analisar memórias de mulheres, procuro entender o modo de pensar, sentir e se comportar de um grupo específico. Suas memórias “não são senão um eco”, como afirma Halbwachs. Isso

¹⁰⁰ POLLAK, M. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

¹⁰¹ SANTOS, M. S. Sobre a autonomia das novas identidades coletivas: alguns problemas teóricos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 13, n. 38, São Paulo, 1998.

porque ao fazerem parte de grupos, essas mulheres tendem a trazer aspectos e a dialogar com questões e problemas próprios da realidade na qual se socializaram e da qual continuam a fazer parte.

É importante dizer que me aproprio de uma modalidade de memória coletiva que é a “memória feminina”¹⁰², pois se trata de analisar um grupo socialmente definido – o das mulheres eleitas Rainhas da Soja em Ponta Grossa, pertencentes a famílias economicamente estáveis e de reconhecido capital simbólico na cidade. Não intenciono afirmar que determinadas memórias são estritamente ou naturalmente femininas, mas somente apontar que as memórias estão ligadas às posições que os indivíduos ocupam nas estruturas de gênero, de classe social e de grupos étnicos. Entre o grupo de mulheres entrevistadas tanto a marca do gênero como a marca da classe encontram-se presentes influenciando a composição de suas memórias. As mulheres entrevistadas tendem a se identificar como filhas, mães, esposas, profissionais, reconstruindo na memória, nas práticas culturais e nas estruturas sociais definições para o que elas foram, são e a maneira como querem ser percebidas. Pode-se dizer que o concurso, tanto no que se refere à questão política e econômica quanto em relação às práticas culturais e simbólicas, funciona como um lugar de memória, instituindo elementos para a construção de identidades e significados do próprio concurso.

Não pretendo falar de uma essência feminina. Assim, critica-se a idéia de um patriarcado ou de uma repressão feminina universal que culminaria numa posição semelhante experienciada por todas as mulheres. Como visto, além de ser mulher, o indivíduo também possui múltiplas outras identidades de etnia, de classe, religião que configuram a sua construção subjetiva. Neste sentido, Michelle Perrot¹⁰³ orienta que a memória das mulheres está ligada à condição destas ao seu lugar na família e na sociedade, espaços para os quais elas foram de alguma forma encaminhadas,

¹⁰² PERROT, M. Práticas da memória feminina. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 9, n. 18, p. 9-18, ago./set. 1989.

¹⁰³ Ibid., p. 15.

“por convenção e posição”. Entretanto, nesta pesquisa, as memórias das mulheres entrevistadas são reconstruídas nas relações entre o espaço público e o privado, uma vez que todas desempenharam papéis públicos nos atos representativos do “ser rainha” e papéis domésticos no casamento e na família. Não são memórias eminentemente privadas, mas lembranças nas quais o público e o privado se entrelaçam. Desse modo, não há uma essência feminina, mas processos instituintes de diferentes sujeitos generificados.

Levar em conta as reflexões acerca da não-essencialização do feminino implica assumir uma postura relativista, numa tentativa de interpretar os discursos e experiências a partir de uma teia de significados que se articulam.¹⁰⁴ Como aponta Ellen Woortmann¹⁰⁵, as narrativas de um grupo não costumam ser soltas e desestruturadas, mas manifestações de um modo de pensar e sentir coletivo. Desse modo, sendo a memória reconstituída nas narrativas, para a autora, observa-se uma negociação de subjetividades com um pano de fundo estruturado. Explica Woortmann que narrativas são estruturadas, porque se consolidam em um *habitus* de grupo. Nessa linha de argumentação, Pierre Bourdieu¹⁰⁶ defende que há um processo de inculcação da cultura, exercido principalmente pela família e pela escola – instituições recorrentes nas memórias das entrevistadas – que dota uma coletividade de um modo de pensar e agir semelhantes. Não se trata somente, como em Halbwachs, de assumir um conjunto de representações sociais, mas de disposições que são interiorizadas e que estruturam ações ao mesmo tempo em que são estruturadas por estas. Desse modo, as memórias, identidades e significados reconstruídos no processo de rememoração das entrevistadas não integram verdades, mas representam presentificações do passado, que “navegam no tempo e

¹⁰⁴ GEERTZ, C. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: _____. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 13-44.

¹⁰⁵ WOORTMANN, E. F. Homens de hoje, mulheres de ontem: gênero e memória no seringa. In: FREITAS, C. **Anais do I Seminário e II Semana de Antropologia da UCG**, Goiânia: UCG, 1998.

¹⁰⁶ BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

se deslocam no espaço, interconectando palavras e imagens e correlacionando sentidos”.¹⁰⁷

A terceira indagação questiona as mensagens que o concurso idealiza para a sociedade e para a cultura locais, por meio da articulação de seus significados. De forma interrogativa: Quais representações são construídas no ritual do concurso? Esse questionamento orienta a análise do concurso enquanto um espaço ritual no qual valores de gênero são articulados aos significados econômicos e políticos, além de outros valores hegemônicos praticados pela sociedade local, como a família, o perfil feminino idealizado e a preservação de valores das elites locais.

Evocado nas lembranças de distintos grupos sociais, o concurso é um lugar da memória, no sentido atribuído por Pierre Nora.¹⁰⁸ Esse historiador definiu como “lugares da memória”, locais materiais ou imateriais nos quais se encarnam ou cristalizam as memórias de uma nação e nos quais se cruzam memórias pessoais, familiares e de grupo. Esses lugares inspiram imagens, idéias, sensações, sentimentos e vivências individuais e de grupo, num processo de reconhecimento das experiências coletivas, constituindo espaços nos quais um grupo social se reconhece e se identifica, mesmo que de maneira fragmentada. De outro modo, servem como substância aglutinante entre os membros do grupo, garantindo-lhes o sentimento de pertença e de identidade, a consciência de si mesmos e dos outros que compartilham essas vivências. O concurso Rainha da Soja é, assim, compreendido como um lugar de memória constituído por acontecimentos e

¹⁰⁷ PESAVENTO, S. J. Palavras para crer. Imaginários de sentido que falam do passado. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, n. 6, 2006. Disponível em <http://nuevomundo.revues.org/document1499.html>. Acesso em 05/ 05/ 2007.

¹⁰⁸ NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, 1993. p. 12. ENDERS, A. *Les lieux de mémoire*, dez anos depois. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p. 128-137, 1993. FERNANDES, R. S. **A memória dos lugares, dos objetos e os guardiões da memória na educação não-formal**. Disponível em <<http://www.hola.pro.br/arquivo/webdoc03/2005/webdoc3d.html>> Acesso em 13/05/2006. FERNANDES, R. S. **As marcas do vivido sentido: memórias de jovens ex-freqüentadores de um projeto educacional não-formal**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Campinas, Campinas, 2005.

conjunturas do passado, que são ressignificados no trabalho explicativo frente à memória das entrevistadas, pois “só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica [...] só entra na categoria se for objeto de um ritual”.¹⁰⁹

Enquanto lugar de memória, o concurso Rainha da Soja pode ser compreendido como espaço ritual. Ritual, explica Marisa Peirano¹¹⁰, é um evento reconhecido pela sociedade na qual ocorre como um tipo especial de evento formalizado e estereotipado, focalizando o que é usual nesta mesma sociedade. A antropóloga considera a definição operativa do ritual, pois o conceito deve ser entendido como construção historicamente datada e realizada mediante a apreensão, pelo pesquisador, das singularidades atribuídas ao evento. No entanto, observar as singularidades não significa desconsiderar graus de convencionalidade, de redundância e de combinação de gestos. Deve o pesquisador considerar a relação entre a potencialidade interpretativa das fontes e um núcleo básico indicativo das características do conceito, a fim de reconstituir representações e valores comuns a determinados grupos e que são comunicadas, implicitamente, no fenômeno estudado como um ritual.¹¹¹

As reflexões do antropólogo norte-americano Stanley Tambiah¹¹² orientam o posicionamento de Marisa Peirano. Observa Tambiah que o ritual é um sistema de comunicação simbólica construído culturalmente, por meio de uma seqüência de palavras e atos expressos em múltiplos meios, procurando reconciliar as propriedades estruturais dos sistemas simbólicos e a eficácia dos símbolos em unir indivíduos e grupos às regras morais de conduta. Vinculando ritual e cultura, o antropólogo defende que somente uma determinada cultura pode explicar por que rituais têm a capacidade de dizer e fazer coisas diferentes de acordo com o

¹⁰⁹ NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, 1993. p. 12.

¹¹⁰ PEIRANO, M. **Rituais**. Ontem e hoje. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

¹¹¹ Id.

¹¹² TAMBIAH, S. A performative approach to ritual. In: _____. **Culture, Thought and social action**. Na Anthropological Perspective. Cambridge: Harvard University Press, 1985.

contexto. Desse modo, “o caráter performativo do ritual está implicado na relação entre forma e conteúdo”.¹¹³ Dito de outro modo, a construção de significados está vinculada à análise entre a forma e o conteúdo, como se apresenta o evento ritual e o que significa para a sociedade que o pratica e reconhece, respectivamente. Assim o ritual conjuga aspectos semânticos e pragmáticos, sendo que a *performance* ritualística está sempre referida a um contexto essencial para sua eficácia.

A relação entre o ritual, seus significados e o contexto histórico é o grande paradoxo do fenômeno para Stanley Tambiah¹¹⁴, pois ao mesmo tempo em que apresenta uma forma prescrita, ordenada e aparentemente invariável, uma *performance* nunca vai ocorrer de uma mesma maneira. Denota desse paradoxo a afirmação de que “o ritual é um sistema cultural de comunicação simbólica”¹¹⁵ e justamente nesta interação entre os significados do fenômeno e o contexto histórico encontra-se a flexibilidade do evento e sua conseqüente imprevisibilidade e diversidade. Esse caráter remete à idéia de que o ritual tem um sentido coletivo na medida em que reitera uma origem comum a várias pessoas que prestigiam o evento. A esse paradoxismo discutido por Stanley Tambiah acrescento ainda um elemento importante a ser considerado nas análises de eventos rituais: a intervenção do pesquisador nas interpretações dos significados e na reconstrução dos contextos nos quais ocorrem os fenômenos. São sempre construções seletivas e relacionadas ao perfil teórico e metodológico apresentado pelo pesquisador. Nesta vertente, apropriada dos estudos culturais, mais especificamente da história cultural, os significados dos eventos rituais devem considerar as relações entre forma, conteúdo, contexto e também posicionamentos do pesquisador. Assim, a compreensão dos significados não revela verdades, mas possibilidades interpretativas.

¹¹³ PEIRANO, M. (org.). **O Dito e o Feito**. Ensaios de Antropologia dos Rituais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

¹¹⁴ TAMBIAH, S. A performative approach to ritual. In: _____. **Culture, Thought and social action**. Na Anthropological Perspective. Cambridge: Harvard University Press, 1985.

¹¹⁵ Id.

Para a análise dos rituais, o antropólogo propõe o exame de uma instância interna e de uma instância externa do evento. A primeira opera transferências verbais a partir de uma lógica de escolha de elementos que melhor servem para a eficácia da linguagem ritual como roupas, gestos. A segunda se reporta ao nível de ações praticadas pelos grupos em busca de objetivos institucionais, conduzindo para o estudo entre o ritual e os contextos culturais nos quais é praticado. Desse modo, reforça Tambiah, os eventos rituais podem variar nas sociedades e encenar aspectos do cotidiano, cujos significados não ocorrem em função de intencionalidades, mas em função de uma orientação coletiva que reconhece socialmente a eficácia da linguagem ritualística. Neste sentido, Tambiah reforça os ensinamentos de Edmund Leach¹¹⁶, que propõe ser o ritual uma linguagem capaz de comunicar significados, dinamizando e atualizando as redes simbólicas reconhecidas socialmente. Peirano, Tambiah e Leach compreendem o ritual como linguagem, cujos significados são localizados nas culturas que o sustentam simbolicamente.

Essas questões teórico-metodológicas levam-se a considerar como hipótese que o concurso Rainha da Soja de Ponta Grossa, um lugar de memória, constituiu-se como espaço ritual no qual relações de poder – econômico, político, de gênero – reconstituíam *habitus* de grupos locais, como respostas às mudanças socioculturais que a configuração histórica dos anos de 1970 apresentava. Assim, essa questão guiou-me a investigar quais elementos eram representados no ritual do concurso e que orientam, no presente, as memórias evocadas pelos moradores da Ponta Grossa de 2008.

¹¹⁶ LEACH, E. Ritual as expression of social status. In: HUGH-JONES, S.; LANDLAW, J. (ed.). **The essential Edmund Leach**. New York: Yale University Press, 2000. p. 153-173. Ver também: _____. Aspectos antropológicos da linguagem: categorias animais e insulto verbal. In: DA MATTA, R. **Edmund Leach**. Antropologia. São Paulo: Ática, 1983. p. 170-199.

2 CENÁRIOS DO CONCURSO RAINHA DA SOJA: POLÍTICA, ECONOMIA, SOCIEDADE

Clube Pontagrossense. Coluna Social.

Ontem, o casal Helena e Olavo Soares, fizeram [sic] uma visita de cordialidade a srta. Waldenis Rosandra Alves Pinto, representante do Clube Pontagrossense ao concurso Rainha da Soja/73. Sem dúvida, ela é forte candidata, não só pela beleza, como pela elegância e simpatia. Mas o professor Olavo, que não “dorme de touca”, nem cochila na portaria, transformou sua visita a Waldenis numa pequena entrevista. Waldenis Rosandra Alves Pinto é pontagrossense, filha da Sra. Rosiris Alves e Professor Aristeu Costa Pinto - emérito mestre de nossa terra. Waldenis conta atualmente com 17 anos, frequenta o curso normal do Colégio Santana, revelando-se uma aluna muito aplicada. Mas... E o futuro, Waldenis! A esta indagação do Professor Olavo, a jovem respondeu que, após concluir o Curso Normal, pretende continuar estudando, matriculando-se no curso de história da UEPG. A um sorriso do entrevistador, Waldenis prontamente completou: “Não pense que vou estudar história para aproveitar a biblioteca do pai. Vou porque gosto muito dessa disciplina”. Talvez seja uma questão de tendência, trazida pela sabedoria popular através do ditado, “Filho de peixe, peixinho é”. Disse Waldenis que gosta imensamente de viajar, pois as pessoas higienizam a mente, conhecendo novas paisagens, novos ambientes, novas pessoas. “As viagens constituem grandes compêndios de geografia e de história, assim diz meu pai!” E você gosta de ler? “Quando em casa leio tudo que me cai nas mãos. Leio romance para me distrair, leio revistas, porque são bastante informativas - como a Realidade, o Cruzeiro, a Manchete. Aproveitando a oportunidade quero esclarecer que também gosto de cinemas, preferencialmente filmes de amor.¹

No decorrer da década de 1970, jornalistas e colunistas sociais exibiam nos jornais ponta-grossenses notas minuciosas destacando qualidades de jovens candidatas ao título de Rainha da Soja. Valorizando atuações sociais e intelectuais das jovens, as notas inspiravam leitores e leitoras a acompanhar as etapas classificatórias que elegeriam uma das concorrentes anunciadas. O compromisso maior das eleitas seria de representar uma indústria, a cadeia produtiva da soja e a cidade.

¹ DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, 22 jun. 1973, p.1.

Quando a população ponta-grossense acompanhava, nos jornais, os passos das candidatas ao título e, mais tarde, das eleitas, significava que o último ato de um longo processo tinha começado. Intensificados entre os meses de maio e junho os arranjos que culminavam na cerimônia de eleição da Rainha da Soja de Ponta Grossa tinham início muito antes de a primeira candidata pisar no salão de bailes do Clube Pontagrossense² considerado, à época, o mais tradicional da cidade.

Para a realização do evento, várias decisões seriam tomadas por agentes políticos e econômicos e, neste sentido, objetivo reconstruir essas tramas no contexto da cidade de Ponta Grossa, no decorrer da década de 1970. Os anos iniciais desta década foram privilegiados, pois foi nesse período que representantes da Prefeitura Municipal de Ponta Grossa e da multinacional Sanbra criaram o concurso Rainha da Soja. Entretanto, por dez anos, os dois campos de poder o ampararam objetivamente através de patrocínios, propagandas, premiações entre outras ações.

² O Clube Pontagrossense foi fundado em 1897 e integrado ao Clube Literário, em 1914, passando a chamar-se Clube Campos Gerais. No entanto, alguns sócios do antigo Clube Pontagrossense e do Clube Literário e Recreativo não se conformavam com a fusão dos clubes. Achavam que a cidade crescia e precisava de outro clube para alternar a programação com o Clube Campos Gerais. Desse modo, após quatro anos da existência do Clube Campos Gerais e por iniciativa de José Marques Guimarães, Egydio Doná, Jaime de Oliveira e José Domingos Garcia, foi fundado o Clube Pontagrossense, Social, Recreativo e Literário. A primeira Diretoria foi assim constituída: Presidente: José Domingos Garcia; Vice-Presidente: Egydio Doná; Secretário: Jaime de Oliveira; Tesoureiro: José Marques Guimarães; 2.º Tesoureiro: Michel Laidane. Desde sua fundação, contou com membros de conhecidas famílias em seu quadro de associados. Em 7 de setembro de 1919, o clube foi oficialmente fundado como uma homenagem à “data cívica”. Nesta ocasião o clube contava com quinhentos e vinte sócios, dentre eles cinqüenta fundadores e nove sócios honorários. Em 1923 inaugurou-se a sede, na Praça da Igreja matriz de Ponta Grossa, onde se encontra até os dias atuais. Em 1997, o Clube Pontagrossense uniu-se ao Clube da Lagoa e passou a chamar-se Clube Ponta-Lagoa. Esta fusão representou a formalidade de transformar os clubes num só uma vez que os sócios de ambos eram praticamente os mesmos, membros de famílias das elites locais. A concretização da associação resultou do empenho dos senhores Dr. Emanuel Borges Macedo da Silveira, último presidente do Clube Pontagrossense, e Antonio Lucas Araújo Hyczy, último presidente do Clube da Lagoa. (CLUBE PONTAGROSSENSE. Órgão Oficial de Divulgação do Clube Ponta-Lagoa. Ponta Grossa, mar. 2000. Disponível em: <http://www.clubepontalagoa.com.br> Acesso em 21/12/2007).

São olhares que reconstituem significados do concurso por meio de um *corpus* documental formado por artigos jornalísticos, documentos oficiais e revistas publicadas pela multinacional Sanbra. Esses documentos, quando investigados, compõem a memória escrita do evento e são entremeados com as vozes entrevistadas. Tecer o emaranhado de práticas simbólicas e objetivadas que organizaram os cenários do concurso Rainha da Soja, cujo espaço possibilitou que jovens mulheres desempenhassem atos representativos de classe e gênero, torna-se essencial para a compreensão das relações entre a política, a economia e o feminino, no contexto histórico definido para este estudo. Assim, a reconstrução do contexto político e econômico complementa-se com a apresentação das festividades que abrigavam a cerimônia de eleição.

2.1 A PRINCESA DOS CAMPOS: DE “CAPITAL CÍVICA” À “CAPITAL MUNDIAL DA SOJA”

Olhando-se para longe, nota-se que os belos campos que rodeiam a cidade, também mudaram. A soja, principalmente e outras culturas substituíram gramíneas verde-esmeralda, ainda mais que a tecnologia chegou aos Campos Gerais, tratando o solo e fazendo-o produzir.

CHAMMA³

Desde sua primeira edição, em 1971, o concurso Rainha da Soja foi organizado pela Prefeitura Municipal de Ponta Grossa em parceria com a multinacional Sanbra, uma das principais incentivadoras e mantenedoras do evento. A empresa possuía como principais acionistas sociedades anônimas sediadas no Panamá e, no Brasil, mantinha sede em São Paulo, além de fábricas, usinas e escritórios espalhados em vários estados para a comercialização e exportação de matéria-prima agrícola,

³ CHAMMA, G. **Ponta Grossa: o povo, a cidade e o poder.** Ponta Grossa, 1988.

especialmente fibras vegetais e sementes oleaginosas. Já implantada no Paraná, mais especificamente nas regiões Norte e Nordeste do Estado, com silos e usinas de beneficiamento de grãos, em 1970, a multinacional propôs a construção de um complexo agroindustrial em Ponta Grossa.⁴ (ANEXO 9). O complexo previa uma refinaria para industrializar o óleo de soja e uma unidade produtora de gordura vegetal e margarina. Essa ampliação nas atividades reforçava a presença da indústria no ramo da exportação de produtos industrializados à base de soja.⁵

A escolha de Ponta Grossa para a implantação da unidade não foi aleatória, mas resultado de pesquisas exploratórias que priorizaram localização, benefícios fiscais municipais e estaduais e potencialidade de áreas produtivas.⁶ De porte médio, contando com universidade e meios de comunicação, localizada na região

4 Quatro meses depois do anúncio feito ao governador do Paraná, com pompa, os diretores da Sanbra assinaram, no Gabinete do Prefeito de Ponta Grossa, na presença de empresários locais, a escritura pública de compromisso de compra e venda do terreno escolhido para a construção do complexo. (JORNAL DA MANHÃ. Ponta Grossa, 09 nov. 1970, p.1).

5 PROJETO VISANDO À IMPLANTAÇÃO DE FÁBRICA DE ÓLEO DE SOJA EM PONTA GROSSA (PR). SANBRA. Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro. São Paulo, dezembro de 1970. p. 23-29.

6 A escolha de Ponta Grossa deu-se em função de dois aspectos principais: a procedência da matéria-prima e o escoamento dos produtos industrializados. Como a soja vinha do Sudoeste e Centro do Paraná, Oeste de Santa Catarina e Norte do Rio Grande do Sul e o destino dos produtos, como farelo para exportação e óleo produzido, era o Porto de Paranaguá e o mercado Centro-Sul do país, o estudo econômico dos fretes revelou que a indústria poderia ser localizada no eixo Paranaguá - Curitiba - Ponta Grossa. (PROJETO VISANDO À IMPLANTAÇÃO DE FÁBRICA DE ÓLEO DE SOJA EM PONTA GROSSA (PR). SANBRA. Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro. São Paulo, dezembro de 1970). Certamente, os benefícios fiscais oferecidos pela Prefeitura de Ponta Grossa foram decisivos na escolha da cidade, além de que a cidade oferecia uma boa estrutura. Ponta Grossa possuía 368 fábricas instaladas, 638 casas comerciais, um mercado municipal, 42 postos de gasolina, 70 hotéis e 18 bancos na área citadina. No que se refere ao âmbito acadêmico, existiam seis cursos superiores em funcionamento e na esfera da comunicação, a cidade contava com dois jornais diários – Jornal da Manhã e Diário dos Campos - , cinco estações de rádios e uma estação de televisão (PREFEITURA MUNICIPAL DE PONTA GROSSA. **Aqui, Ponta Grossa**: 1970. Administração Engenheiro Cyro Martins. 1969-73. Ponta Grossa: Planeta, 1970). Por seis anos, a empresa investigou o potencial produtivo da região sul. E por, pelo menos dois anos estudou a viabilidade da implantação do complexo em Ponta Grossa (DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 22885, 03 out. 1971, p. 8).

paranaense dos Campos Gerais⁷, a cidade encontrava-se no maior entroncamento rodo-ferroviário do sul do país. O sistema ferroviário, integrado pela Rede Viação Paraná – Santa Catarina, pela Rede Ferroviária Federal e pela Estrada de Ferro Central do Paraná, ligava a cidade a diversas outras localidades paranaenses e nos estados de São Paulo, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, incluindo as capitais dos três primeiros. Também vinculava a região à cidade litorânea de Paranaguá, onde se localiza o mais importante porto de escoamento de produtos no sul do país.

Paralelamente às ferrovias, o sistema rodoviário era fator preponderante para a economia regional. Estradas asfaltadas ligavam Ponta Grossa às regiões alcançadas pelas estradas de ferro: o Paraguai e a Argentina. Essa estrutura rodoviária fora resultado da política desenvolvida por Ney Braga, nos anos de 1960, quando o governador do Estado pôs em prática o Plano de Desenvolvimento do Paraná. Inspirado nas diretrizes da ideologia nacional-desenvolvimentista, o plano baseava-se na concepção de que o desenvolvimento econômico era função do Estado, que deveria planejá-lo, promovê-lo e organizá-lo. Com base nessas metas, a política de financiamento do Banco de Desenvolvimento do Paraná (BADEP) beneficiou grandes empresas oligopólicas, geralmente de capital estrangeiro ou a ele associados, privilegiando as empresas de bens de capital e bens intermediários afeitas à indústria pesada e à própria agroindústria⁸, como foi o caso das indústrias instaladas em Ponta Grossa.

⁷ Campos Gerais é uma estreita e alongada faixa de terras no Segundo Planalto Paranaense, formada de campos e entremeada de pequenos bosques de matas que se estende de Jaguariaíva até a margem direita do Rio Negro. (WACHOWICZ, R. **História do Paraná**. 6. ed. Curitiba: Vicentina, 1988) Segundo a historiadora Carmencita de Mello Ditzel, a região deve ser pensada numa perspectiva cultural e compreendida pela sua identidade histórica relacionada ao tropeirismo do século XVIII, quando os recursos naturais de abundantes pastos, com boa água e relevo suave propiciaram a paragem e o comércio de muare vindos do Rio Grande do Sul para São Paulo. (DITZEL, C. **Manifestações Autoritárias: o Integralismo nos Campos Gerais (1932-1955)**. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004).

⁸ OLIVEIRA, D. **Urbanização e industrialização no Paraná**. Curitiba: SEED, 2001.

Defendendo a industrialização e a integração das regiões do Estado, prejudicada pela centralização da produção cafeeira no Norte e pela evasão de divisas para São Paulo, cujos portos recebiam o café para exportação, a política desenvolvimentista priorizou a construção de uma infra-estrutura que permitisse reorganizar a economia paranaense.⁹ Dentre as obras, mereceu prioridade a Rodovia do Café (BR-376), estrada que liga o Norte do Estado com o Porto de Paranaguá, passando por Ponta Grossa. Com a conclusão dessa rodovia, passou a haver certa equidade nas exportações de café entre os portos de Santos, em São Paulo e de Paranaguá, no Paraná, atraindo divisas exportadoras para o Estado. Para Ponta Grossa, o término da construção da rodovia representou sua reinserção como ponto basilar na rede de transportes do Estado.

A localização de Ponta Grossa fazia jus aos discursos dos governantes militares quanto às propostas de desenvolvimento econômico pensadas para o Brasil da década de 1970. Medidas incentivadoras do crescimento industrial das regiões Sul e Nordeste eram anunciadas como procedimentos para romper a centralização de pólos industriais arraigados na região Sudeste, principalmente em São Paulo. Para atingir as estratégias econômicas, os governantes estimularam a formação de complexos industriais de “caráter regional aproveitando economias de escala”.¹⁰ Esses complexos deveriam priorizar a mão-de-obra local, a criação de intenso fluxo exportador de matérias-primas e produtos agrícolas industrializados. Essas ações resultaram na e priorizaram a associação do capital nacional ao

⁹ Para se ter uma idéia dos investimentos, dos recursos do Fundo de Desenvolvimento Econômico (FDE), 80% foram destinados a gastos com o setor público, sendo que 36% foram delegados para o setor de energia elétrica e 30% para a construção de estradas. (OLIVEIRA, R. C de. (org.). **A Construção do Paraná Moderno: Políticos e Política no Governo do Paraná de 1930 a 1980.** Curitiba: SETI, 2004. p. 69)

¹⁰ BRASIL. **Projeto do II Plano Nacional de Desenvolvimento (1975-1979).** Governo Ernesto Geisel. 1975-1979. Brasília: IBGE, set. 1974. p. 29-37.

internacional e a formação de conglomerados agroindustriais.¹¹ Com base nessas orientações, a modernização da agricultura brasileira significou sua articulação, por um lado, com a indústria produtora de insumos e bens de capital agrícolas e por outro, com a indústria processadora de produtos agrícolas, a agroindústria. A multinacional Sanbra correspondia a essas diretrizes e suas propostas embasavam-se nas orientações e pretensões da equipe econômica do governo federal.

Considerando a fala oficial e os interesses da multinacional, Ponta Grossa apresentava inegáveis vantagens geográficas, econômicas, políticas e sociais para a instalação do conglomerado interessado em estabelecer-se no sul do país. Composto com as questões geográficas e econômicas, as diretrizes políticas locais também contribuíram para a instalação da Sanbra.

No final dos anos de 1960, grupos políticos e empresariais locais discutiam estímulos para a vinda de indústrias à Ponta Grossa sob argumentos de que “o desenvolvimento econômico [local] [estava] baseado em atividades quase que exclusivamente comerciais e [que havia] poucas tentativas corajosas para

¹¹ Os procedimentos adotados pela multinacional Sanbra seguiam as orientações econômicas dos governos militares que, desde o governo de Castelo Branco (1964-1967), adotaram a perspectiva liberal para a economia com ampla liberação e movimentação de capital estrangeiro privado e diminuição da presença do Estado na economia. O governo do general Emilio Garrastazu Médici (1969-1974) delineou o chamado “Milagre Econômico”, ao aproximar a conjuntura internacional, pautada em financiamentos externos e aumento das exportações, às condições internas do país, com capacidade produtiva ociosa e mercado consumidor inexplorado; e ao recrudescimento político imposto ao Brasil. O II Plano Nacional de Desenvolvimento, elaborado no governo de Ernesto Geisel (1974-1979), orientava que a agricultura e a pecuária deveriam desempenhar “novo papel na estratégia nacional de desenvolvimento”, isto é, “efetivar a vocação do Brasil como supridor mundial de alimentos, matérias-primas agrícolas e produtos agrícolas industrializados”. Para atingir tal propósito dever-se-ia modernizar e dotar de bases empresariais o setor agropecuário, “principalmente no Centro-Sul”, por meio da disseminação da empresa agrícola e apoio financeiro e fiscal. Reforçando a perspectiva liberal, no tocante às estratégias industriais, o Plano determinava que competia à iniciativa privada investir e produzir, cabendo ao Estado desenvolver uma política de planejamento que atenuasse os desníveis regionais e evitasse a concentração das atividades industriais em São Paulo e Belo Horizonte. Desse modo, o governo estimulava a formação de “complexos industriais de caráter regional aproveitando economias de escala”. (MAZZALI, L. **O processo recente de reorganização agroindustrial: do complexo à organização “em rede”**. São Paulo: Unesp, 2000; BRASIL. **Projeto do II Plano Nacional de Desenvolvimento (1975-1979)**. Governo Ernesto Geisel. 1975-1979. Brasília: IBGE, set. 1974).

estabelecimento de bases industriais”.¹² A idéia de desenvolver a cidade através de sua industrialização, alterando a predominância das atividades comerciais, fortalecia-se e gradativamente encontrava respaldo em diversos segmentos sociais. A implantação de indústrias era vista como solução para a estagnação econômica que a cidade e a região dos Campos Gerais vinham sofrendo.

Reconhecida como importante entreposto ferroviário e comercial no decorrer da década de 1930, devido às ferrovias e ao comércio de erva-mate e madeira, Ponta Grossa perdeu esse lugar por múltiplos fatores. Dentre estes é possível citar o agravamento da crise ervateira e madeireira, no sul e sudoeste paranaenses e a consolidação do ciclo cafeeiro no norte do Estado.¹³

Assim, a idéia da industrialização como solução dos problemas locais poderia relacionar-se com o que o geógrafo Leonel Monastirsky, em estudo sobre o processo de mitificação da ferrovia em Ponta Grossa, denominou de “mito de Ponta Grossa como ‘cidade-progresso’”.¹⁴ Para o geógrafo, esse mito surgiu com a implantação das estradas-de-ferro e das estações locais que, no decorrer dos anos de 1920 e 1930, converteram-se em símbolos de “crescimento, progresso, desenvolvimento”, concepções incorporadas às representações coletivas locais. No decorrer desses anos, a ampliação da população, por meio da chegada de grande contingente de imigrantes, e das atividades urbanas estabeleceram uma nova

¹² ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL DE PONTA GROSSA, Ponta Grossa. **Livro Ata das Reuniões da Diretoria 1961 a 1978**. Pronunciamento de Luiz Gonzaga Pinto em 01 jul. 1968, Livro 7, Caixa 5.

¹³ CESÁRIO, A. C. Norte Novo: A Expansão da Fronteira e seu Conteúdo Simbólico. In: PAZ, F. **Cenários de Economia e Política**. Curitiba: Prephacio, 1991. p. 41-63. Ver também: IPARDES. **Paraná**. Economia e Sociedade. Governo do Estado do Paraná. Secretaria do Estado do Planejamento. Curitiba, 1982. LOWEN, C.L. **Favelas: Um Aspecto da Expansão Urbana de Ponta Grossa**. Dissertação. (Mestrado em Organização do Espaço) – Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita, Rio Claro, 1990.

¹⁴ MONASTIRSKY, L.B. **A mitificação do pátio central da RFFSA em Ponta Grossa**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997. Ver também: MONASTIRSKY, L.B. A mitificação da ferrovia em Ponta Grossa. In: DITZEL, C. de H.M.; SAHR, C.L. **Espaço e Cultura: Ponta Grossa e os Campos Gerais**. Ponta Grossa: UEPG, 2001. p. 37-52.

dinâmica social.¹⁵ As expectativas coletivas de progresso se concretizaram nas ferrovias, símbolos de progresso e da identidade local. Identidade construída em representações de desenvolvimento e representatividade nas esferas políticas e econômicas do Estado, esta última conquistada no processo de urbanização, do comércio e da situação de entreposto.¹⁶ Nos anos de 1940 e 1950, com a colonização do Norte e a intensa produção cafeeira, o eixo de importância deslocou-se para o Norte do Estado instituindo, na sociedade ponta-grossense, uma situação de estranhamento, de ausência de símbolos capazes de ancorar e objetivar as representações partilhadas coletivamente em relação às expectativas para a cidade.¹⁷

Nesse período, o tempo das ferrovias passou a significar o passado e os anseios de progresso e desenvolvimento projetaram-se para novos símbolos, como a implantação de indústrias e rodovias. Desse modo, a concepção de progresso foi re-significada, pois:

Todos os sistemas de classificação, todas as imagens e descrições que circulam dentro de uma sociedade [...] implicam um elo de prévios sistemas e imagens, uma estratificação na memória coletiva e uma reprodução na linguagem que, invariavelmente, reflete um conhecimento anterior, e que se comporta como um “a acontecer”.¹⁸

¹⁵ Para saber mais sobre as alterações urbanas sofridas por Ponta Grossa no decorrer dos anos de 1930, ver: CHAVES, N. B. A “cidade civilizada”: cultura, lazer e sociabilidade em Ponta Grossa no início do século XX. In: DITZEL, C. de H. M.; SAHR, C. L. L. **Espaço e cultura: Ponta Grossa e os Campos Gerais**. Ponta Grossa: UEPG, 2001, p.65-76. _____. **A cidade civilizada: discursos e representações sociais no jornal Diário dos Campos, na década de 1930**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2001.

¹⁶ Em 1912, Nestor Victor escrevia o livro “A Terra do Futuro. Impressões do Paraná”, resultado de suas viagens pelo Estado. Neste período, os ponta-grossenses defendiam que a cidade poderia transformar-se num pólo industrial do Estado. Numa conversa com o escritor, um estranho teria lhe confiado: “os pontagrossenses [sic] persuadem-se de que a sua cidade se destina a ser o empório industrial do Estado”. Esse simples fragmento indica que as pretensões e expectativas de industrializar a cidade remontam ao início do século XX, tendo sido concretizadas nos anos de 1970. (VICTOR, N. **A Terra do Futuro. Impressões do Paraná**. 2. e. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996. p. 226.).

¹⁷ MOSCOVICI, S. **Representações Sociais**. Investigações em Psicologia Social. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

¹⁸ Ibid., p. 37.

A ênfase no desenvolvimento industrial, defendida nos discursos e práticas de grupos econômicos, políticos e jornalísticos, no decorrer dos anos de 1970, pode ser compreendida como ação potencial para a recuperação de Ponta Grossa nas esferas de importância do Estado.

A concretização das pretensões políticas e econômicas teve início no período compreendido entre os anos de 1969 e 1973, quando a cidade esteve sob a administração municipal do prefeito Cyro Martins.¹⁹ Sob o lema "O futuro é hoje", contando com o apoio de um grupo de empresários e profissionais liberais ligados à Aliança Renovadora Nacional (ARENA), à Associação Comercial e Industrial (ACIPG), a clubes de serviço – como o Rotary Club – o engenheiro civil e funcionário público Cyro Martins foi eleito Prefeito de Ponta Grossa em 1968.²⁰ O compartilhamento de diversos espaços sociais, pelos membros do grupo, denota a composição de uma elite que acumulava capital econômico, político, cultural e cujas posições e estilos de vida os aproximaram para apoiar o candidato que correspondia às pretensões pessoais e pensadas para a cidade. Conformava-se um campo de poder que, simbolicamente, agiria em prol dos anseios coletivos. Membros desse

¹⁹ Cyro Martins era natural de Ponta Grossa, casado com Dircéia Ignez Martins e pai de quatro filhos. Graduado em Engenharia Civil pela Universidade Federal do Paraná, foi professor no Colégio Regente Feijó e Colégio Agrícola Augusto Ribas, em Ponta Grossa. Funcionário público chefiou o 5º Distrito Rodoviário do Departamento de Estradas de Rodagem (DER), em Guarapuava e exerceu outras funções no Departamento de Edificações e Obras Especiais (DEOE), em Ponta Grossa, onde presidiu o Rotary Clube Vila Velha. Filiado a Aliança Nacional Renovadora (Arena), tomou posse da Prefeitura Municipal de Ponta Grossa em 31 de janeiro de 1969 e durante o mandato foi eleito presidente da Associação dos Municípios do Paraná (AMP). No mandato de Luiz Gonzaga Pinto, em 1973, exerceu o cargo de Secretário Municipal de Obras e Serviços Públicos. Foi deputado estadual de 1979 a 1983. Faleceu em novembro de 1986. (CÂMARA MUNICIPAL DE PONTA GROSSA. **Prefeitos e Vereadores de Ponta Grossa até 1996.** p. 5, Acervo Casa da Memória Paraná).

²⁰ JORNAL DA MANHÃ. Ponta Grossa, n. 4304, 01 abr. 1969, p. 2.

grupo, como o engenheiro Luiz Gonzaga Pinto²¹ e o médico Amadeu Puppi²², também estiveram à frente do Executivo Municipal e participaram diretamente do concurso Rainha da Soja, sendo o último, pai de uma das Rainhas eleitas.

Considerando que “o capital simbólico só existe pela representação que os outros fazem, na medida em que compartilham um conjunto de crenças apropriadas a fazer com que percebam e apreciem certas propriedades e certas condutas”²³, assim Cyro Martins reuniu práticas e discursos cujos sentidos foram compartilhados por expressiva parcela da sociedade ponta-grossense e que permanecem nas lembranças daqueles que evocam esse tempo como um período de progresso local. Meses após assumir a Prefeitura, Cyro Martins foi eleito presidente da Associação dos Municípios do Paraná (AMP), fato que motivou muitos comentários na imprensa local e sintetizou as expectativas projetadas sobre o personagem político.

A tendência manifestada por parte dos prefeitos paranaenses de entregarem ao engenheiro Cyro Martins a presidência da Associação Paranaense dos Municípios é, antes de tudo, uma demonstração de

²¹ Luiz Gonzaga Pinto, nasceu em Piranguinhos, Minas Gerais, é casado com Glaura Barbosa Pinto e pai de sete filhos. Filado a Aliança Renovadora Nacional (Arena) foi eleito prefeito de Ponta Grossa, em 1973. Dois anos depois renunciou ao cargo para assumir a Secretaria de Estado da Indústria e Comércio. Proprietário e, por anos, Diretor-Presidente da Metalúrgica Santa Cecília, foi presidente da Associação Comercial e Industrial de Ponta Grossa (ACIPG) e provedor da Santa Casa de Misericórdia de Ponta Grossa. Durante sua administração concedeu exclusividade à Sanepar para a exploração do sistema de água e esgoto do município, realizou obras de infraestrutura na Cidade Industrial, inaugurou a Estrada de Ferro Central do Paraná ligando Ponta Grossa a Apucarana, entre outras atuações. (CÂMARA MUNICIPAL DE PONTA GROSSA. **Prefeitos e Vereadores de Ponta Grossa até 1996**. p. 5. Acervo Casa da Memória Paraná).

²² Amadeu Puppi, nascido em Campo Largo, Paraná, era casado com Carmem Koehler Puppi e pai de cinco filhos. Graduado em Medicina pela Universidade Federal do Paraná, foi diretor dos hospitais 26 de Outubro e São Lucas (atual Pronto Socorro Municipal), em Ponta Grossa. Pertenceu ao Partido Social Democrata (PSD) e Aliança Nacional Renovadora (Arena), pelos quais foi vereador e deputado estadual em 1950, 1954, 1958, 1962 e 1965, sucessivamente. Assumiu a Prefeitura Municipal de Ponta Grossa em 1975, em substituição a Gonzaga Pinto, e em sua administração construiu o Aeroporto do Botuquara e dois colégios polivalentes. Também em sua gestão, a cidade recebeu a visita do Presidente Ernesto Geisel que aqui esteve para inaugurar um trecho da rodovia entre Ponta Grossa e Itapeva. Deixou a Prefeitura, ao final do mandato, em 1977 e faleceu em 1991. (CÂMARA MUNICIPAL DE PONTA GROSSA. **Prefeitos e Vereadores de Ponta Grossa até 1996**. p. 6. Acervo Casa da Memória Paraná).

²³ BOURDIEU, P. **Razões Práticas**. Sobre a teoria da ação. São Paulo: Papyrus, 1996. p.107.

confiança em Ponta Grossa. Sempre representamos um papel de importância dentro do Paraná e, pela posição geográfica que desfrutamos, exercemos notada influência sobre vasta região interiorana. E jamais perdemos esse posto, embora tenhamos sofrido alguns golpes: uns decorrentes do próprio progresso de outras cidades, outros pela falta de visão dos nossos homens públicos. A fraqueza, a ausência de espírito público, a falta de objetividade de alguns de nossos políticos geraram prejuízos a Ponta Grossa. Prejuízos no campo das realizações concretas, na representatividade da cidade perante as demais comunas. Com a posse do engenheiro Cyro Martins, a cidade deverá encerrar um ciclo que foi caracterizado pela predominância da política partidária sobre a administração pública. [...] Será – e assim os princesinos esperam – o tempo da técnica, do dinamismo, no trato dos negócios municipais. O cargo de prefeito deverá ser utilizado para administrar, deixando de ser trampolim para novas campanhas [...] Que esta confiança seja correspondida com muito trabalho, dedicação e esforço.²⁴

É possível identificar na fala do articulista uma visão da situação de Ponta Grossa em relação aos deslocamentos dos eixos político e econômico e a forma como se instituiu uma imagem do prefeito capaz de reorganizar e personificar os anseios coletivos dos ponta-grossenses, inconformados com as condutas de políticos antecessores. A esperança de dias alvissareiros só poderia ser reconquistada por meio do “Trabalho e Progresso”, outro lema do prefeito, e de sua conduta “ilibada e tecnicista”. Essa imagem construía-se em discursos jornalísticos que representavam o prefeito como alguém sério, incorruptível e determinado a depurar o governo municipal, contra o empreguismo²⁵, ausência de planejamento técnico-administrativo e uso da máquina pública para promoções pessoais. Essas representações atribuíam a Cyro elevado nível de capital político, na conjuntura política e econômica local e estadual. Sua imagem fortalecia-se conforme este capital político se convertia em capital simbólico e a sociedade ponta-grossense reconhecia no prefeito alguém apto a concretizar as almejadas metas de progresso. A retomada da importância da cidade para o cenário estadual assim como o desenvolvimento pelo qual passou

²⁴ JORNAL DA MANHÃ. Ponta Grossa, n. 4252, 28 jan.1969, p. 1.

²⁵ O termo “empreguismo” é usado nos artigos e crônicas jornalísticas para se referir aos cargos públicos municipais ocupados por pessoas que não compareciam ao trabalho. Os chamados “empregos fantasmas”.

durante a administração de Cyro Martins constituem-se em elementos presentes nas lembranças dos ponta-grossenses ao referirem-se ao período. Independentemente dos agravantes ocasionados pelo rápido desenvolvimento urbano, as ações positivas do prefeito são constantemente reconstruídas na memória local.

Esse personagem político defendia a necessidade de:

Dotar Ponta Grossa de um Parque Industrial para propiciar, de modo efetivo, o seu constante progresso, em busca de seu destino histórico, com a patriótica participação de seus filhos e daqueles que, embora não pontagrossenses, conosco comungam nessa empreitada louvável.²⁶

Esse ideal de progresso sustentava-se na concepção de industrialização e na legitimação deste mesmo ideal como algo necessário e benéfico a todos. Freqüentes visitas de ministros a Ponta Grossa, ampliavam as expectativas.²⁷

Foi na ACIPG que o projeto de industrialização da cidade começou a ganhar forma. Defendendo a linha desenvolvimentista pautada na industrialização, Luiz Gonzaga Pinto, presidente da associação²⁸, argumentava:

Que o aproveitamento de restritos recursos naturais, aliado a utilização de matéria-prima de outros municípios, visando o aproveitamento de nossa mão-de-obra, situação geográfica privilegiada e de excelentes vias de comunicações, aplicados à industrialização é o caminho certo para Ponta Grossa.²⁹

²⁶ PONTA GROSSA. **Plano de Desenvolvimento Industrial de Ponta Grossa**. Mensagem e Projeto de Lei, encaminhados pelo Prefeito Municipal à Câmara Municipal de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 1969.

²⁷ DIÁRIO DOS CAMPOS, n. 21603, 27 mar. 1969, p. 2.

²⁸ CHAVES, N. **Do Centro de Comércio e Indústria ao Selo Social**. Economia e Sociedade Ponta-grossense. Ponta Grossa: UEPG, 2006.

²⁹ ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL DE PONTA GROSSA. **Livro de Atas das Reuniões da ACIPG de 1968 a 1971**. Livro 7, Caixa 5, p. 11.

Concepção compartilhada pelo prefeito. Reconhecia que a situação econômica do município era “frágil” diante dos municípios “agrícolas por excelência”³⁰, restando-lhe a industrialização como via alternativa. Ambos os discursos encontravam-se em sintonia com as tendências governamentais militares condensadas no Plano Estratégico de Desenvolvimento, implementado com o objetivo de conter o processo inflacionário e acelerar o desenvolvimento nacional.³¹

As falas de Gonzaga Pinto e de Cyro Martins sintetizavam as conclusões das muitas pesquisas desenvolvidas para definir diretrizes para a política agroindustrial no sul do país.³² Ponta Grossa era indicada pelo fato de ser “ponto central do sistema de comunicação” do Paraná, contar com “estradas rodoviárias e ferroviárias para todas as regiões do Estado e, também, para os demais importantes pontos da economia brasileira como São Paulo, Rio de Janeiro e sul do Brasil”, além de possuir o sistema energético da Companhia Paranaense de Eletricidade (COPEL) e ampla oferta de mão-de-obra. Uma vez mais a localização de Ponta Grossa foi vista como o “fato mais importante que recomenda a cidade como possível pólo de desenvolvimento industrial”.³³

Influenciados pelas perspectivas otimistas, os dirigentes da ACIPG criaram, em 1969, o Departamento de Desenvolvimento Econômico (DEDEC)³⁴ objetivando “realizar um trabalho dos mais efetivos, proporcionando facilidades para a criação de

³⁰ BOSON, D. (coord.). **Brasil Operação Sul**. São Paulo: Serviços de Imprensa, agosto 1971.

³¹ GASPARI, E. **A ditadura escancarada**. Ilusões armadas. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

³² Dentre essas pesquisas uma delas, intitulada “Plano de Industrialização Regional” e organizada pela Comissão Interestadual da Bacia Paraná-Uruguai, em 1963, apontou como principais pólos de desenvolvimento no Paraná, as cidades de Curitiba, Londrina, Maringá, Apucarana, Guarapuava e Ponta Grossa. (BRASIL. **Relatório da Comissão Interestadual da Bacia Paraná-Uruguai**. Brasília: CIBPU, 1963).

³³ Ibid., p. 112.

³⁴ A primeira composição do DEDEC contou com a participação de Ítalo Gomes Napoli, Luiz Gonzaga Pinto, Leodegar P. Correia, Clovis de Almeida, José Bernardi, Ramiro Piekarski e Carlito Moro. (ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL DE PONTA GROSSA. Ponta Grossa. **Livro de Atas das Reuniões da ACIPG de 1968 a 1971**. Pronunciamento de Luiz Gonzaga Pinto em 24 fev. 1969, Livro 7, Caixa 5).

novas indústrias e um grande incentivo para o aumento da produção das já existentes”.³⁵ Em pouco tempo, o Departamento passou a ser órgão de Assessoria da Secretaria de Economia da Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, conforme um protocolo assinado entre a ACIPG e o Poder Executivo. Esse gesto político concretizou as redes de interdependência entre as forças econômicas, representadas pelos membros da Associação Industrial e a força política personificada na figura do prefeito. No mesmo ano, Luiz Gonzaga Pinto apresentou o projeto do Plano de Desenvolvimento Industrial de Ponta Grossa (PLADEI).³⁶ Em pouco tempo o Plano foi aprovado na Câmara dos Vereadores.³⁷

Dois pontos chamavam a atenção no Pladei, o plano foi motivo de críticas e também de ampla repercussão no Estado, inspirando inclusive os planos de industrialização de outras cidades paranaenses, como Londrina.³⁸ O mais polêmico deles dizia respeito ao aproveitamento dos recursos recolhidos em impostos municipais já

³⁵ DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 21556, 29 jan. 1969, p. 1.

³⁶ O aspecto jurídico e tributário do plano ficou sob responsabilidade do paulista, Fábio Fanucchi, advogado e professor de Direito Tributário na Faculdade de Direito da Universidade de Mackenzie, em São Paulo e fundador e professor do Instituto Brasileiro de Estudos Tributários. O tributarista contou com o apoio da equipe composta pelos ponta-grossenses José Bernardi, o advogado Wilson Comel e Archimedes Carlos Gobbo, todos membros da ACIPG (CÂMARA DOS VEREADORES. Ponta Grossa **Ata das Sessões realizadas nos dias 13 dez. 1968 a 9 set. 1970 e 05 set. 1969**, Livro15, v. 28; CÂMARA DOS VEREADORES. Ponta Grossa **Ata da Sessão realizada no dia 05 set. 1969**, Livro15, v. 28).

³⁷ No ano de 1969, os jornais locais criticavam a ausência de uma legislação pertinente para o plano de industrialização do município. A administração anterior a Cyro Martins havia apresentado um Projeto de Lei “que vinculava as isenções [tributárias] ao número de empregos gerados pelas novas indústrias. Critério duramente criticado, pois segundo o cronista, “qualquer indústria procura alcançar o maior grau possível de mecanização” onerando, assim, a geração de empregos e inviabilizando, desse modo, o alcance do benefício. Esse Projeto de Lei foi arquivado na Câmara de Vereadores para dar espaço ao Pladei, com base na convicção de Cyro Martins e de sua equipe sobre a “necessidade da fixação de uma legislação de grande alcance”. O pladei sofreu apenas um voto contra emitido pelo vereador emedebista Ernani Batista Rosas. (JORNAL DA MANHÃ. Ponta Grossa, n. 4287, 12 mar. 1969, p. 1; CÂMARA DOS VEREADORES. Ponta Grossa **Ata das Sessões realizadas nos dias 13 dez. 1968 a 9 set. 1970 e 05 set. 1969**, Livro 15, v. 28, p. 62v).

³⁸ DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 21770, 20 set. 1969, p. 3; FOLHA DE LONDRINA. Londrina, 12 abr. 1973, p. 2.

existentes evitando a criação de novas tarifas.³⁹ O segundo ponto era a ausência de personalidade jurídica e o caráter centralizador e autoritário do Plano, pois estava este vinculado diretamente ao Gabinete do Prefeito através do Conselho Superior de Controle e Administração (CONSUPER).⁴⁰

A essas questões o prefeito respondeu que o município possuía amparo constitucional para estipular regras jurídicas próprias, especificamente no que se referia à concessão dos estímulos fiscais partindo da receita tributária já arrecadada e não da cobrança de impostos em si. Quanto ao fato de inexistir personalidade jurídica, o prefeito afirmava que o controle do Pladei deveria ser exercido pela Prefeitura, como forma de “inculcar maior confiança dos investidores”, não havendo necessidade de separar os recursos financeiros do Plano e da Prefeitura.⁴¹ Assim, com perfil centralizador e respaldado pelas diretrizes federais que recomendavam ao Estado a responsabilidade de desenvolver uma política de planejamento industrial alicerçada em amplo apoio financeiro e fiscal, Cyro Martins implantou o Plano de Desenvolvimento Industrial de Ponta Grossa.

³⁹ Para atingir os objetivos previstos no Plano, os recursos seriam provenientes de “estímulos fiscais outorgados pelo município aos seus contribuintes de impostos, de campanhas de participação societárias de particulares nas empresas integrantes do sistema, de recursos públicos do Município” (PONTA GROSSA. **Lei n. 2157**, de 13 de setembro de 1969, Título I, Do Plano de Desenvolvimento Industrial de Ponta Grossa, art. 2º).

⁴⁰ O Consuper era um órgão colegiado presidido pelo Prefeito e com competência para planejar e executar medidas estimuladoras da industrialização. Além do prefeito, o Consuper previa a participação de mais sete membros escolhidos na classe industrial, comercial, Câmara dos Vereadores, sindicatos de trabalhadores, corpos docentes e discentes das faculdades e nos clubes de serviços e indicados em lista tríplice pelas entidades. No entanto, a decisão sobre os nomes indicados caberia ao prefeito que, desse modo, poderia restringir a participação de importantes segmentos representativos da sociedade civil. (PONTA GROSSA. **Lei n. 2157**, de 13 de setembro de 1969, Título II, Do Órgão Superior de Administração e Controle do Pladei, art.3º e 4º). Conforme o Decreto n. 551, de 31 de dezembro de 1969, o primeiro Conselho de Administração e Controle do Pladei (Consuper) ficou assim constituído: Vereador Oswaldo Spósito, representante da Câmara de Vereadores; Luiz Gonzaga Pinto, representante da Classe Industrial; Luiz Carlos Blanc, representante da Classe Comercial; José Bernardi, representante dos Clubes de Serviços; Wilson Comel, representante do Corpo Docente das Faculdades e Antonio Feltrin, representante do Corpo Discente das Faculdades (PONTA GROSSA. **Decreto Municipal 551/69**, de 31 de dezembro de 1969).

⁴¹ MARTINS, C. (Relator). Aula proferida na Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra, ADESG. **Ciclo de Estudos**, Pladei (Ponta Grossa), 1973. (Datilografado).

O objetivo do Pladei era incrementar as indústrias locais, atrair novas e criar uma cidade industrial.⁴² Além deste núcleo central, a “indústria sem fumaça” – denominação atribuída ao turismo no período estudado – também foi contemplada. Acompanhando orientações das esferas governamentais federais e estaduais que defendiam a “movimentação interna, viagens regionais [...], construção de bons hotéis e instalação de bons restaurantes”, os organizadores do Pladei estenderam os benefícios do plano a ações turísticas, “especialmente no tocante à construção e ampliação de hotéis e de restaurantes típicos”.⁴³ Assim, atendendo reclamações publicadas nos jornais locais sobre a inexistência de acomodações hoteleiras “de primeira linha”⁴⁴ em Ponta Grossa, um dos motivos do ineficaz aproveitamento do potencial turístico do Parque de Vila Velha, um grupo de “cidadãos princesinos” anunciou a construção do “maior hotel de turismo do sul do Brasil, em Ponta

⁴² As indústrias locais tinham garantido na lei assistência técnica para aumento da produtividade e para projetos de captação de recursos, mudança das instalações para a Cidade Industrial e o uso do imóvel em comodato e sua futura aquisição por doação. Os estímulos fiscais oferecidos aos contribuintes de impostos (indústrias já instaladas) referiam-se a reversão de 20% do Imposto Predial e Territorial Urbano, do Imposto sobre Serviços de Qualquer Natureza, da cota do Imposto Territorial Rural, do Imposto sobre a Renda e Proventos de qualquer Natureza; 25% da cota do Imposto sobre Circulação de Mercadorias – revogado posteriormente (PONTA GROSSA. **Lei n. 2157**, de 13 de setembro de 1969, Título IV, Dos Recursos para Aplicação do Pladei, Capítulo I, Estímulos Fiscais aos Contribuintes de Impostos, art. 23). Às novas indústrias, o Pladei garantia a cessão de terreno na Cidade Industrial e assistência técnica por um prazo mínimo. No entanto, a maior atração encontrava-se nas vantagens de natureza fiscal, como a isenção por cinco anos do Imposto Sobre Serviços de Qualquer Natureza, “contados da data em que iniciem sua produção”. Havia ainda a garantia de estímulos fiscais diretos e reversão de 29%, 4% a mais do que as indústrias já instaladas na cidade, dos impostos recolhidos sobre circulação de mercadorias (ICMS) pelo prazo de dois anos, “contados da data em que iniciem sua produção” –, artigo revogado posteriormente (PONTA GROSSA. **Lei n. 2157**, de 13 de setembro de 1969, Título V, Dos estímulos Fiscais Diretos as Empresas Industriais, art. 15, 38; PONTA GROSSA. **Lei n. 2157**, de 13 de setembro de 1969, Título III, Do Planejamento Geral, Capítulo I, Assistência às Indústrias Existentes, arts. 14, 20).

⁴³ PONTA GROSSA. **Lei n. 2157**, de 13 de setembro de 1969, Título VII, Da Concessão dos Benefícios, art. 44; PONTA GROSSA. **Lei n. 2157**, de 13 de setembro de 1969, Título VIII, Das Disposições Finais, art. 48.

⁴⁴ JORNAL DA MANHÃ. Ponta Grossa, n. 4336, 11 maio 1969, p. 1.

Grossa”⁴⁵, o Vila Velha Hotel, até pouco tempo considerado o melhor hotel da cidade. (ANEXO 10). Antes mesmo da aprovação do Plano de Desenvolvimento, reuniões extraordinárias foram convocadas pela ACIPG, com presença restrita de associados, para a apresentação do empreendimento que obteve aprovação da diretoria e da administração municipal.⁴⁶

Certamente tais relações de poder partilhadas entre os membros do grupo, que tinha o vice-prefeito e o proprietário de um dos jornais locais como componentes, foram decisivas para a contemplação dos benefícios do Pladei na área do turismo. Deve-se lembrar que esses empreendedores integravam também o grupo que apoiava o prefeito Cyro Martins, revelando uma rede de ações que visava a interesses pessoais a partir da divulgação de estratégias que tinham conotação de atender demandas coletivas.

Entretanto, nada causou maior comoção do que a notícia da implantação da Cidade Industrial de Ponta Grossa. A investigação sobre a melhor localização para a Cidade Industrial integrou o plano de viabilidade industrial cuja conclusão foi que a região leste da cidade, “Rodovia Ponta Grossa – Curitiba” era o lugar adequado para a instalação do distrito industrial.⁴⁷ No intuito de atrair as indústrias, a Prefeitura elaborou uma intensa campanha publicitária. Prospectos redigidos em português e inglês divulgavam a cidade e as vantagens do Pladei, com chamadas como: “Ponta Grossa está esperando, traga o parafuso”; “Traga sua indústria para Ponta Grossa.

⁴⁵ A empresa, de sociedade aberta como exigia o Pladei, era constituída por Wallace Pina, Bartholomeu Lisboa, vice-prefeito na Gestão de Cyro Martins, Wilson Wagner, Gustavo Horst, proprietário do Jornal da Manhã, Constancio Mendes e Pedro Simão. (JORNAL DA MANHÃ. Ponta Grossa. n. 4333, 08 maio 1969, p. 1).

⁴⁶ ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL DE PONTA GROSSA. Ponta Grossa. **Livro de Atas das Reuniões da ACIPG de 1968 a 1971**. Livro 7, Caixa 5. 14 abr. 1969, p. 57; 11 ago. 1969, p. 83-83v; 16 ago. 1969, p. 83v-84v; 01 set. 1969, p. 87v-89v.

⁴⁷ A área recomendada e adquirida pela Prefeitura Municipal em 1971, ou seja, dois anos depois de anunciada e aprovada a compra, pertencia a Rede Ferroviária Federal e atendia as exigências topográficas exigidas no plano. Conforme CÂMARA DOS VEREADORES. Ponta Grossa **Ata das Sessões realizadas nos dias 11 set. 1970 a 5 abr. 1972**, Livro 16, v. 28; JORNAL DA MANHÃ, Ponta Grossa, n. 4646. 17 maio 1970, p. 1; JORNAL DA MANHÃ, Ponta Grossa, n. 4659, 03 jun. 1970, p. 1; JORNAL DA MANHÃ, Ponta Grossa, n. 4716, 12 ago. 1970, p. 1.

E veja o que o Pladei pode fazer por ela”.⁴⁸ Correspondências foram emitidas, pelo Consuper e ACIPG, para várias indústrias e quando estas demonstravam interesse na instalação de unidades na Cidade Industrial, recebiam uma carta de opção de compra de terreno e contribuíam para aquecer o mercado imobiliário.⁴⁹ No saguão da Prefeitura Municipal, a população podia ver a maquete do projeto de indústrias estrategicamente colocada sob uma placa, com dizeres prognósticos: “Elas estão chegando”.⁵⁰ Esse processo publicitário tornou o Pladei reconhecido no Brasil e modelo para outras cidades.

Apesar do alardeado sucesso do Plano, entre o período de aprovação do Pladei até meados do ano de 1970, a cidade não havia definido sua vocação industrial. Uma crônica jornalística possibilita reflexões neste sentido, pois o cronista lamentava que “ainda existem pessoas, nesta cidade, que se dão ao velho vício de afirmar não estar Ponta Grossa progredindo”. Refletia que “ninguém pode negar que a Princesa dos Campos tem experimentado um progresso acentuado na extensão da sede urbana, mas e principalmente, no fortalecimento da economia”. Incitando a esperança concluía que

Ainda estamos vencendo a etapa de industrialização. Não mais estamos presos a simples extração e preparo primário da madeira. As indústrias de transformação e aproveitamento da matéria-prima em produto pronto para consumo estão se multiplicando.⁵¹

A crônica informa conflitos entre o discurso oficial e expectativas compartilhadas por setores da sociedade local que compreendiam o crescimento urbano como resultado do êxodo rural estimulado pela mecanização da lavoura e pela teórica oferta de

⁴⁸ PREFEITURA MUNICIPAL DE PONTA GROSSA. **Prospecto** “Ponta Grossa está esperando, traga o parafuso”. Plano de Desenvolvimento Industrial de Ponta Grossa, Pastas Cyro Martins, Pladei RG4055, Acervo Museu Campos Gerais.

⁴⁹ PASTAS Cyro Martins, Ponta Grossa, RG4139, Acervo Museu Campos Gerais.

⁵⁰ JORNAL DA MANHÃ. Ponta Grossa, 09 nov. 1971, p. 1.

⁵¹ JORNAL DA MANHÃ, Ponta Grossa, n. 4605, 01 abr. 1970, p. 1.

empregos na cidade. Neste sentido, as representações construídas em torno do personagem Cyro Martins careciam de objetivação, do estabelecimento de variáveis que reforçassem o consenso em torno de suas propostas econômicas e políticas.

A imagem de Cyro Martins, como o político capaz de ações estratégicas e práticas para que Ponta Grossa retomasse seu potencial econômico e político na conjuntura do Estado, consolidou-se com a chegada da Sanbra a Ponta Grossa. A notícia da construção do complexo industrial movimentou a cidade, que passou a receber inúmeras entidades relacionadas à agricultura e que vinham conhecer o desenvolvimento de Ponta Grossa.⁵² Em relação a esta movimentação de autoridades, Regina Puppi relembra que “Ponta Grossa foi uma pequena Brasília, no poder, no conhecimento, na agricultura. Interesses particulares vinham pra cá trazer divisas... Indústrias, agropecuária, a soja... Tudo fez a cidade prosperar”.⁵³

A imprensa local acompanhou minuciosamente o processo de implantação da Sanbra publicando notícias diárias em tom espetacular. Artefato que compõe as instâncias culturais, a publicidade funciona como mecanismo de representação e pedagogia que produz, entre outras coisas, “valores e saberes; condutas e modos de ser; identidades e representações e certas relações de poder”.⁵⁴ De modo semelhante, os jornais ponta-grossenses contribuíram para a consolidação da imagem da indústria como um espaço de realização dos anseios econômicos e sociais esperados pela cidade. Nessa configuração, a imprensa passou a publicar textos de enaltecimento da soja, de suas potencialidades no comércio internacional e na alimentação humana, numa evidente posição de incentivo à produção de soja e em conivência com a multinacional que procurava ampliar as áreas produtivas e ocupar espaços ociosos no campo.

⁵² DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 22981, 30 jan. 1972, p. 1; DIÁRIO DOS CAMPOS, Ponta Grossa, n. 23005, 02 mar. 1972, p. 1.

⁵³ PUPPI, R. Rainha da Soja de Ponta Grossa 1973. **Entrevista concedida à Adriana Cançado.** Ponta Grossa, 28 out. 2005. No decorrer do texto as entrevistadas serão apresentadas exclusivamente por seus nomes e títulos após a primeira referência completa da entrevista.

⁵⁴ SABAT, R. Pedagogia Cultural, Gênero e Sexualidade. **Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 21, p. 9-21, 2001.

Desde o início das obras do complexo agroindustrial, a Sanbra delimitou seu espaço como força econômica. Circundada por intensa publicidade e harmonizada com as forças políticas e econômicas locais, a multinacional passou a ancorar as representações de progresso almejadas, durante anos, por grupos da sociedade ponta-grossense. No lançamento da maquete do complexo agroindustrial, ocorrido na abertura da II Exposição Feira Agropecuária e Industrial de Ponta Grossa, Cyro Martins afirmou “que o pontagrossense passou a situar-se como integrante importante de uma cidade, em que se abrem os horizontes esplendorosos do futuro”⁵⁵ e atribuiu ao Pladei “o novo espírito empreendedor que passou a dominar as indústrias locais e a confiança das novas fábricas que vieram enriquecer nosso parque industrial”.⁵⁶

A partir de então se vivenciou, na cidade, a concretização das expectativas de desenvolvimento sustentado na implantação de grandes indústrias beneficiadoras da soja, produtoras de insumos e fornecedoras de implementos agrícolas. Os produtores passaram a investir na lavoura de soja e o prefeito Cyro Martins, com o apoio dos grupos empresariais que lhe sustentavam politicamente, deu início a uma série de ações visando à ampliação das lavouras de soja. A chegada da Sanbra e de suas empresas vinculadas começava a delinear uma identidade industrial local amparada na soja. (ANEXO 11) Na inauguração da indústria Irmãos Pereira, o presidente afirmou que,

Esta é uma terra abençoada, na qual ‘em se plantando tudo dá’. Estamos lançando as sementes de um empreendimento industrial que ajudará, estamos certos, a arrancada do desenvolvimento do povo paranaense. As razões que nos levaram a escolher este Estado são bastante conhecidas dos senhores: terra fértil, povo ordeiro e trabalhador, administração sensata e vontade coletiva de promover o desenvolvimento integrado, de modo a torná-lo em curto prazo, no principal celeiro do Brasil.⁵⁷

⁵⁵ JORNAL DA MANHÃ. Ponta Grossa, n. 4770, 16 out. 1970, p. 4.

⁵⁶ JORNAL DA MANHÃ. Ponta Grossa, n. 4773, 20 out. 1970, p. 1.

⁵⁷ DIÁRIO DOS CAMPOS, Ponta Grossa, n. 22871, 19 set. 1971, p. 3.

Ao lado dos elogios lançados ao povo paranaense, o favorável mercado internacional de grãos, as vultosas capacidades de armazenagem e de produção de cada unidade industrial eram sempre destacadas pelos jornais e associados a números grandiosos assim como às imagens construídas sobre as indústrias. Toda essa encenação inspirava um clima de otimismo na cidade, no sentido atribuído por Carlos Fico. Para o historiador, no período do chamado “milagre econômico”, setores médios e de elites urbanos, principalmente, experimentaram a vitalidade do sentimento de plena convicção de que os problemas brasileiros teriam solução e que aconteceriam em função de algumas características, enfocadas de forma mítica, como imaginário vivido.⁵⁸ Em Ponta Grossa e região, o otimismo fundamentava-se na industrialização como solução viável para os problemas de estagnação econômica e política. O cronista Vieira Filho registrou o clima de otimismo escrevendo, “Capital Mundial da Soja ou qualquer outro título não é o que importa. Mais importante mesmo é o otimismo e o entusiasmo do nosso povo em torno de um programa de trabalho”.⁵⁹

Nessa aura otimista, possibilidades de emprego eram evocadas. Os anúncios de empregos ocorriam em torno das obras das três maiores indústrias: Sanbra, Cargill e Irmãos Pereira, que juntas somavam 550 homens envolvidos na fase de construção.⁶⁰ Eram, porém, empregos temporários. Em termos de empregos

⁵⁸ FICO, C. **Reinventando o otimismo**. Ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil. Rio de Janeiro: FGV, 1997. p. 27-53.

⁵⁹ DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, 24 maio 1973, p. 10.

⁶⁰ DIÁRIO DOS CAMPOS, Ponta Grossa, n. 22965, 13 jan. 1972, p. 8.

definitivos, a Sanbra previa a oferta de 90 a 300 funções.⁶¹ Apesar de impulsionar empregos na área da construção civil, que se encontrava em franco desenvolvimento na cidade⁶², os números apresentados pouco representavam na totalidade populacional da cidade – 150 mil habitantes na área urbana, em 1970. Assim, o almejado desenvolvimento urbano, com reflexos na melhoria das condições sociais, não ultrapassou o impacto causado por campanhas publicitárias desencadeadas pelo governo municipal e pelas próprias indústrias, que se embasavam em slogans de “maiores”, “melhores”, “modernas” para referirem-se a si mesmas.⁶³ (ANEXO 12). O potencial exploratório das indústrias, o aumento da área plantada e da colheita, os lucros com a exportação da soja concentraram rendas, não geraram empregos suficientes, mas mascararam os conflitos e o clima de otimismo predominava.

Após a inauguração do complexo Sanbra, a cidade ficou conhecida como “Capital Mundial da Soja”, merecendo uma reportagem na Revista Veja, em 1973. Após visitar a cidade, o repórter escreveu que os ponta-grossenses “estavam

⁶¹ A indústria de fertilizantes Quimbrasil previa a geração de 90 empregos (DIÁRIO DOS CAMPOS, Ponta Grossa, n. 23043, 15 abr. 1972, p. 8). Em outra notícia, o jornal afirmava que “perto de 100 operários serão necessários para comandar o maquinário da fábrica. Para os departamentos industriais, manutenção, comercial, etc. empregar-se-ão 150 funcionários, perfazendo aproximadamente 250 o número de pessoal empregado” (DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 23065, 13 maio 1972, p. 1).

⁶² No início dos anos de 1970, o aumento de edificações verticais foi expressivo em Ponta Grossa. Para a geógrafa Cecilian Lowen Sahr, o incremento na área da construção civil representou a migração do capital excedente das atividades agropecuárias de grandes latifundiários para as atividades imobiliárias. Nesse período, morar em edificações verticais passou a significar distinção, associada à idéia de maior segurança, numa cidade que inchava em termos populacionais (SAHR, C. L. Estrutura Interna e Dinâmica Social na Cidade de Ponta Grossa. In: DITZEL, C. de H. M.; SAHR, C. L. L. **Espaço e Cultura:** Ponta Grossa e os Campos Gerais. Ponta Grossa: UEPG, 2001. p. 13-36). Foram comuns artigos jornalísticos que anunciavam as construções: “Surpreendente o progresso imobiliário de Ponta Grossa”. Neles, os jornalistas chamavam a atenção para os “prédios imponentes” que surgiam, e a “cidade alindando-se e modernizando-se (sic) à custa do seu crepitante progresso”. (DIÁRIO DOS CAMPOS, 15 de maio de 1940, p. 2).

⁶³ LOWEN, C. L. **Favelas:** Um Aspecto da Expansão Urbana de Ponta Grossa. Dissertação. (Mestrado em Organização do Espaço) – Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita, Rio Claro, 1990.

dispostos a abandonar um velho título que usavam com orgulho, ‘a Capital Cívica do Paraná’ para adotar o novo apelido.⁶⁴ Registrou ainda que Ponta Grossa encontrava-se “atravancada pelas longas filas de caminhões carregados de soja” e que “até funcionário público anda querendo plantar soja”.⁶⁵ Ponta Grossa transformara-se, de fato, na “Capital Mundial da Soja”, vivenciando um aquecimento econômico pautado na exportação da soja e nas oscilações do mercado internacional de grãos.

A instalação do complexo sambrino não se completara com o término das obras de engenharia. Interessava aos dirigentes estimular a plantação de soja na região de Ponta Grossa, no Sudoeste paranaense, em Santa Catarina e Rio Grande do Sul e para que esta pretensão se concretizasse fazia-se necessário criar métodos de divulgação e de estímulo para que as pessoas compartilhassem da idéia de que a soja era o produto do futuro. Neste sentido, e conivente com a proposta de capacitar o produtor agrícola, a Prefeitura e a Sanbra instituíram um evento sugestivamente denominado de “Encontro com a Soja”, com objetivos de discutir o processo produtivo do “grão de ouro”.⁶⁶

⁶⁴ O título de Capital Cívica foi atribuído, durante a Revolução de 1930, quando Getúlio Vargas, em viagem do Rio Grande do Sul a São Paulo, hospedou-se por uma noite em Ponta Grossa e foi aclamado presidente. (JORNAL DA MANHÃ. Ponta Grossa, 14 set. 1969, p. 8).

⁶⁵ REVISTA VEJA. São Paulo, 04 jul.1973.

⁶⁶ O ESTADO DO PARANÁ. Curitiba, 18 set. 1977, p. 4.

2.2 “A GLYCINE MAX⁶⁷ FAZ A FESTA”: OS ENCONTROS COM A SOJA

Ao estabelecer-se em Ponta Grossa a multinacional Sanbra, na figura de seus diretores, passou a integrar efetivamente o cotidiano da cidade interiorana alicerçada em fortes laços de “pessoalidade”⁶⁸, por meio da circulação destes representantes nos espaços político e social. Neste sentido, pondera-se que o usuário de certo espaço social torna-se parceiro num contrato social partilhado, assimilando códigos reconhecidos pelos seus pares na proporção dos benefícios simbólicos que pretende obter. Para conviver no espaço social da cidade, a multinacional, além dos aspectos materiais, apropriou-se de comportamentos mediadores do equilíbrio social, sendo aceita e reconhecida por isso.⁶⁹ Peggy Gutmann relembra que “a Sanbra fazia uma parte social, que não existia nas outras firmas. Era um marco aqui na cidade”.⁷⁰

Coincidindo com a lembrança da Rainha da Soja de 1978, no lançamento da pedra fundamental da indústria – que aconteceu durante a inauguração da Cidade Industrial, em 1971 - Carlos Antich, diretor-presidente, destacou esta aproximação dizendo que “seremos vizinhos muito próximos da população princesina”.⁷¹ Comprovando o prognóstico, a indústria participou de múltiplas atividades desenvolvidas na cidade, apoiando a prática desportiva, principalmente a natação e

⁶⁷ Nome científico da soja: *Glycine max* (L.) Merr. Disponível em http://www.plantamed.com.br/plantaservas/especies/Glycine_max.htm Acesso em 12 maio 2007.

⁶⁸ A geógrafa Joseli Maria Silva, amparada em pressupostos elucidados por Michel de Certeau, Pierre Mayol, Clifford Geertz e Gilberto Velho, discute a idéia de pessoalidade como elemento resultante do entrelaçamento entre as relações de caráter formal e as relações de afetividade, parentesco e respeito. Tal entrelaçamento origina certa confiança estabelecida em regras e códigos específicos relacionados à ética da convivência. (SILVA, J. M. *Cultura e Territorialidades Urbanas. Uma abordagem da pequena cidade. Revista de História Regional*, Ponta Grossa, v. 5, n. 2, Inverno 2000. p. 9-39).

⁶⁹ CERTEAU, M.; GIARD, L.; MAYOL, P. **A invenção do cotidiano**. Morar, cozinhar. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1996. p. 46-56.

⁷⁰ GUTMANN, P. Rainha da Soja de Ponta Grossa 1978. **Entrevista concedida à Adriana Cançado**. Ponta Grossa, 4 dez 2006.

⁷¹ DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 22260, 08 maio 1971.

o hipismo e distribuindo bolsas para estudantes.⁷² (ANEXO 13). A filosofia social da empresa também foi explanada pelo diretor de Relações Públicas da Sanbra, Paulo Schmidt, ao afirmar que a indústria participa plenamente “nos empreendimentos da comunidade, por entender que sua missão não se deve limitar à área econômica, mas que também deve contemplar, com interesse e dedicação, os mais expressivos aspectos do setor social”.⁷³ E de fato o fez. Se por um lado, a multinacional instalava-se na cidade com intenso poder publicitário acrescido pelas expectativas da sociedade local, consolidadas na materialização das indústrias, por outro, seus representantes passaram a partilhar estilos semelhantes ao estilo de famílias e grupos locais.

Assim, imbuída por perspectivas econômicas e sociais, a Prefeitura Municipal lançou o Encontro com a Soja com amplo apoio da Sanbra, cuja participação foi intensificada nos anos posteriores. De maneira geral, os Encontros duravam uma semana, no decorrer da qual técnicos, produtores, autoridades estaduais e federais reuniam-se para divulgar as vantagens da lavoura de soja e incentivar os proprietários de terra a dedicarem-se ao plantio. Desse modo, tinham como objetivos centrais: atrair e capacitar o produtor agrícola, esclarecer dúvidas e apresentar novidades sobre o plantio da leguminosa. Realizados por nove anos, os Encontros com a Soja envolviam “entidades de classe, clube de serviços, grupos produtores, gerentes de bancos e Câmara de Vereadores”.⁷⁴

As atividades realizadas durante os Encontros podem ser comparadas aos estudos de Mary Ryan⁷⁵ sobre as paradas norte-americanas do século XIX, que se

⁷² Instituiu, em 1974, o torneio “Troféu Sanbra de Natação”, competição que integrou o calendário oficial da Federação de Desportos Aquáticos do Paraná e envolveu agremiações de todo o Paraná, sendo sempre prestigiado por autoridades locais e regionais. (ATUALIDADES SANBRA. São Paulo: Gráfica Editora Hamburg, v. 1, n. 37, 1974).

⁷³ ATUALIDADES SANBRA. São Paulo: Gráfica Editora Hamburg, v. 1, n. 37, 1974.

⁷⁴ DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 22207, 04 mar. 1971.

⁷⁵ RYAN, M. A parada Norte-Americana: Representação da Ordem Social do Século XIX. In: HUNT, L. **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 177-209.

constituíam em espaços para afirmação de identidades que compunham a cultura daquele país. Os participantes das paradas não eram apenas agentes da ordem social, estavam também envolvidos na criação de uma cultura urbana, pois os grupos específicos instituíam suas identidades através de símbolos que representavam sua profissão ou grupo social. Os Encontros foram também espaços sociais para ostentação de poderio econômico por meio da exposição de implementos agrícolas, de circulação de agricultores, industriais e autoridades políticas. Assim, para a parcela da população que assistia ao evento, o poder apresentado por esses grupos significava o “milagre” que o progresso poderia trazer, representando emprego e melhoria de vida, sem que isso ocorresse empiricamente. O “1º Encontro com a Soja”, realizado em maio de 1971 nas dependências do Clube Guaíra⁷⁶, foi anunciado como uma grande festividade iniciada com o lançamento da pedra fundamental da Sanbra, na inauguração da Cidade Industrial. Reunindo técnicos e autoridades, como o governador Haroldo Leon Peres e o Ministro da Agricultura Fernando Cerne Lima, a participação mais importante dizia respeito à população, item ressaltado pela multinacional. O “Primeiro Encontro com

⁷⁶ Fundado em 1896 por famílias alemãs, de “boa situação financeira”, preocupadas em manter a cultura alemã. O uso do idioma alemão era obrigatório nas reuniões e na transcrição das Atas, assim como nas peças teatrais e em músicas. Presidido por Henrique Thielen, dono da Cervejaria Adriática, o clube foi chamado de “Clube Germânia”. Anos depois, ocorreu uma cisão entre os sócios do clube e parte deles fundou o Clube Beneficente Germânia, atual Princesa dos Campos (Verde). Entrevistado pela historiadora Aída Mansani Lavalle, o neto do fundador do Clube Germânia explicou que permaneceram neste clube as famílias alemãs voltadas ao comércio e à indústria e para o Germânia Beneficente teriam ido as famílias menos abastadas e dedicadas a profissões artesanais ou técnicas – latoeiros, pedreiros, pintores entre outras. Nesta concepção, os clubes teriam uma divisão com base no perfil socioeconômico dos associados. Ao primeiro, pertenceriam as elites alemãs e ao segundo, os grupos menos abastados. Ainda neste sentido, Alberto Thielen narrou que “o Germânia era diferente do Pontagrossense, era um Clube de imigrantes alemães, os quais não faziam parte daquela sociedade mais característica de Ponta Grossa”. Em 1942, o Clube Germânia passou a chamar-se Guaíra, numa atitude de demonstração de que os sócios não partilhavam da crise estabelecida entre o Brasil e a Alemanha e, como brasileiros, apoiavam o nacionalismo do Estado Novo, de Vargas. Atualmente, o prédio da sede do Clube foi adquirido pela Prefeitura Municipal de Ponta Grossa e o Clube Germânia-Guaíra foi extinto. (LAVALLE, A. M. **Germânia-Guaíra**. Um século de sociedade na memória de Ponta Grossa. Ponta Grossa: Centro de Publicações, 1996).

a Soja vai ser um verdadeiro e proveitoso simpósio sobre a cultura da leguminosa e uma festa de confraternização entre técnicos e agricultores e autoridades presentes e o povo de Ponta Grossa”, publicou a imprensa local. O artigo conclamava a participação da população que,

altiva e culta como é, está sempre pronta a emprestar a sua cooperação e prestígio a todo evento que diga respeito ao progresso e engrandecimento do seu município”, para, por fim, concluir a nota afirmando desafiadoramente: “Plante Soja e cresça com seu município!”⁷⁷

Com pequenas variações nos temas abordados, os Encontros se constituíam em ocasiões para a divulgação positiva do plantio da soja e das relações entre a economia – na figura da multinacional Sanbra – e da política – representada pela Prefeitura Municipal. Os programas oficiais dos Encontros contemplavam ciclos de conferências nos quais os mais “variados e interessantes assuntos sobre a soja, nos setores de alimentação humana e industrial”⁷⁸, eram oferecidos ao público interessado. Além de palestras, cursos, projeção de *slides* e filmes voltados para os interessados na cadeia produtiva da soja, os Encontros ofereciam diversão à população em geral. A programação do evento contava com exposições de grupos folclóricos, cursos e exposições de produtos alimentícios à base de soja, reforçando as discussões sobre “boas perspectivas da proteína da soja na alimentação humana”.⁷⁹

Essas atrações suscitavam o interesse de visitantes e contribuía para transformar a festividade num espaço de lazer, diversão e conagração social, estimulando a sociedade a sentir-se peça fundamental no evento. Certamente, o clima festivo, a participação popular e a associação entre questões técnicas e aspectos culturais dos Encontros contribuía para a interiorização, pelas pessoas,

⁷⁷ DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 4930, 29 abr. 1971, p. 4.

⁷⁸ JORNAL DA MANHÃ. Ponta Grossa, n. 4930, 29 abr. 1971, p. 4.

⁷⁹ DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 22976, 25 jan. 1972, p. 2.

de valores referentes à importância da soja. Além disto, enfatizaram possíveis benefícios trazidos para a cidade com a implantação da multinacional Sanbra, pois conforme o discurso das autoridades políticas e econômicas, a importância do projeto de industrialização da soja não se restringia ao “setor econômico-industrial”, mas pretendia alcançar benefícios “para o organismo humano”⁸⁰, isso equivalia dizer que atingiria a sociedade como um todo. Seguindo tal orientação, o governo municipal fez várias tentativas de incluir a soja na alimentação da população. Além dos cursos oferecidos nos Encontros, o leite de soja e a Proteína Texturizada de Soja (PTS) foram introduzidos nas escolas da Rede Municipal de Ensino.⁸¹

Em maio de 1972, durante a realização do 2º Encontro, o Paraná já ocupava o segundo lugar na produção nacional da soja atrás apenas do Rio Grande do Sul. Cultivada em rotação com o trigo⁸², a lavoura de soja recebeu intenso apoio das entidades governamentais e privadas, que pesquisavam as melhores técnicas, as sementes mais adaptáveis ao solo e clima e os mais eficazes fertilizantes.⁸³ Conivente com a situação, os temas abordados nas conferências do 2º Encontro

⁸⁰ DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 23579, 26 abr. 1974.

⁸¹ DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, 26 maio 1976, p. 2. As tentativas de incluir a soja na alimentação humana, em Ponta Grossa, revelaram-se também na produção de pães. Em maio de 1976, a Padaria Glória, a mais antiga do Paraná, à época, fundada em 1897 e localizada em Ponta Grossa, mereceu uma notícia no jornal “O Estado de São Paulo”, pelo fato de ser a pioneira, no Brasil, a usar a farinha de soja na fabricação de pães. (DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, 23 maio 1976, p. 16).

⁸² Ao propor uma agricultura da soja intercalada com o trigo, os dirigentes da Sanbra não causariam impacto na cultura praticada pelos tricultores, que não teriam nada a perder com a tentativa de plantar soja. Isto significava o cuidado que a empresa tinha ao implantar seu projeto num espaço culturalmente afeito ao tradicionalismo agropecuário (PROJETO VISANDO À IMPLANTAÇÃO DE FÁBRICA DE ÓLEO DE SOJA EM PONTA GROSSA (PR). SANBRA. Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro. São Paulo, dezembro de 1970). No que se refere ao uso de fertilizantes é possível constatar o gradual aumento de sua utilização. Em 1972, a importação de fertilizantes pelo Porto de Paranaguá atingia 52.534t; em 1974, 140.569t; em 1976, 266.890t; em 1978, 412.678t (IPARDES. **Paraná**. Economia e Sociedade. Governo do Estado do Paraná. Secretaria do Estado do Planejamento. Curitiba, 1982. p. 26). Segundo Manoel Machuca Neto, na década de 1970, 80,65% dos agricultores do município de Ponta Grossa cultivavam o binômio soja/trigo. (MACHUCA NETO, M. **Custos de produção, processamento e comercialização de sementes de soja no Município de Ponta Grossa**. Safra 1978/79. Minas Gerais, 1980).

⁸³ DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 22976, 25 jan. 1972, p. 2.

contemplaram a preparação e conservação dos solos, adubos, sementes, até herbicidas, colheitas, armazenagem, comercialização e industrialização da soja.

Nesse cenário de otimismo em relação à soja, Ponta Grossa recuperou o lugar de destaque na esfera econômica e política do Estado, devendo muito à instalação do complexo Sanbra, das indústrias que a acompanharam e ao aumento gradual das áreas destinadas à plantação da soja na região dos Campos Gerais. Uma vez mais, Regina Puppi recorda o clima de otimismo vivenciado exclamando que:

A política era enraizada com o governo! Com os ministros vindo pra Ponta Grossa, por causa do *boom* da soja... Festas maravilhosas, visitantes de outros lugares na Sanbra. Eles convidavam pessoas do Brasil inteiro, elas vinham pra cá de avião, helicópteros sabe... A cidade industrial cresceu muito!⁸⁴

Na mesma linha argumentativa e enfocando a importância da cidade na produção da soja, o prefeito conclamava os participantes dos Encontros a divulgar “lá fora o que aprenderam aqui em Ponta Grossa, pois o nosso objetivo é um só: incrementar a produção de soja em nosso estado, com alto valor nutritivo e de comercialização”.⁸⁵

Entretanto, o envolvimento da sociedade não se restringiu às apresentações artísticas e gastronômicas ofertadas no decorrer dos Encontros. Antecedendo, em poucos dias, a abertura dos Encontros acontecia um concurso envolvendo “estudantes dos cursos primários, secundários e colegial”. O objetivo era “despertar entre os estudantes o sentido da pesquisa em torno das qualidades alimentícias e industriais da soja, sua origem, classificação fitológica, adaptação ao meio, etc.”⁸⁶. No primeiro ano do evento, organizado pela Secretaria Municipal de Educação de Ponta Grossa, participaram exclusivamente alunos das escolas ponta-grossenses com redações sobre a soja. No segundo ano, a competição passou a ser chamada

⁸⁴ PUPPI, R. Rainha da Soja de Ponta Grossa 1973.

⁸⁵ DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 23064, 12 maio 1972, p. 1.

⁸⁶ JORNAL DA MANHÃ. Ponta Grossa, n. 4917, 12 maio 1972, p. 8.

de “Maratona Intelectual”, teve o quadro de participantes ampliado para escolas da região⁸⁷ e passou a ser constituída de provas orais realizadas nas instalações da TV Esplanada, à época, emissora local que transmitia a competição.⁸⁸ Certamente a transmissão agregava importância e auxiliava na popularização do evento uma vez que, nos anos iniciais da década de 1970, a televisão propagava-se como meio de comunicação indispensável nos lares brasileiros.

O 3º Encontro, realizado em maio de 1973 e sediado no Instituto de Educação Professor César Prieto Martinez, contou com o expressivo número de 350 pessoas inscritas e priorizou temas relacionados à exportação, fertilização, armazenagem, mecanização da soja. Essa festividade comemorou os 150 anos da cidade de Ponta Grossa e os 50 anos da Sanbra, motivando a confecção de uma moeda alusiva às duas comemorações e presenteadas às autoridades que visitaram as indústrias beneficiadoras da soja e também de um adesivo simbolizando o sesquicentenário.

Em maio de 1974 foi realizado o 4º Encontro com a Soja, também no Instituto de Educação Professor César Prieto Martinez, para um público de 398 pessoas. A abertura do Encontro contou com a presença do Secretário da Cultura do Estado do Paraná que de maneira otimista disse que “se fazia presente à solenidade por dois importantes motivos que o colocaram diante de uma realidade alentadora: o progresso de Ponta Grossa no seu vitorioso esforço pela industrialização e a extraordinária safra de soja que o Paraná registra esse ano”.⁸⁹ Nesse ano, a maratona intelectual contou com a participação de trinta e cinco estabelecimentos de ensino de catorze cidades da região dos Campos Gerais e o Serviço Social do Comércio (SESC) realizou uma exposição sobre a produção e industrialização da

⁸⁷ Passaram a participar da Maratona alunos das escolas estabelecidas nas cidades de Castro, Piraí do Sul, Jaguariaíva, Sengés, Arapotí, Palmeira, Teixeira Soares, Irati Rebouças, Tibagi, Telêmaco Borba, Ipiranga, Imbituva, Prudentópolis, Guarapuava e Cândido de Abreu, inclusive os pertencentes aos estabelecimentos particulares. (DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 23037, 08 abr. 1972, p. 6).

⁸⁸ LAVALLE, A. M. **Germânia – Guairá**. Um século de sociedade na memória de Ponta Grossa. Ponta Grossa: Centro de Publicações, 1996. p. 269.

⁸⁹ DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 23599, 21 maio, 1974, p. 1.

soja, com exposição de cartazes e painéis fotográficos que contavam a história da soja e orientavam sobre técnicas de cultivo e industrialização.

O 5º Encontro, em maio de 1975, também aconteceu no Instituto de Educação, mas a abertura foi no SESC, que repetiu a exposição organizada no ano anterior. No 5º Encontro, as palestras focaram o uso da soja na alimentação humana e animal, além de questões relativas ao mercado internacional de grãos. Ao contrário dos anos anteriores, a Maratona Intelectual deixou de ser realizada sob a justificativa de que passaria por modificações. Porém a competição não voltou a acontecer nos anos posteriores.⁹⁰ (ANEXO 14).

O 6º Encontro, realizado em junho de 1976, no Salão de Convenções do recém inaugurado Hotel Vila Velha, apresentou inovações ao abordar a fruticultura, sob o tema “Um novo Encontro – Uma nova Riqueza”. Essa inovação revela-se interessante se constatarmos que o Paraná, nos anos de 1975/76, contribuía com 41% da produção nacional de soja, apresentando expressivo aumento da área cultivada e de grãos colhidos.⁹¹ Porém, a tentativa pode ter relação com a crise financeira do mercado internacional, principiada com a crise do petróleo, aumento da dívida externa e da inflação, ecos do fim do “milagre” econômico.

Em 1977, o 7º Encontro retomou as discussões sobre a soja, priorizando temas como plantio direto, defensivos agrícolas e exportação. Em 1978, o Encontro não foi realizado. Retomado em maio de 1979, teve sua última edição em 1980, com o 9º Encontro, que contou com 250 participantes dos 500 esperados. Esse fato somado ao não comparecimento do Diretor de Crédito Rural do Banco do Brasil, convidado para encerrar o evento, levou o Secretário da Economia de Ponta Grossa a retirar os Encontros do Calendário Oficial do município. Em entrevista ao Jornal da Manhã, o Secretário justificou a atitude dizendo que o 9º Encontro “deixou muito a desejar com respeito a algumas presenças consideradas indispensáveis. Os agricultores, que

⁹⁰ DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, 29 maio 1975, p. 1.

⁹¹ BORGES, G. M. B. Soja: Problemas de Escoamento. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n. 61, p. 9-38, out. /nov. /dez. 1977.

deveriam comparecer para adquirirem mais conhecimentos, omitiram a sua participação de maneira reprovável”. Por essa razão, prosseguiu, “a administração municipal está pensando em retirar do calendário o X Encontro com a Soja. Temos observado que o agricultor não se interessa por encontros dessa natureza, a exemplo do que ocorreu no passado”.⁹² Efetivamente foi o que aconteceu, pois os Encontros deixaram de existir e seu término exemplifica outros tempos para a economia e para a política local, pautados na redução das exportações de soja, na distensão política e no elevado índice inflacionário.

Os Encontros com a Soja apresentavam um objetivo claramente marcado pela propaganda e pelo interesse em estimular a produção da soja, num viés eminentemente técnico. Entretanto contribuiu, por meio da participação popular, com a construção simbólica relativa à importância da produção da soja, legitimando assim a implantação das indústrias beneficiadoras na cidade e justificando as alterações estruturais sofridas na cidade e no campo, com o aumento das áreas cultivadas e a progressiva mecanização da lavoura. Maria da Cunha Bustamante⁹³, ao estudar as corridas de quadriga na Roma Antiga, afirma que festas populares, financiadas pelas elites, são espetáculos para obtenção de popularidade e prestígio, ao mesmo tempo em que revelam a vida, os prazeres, os valores e as práticas destas mesmas elites. Desse modo, evidenciando a riqueza das elites, essas festividades reforçam as conexões entre poder, status e prestígio. Mesmo considerando contextos tão específicos como o analisado pela autora e a Ponta Grossa do século XX, é possível realizarmos aproximações no sentido de que os Encontros foram espaços para a ostentação de práticas e idéias das elites econômicas e políticas.

⁹² JORNAL DA MANHÃ. Ponta Grossa, 29 maio 1980, p. 1.

⁹³ BUSTAMANTE, R. M. da C. *Ludi Circenses: Análise Comparativa da sua Representação Imagética em Dois antigos Mosaicos Norte-Africanos*. In: LESSA, F. de S.; _____. (orgs.). **Memória e Festa**. Rio de Janeiro: Mauad, 2005. p. 123-133.

Essa ostentação transparecia também no desfile de implementos agrícolas que acontecia, nos anos iniciais, na tarde de domingo. O cortejo composto por tratores, colheitadeiras, caminhões percorria as duas principais vias da cidade – a rua Balduíno Taques e a avenida Vicente Machado. Porém, o que mais chamava a atenção da população que assistia à cerimônia era a participação de uma jovem mulher que encetava o desfile. Ela era a Rainha da Soja, eleita em baile de gala realizado no sábado à noite, nos salões do elitizado Clube Pontagrossense.⁹⁴

Talvez a convivência constante com bailes e escolhas de Rainhas, como a Rainha do Carnaval, das Piscinas, do Trigo, entre outras que aconteciam na cidade, tenha influenciado os membros da coordenação geral do 1º Encontro que, em conjunto com o prefeito municipal, criaram o concurso para eleição da Rainha da Soja de Ponta Grossa. Os jornais profetizavam: “o concurso apontará o mais belo rosto e elegância para representar Ponta Grossa”.⁹⁵ Democrático ao permitir a participação de “todas” as jovens, mas excludente ao classificá-las; o regulamento, na primeira edição do concurso, previa que poderiam participar “senhorinhas das sociedades princesinas, alunas das faculdades, dos grupos escolares, clubes de serviço, do comércio, indústria, entidades de classe”.⁹⁶ Imbuídos pelo clima positivo que imperava na cidade, a participação das instituições foi expressiva e acompanhada pela imprensa local que informava seus leitores passo-a-passo sobre a preparação para a cerimônia. Como observado no início do capítulo, as primeiras páginas passaram a estampar rostos e a descrever hábitos, filiações, projeções para o futuro de jovens candidatas ao título de Rainha da Soja de Ponta Grossa. Em pouco tempo, o concurso e o baile de eleição converteram-se num glamouroso acontecimento, ao qual se atribuía a conotação de uma cerimônia especial, aguardada pela sociedade local.

⁹⁴ DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 23069, 18 maio 1972, p. 3.

⁹⁵ JORNAL DA MANHÃ. Ponta Grossa, n. 4931, 30 abr. 1971, p. 1.

⁹⁶ JORNAL DA MANHÃ. Ponta Grossa, n. 4932, 31 abr. 1971, p. 2.

2.3 O CONCURSO E A “NOITE DE RARO BRILHANTISMO”

Conforme orientam Colleen Ballerino Cohen e Richard Wilk,⁹⁷ concursos de beleza podem estar combinados com outros eventos. Inclusos nesse modelo, o concurso Rainha da Soja, desde sua primeira edição, integrou os Encontros com a Soja, constituindo sua parte espetacular, cerimonial e formal. Em pouco tempo, o concurso revelou-se um canal de reconhecimento nacional para a Sanbra e para Ponta Grossa, haja vista a divulgação e a importância que a Rainha da Soja adquiriu, no decorrer dos anos de 1970, ao cumprir os compromissos sociais em nome da soja e sob patrocínio da multinacional e da Prefeitura Municipal.⁹⁸ (ANEXO 15). Exemplo disso foi o prêmio Opinião Pública, conferido à multinacional, na categoria “Projetos Institucionais: Iniciativa Privada – o 10º Concurso Rainha da Soja do Brasil”, em 1981.⁹⁹ Ao premiar a Sanbra, o júri justificou que:

O concurso contribuiu não só para firmar uma imagem positiva da empresa perante a comunidade, como também foi um fator importante para o conagraçamento de autoridades, produtores de soja e da juventude consciente da importância dessa lavoura para a economia do país.¹⁰⁰

⁹⁷ Ver Capítulo 1. COHEN, C. B.; WILK, R.; STOELTJE, B. (orgs.). **Beauty Queens on the Global Stage**. Gender, Contests and Power. New York: Routledge, 1996.

⁹⁸ No decorrer do ano de mandato, a rainha cumpria uma série de eventos programados pela Sanbra. Cabia a ela participar de solenidades, nas quais representava a multinacional e a cidade de Ponta Grossa. Viagens eram incluídas como premiações e, obrigatoriamente, contemplavam a cidade de São Paulo para a visita à matriz brasileira da Sanbra, ao Rio de Janeiro, onde a rainha e suas princesas recebiam jornalistas e autoridades. Brasília também foi integrada ao roteiro das realzas. Em âmbito local, a rainha eleita era presença indispensável nos acontecimentos sociais.

⁹⁹ O Prêmio Opinião Pública era uma iniciativa do Conselho Regional dos Profissionais de Relações Públicas/2ª Região e, segundo seus organizadores, tinha caráter exclusivamente cultural e sem fins lucrativos, além de ser considerado ainda, em seu segundo ano de realização, um dos mais importantes da América Latina. Para escolher os melhores trabalhos, o júri, composto por profissionais da área de Relações Públicas, avaliou o planejamento (pesquisa, originalidade, estratégia e organização), a execução (qualidade e eficiência) e os resultados dos projetos. (ATUALIDADES SANBRA. **As opções agrícolas do Nordeste**. São Paulo: Gráfica Editora Hamburg, n. 73, ano XV, 1982. p. 13).

¹⁰⁰ Id.

Sem dúvida, a eleição da Rainha da Soja representou a sintonia existente entre as diretrizes econômicas ditadas pelo governo federal, a produção da soja e a estabilização local da multinacional. Numa reportagem, publicada na Revista Manchete, cuja abertura estampava que “na Capital Mundial da Soja foi escolhida a jovem que percorrerá o país divulgando as qualidades e riquezas do produto na melhoria da alimentação dos brasileiros”, o editor discorreu sobre a importância do evento para divulgar e popularizar os “anseios proclamados pelo Presidente Geisel”, no sentido de estimular a produção nacional da soja.¹⁰¹

A partir de sua primeira versão, a organização do concurso esteve a cargo do Diretor e da Assessora de Relações Públicas da Sanbra, Comandante Paulo Pinheiro Schmidt e Valentina Saptchenko.¹⁰² Em meados do mês de maio, de cada ano, ambos deslocavam-se de São Paulo a Ponta Grossa objetivando coordenar o evento e na cidade eram recebidos, com deferência, pelo Prefeito e Secretários Municipais. A eles competia decidir as datas, as decorações, acertar detalhes com os presidentes do Clube Pontagrossense, contactar pessoas de projeção no meio artístico nacional para compor o júri, além de acompanhar os ensaios e compromissos das candidatas.

Mesmo cheios de atribuições, o papel mais relevante dos dois organizadores parecia ser o de divulgar o evento atribuindo-lhe status, respeitabilidade e seriedade. Dedicado ao sucesso do concurso e lembrado com carinho pelas entrevistadas, o comandante Paulo Schmidt afirmou ser o evento “a sua menina dos olhos [...] tratado com a máxima importância”.¹⁰³ A idéia de apropriação de costumes locais pela multinacional soa como forte elemento. Se pensarmos que a cidade praticava

¹⁰¹ PONTA GROSSA. A Rainha da Soja. **Manchete**. Rio de Janeiro, 148-151, jun. 1977.

¹⁰² Valentina Saptchenko Meyer foi, no período deste estudo, responsável pela organização dos concursos de Rainha da Soja. Exerceu a função de Assessora de Relações Públicas da Sanbra e de coordenação da revista Atualidades Sanbra, uma publicação da Sanbra sobre acontecimentos e produtos afeitos à multinacional e suas filiais distribuídas pelo Brasil. (JORNAL DA MANHÃ. Ponta Grossa. n. 7163, 20 mar. 1977, p. 2). A ela também coube a premiação: Opinião Pública, em 1981, como profissional responsável pelo projeto do Concurso Rainha da Soja do Brasil.

¹⁰³ DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 23936, 12 mar. 1977.

vários concursos para a eleição de rainhas, podemos afirmar que o concurso Rainha da Soja apresentava caráter publicitário numa linguagem simbólica que atingia o imaginário popular, pois a iniciativa de organizar um evento nestes moldes restringia-se a Ponta Grossa. Mesmo atuante em outras regiões do país, a multinacional não desenvolvia uma estratégia de concursos em outras áreas, conforme é possível constatar nas revistas publicadas pela própria Sanbra, que não indica nenhuma notícia sobre outros concursos de beleza feminina.

O esmero na divulgação do concurso confirma seu uso como estratégia publicitária. Para estimular a participação de outros municípios na disputa, a multinacional contratou publicitários locais para “trabalhar no setor de motivação do Concurso, visitando as prefeituras interioranas e oferecendo oportunidade a todos os Chefes de Executivo, para que possam inscrever uma ou mais participantes nesta promoção de caráter estadual”.¹⁰⁴

Ao refletirem sobre a estratégia publicitária adotada pela multinacional, as entrevistadas indicam que a experiência vivenciada por elas tinha outros significados que ia muito além da propaganda. Nesse aspecto, o concurso é compreendido pelo seu potencial simbólico que extrapola a linguagem meramente publicitária, instituindo outros sentimentos e emoções.

Nós não víamos assim o concurso da soja como marketing da Sanbra. Tudo bem! Foi. Este concurso foi instituído como marketing... Nós sabemos disto... Foi criado para a divulgação da Capital Mundial da Soja... Tinha todas aquelas indústrias que se instalaram na região, mas ele era como se fosse um conto, um sonho, como uma menina querer ser Cinderela. Ele era muito mais importante para as moças da região do que o *miss* Paraná...¹⁰⁵

Por meio da criação de um espetáculo, cujo pano de fundo era a competição feminina, na qual jovens mulheres integrantes dos grupos de elites disputavam o

¹⁰⁴ DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 23935, 11 mar. 1977.

¹⁰⁵ SANWAYS, S. Rainha da Soja de Ponta Grossa 1974. **Entrevista concedida à Adriana Cançado**. Curitiba, 22 out. 2005.

título de Rainha da Soja, a multinacional divulgava seu nome associado e representado pela jovem majestade e permeado por um simbolismo de bons modos, pureza, beleza e elegância. Enfim, atributos idealmente femininos eram apropriados por meio da representação das rainhas e objetivados na figura da multinacional, instituindo-lhe uma identidade relacionada aos valores praticados pelas elites locais.¹⁰⁶

Nos primeiros anos do concurso, conforme o primeiro regulamento, competiam apenas jovens ponta-grossenses escolhidas em bailes ou indicadas por membros de diversas instituições sociais, como escolas e faculdades, instituições bancárias, clubes recreativos e de serviços, lojas, associações e sociedades. Marisa Sielski relembra como foi escolhida para representar o Clube Princesa dos Campos conhecido na cidade como Clube Verde.¹⁰⁷

Eu estava num baile no Clube Verde, daí seu Oscar, amigo de meu pai disse: “Ah, vamos colocar a Marisa”... Oscar era presidente na época... “Ah, não!”... “Ah, mas nós vamos fazer a seleção aqui. Vamos escolher umas cinco moças que estão no baile e vamos fazer uma seleção”. Decerto meu pai pensou: “sem chance” (risos). A Marisa é mais quieta, mais tímida. Era

¹⁰⁶ COHEN, C. B.; WILK, R.; STOELTJE, B. (orgs.). **Beauty Queens on the Global Stage**. Gender, Contests and Power. New York: Routledge, 1996.

¹⁰⁷ O Clube Princesa dos Campos teve sua origem na separação de associados que integravam o Clube Germânia (ver nota de rodapé 76), fundado por alemães no final do século XIX. Este grupo fundou o “Clube Beneficente Germânia”, caracterizado pela beneficência, pela preservação da língua e cultura alemã. Após três anos da fundação passou a chamar “Sociedade de Operários Beneficente Germânia”, numa forma de enfatizar a participação majoritária de trabalhadores braçais alemães na associação. Durante a Primeira Guerra Mundial, a associação esteve inativa durante dois anos ressurgindo em 1919 com a denominação de “Sociedade Beneficente e Recreativa”. Após dez anos recolocou no nome a indicação alemã, passando a chamar-se “Sociedade Beneficente Germânia”. No entanto, no cenário do Estado Novo, sob a ditadura de Vargas a associação sofreu o impacto da Lei de Nacionalização tendo que “nacionalizar-se”. A partir desta data os sócios brasileiros adquiriram o direito do voto e de ser votado, até então reservado apenas aos alemães. As atas passaram a ser redigidas em português e o nome do clube mudou uma vez mais para “Clube Verde de beneficência e Recreativo”. Porém, na década de 1940, a palavra “verde” foi associada às idéias integralistas, desenvolvidas por Plínio Salgado, que tinham na cor verde um de seus símbolos. Após ter que explicar na polícia este dado, o presidente do clube à época propôs nova mudança de nome e em assembléia os associados escolheram “Clube Princesa dos Campos”, que permanece até os dias atuais. (BATISTA, M. I. **Clube Princesa dos Campos**. 1897-1997. Ponta Grossa: UEPG, 1997).

um concurso que precisava estudar, se expor, conversar, eu sempre fui mais tímida. Creio que ele pensou isso. Mas tudo bem! Saímos do baile e fomos para a entrevista com os diretores e presidente... Conversa e vai... Aí houve um desfile... Ai, que vergonha! (risos)... E acabei sendo a escolhida... Nossa! Foi muito emocionante, foi uma surpresa muito boa e daí, meu pai: “e esta exposição toda”... E não sei o que mais, o que mais. Mas, enfim concordaram...¹⁰⁸

A competição pelo título ligava a candidata a seu patrocinador, construindo a jovem mulher como um símbolo, quando ela deixava de ser apenas um corpo físico para representar um sistema de obrigações sociais, que instituíam o desempenho de identidades femininas idealizadas.¹⁰⁹ No concurso Rainha da Soja, a ligação entre a candidata e seu patrocinador revela dois níveis hierárquicos de representação: num primeiro momento, a candidata representava a instituição local que a patrocinava – clubes de serviço, colégios, associações etc. – e num segundo momento, após a coroação, passava a representar a multinacional Sanbra, a soja e o desenvolvimento da cidade pautado na industrialização, ícones máximos da competição. A disputa pelo título apresentava um potencial aglutinador e motivava a união de pessoas em torno de uma ou de outra candidata. Esse movimento contribuía para a relação entre as imagens femininas, das rainhas e à indústria manufatureira de soja, assim como de suas associadas.

Em Ponta Grossa, as candidatas desempenhavam diversas atividades esportivas, escolares e sociais, sendo apresentadas pelos jornais locais como personalidades sociáveis e extrovertidas. Orienta Robert Lavenda¹¹⁰ que o número, a variedade e a natureza das atividades desempenhadas pelos membros de um grupo marcam sua posição social e funcionam como símbolos desta posição. Nessa

¹⁰⁸ SIELSKI, M. Rainha da Soja 1975. **Entrevista concedida à Adriana Cançado**. Ponta Grossa, 8 nov. 2005.

¹⁰⁹ STOELTJE, B. The snake charmer queen: ritual, competition, and signification in America Festival. In: COHEN, C. B; WILK, R.; STOELTJE, B. (orgs.). **Beauty queens on the global stage: gender contests, and power**. New York: Routledge, 1996. p. 13-30.

¹¹⁰ LAVENDA, R. **‘It’s not a beauty pageants!’: hybrid ideology in Minnesota Community Queen Pageants**. In: COHEN, C. B; WILK, R.; STOELTJE, B. **Beauty queens on the global stage: gender contest and power**. New York: Routledge, 1996. p. 31-46.

perspectiva, as candidatas marcavam suas posições sociais com a explanação de filiação, de exercício de atividades intelectuais, de suas pretensões para o futuro e daquilo que praticavam nas horas de lazer, seus *hobbys*. Esses elementos recorrentemente apresentados pela imprensa constituíam signos definidores de um campo social ao qual pertenciam as jovens.

Após a seleção inicial que transformava a jovem em candidata, tinha início o processo de preparação para o certame. Esse processo envolvia ensaios, festas oferecidas pelos patrocinadores, escolha e provas de roupas, leituras sobre a soja, frequência a salões de beleza, concessão de entrevistas, sessões de fotos. A correspondência entre portar signos de diferenciação social e participar do processo de preparação para o concurso resultava na composição de um grupo de elite no conjunto de mulheres jovens da cidade. Esse grupo, por um longo período, tornava-se foco de atenção da imprensa, dos organizadores, dos patrocinadores e da sociedade, tornando-se visível a partir de características compreendidas como as melhores que a cidade poderia ofertar.

O regulamento do concurso previa que os critérios para a escolha da Rainha se apoiassem em três pontos centrais: conhecimento sobre a soja; desembaraço e fluência verbal; desenvoltura, beleza e traje no desfile em passarela.¹¹¹

Para testar os conhecimentos das candidatas, os organizadores realizavam uma sabatina sobre a soja. Apesar de insistentes manchetes e notas jornalísticas acentuarem a questão da beleza e da elegância das jovens, a sabatina atribuía caráter intelectual à disputa, uma vez que induzia as jovens a intensas horas de estudo e pesquisa sobre o processo produtivo e de beneficiamento da soja. Suzy Mara Samways¹¹² relembra o tempo dedicado aos estudos: “Eu estudei tudo sobre a soja. Nós tínhamos uma prova oral de conhecimentos sobre a soja no Paraná, sobre a Sanbra... Eu me preparei muito!”. Assim como Suzy Mara, as demais entrevistadas

¹¹¹ DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 24805, 24 maio 1980, p. 1.

¹¹² SANWAYS, S. Rainha da Soja de Ponta Grossa 1974.

relembrou a fase de estudos e enfatizou o desempenho individual na sabatina como fator essencial para a escolha. Regina Puppi recorda o ritmo intenso.

Tinha que estar constantemente estudando. Minha mãe me obrigava a estudar desde as seis horas da manhã até as sete horas diariamente antes de eu ir pra aula... Eu só pensava respirava soja! Até hoje eu fecho os olhos e sonho com os valores numéricos daquela época!¹¹³

A Rainha eleita de 1973 concluiu a fala defendendo que seus conhecimentos foram decisivos para sua eleição.

Eles me perguntaram que tipo de fósseis foram encontrados em Vila Velha¹¹⁴. A minha mãe me fazia estudar pela Barsa tudo no aspecto da Geografia, sabe... Eles faziam as perguntas sorteadas na hora, e daí felizmente foi essa pergunta extra que mostrou o quanto eu sabia.¹¹⁵

Parte componente e classificatória do concurso, a sabatina era realizada exclusivamente em Ponta Grossa, fato que contribuía para a chegada das candidatas de outros municípios e seus patrocinadores à cidade dias antes do baile. Como previsto no regulamento, o desempenho da etiqueta social e elegância era

¹¹³ PUPPI, R. Rainha da Soja de Ponta Grossa 1973.

¹¹⁴ Localizado nos Campos Gerais do Paraná, na área de Ponta Grossa, a região dos Arenitos Vila Velha é conhecida pelo relevo ruiforme, típico dos Campos Gerais. Trata-se de morros mantidos pelas camadas mais resistentes de um arenito intitulado Vila Velha e esculpidos pela erosão formando figuras nas rochas, como a taça, o camelo entre outras. Outra feição morfológica típica da região é representada pelas furnas, profundas fendas desenvolvidas no teto de erosões subterrâneas no Arenito Furnas. (MELO, M. S. de; MENEGUZZO, I. S. Patrimônio Natural dos Campos Gerais do Paraná. In: DITZEL, C. de H. M.; SAHR, C. L. **Espaço e Cultura: Ponta Grossa e os Campos Gerais**. Ponta Grossa: UEPG, 2001. p. 415-428). Nos anos de 1970 havia uma intensa discussão local sobre o potencial do Parque Estadual de Vila Velha, criado pelo Estado do Paraná, a fim de gerenciar e preservar as atrações turísticas naturais. Constantes notícias publicadas nos jornais locais clamavam pela exploração da região no tocante a seus aspectos turísticos. Sobre isto ver: SAHR, W., D.; SAHR, C. L. L. A imagem turística do planalto dos Campos Gerais. In: DITZEL, C. de H. M.; _____. **Espaço e Cultura: Ponta Grossa e os Campos Gerais**. Ponta Grossa: UEPG, 2001. p. 393-414.

¹¹⁵ PUPPI, R. Rainha da Soja de Ponta Grossa 1973.

também quesito fundamental para a escolha da Rainha. As candidatas eram constantemente avaliadas,

Tinha um jantar com talheres, um dia antes, na sexta-feira e era pra se observar como se usavam os talheres... [...] Naquela época, também pensando nesses detalhes que as pessoas falavam: “Olha! Tenha cuidado com o jantar, tenha cuidado com isso, cuidado com aquilo”.¹¹⁶

Ele era... Não deixava de ser um concurso de beleza, qualquer concurso, como diz Vinícius de Moraes, “as feias que me perdoem” (risadas), mas ele também era um concurso voltado bastante pra parte intelectual, ao relacionamento, o comportamento, nós tínhamos uma tarde que éramos sentadas assim todas analisadas, a maneira de colocar os pés, a maneira de sentar, a maneira de posicionar as mãos, nós tínhamos almoços, jantares, nós usamos os talheres isso tudo o tempo todo observado, isso tinha... Influenciava...¹¹⁷

Comportamentos típicos de grupos das elites eram exigidos das jovens que, ao realizá-los, exibiam um código de posturas identificador de padrões comportamentais praticados nesses mesmos grupos, naturalizando-os. A demonstração de condutas refinadas revela-se como instrumento de diferenciação social e de controle de ações femininas, convertendo-se em valor de prestígio para a jovem assim como para sua família, uma vez que à última caberia a difusão das orientações sobre condutas adequadas no espaço de convívio social.¹¹⁸

Neste sentido, as lembranças referem-se às várias atividades desenvolvidas pelas candidatas na semana que antecedia o baile. As jovens participavam de almoços, coquetéis e jantares nos quais eram observadas e avaliadas pelo comportamento à mesa e a convivência em grupo, apresentando a si mesmas, suas famílias e seus patrocinadores como grupos de “civilizadas” maneiras. E, assim, imbuídas pela aura da diferenciação, num desses almoços oferecido pela Paraná Turismo

¹¹⁶ FAE, E. Rainha da Soja 1976. **Entrevista concedida à Adriana Caçado**. Ponta Grossa, 22 maio 2006.

¹¹⁷ GUTMANN, P. Rainha da Soja de Ponta Grossa 1978.

¹¹⁸ ELIAS, N. A civilização como transformação do comportamento humano. In: _____. **O Processo Civilizador**. Uma História dos Costumes. v. 1. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. p. 65-213.

(PARANATUR)¹¹⁹, empresa patrocinadora do evento, no restaurante existente na época no Parque Estadual de Vila Velha, as candidatas eram oficialmente apresentadas à imprensa. Regina Puppi descreveu a estrutura do Parque lembrando que “tinha um lago que era explorado, corrida de kart, turismo... Antigamente tinham os ônibus que levavam as pessoas”.¹²⁰ À noite, sempre acompanhadas, as jovens eram recepcionadas pela diretoria do Clube Pontagrossense para um jantar de confraternização.¹²¹

Considerando que a memória relaciona-se aos grupos dos quais o indivíduo fez parte como a família, a classe social, a escola, a igreja e funcionando como aparato simbólico e diferenciador, a etiqueta social é rememorada como uma necessidade “natural” para essas mulheres que integravam famílias das elites econômicas e políticas da cidade, pois nos espaços sociais por onde circulavam, normas comportamentais adequadas à mesa, ao falar, ao sentar, ao andar eram praticadas e interiorizadas.¹²²

Os bons comportamentos, aprendidos em aulas de etiqueta social, ministradas por uma professora no Clube Pontagrossense, tomadas na Socila em Curitiba ou aprendidas no cotidiano das famílias, somavam-se ao vestuário usado pelas candidatas e sugerido no programa oficial do concurso.¹²³ Os trajes, principalmente o vestido de gala exibido no baile de seleção, não indicavam

¹¹⁹ Empresa Paranaense de Turismo, órgão integrante da Secretaria da Indústria e Comércio do Estado do Paraná. Em 1977, a Paranatur incluiu o Concurso Rainha da Soja do Brasil no calendário Oficial de Eventos Turísticos do Paraná, defendendo a importância do certame como fator de integração dos municípios do Paraná, como instrumento de divulgação dessa riqueza agrícola e como um importante fator de cunho turístico. (DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 24153, 31 mar. 1978; ATUALIDADES SANBRA. São Paulo, n. 58, 1977).

¹²⁰ PUPPI, R. Rainha da Soja de Ponta Grossa 1973.

¹²¹ DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 24153, 31 mar. 1978.

¹²² HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

¹²³ As aulas de comportamento social eram ministradas pela sra. Eliete Dona, no Clube Pontagrossense, Socila era uma escola que preparava misses para a maratona dos concursos e também orientava jovens mulheres quanto ao vestir-se e comportar-se publicamente (DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 24153, 24 fev. 1975).

performances erotizadas, ao contrário, e conforme a reconstrução das lembranças das entrevistadas servia para destacar a candidata, nos critérios de elegância, bom gosto e discrição.

O que chamava atenção: vestuário! Era muito importante você estar bem vestida, sabe... A sua produção... [...] Isto era muito cobrado, sabe, não que dissessem, mas você percebia que tinha necessidade de estar bem vestida... Então talvez isto fosse uma imposição de forçar a mulher a se apresentar assim... Aquela obrigação de estar bela, bem vestida, mas não na exploração de corpo... Por este lado não!¹²⁴

Nas rememorações das mulheres eleitas Rainhas, os elementos distintivos solicitados no decorrer da competição são lembrados e reconstruídos como um conjunto de vivências que enfocavam ideais de civilidade¹²⁵ e moralidade.¹²⁶ Esses elementos são rememorados num processo de reconstrução da experiência coletiva que as aproximam dos membros do grupo e garante-lhes o sentimento de pertença e de identidade, a consciência de si mesmas e dos outros que compartilharam essas vivências.¹²⁷ Do mesmo modo, indicam que as mulheres pertencem a grupos que se distinguem pela prática dos bons modos e do bem vestir e que essa prática constitui diferencial identificador de seus membros, exigidos também no cotidiano: “a gente

¹²⁴ SIELSKI, M. Rainha da Soja 1975.

¹²⁵ Jean Baechler explica que a civilidade pode ser entendida como a observância das conveniências, das boas maneiras entre membros de uma mesma sociedade. Os indivíduos devem, na medida do possível, impor silêncio a seus humores e problemas pessoais, e amenizar asperezas e traços extravagantes. Cada um deve, de algum modo, oferecer-se aos outros como membro aceitável de um círculo de civilidade, o que significa que todos devem desenvolver traços comuns, que os definem como oriundos de uma determinada sociedade. É por esta razão que a civilidade se baseia na igualdade e até, em certa medida, na identidade dos participantes. Por conseguinte, os critérios de recrutamento são rigorosos, uma vez que só os indivíduos do mesmo mundo poderão ser suficientemente semelhantes entre si para criarem seu ‘mundo’. (BAEHLER, J. Grupos e Sociabilidade. In: BOUDON, R. **Tratado de Sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995. p. 65-106).

¹²⁶ A idéia de moralidade abrange noções como princípios de conduta baseada na virtude, na responsabilidade e no dever (BLACKBURN, S. **Dicionário de Filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. p. 256).

¹²⁷ NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n.10, 1993.

precisava combinar, porque não podia pôr roupa sem combinar... se eu tivesse na rua voltava trocar de roupa... precisava ser, acho que assim, exteriormente tinha que ser perfeito!”¹²⁸

Assim, à civilidade praticada por grupos de elites locais, incluindo vestuário adequado e bons modos, tal qual atos de autocontrole como discrição e comedimento, somam-se lembranças de seriedade do concurso. O controle das atitudes físicas e morais das candidatas denotava princípios, contribuindo para tornar o concurso um espaço público autorizado para jovens mulheres solteiras.¹²⁹ A presença materna em várias etapas da competição e nas viagens ofertadas como premiação impunha respeitabilidade e exercia controle constante nos atos das jovens. Nas viagens, as Rainhas não eram deixadas a sós: “Sempre as mães... Então era a filha e a mãe... As três... A Rainha, as duas princesas e as três mães...”¹³⁰ A presença materna, assim como o comportamento exigido durante as estadias nos hotéis, contribuía para a construção de uma imagem vigiada e, portanto moral e sexualmente intocada.

E: De que as meninas não deveriam, por exemplo... Claro que sempre solteiras, mas hoje em dia se você falar um negócio desses em um concurso é um absurdo... Até pra contar pra você to achando estranho, agora, né? Se essa menina saísse do quarto, arrumasse um namorado, ou se ela saísse com namorado à noite e voltasse de madrugada no hotel era desclassificada. Hoje jamais aconteceria isso.

A: Ah é, e acontecia efetivamente, eram regras escritas?

E: Eram quase que escritas se não eram escritas, eram faladas.

A: Tinham que ser moças de família, não é?

E: Meninas de família e, não podia assim ter nenhum passado... Não podiam ser tipo assim... Ah... Naquela época não existia e não se falava em liberdade sexual, tipo o maior momento de um casal de namorados, depois de um ano, dois de namoro era o “ficar” de hoje, que acontece em um dia...

¹²⁸ SPONHOLZ, M. Rainha da Soja 1977. **Entrevista concedida à Adriana Caçado**. Ponta Grossa, 25 out. 2005.

¹²⁹ ELIAS, N. A civilização como transformação do comportamento humano. In: _____. **O Processo Civilizador**. Uma História dos Costumes. v. 1. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. p. 65-213.

¹³⁰ FAE, E. Rainha da Soja 1976.

[...] Não é que a mulher não desenvolvesse a sua sensualidade, mas era uma coisa muito contida...¹³¹

O controle dos corpos, da sexualidade e a exigência do desempenho individual das mulheres o mais próximo da imagem idealizada para a Rainha – o que incluía adequado comportamento social moldado por padrões da etiqueta social, moralidade e vestuário – instituiu um sistema simbólico, no qual normas e valores eram impregnados com emoções e estética. Deste modo, o concurso motivava a participação das jovens não pela possibilidade de ganhar, mas pelo glamour da experiência e pelo status associado ao evento. Ao criar uma mulher virtuosa, sem poder político e que não exercia autoridade sobre outras pessoas o concurso Rainha da Soja possibilitou a constituição de capital simbólico às candidatas, ato mais importante que a premiação atribuía às vencedoras. Edna Fae recorda que,

Primeiro que eu fiquei super honrada de ter ganho o concurso... ganhava um carro, te juro que era a última coisa que eu pensava era pelo carro... Eu fiquei assim feliz pela minha cidade sabe... Eu dizia assim: “Ah! Ponta Grossa ganhou!” “Não!”, daí eu dizia: “Ah! Eu ganhei!”... Ponta Grossa foi vencedora do Paraná. Daí eu tenho orgulho de dizer assim: “Oh! A Rainha da Soja é de Ponta Grossa... é de Ponta Grossa!” [...] Pra mim pessoalmente, era um... Eu queria ganhar... Eu sabia que era difícil, mas eu também achei que eu merecia ganhar porque eu trabalhei muito, porque eu estudei muito!¹³²

A narrativa da entrevistada permite a observação das interligações entre o individual e o coletivo. Ao mesmo tempo, Edna Fae reconstrói as imbricações entre sentimentos de mérito pessoal, individual e coletivo, relacionados à cidade de Ponta Grossa como uma unidade, cujas características eram representadas por ela, rainha. Partindo do princípio de que as memórias individuais são sempre coletivas, embasadas em *habitus* de classe, gênero, idade e etnia, temos nestas uma

¹³¹ FAE, E. Rainha da Soja 1976.

¹³² Id.

negociação de subjetividades com um pano de fundo estruturado.¹³³ Assim, as reconstruções de significados do concurso nas lembranças das entrevistadas são indicadores dos valores partilhados pelos grupos envolvidos no concurso no que se refere ao modelo de mulher e de família.

Eles queriam divulgar na maneira mais prática... Digamos assim... Já testada e comprovada, né, que a mulher sempre é... O centro das atenções... Chama a atenção, né, se for uma moça bonita, inteligente, *claro* que vai chamar a atenção, as pessoas vão ouvir... Se a proposta era esta... Depois viajar, divulgar, conversar com pessoas influentes, então, tinha que ser alguém com esse perfil. [...] Você tinha que ter a presença, saber conversar, ser educada... Os requisitos *femininos*... Você não podia ser uma (riso)... Sair derrubando tudo... (risos) tinha que seguir um padrão... Então tinha que ser a figura *feminina*. Era a mulher *feminina*! Claro que já exigindo uma coisa que não era tão requisitada na época que era a cultura, o falar, o mostrar o que sabia... Embora todas estudavam, mas estava mostrando uma outra qualidade que até então não era tão exigida da mulher... Bastava desfilas, aparecer num concurso, não se perguntava muito... Então esta é uma característica diferente contrastando com tudo isto que exigia de você ser *feminina* e tal... Você ter que, também, ter algum conhecimento...¹³⁴

Nas palavras de Marisa Sielski, a Rainha deveria ser “feminina”, “seguir um padrão”, o que incluía comportar-se com base nas práticas de um determinado grupo social. Nesta perspectiva, a feminilidade instituída no concurso e rememorada nas narrativas, cujos elementos mais preeminentes se revelam na competição, possibilita a análise de um *habitus* de grupo que dota uma coletividade de um modo de pensar e agir semelhantes através de um processo de inculcação da cultura, de disposições interiorizadas.¹³⁵ A imagem idealizada de mulher para participar do concurso refere-se aos grupos econômicos e políticos envolvidos no certame, mas não apenas a eles. Envolve redes de sociabilidades, espaços sociais por onde as jovens circulavam e se relacionavam com a sociedade como uma totalidade. Sociedade

¹³³ WOORTMANN, E. F. Homens de hoje, mulheres de ontem: gênero e memória no seringa. In: FREITAS, C. **Anais do I Seminário e II Semana de Antropologia da UCG**, Goiânia: UCG, 1998.

¹³⁴ SIELSKI, M. Rainha da Soja de Ponta Grossa 1975.

¹³⁵ BOURDIEU, P. **Razões Práticas**. Sobre a teoria da ação. São Paulo: Papirus, 1996.

que as reconheciam como símbolo de feminilidade e poder, cujos corpos representavam os interesses econômicos e políticos de suas localidades de origem. No ano de 1975, o concurso perdeu o cunho eminentemente local apresentando a primeira alteração em sua realização. Nesse ano, com o aumento na produtividade da soja, com a ampliação dos setores comerciais da Sanbra em direção ao Sudoeste e Noroeste do Paraná e com a intensificação publicitária do evento, o regulamento do concurso passou a prever a participação de jovens advindas de outras cidades paranaenses alçando o evento a um nível estadual. Não se escolhia mais a Rainha da Soja, mas a Rainha da Soja do Paraná. Três anos depois, em 1978, com a participação de candidatas de vários municípios de estados como Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Mato Grosso e São Paulo, o evento passou a ter conotação nacional.¹³⁶ Passara a ser o concurso Rainha da Soja do Brasil.

Ao perder o caráter local, o concurso passou a ser realizado em duas etapas. Primeiro, as candidatas de outras localidades eram escolhidas em suas cidades de origem para, posteriormente, concorrerem ao título no disputado baile que abrigava a escolha e coroação da jovem eleita. A eleição para a Rainha da Soja de Ponta Grossa passou a ocorrer na mesma noite da escolha da Rainha Nacional, compondo uma etapa anterior da cerimônia. Assim, a Rainha eleita por Ponta Grossa concorria, numa segunda etapa, ao título nacional, competindo com jovens representantes de outros municípios e estados.¹³⁷

Diferentemente das populares apresentações e feiras alimentícias oferecidas durante os Encontros com a Soja, o baile em que a principal etapa do concurso acontecia era seletivo e freqüentado majoritariamente pelas elites políticas e econômicas, locais ou não. Aguardado com expectativa, esses bailes passaram a compor a agenda social das elites ponta-grossenses e eram tidos como o ápice dentre outros eventos considerados glamorosos, como os Bailes de Debutantes e

¹³⁶ DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 24.761, 10 abr. 1980, p. 2.

¹³⁷ DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 24.228, 30 abr. 1978, p. 4.

Reveillon. O colunista social Álvaro Andrade, um dos publicitários responsáveis pela divulgação do evento, recorda saudoso.

Quando terminou este concurso realmente a cidade ficou acéfala, sem ter um grande evento social como este. Depois tinha claro o baile das debutantes do Clube Pontagrossense que [era] realmente também super destacado. Naquela época só existia do Clube Pontagrossense e do Clube Princesa dos Campos né... Também [havia] o reveillon que também naquela época era muito disputado porque dois ou três clubes realizavam e cada um trazia uma atração. Mas nunca chegou aos pés realmente deste concurso [Rainha da Soja] que era preparado com muito carinho pela Sanbra.¹³⁸

Ponto alto do evento, o baile encerrava os Encontros com a Soja em alto estilo, envolvendo grupos de destacada proeminência social. O baile de coroação das Rainhas transformou-se em “destaque especial do calendário social da Princesa dos Campos”¹³⁹ e ocupava as páginas dos jornais locais tanto antes de sua realização quanto após.

Já na quarta-feira, não havia mais nenhuma mesa para o Baile da Soja em sua parte superior [do Clube Ponta-grossense], isto demonstra o grande entusiasmo em torno desta promoção conjunta com a Sanbra e Prefeitura Municipal. O grande baile de encerramento deverá se constituir, como nos anos anteriores, em autêntico sucesso.¹⁴⁰

Realizado aos sábados, o baile abrigava as etapas de seleção do séqüito real composto pela Rainha, pelas 1ª e 2ª Princesas e pela Princesa da Simpatia. Nesta fase, um corpo de jurados julgava a desenvoltura, elegância e beleza das candidatas e, com base nesses critérios elegia a rainha e suas princesas, excetuando a escolha da Princesa da Simpatia, esta escolhida pelas próprias candidatas. Os integrantes da comissão julgadora eram convidados pelos organizadores do concurso que os escolhia por suas posições de destaque na sociedade ponta-grossense ou em áreas

¹³⁸ ANDRADE, A. **Entrevista concedida à Adriana Caçado**. Ponta Grossa, 22 de junho de 2005.

¹³⁹ ANÁLISE. Ponta Grossa, n. 2, maio de 1974.

¹⁴⁰ DIÁRIO DOS CAMPOS, Ponta Grossa, n. 23607, 30 maio 1974, p. 1.

profissionais ligadas ao evento. A maioria das mulheres ponta-grossenses que compuseram as comissões julgadoras eram apresentadas publicamente, tendo como base as posições sociais ocupadas por maridos ou filhos.¹⁴¹ Além dessas pessoas e causando grande expectativa, anualmente os representantes da Sanbra traziam para compor o corpo de jurados uma atriz – em todos os anos, sempre uma mulher – com reconhecida fama nos meios televisivos nacionais, a “convidada especial”.¹⁴²

Integrando os atos da cerimônia de coroação, os bailes, compreendidos como espaço para a encenação dos últimos gestos, primavam pelo desempenho do comportamento social e pela elegância do vestuário. Esses atos expunham sua padronização e atingiam, além das candidatas, todos aqueles que participavam da cerimônia, como os pais, parentes e amigos das candidatas, autoridades políticas e econômicas e a coletividade que apreciaria, de perto, o evento de escolha e coroação da Rainha.

A participação de parentes e amigos e o sentimento de competição permitiam a organização de torcidas que acabavam por beneficiar as candidatas do clube anfitrião. Num tom de voz muito baixo, Marisa Sielski, representante do Clube Princesa dos Campos, relembra a experiência vivida diante das torcidas organizadas

¹⁴¹ “... no dia 27, a escolha da Rainha e Princesas da Soja do Brasil 1978 foi confirmada pelo júri, este ano formado por: Mercedes Vaz Stanislawzuk (primeira dama do município de Ponta Grossa e presidente do júri); Vera Barros Correia (esposa do Secretário de Economia da Ponta Grossa); Lucy Schnarndorf (esposa do Comandante da 5ª Brigada da Infantaria Blindada de Ponta Grossa); Diva Pinheiro Lima (esposa do Juiz de Menores, da Vara de Família e Anexos de Ponta Grossa); Engenheiro João Mario Rozas Pio (Gerente do Complexo Industrial da Sanbra em Ponta Grossa); Edna Fae (Rainha da Soja de 1976); Bruna Lombardi (atriz, modelo e escritora); Antônio Roche (Jornalista da Bloch Editores em São Paulo); Antônio José Lobo (Presidente da Paranatur); Miecislau Surek (jornalista paranaense) e Otto Zoega Neto (Publicitário e diretor de Mídia do Núcleo de Propaganda em São Paulo)”. (DIÁRIO DOS CAMPOS, Ponta Grossa, n. 24.212, 11 jun. 1978).

¹⁴² Em 1975, a atriz da Rede Tupi de televisão Márcia Maria foi a convidada especial no baile da Rainha da Soja. No ano de 1976, a atriz da Rede Globo, Sandra Bréa compôs o corpo de jurados. No ano seguinte foi a vez da também estrela global Pepita Rodrigues e de Marina Montini, artista de rádio, cinema e televisão e projetada no cenário nacional como musa do pintor Di Cavalcanti. Em 1978, a atriz Bruna Lombardi integrou a mesa julgadora. Em 1980, a atriz Baby Garroux que atuava na novela Pé-de-Vento, da Rede Bandeirantes foi a convidada especial.

para as representantes do Clube Pontagrossense e do campestre Clube da Lagoa¹⁴³,

Havia alguns clubes... Como você disse, quando ganhou uma moça que não era de Ponta Grossa, a cidade não gostou muito. Quando ganhou um clube que não era os dois, né, mais famosos, mais elitizados, digamos assim, não houve uma reação muito agradável. As pessoas ficaram um pouco assim... Por não ter ganho a candidata, por não terem ganho as outras duas candidatas. [...] Porque eu estava num clube rival. Eu não estava no meu território. [...] Eles ficavam na galeria... Então tinha lá a torcida do clube... Daí eles jogavam: confete, serpentina, tudo o que tinha direito... E eu não tinha. [...] eu lembro do barulho da torcida de quando ela entrou e de quando eu entrei... Eu vejo pessoas aplaudindo em volta ali, mas sabe, não era toda aquela... Todo aquele conjunto...¹⁴⁴

Sentimento contrário é reconstituído nas lembranças da Rainha de 1974, representante do Léo Clube. Suzy Mara relembra que quando entrou “o Clube Pontagrossense caiu [...], desmontou! Confete. Serpentina. Papel picado, que o Leo Clube fez”. E concluiu com ênfase na voz: “foi um dos momentos mais emocionantes da minha vida”.¹⁴⁵ Evocação semelhante faz a Rainha de 1977, representante do Clube Pontagrossense: “[...] Era tudo direcionado a mim! Parece que não tinha outra candidata! A sensação era essa! [...] A emoção era de ver toda a sociedade querendo uma só candidata! Isso também foi interessante”.¹⁴⁶ (ANEXO 16). Parte

¹⁴³ O Clube da Lagoa foi criado a partir da iniciativa de um grupo de empreendedores pontagrossenses, proprietários da Lagoa Empreendimentos Hotéis e Turismo, empresa responsável pela construção da sede do clube, inaugurada em 1972. Em 1997, o Clube da Lagoa foi fundido ao Clube Pontagrossense, passando a ser oficialmente a sede campestre do Pontagrossense (CLUBE PONTAGROSSENSE. Órgão Oficial de Divulgação do Clube Ponta-Lagoa. Ponta Grossa, mar. 2000; <http://www.clubepontalagoa.com.br/>). Não houve manifestações contrárias à fusão, pois os quadros sociais de ambos os clubes possuíam, majoritariamente, os mesmos associados, membros de famílias com reconhecido capital econômico e cultural na cidade. Cabe ponderar que a construção do Clube da Lagoa foi amplamente acompanhada pela imprensa local e que a empresa responsável por sua construção encaixava-se nas diretrizes projetadas para o turismo no Plano de Desenvolvimento Industrial (PLADEI), à época do prefeito Cyro Martins.

¹⁴⁴ SIELSKI, M. Rainha da Soja de Ponta Grossa 1975.

¹⁴⁵ SANWAYS, S. Rainha da Soja de Ponta Grossa 1974.

¹⁴⁶ SPONHOLZ, M. Rainha da Soja 1977.

mais visível da competição, as torcidas refletiam o envolvimento da sociedade, principalmente dos grupos de jovens.

Para Beverly Stolje¹⁴⁷, os mecanismos de representação e competição instituem a dinâmica que vincula as jovens mulheres a unidades específicas da cidade e à cidade como um todo e constituem os princípios de funcionamento dos concursos de beleza. Prossegue a autora orientando que qualquer evento que utilize o princípio da competição estabelece regras e elementos simbólicos, distintivos e classificadores, que determinarão a “melhor”, a jovem que mais se aproximará da imagem ideal de uma mulher num dado contexto. Assim, ao serem avaliadas em relação a certo ideal de mulher, as candidatas também representavam uma imagem idealizada – ou ao menos tentavam aproximar-se desse ideal, uma vez que jamais se alcança inteiramente o “papel idealizado” – pondo em funcionamento um sistema de reapresentação da idealização feminina.¹⁴⁸

Ao ascenderem à Majestades da Soja, as jovens passavam a personificar a multinacional Sanbra, a soja e Ponta Grossa, isto é, simbolizavam os poderes econômico e político, articulando-os. Edna Fae sintetizou este sentimento em suas lembranças:

É como se a soja tomasse forma naquelas semanas... Aquela semana, no Encontro da Soja, a soja tomava forma humana, ela se transformava em pessoas... Nas candidatas que estão ali torcendo, nas mães das candidatas, nos parentes... E no ápice daquela semana ela se transformava na Rainha!¹⁴⁹

Assim, a identidade da multinacional entrecruzava-se com os critérios definidos para a escolha da Rainha, como ideais de comportamento,

¹⁴⁷ STOELTJE, B. The snake charmer queen: ritual, competition, and signification in América Festival. In: COHEN, C. B.; WILK, R.; STOELTJE, B. (orgs.). **Beauty queens on the global stage: gender contests, and power**. New York: Routledge, 1996. p. 13-30.

¹⁴⁸ COHEN, C. B.; WILK, R.; STOELTJE, B. (orgs.). Introdução. In: _____. **Beauty queens on the global stage: gender contests, and power**. New York: Routledge, 1996. p. 1-12.

¹⁴⁹ FAE, E. Rainha da Soja de Ponta Grossa 1976.

competitividade, além de características tidas como naturais às mulheres, tais como elegância, bons modos. Paralelamente, a identidade local constituída nas expectativas de desenvolvimento urbano industrial, apropriadas pelo poder político, confundiu-se com a multinacional, no sentido da objetivação dessas representações ancoradas no complexo construído na cidade. A instalação das indústrias juntamente com a criação dos Encontros e do concurso contribuiu para aquecer o comércio local e constituir uma aura de movimentação na cidade. Regina Puppi relembra:

Os benefícios pra sociedade... Aumentaram o número de hotéis, a região do comércio. Muita gente de fora veio fazer negócios aqui. Fazendeiros vieram se estabelecer em Ponta Grossa e adquiriram campo pro cultivo da soja. Então cresceu o poder aquisitivo da população. Cresceu o número de butiques, restaurantes, cinema pra receber esse pessoal.¹⁵⁰

Álvaro Andrade, colunista social, também relembrou a importância econômica dos concursos para a cidade e a relação dessas variáveis com a classe política.

Então era a festa do ano. Era a festa aguardada com muita expectativa. A cidade era movimentada... Era hotel, salões de beleza, restaurantes... Porque os prefeitos vinham no dia pra Ponta Grossa (...) no hotel eles iriam... Porque era um baile só, no sábado. Então eram restaurantes... A cidade vivia aquele clima de ter pessoas influentes do Estado, como prefeitos destas cidades que vinham com as candidatas. Sempre vinham prefeitos... Certo? Ou prefeito ou seu representante ou Secretario Municipal. Então como te falei era um marco esperado!¹⁵¹

Pode-se dizer que o concurso, tanto no que se refere à questão política e econômica quanto em relação às práticas culturais e simbólicas, funciona como um lugar de memória fornecendo elementos para a construção de identidades e significados do próprio concurso, rememorados no presente por variados grupos sociais.

¹⁵⁰ PUPPI, R. Rainha da Soja de Ponta Grossa 1973.

¹⁵¹ ANDRADE, A. **Entrevista concedida à Adriana Cançado**. Ponta Grossa, 22 de junho de 2005.

A presença feminina num evento majoritariamente masculino, como os Encontros com a Soja, sugere a materialização de representações de desenvolvimento e progresso local em corpos de jovens mulheres portadores de valores e padrões estéticos e morais partilhados pelos grupos econômica e politicamente dominantes, como a Sanbra e a Prefeitura Municipal. Desse modo, as jovens eleitas simbolizavam os aspectos estéticos e personificavam a atividade econômica local, a soja. A reafirmação de uma identidade legitimadora dos poderes: econômico e político encontrava na figura feminina uma das múltiplas formas de concretização. Assim, o concurso Rainha da Soja representava o sucesso das diretrizes econômicas e reforçava redes de sociabilidades locais em torno dos objetivos propalados pelo campo político, apropriados pela sociedade, como imprescindíveis à maioria da população.¹⁵²

Assim, um acontecimento como o concurso, planejado como estratégia mercadológica pela multinacional Sanbra, adquiriu outros significados quando, de maneira relacional com as conjunturas do período, foi palco de práticas instituídas e instituintes de comportamentos de gênero e de classe social. Além disso, incorporando e objetivando valores masculinos praticados pelos grupos das elites locais, por meio da representação das rainhas, a multinacional compartilha estilos e vivências da sociedade ponta-grossense, sendo reconhecida e aceita como elemento integrador da unidade identitária local. Esses significados se articulam e aproximam os campos político e econômico na construção simbólica de que seus representantes praticam ações compreendidas como naturais e essenciais à sociedade.

Complementarmente, o concurso reconstituía identidades locais e de gênero, estas últimas reconstruídas nas lembranças das mulheres ponta-grossenses que participaram do evento e foram coroadas Rainhas da Soja de Ponta Grossa.

¹⁵² RODRÍGUES, A. M.; BILLOROU, M. J. Reinas e Campesinas: lãs 'hijas de los colonos' em escena. In: LOBATO, M. Z. (org.). **Cuando las mujeres reinaban**. Belleza, virtud y poder em la Argentina del siglo XX. Buenos Aires: Biblos, 2005. p. 121-142.

Memória e identidades de gênero, nas narrativas das Rainhas, compõem o próximo capítulo como forma de instituir relações entre a simbologia dos poderes econômicos e políticos e a idealização de modelos de feminilidade.

3 MEMÓRIAS DAS MAJESTADES DA SOJA: SOCIABILIDADES E IDENTIDADES FEMININAS

Narrador e ouvinte irão participar de uma aventura comum e provarão, no final, um sentimento de gratidão pelo que ocorreu: o ouvinte, pelo que aprendeu; o narrador, pelo justo orgulho de ter um passado tão digno de rememorar quanto o das pessoas ditas importantes.

BOSI¹

O concurso Rainha da Soja é compreendido como um lugar de memória constituído por acontecimentos e conjunturas do passado. Estes são ressignificados no trabalho explicativo frente à memória das Rainhas da Soja de Ponta Grossa, pois “só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica”.² Enquanto sistema simbólico, o concurso e a análise de seus significados permitem tornar visíveis as “complexidades das experiências sociais”.³ Por isso, a apreensão do social a partir de uma experiência concreta – o concurso – deve considerar as relações entre a objetividade da análise histórica com a subjetividade da experiência vivida.⁴

Amparado objetivamente pelos poderes econômicos e políticos, conforme visto no capítulo precedente, o concurso construía representações de gênero inspiradas em modelos idealizados de jovens mulheres pertencentes às elites locais.

¹ BOSI, E. **O tempo vivo da memória**. Ensaios de Psicologia Social. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

² NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 12, 1993.

³ GEERTZ, C. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: _____. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 29.

⁴ MICELLI, S. A força do sentido. Introdução. In: BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1999. p. XXIII.

Elementos distintivos de classe e gênero foram evocados e reafirmados com base em critérios como civilidade e moralidade, concepções pedagogicamente colocadas à disposição da sociedade como possibilidade de reforçar padrões partilhados pelos grupos econômica e politicamente dominantes.

Nesta perspectiva, pretendo reconstruir as redes de sociabilidades instituídas pela competição, considerando o envolvimento da população local e as identidades femininas reconstituídas nas lembranças e narradas pelas entrevistadas, Rainhas da Soja de Ponta Grossa.

3.1 SOCIABILIDADES NAS LEMBRANÇAS DAS RAINHAS

Conforme orienta Maurice Halbwachs, os indivíduos lembram porque fazem ou fizeram parte de grupos e estas lembranças relacionam-se com a permanência na comunidade⁵, com ligações afetivas e com referências vivenciadas anteriormente que remetem a uma perspectiva coletiva. Sendo assim, a memória estaria relacionada aos grupos dos quais o indivíduo fez parte como a família, a classe social, a escola, a igreja, a profissão; enfim, seus mais distintos grupos de convívio. A rememoração do concurso nos dias atuais por pessoas que o vivenciaram de uma maneira ou outra, diretamente envolvidos ou por meio de parentes e amigos, demonstra a construção de redes sociais e representacionais, nas quais as pessoas

⁵ A utilização da expressão “comunidade” é utilizada para fazer referência a um grupo não homogêneo que compartilha um espaço geográfico – a cidade de Ponta Grossa –, sentimentos de pertencimento e compromisso mútuo baseados em experiência comum e interdependência. Desse ângulo, a expressão indica a idéia de que grande parte da população ponta-grossense participou direta ou indiretamente do Concurso Rainha da Soja, vivenciando-o como uma experiência comum com múltiplas interpretações e compreensões. (COMUNIDADE. JOHNSON, A. **Dicionário de Sociologia**. Guia prático da linguagem sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. p. 45).

rememoram suas vivências coletivas, reconstruindo práticas culturais que compõem a identidade local.

Para Jean Baechler⁶, os grupos exprimem seus interesses, gostos e paixões através da capacidade humana de estabelecer redes de sociabilidade. O conjunto dos laços estabelecidos pelo indivíduo na prática da sociabilidade constitui uma rede que envolve vários espaços sociais, aos quais um único indivíduo pode pertencer simultaneamente. Nesse viés, a rede pode designar as relações que cada indivíduo estabelece com outros que, por sua vez, também estão em outras interações dependentes das redes de vizinhança, parentesco, classe. Assim, a rede pode envolver a sociedade, no sentido amplo do termo, abrangendo múltiplos grupos diferenciados pelos potenciais: econômico, cultural, político. Também pode indicar que grupos ou indivíduos circulem em espaços sociais compartilhados por opção com atores sociais que têm prazer e interesse em serem sociáveis uns com os outros, como é o caso dos grupos envolvidos na sustentação política e econômica da conjuntura ponta-grossense, no decorrer dos anos de 1970.

O compartilhamento de clubes de serviços, clubes sociais, associações – como a Associação Comercial e Industrial de Ponta Grossa – e pelas elites locais reforçava laços distintivos, que se revelavam excludentes por deixar à margem aqueles que não possuíam capital para participar desses espaços. Ao mesmo tempo apresentavam caráter integrador ao aproximar indivíduos, com amplo potencial econômico e simbólico, em espaços onde imperavam as regras da civilidade.⁷ Ambas as concepções de redes de sociabilidade são reconstruídas nas narrativas das entrevistadas e possibilitam a análise dos espaços sociais por onde transitavam as jovens candidatas, a participação da comunidade no processo de constituição do concurso e o reconhecimento dos elementos simbólicos praticados nas fases do

⁶ BAECHLER, J. Grupos e Sociabilidade. In: BOUDON, R. **Tratado de Sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995. p. 65-106.

⁷ Id.

concurso. Assim, as lembranças se constituem também em relação aos espaços de sociabilidades vivenciados pelas mulheres entrevistadas.

As memórias sobre a adolescência vivida em Ponta Grossa indicam redes de sociabilidades que se formavam por meio de afinidades culturais, econômicas, políticas e espaciais. As jovens eleitas pertenciam a famílias de reconhecido capital econômico e simbólico, integrantes das redes dos clubes sociais e de serviços. Esse pertencimento significava um diferencial baseado na tradição familiar e exposto pela circulação das jovens em campos sociais, simbolicamente autorizados aos portadores de signos distintivos na cidade.

Ao lembrar da infância e adolescência, Judith Silveira descreve o lugar onde morou, na Avenida Vicente Machado, na época um dos endereços residenciais mais cotados como um espaço de relações de vizinhança, onde “todos” se conheciam. A rua tornava-se um espaço de sociabilidade, um lugar de encontros no qual os bons costumes e condutas eram exigidos. Revelava-se um lugar de estratificação social, pois na rua também “expunham-se distinções, davam-se visibilidades, controlavam-se os gestos, construía-se os sujeitos, reafirmavam-se os gêneros”.⁸

E nós morávamos ali na Vicente Machado, bem no centro da cidade. Onde fica hoje a Tango Esportes. Ali onde tem aquela loja. Então ali, eles reformaram. Hoje a gente não vê nem vestígios daquela construção que tinha por fora. Mas era uma construção de época, bem tradicional da época que a minha vó e meu avô construíram ali. E nós nos criamos ali... Nascemos... Nos criamos ali... Passamos a nossa adolescência. [...] Como eu vivia muito dentro da minha casa... Muito amiga das pessoas vizinhas que moravam por ali... Me lembro que tinha a Regina Ribas que era um pouquinho mais velha do que eu e era da família Ribas... Da Geni Ribas, do Romeu Ribas... Que são pessoas bem conhecidas na cidade. Quem morava perto... Quem morava na Avenida se conhecia... Você conhecia praticamente todo mundo na cidade.⁹

⁸ FÁVERI, M. de. **Moços e Moças para um Bom Partido**. 2. ed. Itajaí: Univali, 1999. p. 102.

⁹ SILVEIRA, J. Rainha da Soja de Ponta Grossa 1971. **Entrevista à Adriana Caçado**. Curitiba, 1 jun. 2006.

A concepção de que “todo mundo se conhecia” inspira a reflexão de que esse reconhecimento acontecia entre pessoas que partilhavam espaços sociais semelhantes. O sentimento reconstruído na lembrança de Judith Silveira remete a experiência vivenciada, pelas elites e grupos médios, no decorrer da década de 1970, quando residir no centro da cidade auferia distinção e *status*.¹⁰

Moradora do bairro São José, Marisa Sielski relembra esse elemento diferenciador num movimento entre passado e presente, apontando as mudanças nesta concepção de espacialidade: “Porque basta você morar no bairro, né, em relação ao centro... Basta você morar no bairro que já há uma certa... Então quem mora no centro, presume-se que sejam as pessoas mais abonadas, com condição de vida melhor...”. Pergunto: Naquele momento ou hoje? E ela responde: “Hoje tem-se os condomínios ... Que às vezes até as pessoas acham que o bairro é mais nobre, é mais residencial do que o próprio centro... Então acho que houve essa inversão. Na época era, era bem evidente: o centro era mais chique!”¹¹ É possível ponderar que a expressão “todo mundo” encontrava limites sociais e espaciais, além de que os espaços de identificação das pessoas relacionavam-se também aos espaços simbólicos a elas autorizados e reconhecidos, conforme expresso nas lembranças de Judith Silveira.

Em consonância, o controle sobre as amizades e sobre os locais de circulação dos jovens adolescentes tinha como base as próximas relações mantidas entre as famílias: “Mas eu me lembro do que eu vivia... Que os meus pais conheciam os pais dos meus amigos, das minhas amigas... As mães tinham aquela coisa de se visitar”.¹² O fato de ser ponta-grossense, residir há anos na cidade, compartilhar

¹⁰ No decorrer da década de 1970, a especulação imobiliária intensificou-se em Ponta Grossa. Muitos edifícios com mais de dez andares foram inaugurados no centro da cidade e passaram a abrigar famílias de classe média em ascensão (LOWEN, C.L. **Favelas**: Um Aspecto da Expansão Urbana de Ponta Grossa. Dissertação. (Mestrado em Organização do Espaço) – Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita, Rio Claro, 1990).

¹¹ SIELSKI, M. Rainha da Soja de Ponta Grossa e Segunda Princesa da Soja do Paraná 1975. **Entrevista concedida à Adriana Cançado**. Ponta Grossa, 8 nov. 2005.

¹² SILVEIRA, J. Rainha da Soja de Ponta Grossa 1971.

espaços sociais e simbólicos baseados em distinções econômicas, culturais e políticas eram fatores que estreitavam os laços entre os membros dessas famílias, reconhecidamente tradicionais na cidade.

As escolas também eram espaços de convivência entre os jovens. Os colégios públicos: Regente Feijó e Instituto de Educação eram reconhecidos pela qualidade de ensino e figuram na relação de escolas freqüentadas pelas Rainhas, no decorrer do Ensino Fundamental, antigo “Primário”. Além deles, os colégios particulares e de orientação religiosa como o Colégio Sant’Anna, Sagrada Família, São José e de orientação leiga, como o Colégio de Aplicação, acolhiam os jovens para a realização do Ensino Médio, antigo “Científico”.

Dentre as escolas, o Colégio de Aplicação, vinculado à Universidade Estadual de Ponta Grossa, e dedicado exclusivamente ao Ensino Médio como uma espécie de curso preparatório para o vestibular, é rememorado como um espaço de convivência de estudantes privilegiados: “Ali você encontrava uma elite tanto econômica como cultural... Não bastava ser da elite econômica e não ter vontade de estudar, né [...]”.¹³ A rigorosidade para o ingresso é também rememorada: “Era seletivo! Você passava inclusive por um teste de conhecimento... Então já eram alunos pré-selecionados pra fazer parte daquela comunidade estudantil. Não bastava querer! Você tinha que prestar concurso!”.¹⁴

De maneira semelhante o colégio é lembrado por Suzy Mara Samways, “Eles faziam uma prova, faziam um teste de QI [Quociente de Inteligência] e era muito difícil de entrar [...] e nós brincamos ‘é, nós éramos os gênios da cidade’... porque fazíamos vários testes e não era qualquer aluno que entrava”.¹⁵ O conhecimento, medido através de um teste, constituía-se em mais um elemento diferenciador e seletivo, concepção próxima da sabatina enfrentada pelas

¹³ SIELSKI, M. Rainha da Soja de Ponta Grossa e Segunda Princesa da Soja do Paraná 1975.

¹⁴ Id.

¹⁵ SANWAYS, S. Rainha da Soja de Ponta Grossa 1974. **Entrevista concedida à Adriana Cançado**. Curitiba, 22 out. 2006.

candidatas ao título de Rainha da Soja, no decorrer das etapas do concurso.¹⁶ Ainda sobre o colégio, Marisa Sielski relembra,

Como eu estudei ali na Escola São José eu fiquei... Assim... Com um círculo de amizades um pouco restrito a região. Então meus amigos... Meu relacionamento maior era ali até concluir a oitava série. Daí eu passei a estudar no Colégio Aplicação, que era o colégio que funcionava junto à Universidade, que depois no último ano ele foi para o Instituto de Educação. Então ali ampliou o meu rol de amigos e, inclusive até uma classe social mais alta... Eu comecei a conviver com pessoas um pouco diferentes das que eu era acostumada, sabe, até outros valores... Você acaba mudando um pouco quando você muda teu habitat, digamos assim... Então foi bom, nossa! Eu evoluí. Eu cresci, porque essas pessoas me deixavam melhor. Então eu gostei muito de estudar no Colégio Aplicação porque era uma escola pequena... Acho que tinha duas turmas apenas de cada série, três séries então eram seis turmas. Todos se conheciam... E todos... Um participava da vida do outro, sabe... Era uma grande família. Era muito bom!¹⁷

Descendente de alemães, Marisa Sielski relembra o ingresso no colégio como uma fase de inserção no mundo das elites locais. Filha de um proprietário de casa de carnes, ela relata que foi educada nos parâmetros de uma família católica de classe média portadora de outros elementos sociais distintivos, como o envolvimento acentuado com a igreja do bairro São José. Ao reconstruir as lembranças, rememora sua participação na escola como um marco divisor nas suas relações sociais, tendendo a explicar sua pertença ao seleto grupo de candidatas ao concurso a partir de seus vínculos com a intelectualidade, muito mais do que com o aspecto econômico de sua família. Uma vez mais a lembrança de que “todos se conheciam” remete a uma rede de espaços sociais partilhados por grupos portadores de reconhecidos símbolos distintivos de suas posições na estrutura da sociedade local. No caso específico de Marisa, a diferença econômica de sua família em relação às demais eleitas parece ter sido superada pelas práticas sociais desempenhadas

¹⁶ Das sete Rainhas entrevistadas, quatro estudaram no Colégio Aplicação.

¹⁷ SIELSKI, M. Rainha da Soja de Ponta Grossa e Segunda Princesa da Soja do Paraná 1975.

pelos membros de sua família e que correspondiam ao ideal propalado de grupo familiar.

O pertencimento das candidatas aos clubes de serviço e lazer revela que as jovens circulavam em espaços sociais opcionais, isto é, onde partilhavam com outros membros da sociedade local a sociabilidade e a civilidade. Das sete Rainhas entrevistadas, apenas uma delas não integrava o quadro dos associados dos Clubes Pontagrossense e Lagoa. Era Marisa Sielski, que participava do Clube Princesa dos Campos, em nome do qual conquistou o título.

A relevância social em integrar esses quadros é rememorada: “Antes de nos mudarmos pra Ponta Grossa, meu pai já era sócio pra nós no clube Lagoa e Pontagrossense”.¹⁸ Peggy Gutmann prossegue recordando que fixou residência em Ponta Grossa nos anos de 1970 e que a aceitação e de sua família pela sociedade local esteve vinculada aos elementos simbólicos que a mesma exibia: “E viemos, como se diz, já fazendo festas de quinze anos, sócia de clube e eram duas gauchinhas... Gauchinha era bonitinha e daí o acesso era mais fácil assim”.¹⁹ Sócio em uma empresa de venda de equipamentos agrícolas, num período de intensa mecanização das lavouras de soja, o pai de Peggy, ao chegar à cidade, imediatamente, estabeleceu vínculos com os grupos locais por meio da inclusão de sua família em espaços partilhados pelas elites. Esse ato legitimou a aceitação da família que, ao transitar em campos sociais das elites locais, passou a exibir os mesmos símbolos identificadores desses grupos.

As festas de quinze anos e os *debuts* também integravam os espaços de sociabilidades das Rainhas. Os bailes de debutantes estavam associados aos clubes de lazer e representavam a iniciação das jovens mulheres aos compromissos sociais dos grupos aos quais pertenciam. Representativos da exibição de símbolos distintivos, os bailes de debutantes eram eventos concorridos e permeados de

¹⁸ GUTMANN, P. Rainha da Soja de Ponta Grossa e Primeira Princesa da Soja do Paraná 1978. **Entrevista concedida à Adriana Caçado**. Ponta Grossa, 8 dez. 2006.

¹⁹ Id.

glamour. Em Ponta Grossa, o Clube Princesa dos Campos realizava anualmente o “Baile das Rosas”²⁰, quando se elegia a Rainha das Debutantes e o Clube Curitibano, de Curitiba, realizava o “Baile das Debutantes do Paraná” que reunia debutantes de várias localidades paranaenses competindo pelo título. Sobre esses eventos, Peggy Gutmann relembra,

O Baile das Rosas era em... Era realizado no Clube Verde... Que existe até hoje, inclusive com coroação e tudo, mas naquela época quando nós debutamos eu fui representando se eu não estiver enganada agora o Clube Pontagrossense e a Maria Helena Bittencourt foi representando o Clube da Lagoa... Nós fomos no baile da Rainha das Debutantes do Paraná, e a Maria Helena ficou a Rainha das Debutantes do Paraná e eu fiquei Princesa das Debutantes... Aliás, eu to confundindo não é a Maria Helena Bittencourt, é a Maria Helena Puppi, desculpe foi a Maria Helena Puppi irmã da Regina Puppi... A Maria Helena... A Maria Helena Puppi foi representando o Lagoa e eu fui pelo Ponta.²¹

Ao recordar os bailes de debutantes, Peggy reconstitui a rede estabelecida entre as candidatas, suas famílias e o concurso Rainha da Soja. A realeza fictícia parecia ser uma prerrogativa das elites. Espaço simbólico no qual as jovens representavam suas famílias e exibiam suas características de classe social, o baile de debutantes integrava os espaços públicos nos quais se ganhava notoriedade por meio da exposição de trajes e boas maneiras das jovens. Com propósitos de conservação, indicava também o nível projetado como ideal e natural de autocontrole feminino.

Na narrativa de Peggy Gutmann, os nomes de três Rainhas da Soja de Ponta Grossa e a irmã de uma delas – Maria Helena Puppi, eleita Rainha das Debutantes do Paraná é irmã de Regina Puppi, eleita Rainha da Soja de Ponta Grossa, em 1973 – são citados numa alusão de que os espaços de produção e legitimação simbólicas das elites locais extrapolavam as fronteiras geográficas do município e atingiam outras esferas sociais, além da própria comunidade de origem. É também o que

²⁰ BATISTA, M. I. **Clube Princesa dos Campos**. 1897-1997. Ponta Grossa: Planeta, 1997.

²¹ GUTMANN, P. Rainha da Soja de Ponta Grossa e Primeira Princesa da Soja do Paraná 1978.

percebo nas lembranças de Edna Fae. Edna recorda que participou de bailes de debutantes em várias cidades, pois em todas sua família mantinha algum conhecimento: “Debutei em Guarapuava! Debutei em Ponta Grossa! Debutei em Cascavel, em Irati e em dois Clubes em Curitiba. Naquela época era assim... minha mãe tinha uma amiga que morava em Guarapuava, daí em Cascavel ela tinha um parente”.²² Por sua vez, Judith Silveira ao recordar o baile de debutantes, tece uma relação entre este e o baile para a eleição da Rainha da Soja, acentuando um forte sentimento aos dois eventos:

J: Debutei no Pontagrossense [...] e eu adorei o meu baile de debutante! Você já pensou a gente, menina nova, vai num baile. [...]

A: Tem como comparar a emoção de ter sido eleita a Rainha da Soja e a emoção do baile de debutantes, tem uma semelhança?

J: Você sabe que eu nunca pensei nisso? Mas eu acho que as duas emoções são fortes. Porque ali você também desfila. Onde eu tinha desfilado? Só no baile das debutantes. No mesmo clube. Foi uma coisa parecida com o que eu já tinha feito. Veja o detalhe que a gente chegou à conclusão do costume da região. Então, eles não infringiram nada, eles se adaptaram ao meio.²³

Ao lembrar de seu baile de debutantes, a entrevistada associa as emoções ao mesmo sentimento despertado pelo baile de escolha da Rainha, de onde saiu vitoriosa. No entanto, sua narrativa chama atenção quando, do tempo presente, ela consegue estabelecer uma problematização entre esses bailes de debutantes e o concurso, como se ao organizar um evento nos moldes do concurso e, especificamente, do baile de escolha, a multinacional Sanbra estaria apropriando-se de práticas culturais locais. Para Robert Lavenda²⁴, os organizadores dos concursos procuram conciliar dois modelos de exibição da mulher – apresentação das

²² FAE, E. Rainha da Soja de Ponta Grossa e Rainha da Soja do Paraná 1976. **Entrevista concedida à Adriana Cançado**. Ponta Grossa, 22 maio 2006.

²³ SILVEIRA, J. Rainha da Soja de Ponta Grossa 1971.

²⁴ LAVENDA, R. “It’s not a Beauty Pageant!”: Hybrid Ideology in Minnesota Community Queen Pageants. In: COHEN, C. B.; WILK, R.; STOELTJE, B. (orgs.). **Beauty queens on the global stage: gender contests, and power**. New York: Routledge, 1996. p. 31-46.

candidatas desfilando diante da sociedade como as debutantes e o concurso de beleza ancorado no julgamento da candidata – cujos elementos são apropriados para criar uma estrutura teatral de múltiplos significados e onde as jovens podem demonstrar postura ou pose, boa preparação visual, boas maneiras e bons relacionamentos com as outras candidatas. Um palco para a reafirmação de valores de gênero e de classe.

Os vínculos com clubes de serviço como o Lions Clube, por exemplo, são reconstruídos nas lembranças assim como a participação de algumas Rainhas numa agremiação de jovens intitulada “Caloc”: “Fazia parte a Regina... Fazia parte o Tito Fonseca. Particpei desde o início... e eram poucas mulheres, nós éramos em quase cinquenta ou sessenta pessoas”.²⁵ A sensação reelaborada nas lembranças inspira imagens de uma adolescência vivida em grupo e em espaços nos quais os jovens reconheciam os outros e por eles eram identificados por meio das redes de conhecimento que existiam entre as famílias, os parentes, os vizinhos, enfim, entre os membros de grupos integrantes das elites ponta-grossenses.

Aqui como a cidade não era muito grande você tinha o privilégio de conhecer todo mundo... Quem era filho de todo mundo, os tios... A gente saía em bando... A juventude não era perigosa... Todo mundo era gente conhecida... Nós fazíamos parte de um clube... A turma Caloc... Você já ouviu falar aqui em PG? Então, eram filhos de amigos que a gente organizava festas para ajudar entidades beneficentes... Eram realizados no Clube da Lagoa que tinha sido recém-inaugurado também... Então a gente fazia Noite do Pijama, Noite do Horror e todo mundo ia caracterizado... Noite Hippie... Depois teve a Noite da Rainha e todas as rendas eram revertidas para entidades assistenciais, sabe... Então era uma adolescência que fazia o bem para os outros e como estímulo tinha as festas e tudo mais... Angariar alimentos para as pessoas... Roupas e tudo... Então era uma adolescência muito construtiva. Era muito gostoso de viver naquela época, não havia perigo em nada... Todo mundo se conhecia... Muito agradável!

A: Você também estava fazendo parte do Leo...

R: Fazia! Eu era Diretora de Publicidade (risadas)... Diretora Social sabe... Nós fazíamos festas beneficentes pra arrecadar fundos, toneladas de alimentos, de comida... Era uma juventude tão construtiva diferente da de hoje! Nós saíamos em grupos, em bandos... O que o Lions fazia, nós

²⁵ FAE, E. Rainha da Soja de Ponta Grossa e Rainha da Soja do Paraná 1976.

fazíamos também, o Léo era uma entidade afiliada ao Lions, mas era pra juventude.²⁶

As jovens Rainhas da Soja de Ponta Grossa compartilhavam os mesmos espaços sociais como a escola e o clube e circulavam em vários deles como membros de famílias com destacada posição social. O Léo Clube e a turma Caloc são exemplares nesse sentido, pois seus membros participavam de ambas as associações e exerciam atividades semelhantes nas duas. Conforme relembra Regina Puppi, adolescente ativa nos espaços sociais, as atividades organizadas pelos grupos almejavam sempre a prática da filantropia.

O envolvimento da sociedade no concurso ocorria por meio da imprensa escrita e falada e revelava-se, em algumas situações, diretamente às jovens. Sobre esse envolvimento, Judith Silveira, candidata pelo Colégio Regente Feijó, relembra que sua vitória incitou o conagraçamento de professores e alunos, tornando-a alvo de curiosidade e admiração.

Ah sim, sempre todo mundo sabia. Sempre que ocorre alguma coisa dentro de uma cidade pequena todo mundo fica sabendo. Todo mundo se conhece. “Ah, a Judith a Rainha da Soja”. E daí na escola todo mundo festejava, brincava comigo a respeito disso. Divulgou bastante, dentro da cidade o meu título, divulgou bastante esta parte da soja. Porque as pessoas ligavam uma coisa com a outra. [...] Eu ficava meio envergonhada na época. Porque eu não esperava todo aquele reflexo, como eu fui meio no embalo e tal, meio criança. Eu ficava meio inibida. Todo mundo ta te olhando, já te conhece, já te pergunta o que é que é. [...] Isso acontecia dentro do colégio mesmo, o meio que eu freqüentava. Por ser uma escola grande, tinha muitas alunas... Era a parte feminina à tarde e de manhã a masculina. Então eu me lembro que dentro da escola toda, todo mundo queria me ver, saber quem eu era. Fiquei muito conhecida dentro da escola! [...] Os professores faziam a maior festa: “Puxa! O Regente ganhou!” Nossa! Foi a maior festa... Porque tinha sociedades ali, outros meios em convívio, né?²⁷

²⁶ PUPPI, R. Rainha da Soja de Ponta Grossa 1973. **Entrevista concedida a Adriana Cançado.** Ponta Grossa, 28 out. 2005.

²⁷ SILVEIRA, J. Rainha da Soja de Ponta Grossa 1971.

A participação da comunidade é lembrada como manifestações públicas de apoio e solidariedade às candidatas, num processo constituinte de sentimentos de pertença a um grupo – no caso, à população ponta-grossense, à cidade de Ponta Grossa. Nesse processo, a identidade local já vinculada às perspectivas do desenvolvimento industrial, relacionava-se complementarmente à postura da Rainha enquanto representante dos aspectos positivos da cidade, isto é, potencial econômico, político e turístico. As narrativas de um grupo não são soltas ou desestruturadas, mas manifestações de um modo de pensar e sentir coletivo e estruturado por atuarem em um *habitus* de grupo.²⁸ Desse modo, as lembranças das mulheres expressam sentimentos relacionados com experiências vivenciadas nos grupos aos quais pertenciam e conviviam, as elites econômicas e políticas locais.

Marcava sabe Adriana! As pessoas esperavam sabe todo ano, quem que iria representar Ponta Grossa... Eles tinham aquele acompanhamento da sociedade, todos os níveis da sociedade, o setor industrial ficava ávido em saber quem que era, porque eles mostravam... Abriam as suas portas, suas indústrias pra gente ter conhecimento em vários setores... Sabe no setor industrial das máquinas usadas... Então Adriana era um conhecimento integral que você adquiria, eles tinham interesse em divulgar essas indústrias também, porque o aprendizado pra você falar a respeito deles.²⁹

Do mesmo modo, o envolvimento de setores mais amplos da população também é recordado e as lembranças de manifestações populares extrapolam os limites dos muros escolares e das indústrias interessadas no certame, alcançando as ruas da cidade. Edna Fae lembra que era cumprimentada por “[...] pessoas que acompanhavam pelo jornal, e que eram as pessoas da sociedade pontagrossense”.³⁰ A ampla publicidade atribuída ao concurso e por estar este

²⁸ WOORTMANN, E. F. Homens de hoje, mulheres de ontem: gênero e memória no seringal. In: FREITAS, C. **Anais do I Seminário e II Semana de Antropologia da UCG**, Goiânia: UCG, 1998.; BOURDIEU, P. Condição de Classe e Posição de Classe. In: _____. A economia das trocas simbólicas. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

²⁹ PUPPI, R. Rainha da Soja de Ponta Grossa 1973.

³⁰ FAE, E. Rainha da Soja de Ponta Grossa e Rainha da Soja do Paraná 1976.

associado ao espetáculo de imagens e discursos proporcionados pela implantação das indústrias beneficiadoras de soja, favorecia a divulgação e a associação entre a Rainha eleita e a cidade de Ponta Grossa, a quem ela representava. Neste sentido, Regina Puppi rememora que as “pessoas simples” sentiam respeito pela Rainha, pois ela representava a cidade.

Adriana eu achava que as pessoas mais simples... Eu achava que eles achavam uma coisa importante sim... Que afinal de contas repercutia lá fora o que eu falava... Que era ouvido o que eu falava... A minha opinião, o meu conhecimento... Afinal eu representava Ponta Grossa... Toda a região de Ponta Grossa, fora... Eu achava que eles viam com bons olhos e com muito respeito isso sabe... As pessoas vinham me cumprimentar, vinham falar comigo, sabe... As pessoas mesmo desconhecidas...³¹

Nesse ponto é possível ponderar que o envolvimento das pessoas com o concurso ultrapassava a concepção de que este poderia ser apenas manifestações de grupos ou indivíduos diretamente relacionados com a organização do evento e integrantes de campos sociais semelhantes. É inegável que membros de grupos detentores de potencial econômico, político, cultural – classe média e elites – envolveram-se acentuadamente, pois, como visto anteriormente, até os dias atuais é comum as pessoas lembrarem dos bailes e das Rainhas, conforme falam as entrevistadas em suas narrativas: “[...] ‘eu tenho a impressão que te conheço de algum lugar’. ‘Você não me é estranha, nem teu nome!’ Sabe? Daí a gente cita... ‘Ah, é mesmo! Do concurso Rainha da Soja’. E muita gente lembra com saudades!” Após uma pausa e em baixo e nostálgico tom de voz, Margareth Sponholz recorda que “muita gente lembra com saudade, mesmo pessoas que não fizeram parte e que assistiram de longe” e, elevando a voz, conclui: “o que mais marcou pra mim foi essa participação! Envolve a sociedade inteira! Envolve a sociedade inteira!”³²

³¹ PUPPI, R. Rainha da Soja de Ponta Grossa 1973.

³² SPONHOLZ, M. Rainha da Soja e Primeira Princesa da Soja do Paraná 1977. **Entrevista concedida à Adriana Caçado**. Ponta Grossa, 25 out. 2005.

Nesse aspecto, a lembrança de Edna Fae reconstrói as relações que pessoas menos favorecidas tinham com o concurso e com a imagem da Rainha. Ao sair em campanha política para o marido candidato a vereador em Ponta Grossa, “há uns 15 anos atrás”, ela surpreendeu-se ao encontrar na “parede de casa simples, simples, simples” uma foto de jornal que exibia sua imagem como Rainha. Com a voz emocionada explica que “isso aconteceu já várias vezes... Da minha mãe mesmo: ‘Sabe Edna que eu fui na casa de uma costureira e ela tem a tua foto lá’”. Provocada sobre o porquê dessas atitudes ela responde sem hesitar: “Porque saía no jornal e eles achavam assim que era Rainha da Soja: ‘Porque ela é a Rainha da Soja!’ ‘A Rainha da nossa cidade!’”.³³ Agindo conforme o *habitus* das elites locais, a Rainha da Soja torna-se, no imaginário popular, símbolo feminino da cidade, da sociedade local e de suas características.

Desse modo, a representação da Rainha constituiu-se num elo de ligação entre os anseios locais e os campos de poder definidores das diretrizes que, supostamente, poderiam concretizar tais anseios, como a efetiva industrialização da cidade e através dela a solução das carências básicas sentidas pela população em geral, como o desemprego, a carestia. Nesse ponto, o concurso assemelha-se aos concursos realizados na Argentina e analisados pelo grupo de pesquisadoras coordenadas por Zaida Lobato³⁴, pois indica a aproximação de idealizadas características femininas ao movimento político e econômico que instituiu e “naturalizava” uma espécie de unidade identitária local a uma concepção de modernização e desenvolvimento econômico. A exposição cotidiana das representações identitárias da Rainha torna essa identidade natural e cotidiana, contribuindo para que as pessoas interiorizassem as rainhas como modelos de feminilidade, tornando-as aptas a representarem a cidade. Assim, a exposição constante das Rainhas em eventos públicos, em jornais e televisão locais contribuiu

³³ FAE, E. Rainha da Soja de Ponta Grossa e Rainha da Soja do Paraná 1976.

³⁴ LOBATO, M. Z. (org.) **Cuando las mujeres reinaban**. Belleza, virtud y poder em la Argentina del siglo XX. Buenos Aires: Biblos, 2005. Ver Capítulo 1.

para inculcar no cotidiano das pessoas a idéia associativa entre as representações de cidade e a Rainha enquanto signo condensador dessas representações.³⁵

Considerando que a sociabilidade é entendida como potencial humano de estabelecer redes, através das quais os grupos exprimem seus interesses, gostos, paixões³⁶, posso inferir que a participação indireta das pessoas da comunidade constituía redes de apoio e reconhecimento simbólico da imagem idealizada da Rainha e da mulher. Pierre Bourdieu orienta que os discursos de autoridade não bastam ser compreendidos, mas reconhecidos para que possam exercer seus efeitos próprios. Esse reconhecimento, prossegue o autor, só ocorre quando algo se torna evidente em determinadas circunstâncias, “as mesmas que definem seu uso legítimo”.³⁷

Assim, as Rainhas foram simbolicamente reconhecidas pela autoridade a elas delegadas – afinal haviam sido escolhidas entre as melhores – para representar Ponta Grossa e a soja e pela aptidão de produzir esse discurso que encontrava “receptores legítimos”. Dito de outro modo, situações conjunturais específicas – econômicas, políticas e sociais – compunham cenários favoráveis para a receptividade, compreensão e interiorização, por parte dos ponta-grossenses, da imagem da Rainha, legitimando-a: “a eficácia simbólica das palavras se exerce apenas na medida em que a pessoa-alvo reconhece quem a exerce como podendo exercê-la de direito”, ou “quando se esquece de si mesma ou se ignora, sujeitando-se a tal eficácia, como se estivesse contribuindo para fundá-la por conta do reconhecimento que lhe concede”.³⁸

³⁵ MATTSON, K.; PETTERSSON, K. Crowning miss Sweden – Constructions of gender, race and nation in beauty pageants. In: 5th EUROPEAN FEMINIST RESEARCH CONFERENCE, 2003, Sweden.

³⁶ BAECHLER, J. Grupos e Sociabilidade. In: BOUDON, R. **Tratado de Sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995. p. 65-106.

³⁷ BOURDIEU, P. **A economia das trocas lingüísticas**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1998. p. 91.

³⁸ Ibid, p. 95.

Os elementos instituintes e identificadores das Rainhas, isto é, os critérios evocados no processo de seleção e associados à moralidade, à civilidade e ao pertencimento à Ponta Grossa, ligavam a jovem eleita à cidade e a seus moradores. Essa ligação era reforçada pelo simbolismo exposto nas performances públicas da Rainha, que enfatizava um conjunto de possibilidades para a cidade em seus aspectos industriais e de todos os sentidos desenvolvimentistas advindos dos discursos industrializantes. Esse sentimento, entre as Rainhas e a comunidade ponta-grossense, foi cultivado nos anos iniciais do certame quando a competição restringia-se a instituições e candidatas locais, e a vencedora convertia-se em representante da multinacional sediada na cidade, passando a simbolizar aspectos identitários locais.

As alterações feitas no regulamento do concurso, em 1975, provocaram expressivas mudanças, como a participação de jovens de outras localidades na competição, modificando a concepção local do evento. Essas mudanças são lembradas como uma “abertura do concurso”, motivo de sua descaracterização e gradual diminuição da importância do evento.

Umás coisinhas que eu acho que foi desgastando... E agora eu penso: “será por que ficou pegando muitos Estados?” e os Estados quiseram aumentar muito o âmbito do concurso... E daí fez com que os prefeitos pegassem uma moça lá... Que pegassem uma miss, miss da cidade... Não procurou aquele estereótipo, aquele tipo padrão que teria que ter a Rainha da Soja... Então acho que o concurso se perdeu nisso e começou a causar mais insatisfações do que satisfações.³⁹

Ao ser indagada sobre a ampliação do concurso e a participação de candidatas de outras localidades, Margareth Sponholz lembra que nos três primeiros anos concorriam jovens “só [da] elite... só [da] elite. Só de Ponta Grossa. E daí quando abriu cinco anos, o quinto ou sexto depois... [...] O ano da abertura foi o meu, foram quarenta e poucas pontagrossenses, e depois mais trinta e três do

³⁹ FAE, E. Rainha da Soja de Ponta Grossa e Rainha da Soja do Paraná 1976.

estado e da região sul”.⁴⁰ Essa mudança desloca o enfoque da qualidade das concorrentes para a quantidade que, segundo Robert Lavenda⁴¹, poderia indicar para os organizadores uma espécie de marca de importância do evento. Para a Sanbra, a abertura representava o sucesso objetivado do concurso enquanto estratégia publicitária, pois a participação de outros municípios indicava o aumento de áreas de cultivo e intenso envolvimento de autoridades políticas, agricultores e outros indivíduos integrantes do ciclo produtivo da soja. É possível indicar aqui uma concepção eminentemente masculina uma vez que os envolvidos nas etapas de produção e industrialização eram predominantemente, homens. Porém, para as entrevistadas, a abertura do concurso representou uma ruptura com os elementos idealizados e exigidos na construção simbólica da Rainha, assim como o potencial identificador existente entre o evento e a cidade: “Parece que foi perdendo o *glamour*, sabe? Parece que à medida que se tornou estadual... É... As locais não se interessaram... Tanto que acabou logo. O último foi em 80”.⁴² Para Sarah Banet-Weiser⁴³, o fato de as candidatas terem nascido ou morarem por certo tempo numa determinada localidade explica a representação desta comunidade num concurso

⁴⁰ SPONHOLZ, M. Rainha da Soja de Ponta Grossa e Primeira Princesa da Soja do Paraná 1977.

⁴¹ LAVENDA, R. “It’s not a Beauty Pageant!”: Hybrid Ideology in Minnesota Community Queen Pageants. In: COHEN, C. B.; WILK, R.; STOELTJE, B. (orgs.). **Beauty queens on the global stage: gender contests, and power**. New York: Routledge, 1996. p. 31-46.

⁴² SIELSKI, M. Rainha da Soja de Ponta Grossa e Segunda Princesa da Soja do Paraná 1975. Segunda Princesa da Soja do Paraná 1975. O fim do concurso é atribuído, pelas Rainhas, a expressiva redução dos investimentos financeiros feitos pela Sanbra ao evento. Nas narrativas, algumas entrevistadas relembram que a organizadora Valentina Saptchenko justificou que com a verba delegada seria impossível realizar um evento à altura daqueles que ocorriam no passado. Porém, o final do certame coincide com transformações nas esferas políticas, econômicas e sociais brasileiras. A abertura política encontrava-se em franco processo de consolidação, movimentos grevistas eclodiam pelo país; a soja já não encontrava amparo político como principal produto de exportação e as mudanças no universo feminino indicavam o avanço da emancipação econômica e sexual das mulheres, assim como sua presença em movimentos reivindicatórios da época. Certamente a conjuntura mudara e o contexto não mais se relacionava às representações construídas no decorrer do ritual do concurso Rainha da Soja de Ponta Grossa.

⁴³ BANET-WEISER, S. “A certain class of girl”: respectability and the structure of Miss América Pageant. In: _____. **The most beautiful girl in the world**. Beauty pageants and national identity. Los Angeles: University of Califórnia Press, 1999. p. 31-57.

feminino como um espaço vivenciado pela candidata que, desse modo, compartilha valores e regras de convivência e sociabilidade dessa mesma localidade. A abertura do concurso Rainha da Soja para a participação de jovens de outros municípios, atendendo interesses econômicos e políticos, indica duas importantes questões: amplia a concepção de pertencimento ao espaço social de Ponta Grossa, uma vez que as instituições locais concorrentes na primeira fase unem-se em prol da vitória da Rainha da Soja de Ponta Grossa, quando essa compete para o título estadual e nacional. A outra questão diz respeito à recusa em aceitar “as caçadoras de coroa”⁴⁴, por fugirem estas mulheres dos elementos caracterizadores da imagem idealizada de gênero e classe, construída no palco do concurso.

As práticas de sociabilidade vivenciadas no período do concurso e do reinado, assim como os critérios para a eleição do modelo idealizado de feminilidade, ambos reconstruídos nas memórias, indicam que as Rainhas são associadas a uma gama de ideais e valores em um único corpo. Em outras palavras, transformam o corpo da vencedora num símbolo poderoso da sociedade e da instituição que ela representa e numa espécie de atração e difusão das qualidades de ambos.⁴⁵ Assim, ao recordar, as entrevistadas falam também por meio das vivências e das sociabilidades que instituem símbolos compartilhados e práticas que definem gênero, classe e etnia em termos de identidade local.

⁴⁴ Sarah Banet-Weiser utiliza as expressões “pula-Estado” ou “caçada à coroa” para definir as concorrentes que não pertenciam às localidades representadas e eram escolhidas por convites ou por serem misses, alterando assim o enfoque das escolhas das jovens participantes dos concursos. (BANET-WEISER, S. “A certain class of girl”: respectability and the structure of Miss América Pageant. In: _____. **The most beautiful girl in the world**. Beauty pageants and national identity. Los Angeles: University of Califórnia Press, 1999. p. 31-57).

⁴⁵ MATTSON, K.; PETTERSSON, K. Crowning miss Sweden – Constructions of gender, race and nation in beauty pageants. In: 5th EUROPEAN FEMINIST RESEARCH CONFERENCE, 2003, Sweden.

3.2 LEMBRANDO E TECENDO IDENTIDADES FEMININAS

No espaço público, as mulheres têm quase sempre um dever de beleza [...]. A burguesia reproduz esse modelo segundo uma divisão dos papéis sexuais que delega às mulheres a ostentação do luxo e do lazer.

PERROT⁴⁶

Segundo Michael Pollak⁴⁷, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, havendo uma estreita ligação entre memória e identidade, uma vez que a primeira é elemento constitutivo da segunda, na medida em que a memória é um fator importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo na reconstrução de si. Assim, a rememoração do concurso e do período histórico que se reconstitui através dele por pessoas que o vivenciaram, direta ou indiretamente, implica a concepção da identidade local. Lugar de memória, o concurso atribui aos contemporâneos um significado de unidade e continuidade de características que identificam o ponta-grossense e o relacionam às regras de civilidade e ao exercício de construção da modernização e do desenvolvimento econômico, político e social. Portanto, orienta Pollak, a identidade é compreendida como a “imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, à imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros”.⁴⁸ Essa perspectiva refere-se também às representações das Rainhas.

⁴⁶ PERROT, M. **Mulheres públicas**. São Paulo: Unesp, 1998. p. 22.

⁴⁷ POLLAK, M. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, Rio de Janeiro, 1992, p. 200-212.

⁴⁸ Ibid., p. 5.

No entanto, essa construção não está isenta de transformações. Marieta de Moares Ferreira⁴⁹ orienta que a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade e de credibilidade e, portanto, estabelece-se por meio da negociação com os outros. Isto quer dizer que memória e identidade podem ser negociadas e não são fenômenos que podem ser compreendidos como essências de uma pessoa ou grupo. Também numa perspectiva não essencialista da identidade, Tomaz Tadeu da Silva afirma que identidade vincula-se às criações culturais e não pode ser entendida fora dos sistemas de significação nos quais adquire sentido e, assim sendo, “não são seres da natureza, mas da cultura e dos sistemas simbólicos que a compõem”.⁵⁰

Nesta mesma orientação, não essencial ou fixa da identidade, encontram-se as reflexões de Stuart Hall⁵¹ que, ao desenvolver os aspectos de descentramento do indivíduo pós-moderno, pondera que esse sujeito não é composto por uma única, mas por várias identidades. Assim, as identidades seriam definidas historicamente e, desse modo, diferentes identidades são interiorizadas em diferentes momentos – afirmação negatória de que seriam as identidades unificadas em torno de um “eu” coerente. Prossegue, ponderando que “se sentimos que temos uma identidade unificada é apenas porque construímos uma cômoda estória (sic) sobre nós mesmos ou uma confortadora ‘narrativa do eu’. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia”.⁵²

Compreendendo as orientações teóricas desconstrutivistas, optei pelas perspectivas que defendem a existência de discursos e práticas culturais passíveis de apropriações pelo indivíduo e através dos quais ele passa a identificar-se enquanto ser social e histórico. Porém, tais elementos não são estáticos ou

⁴⁹ FERREIRA, M. de M. História oral, comemorações e ética. **Projeto História**. Ética e história oral, São Paulo, n. 15, p. 157-164, abr. 1997.

⁵⁰ SILVA, T. T. da. **Identidade e Diferença**. A perspectiva dos Estudos Culturais. 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p. 78.

⁵¹ HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

⁵² Ibid., p.13.

universais, mas se relacionam a contextos específicos e a variáveis sociais como gênero, classe, etnia. Além disso, considero na análise os aspectos interacionais envolvidos nas construções identitárias e defendo a relativização da existência de um 'eu real' assim como a possibilidade de múltiplas identidades, contraditórias, conflitivas e históricas. Neste sentido, o conceito de *habitus* de Pierre Bourdieu orienta a perspectiva deste estudo. Rejeito a essencialização, porém defendo a existência de valores compartilhados e apreendidos num jogo de poder, no qual concepções econômicas, políticas e culturais não são exclusiva e individualmente determinantes, mas relacionais nos processos de construção das identidades sociais.

Ressignificar as identidades reconstruídas pelas Rainhas da Soja nos processos de rememoração envolve também a concepção de que o campo da história oral é acentuadamente totalizador, no sentido de que entrevistado e entrevistador trabalham conscientemente na elaboração de projetos de significação do passado. Nesse aspecto, indica Verena Alberti que o esforço é muito mais construtivista do que desconstrutivista e tem como base a experiência concreta, histórica e viva que, graças à compreensão hermenêutica, é transformada em expressão do humano. Alberti orienta que a “vocalização totalizante” da história oral torna-se importante num mundo em que “a fragmentação e a dissipação de significados, o desaparecimento do indivíduo e o privilégio da superfície também estão na ordem do dia”.⁵³

As reconstruções identitárias aqui desenvolvidas sustentam-se nos pressupostos da história oral que pondera sobre as circunstâncias específicas de produção da fonte; a concepção de que existem jogos de poderes permeando os processos de identificação que ocorrem através de interações sociais e envolvem elementos apreendidos cujos significados são compartilhados e reconhecidos socialmente. No entanto, essa postura teórico-metodológica não nega a

⁵³ ALBERTI, V. **O fascínio do vivido, ou o que atrai**, Rio de Janeiro: CPDOC, 2003. p. 59.

multiplicidade identitária, pois as identidades reconstruídas nas narrativas das mulheres são múltiplas, convivem e se opõem. Retomando as concepções de Michael Pollak⁵⁴, entendo que a partir da memória pode-se compreender o indivíduo em relação a sua história, ao grupo ao qual pertence e ao seu lugar na rede social, o que significa dar sentido aquilo que é singular em uma cultura, no caso da cultura ponta-grossense e dos grupos envolvidos na organização e produção do concurso Rainha da Soja.

Na mesma vertente epistemológica, as memórias das mulheres eleitas Rainhas da Soja de Ponta Grossa possibilitam a historicização de concepções de gênero que permearam e permeiam a sociedade local e especificamente os grupos sociais envolvidos na realização do concurso. Até o começo do século XX, informações sobre as mulheres eram obtidas, sobretudo, no espaço doméstico, através de cartas e diários.⁵⁵ Com a retomada da história oral e autobiográfica, as mulheres, entre outros grupos, passaram a ter sua história valorizada e contada não só no espaço doméstico, mas no público também⁵⁶. Pierre Bourdieu⁵⁷, Guacira L. Louro⁵⁸ e Joan Scott⁵⁹ interpretam o jogo interacional entre masculino e feminino, no qual há reciprocidade e troca, como uma divisão do mundo a partir das diferenças biológicas de tal forma que ambos os sexos detêm o poder: um masculino, público;

⁵⁴ POLLAK, M. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, Rio de Janeiro, p. 3-15, 1989.

⁵⁵ PERROT, M. Práticas da Memória Feminina. **Revista Brasileira de História**, v. 9, n. 18, São Paulo, p. 9-18, 1989; LEITE, M. M. L. Mulheres e famílias. **Revista Brasileira de História**, v. 9, n. 17, São Paulo, 1989; INÁCIO, I. da C. A família rememorada: representações do grupo familiar em memórias de militantes comunistas. **Revista Brasileira de História** v. 9, n. 17, São Paulo, 1989.

⁵⁶ CAIXETA, J. E.; BARBATO, S. Identidade feminina: um conceito complexo. **Paidéia**, n. 14, v. 28, p. 211-220, 2004.

⁵⁷ BOURDIEU, P. A dominação masculina. **Educação e Realidade**. n. 20, v. 2, p. 133-184, 1995.

⁵⁸ LOURO, G. L. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. **Educação e Realidade**, n. 20, v. 2, p. 101-132, 1995.

⁵⁹ SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, n. 20, v. 2, p. 101-132, 1995.

outro, feminino, privado, ligado ao mundo das mulheres com suas funções maternas e reprodutoras. Se, num primeiro momento, tem-se a impressão de dois mundos separados, o cotidiano dos discursos e dos fazeres mostra que as duas esferas: pública e privada inter-relacionam-se e devem ser compreendidas como construções históricas que não possuem fronteiras cristalizadas, podendo uma adentrar na outra.

É o que constato nas narrativas das entrevistadas, pois as mulheres eleitas integravam a esfera pública após a coroação, no momento em que suas imagens evocavam as representações da multinacional Sanbra, da soja e da cidade. Entretanto, não são identidades eminentemente públicas, pois as lembranças também reconstróem a esfera privada e o desempenho de atividades vinculadas aos papéis sociais femininos esperados, reproduzidos e reinventados na sociedade local.

Assim, procurei estudar o conceito de identidade feminina, de uma determinada classe social, a partir da perspectiva cultural, acreditando que os diálogos, no ato da entrevista, medeiam a produção de narrativas cuja enunciação pode informar significados que constituem o conceito de identidade feminina no grupo de mulheres eleitas Rainhas da Soja. A reconstrução de significados e identidades sobre a mulher no contexto do concurso parte da perspectiva de que as identidades não são fixas, imutáveis ou permanentes, mas se compactua da premissa de que discursos instituintes dos papéis sociais femininos circulam na sociedade e inspiram práticas e representações caracterizadoras de certa feminilidade. Desse modo, identidades de gênero, longe de serem simples papéis sociais que se pode representar à vontade, são inscritos no corpo e no universo cultural onde têm sua força simbólica.

É o que se verá a seguir: fios e tramas sociais reconstruídas nas memórias das Rainhas eleitas e que instituem possibilidades do ser feminino.

3.2.1 *Moças direitas*: Mães, Pais, Filhas e outros parentescos

Nas lembranças das entrevistadas, a família é reconstruída a partir de sua posição na estrutura social e relacionada aos aspectos: econômico, político e cultural. Marisa Sielski relembra que sua família tinha expressividade social na esfera do bairro em que moravam e onde seus pais eram atuantes partícipes das atividades organizadas pela igreja local. Com a fala entremeada por pequenos silêncios narrou que sua família,

Exercia uma liderança no bairro, na região, mas não chegava a ser uma família de destaque. [...] Eles [os pais] eram muito dedicados ao trabalho. Trabalharam desde muito cedo, então foram voltados pra isso. Não eram, assim, pessoas que... Muito chegadas a eventos sociais... Meu pai era... Da mesma forma como eu fui criada... Até uma altura ele era participante ativo da comunidade ali, da igreja, sabe, em todos os eventos, doando carne, participando ativamente ali... Até fazendo, ajudando no tempero... Eram muito ativos na comunidade ali.⁶⁰

Como observado, além de pais e mães, primas e outros parentes são lembrados pelas relações próximas mantidas com a entrevistada. Marisa Sielski relembra a convivência e apoio recebido de primas e tias que substituíam sua mãe, impossibilitada, por problemas de saúde, de acompanhá-la aos eventos sociais que sua posição de Rainha da Soja exigia. Na função de acompanhantes, tias e primas tinham como obrigação a vigilância do comportamento feminino, representando a obrigação materna de controlar e limitar os atos da jovem,

[...] Então ela se preocupava em ver alguém da família que pudesse ir comigo porque naqueles tempos moças não andavam sozinhas (riso), mas acompanhadas! Então nós tínhamos vários eventos sociais e precisava de alguém que acompanhasse. Meu pai também muito envolvido com as atividades, né, às vezes viajando, comprando gado... Então às vezes ele não estava pra me acompanhar e minha irmã, sendo mais nova, também não era companhia... Sempre tinha uma tia, né... Uma prima mais velha.

⁶⁰ SIELSKI, M. Rainha da Soja de Ponta Grossa e Segunda Princesa da Soja do Paraná 1975.

Então sempre tinha alguém me acompanhando, mas infelizmente nem sempre eram meus pais.⁶¹

Concomitante ao ato de vigilância, a presença de uma mulher da família, mais velha, consolida a representação dos cuidados com a moralidade da jovem e de sua família, afastando qualquer possibilidade de maledicência pelo fato de estar a jovem desacompanhada. A presença de mulheres mais velhas representava o cerceamento das ações da jovem e o afastamento de comentários jocosos. Afinal, moça de família não andava sozinha. A participação de irmãs e tias é rememorada, porém, as figuras materna e paterna são aquelas mais acentuadamente lembradas e representadas por posições e papéis diferenciados de acordo com o gênero, posições hierárquicas, direitos e deveres específicos e ainda por relações afetivas.⁶²

A imagem paterna é reconstituída a partir, principalmente, de sua participação na esfera pública, mas também por atitudes afetivas apresentadas no espaço doméstico. A relação entre as Rainhas e seus progenitores é significativa, pois as jovens eram identificadas pela filiação e, no espaço público, a figura paterna agregava capital simbólico à candidata, num movimento relacional, pois o adequado comportamento da jovem, por sua vez, acumulava capital ao pai. A honra masculina paterna reforçava-se diante do comportamento idealizado e representado pela filha.⁶³

Margareth Sponholz, filha de advogado, vereador por Ponta Grossa e deputado estadual narra que seu pai,

Era totalmente desligado da matéria. Era um advogado super conceituado aqui em Ponta Grossa, [...] era uma pessoa privilegiada porque tinha uma

⁶¹ SIELSKI, M. Rainha da Soja de Ponta Grossa e Segunda Princesa da Soja do Paraná 1975.

⁶² ROMANELLI, G. Autoridade e poder na família. In: CARVALHO, M. do C. B. de. (org.). **A Família Contemporânea em Debate**. São Paulo: EDUC/Cortez, 1995. p. 73-88.

⁶³ Para ver mais sobre a heteronomia da honra masculina, ver: CANÇADO, A. Paixão e Honra: Criminalidade Passional em Ponta Grossa na década de 30. in: DITZEL, C. de H. M.; SAHR, C. L. L. (orgs.) **Espaço e Cultura**. Ponta Grossa e os Campos Gerais. Ponta Grossa: UEPG, 2001. p. 193-208.

capacidade fora do normal e é citado em todos os lugares que a gente vai... Onde a gente vai só ouve elogios a respeito dele.⁶⁴

Neste mesmo viés, Regina Puppi relembra que na época do concurso seu pai havia assumido a prefeitura de Ponta Grossa quando o então prefeito, Gonzaga Pinto, fora convidado a assumir a Secretaria Estadual da Indústria e Comércio: “Meu pai era uma pessoa muito conhecida em Ponta Grossa. [...] Então eles usaram o meu pai muito mais para alavancar a campanha política, porque meu pai era uma pessoa muito querida, muito simples... Era chamado de médico do povo, dos pobres daqui de Ponta Grossa...”⁶⁵ Cabe lembrar aqui, que Amadeu Puppi e Gonzaga Pinto integravam o grupo que apoiou Cyro Martins, compondo as diretrizes políticas e econômicas desenvolvidas nos anos iniciais da década de 1970 e acompanhando o processo de implantação da multinacional Sanbra em Ponta Grossa.

Desenha-se nas lembranças um modelo hegemônico de família, relacionado com a trajetória de vida das entrevistadas, amparado no clássico modelo conjugal, composto de pai, mãe, filhos e filhas. Nessa configuração familiar, a condição de provedor financeiro do consumo doméstico é atribuída ao pai, fato que não impede que emoções e sentimentos do genitor sejam lembrados e aproximados com a autoridade que seu lugar social na família lhe atribui. Judith Silveira relembra que,

Sempre tive tudo do bom e do melhor. Meu pai sempre nos proporcionou tudo de bom dentro do regime que ele considerava correto, sem muitas futilidades. A gente tinha muitos limites estipulados e hoje a gente vê que voltam as presenças dos limites com grande importância na vida de todas as crianças e adultos também.⁶⁶

⁶⁴ SPONHOLZ, M. Rainha da Soja de Ponta Grossa e Primeira Princesa da Soja do Paraná 1977.

⁶⁵ PUPPI, R. Rainha da Soja de Ponta Grossa 1973.

⁶⁶ SILVEIRA, J. Rainha da Soja de Ponta Grossa 1971.

Regina Puppi relembra a relação afetiva que mantinha com o pai:

Eu sempre fui muito ligada ao meu pai. Meu pai foi para mim mãe e pai. Ele era uma pessoa muito liberal, muito inteligente, muito aberta, sabe. [...] Ele era muito amigo dos filhos, um pai maravilhoso! Eu tinha mais afinidade com ele do que com a minha mãe, sabe.⁶⁷

As lembranças sobre as mães são reconstituídas majoritariamente tendo o espaço doméstico e a dedicação à família como referenciais: “Minha mãe sempre cuidou dos filhos, tinha quatro. Muita atenta a todos sempre. Vivia em função dos filhos, né”⁶⁸, lembra Judith Silveira. Associadas ao espaço privado, as imagens maternas são relacionadas a ensinamentos de comportamentos tidos como adequados às jovens. Margareth Sponholz relembra que teve “uma educação que me fez ser educadinha, isso veio da minha mãe”.⁶⁹

Além dessa responsabilidade pelos ensinamentos e transmissão das obrigações consideradas naturalmente afeitas às mulheres, o controle da conduta feminina também é relembrada na reconstituição das imagens maternas: “ela me educava [...] tentando repetir o que ela aprendeu. Ela não se atualizou, digamos assim... ela ficou naquele ambiente familiar tentando apenas proteger, proteger, né... Então a principal meta dela era a proteção”.⁷⁰ Refletindo o momento social vivenciado pelas mulheres no decorrer dos anos de 1970 – quando movimentos organizados por feministas, por trabalhadoras e outros contrariaram práticas discriminatórias e opressivas contra as mulheres e corroborando os ensinamentos de Maurice Halbwachs de que as memórias são coletivas e possuem respaldo cultural – as orientações maternas sobre atividades domésticas cruzavam-se com preocupações de que as jovens estudassem.

⁶⁷ PUPPI, R. Rainha da Soja de Ponta Grossa 1973.

⁶⁸ SILVEIRA, J. Rainha da Soja de Ponta Grossa 1971.

⁶⁹ SPONHOLZ, M. Rainha da Soja de Ponta Grossa e Primeira Princesa da Soja do Paraná 1977.

⁷⁰ SIELSKI, M. Rainha da Soja de Ponta Grossa e Segunda Princesa da Soja do Paraná 1975.

Neste sentido Marisa Sielski recorda, entre sorrisos, a prática de uma tradição familiar feminina, o enxoval. Rememora que sua mãe estava,

sempre preocupada em fazer o enxoval... Ai! Tinha sabe um baú! A partir dos treze anos, nossa! Ela me passou coisas bordadas, do enxoval *dela!* Sabe!? Começou meu enxoval a partir do dela, do que ela não tinha usado. Ela tinha guardado o que era mais valioso, o que ela considerava mais bonito e começou meu enxoval assim!⁷¹

“Fazer o enxoval”, prática feminina relembra como “legado de conhecimento e de segredos, do corpo e do coração”⁷², símbolo de laços que unem duas gerações de mulheres em torno da expectativa do casamento e “uma longa história [de cumplicidade] entre mãe e filha”.⁷³ E, em tom carinhoso, Marisa Sielski prossegue recordando que entre suas atividades cotidianas precisou:

Aprender pintar, bordar, fazer tricô, sabe? Ela passava o que ela achava que era importante porque ela era uma dona de casa, mas claro, sempre querendo que eu estudasse, também colocando, né, a opção do estudo, que era importante, que fazia parte, que eu tinha que me dedicar àquilo. Eu não exercia outra atividade embora meu pai tivesse um comércio... Eu podia exercer uma atividade com ele. Até ele necessitava, mas não... Eles preferiam que eu estudasse do que ficasse... Era a visão deles. Eu até acho que poderia fazer as duas coisas... Preferiam que eu ficasse só estudando e bordando! Então foi proteção total... sabe... Sempre muito protegida pela família.⁷⁴

“Estudando e bordando”, ainda os afazeres tradicionalmente atribuídos a jovens moças casadoiras, mas também outros elementos culturais que contribuem na construção do feminino, como a educação formal enquanto via de independência econômica e cultural.

⁷¹ SIELSKI, M. Rainha da Soja de Ponta Grossa e Segunda Princesa da Soja do Paraná 1975.

⁷² PERROT, M. **As mulheres ou os silêncios da história**. São Paulo: Edusc, 2005. p. 38.

⁷³ Id.

⁷⁴ SIELSKI, loc. cit.

Suzy Mara Samways⁷⁵ relembra a cobrança dos estudos, sempre estimulados pela mãe: “Ela estudou depois de casada, com muita dificuldade. Então ela sempre cobrou muito isto de mim. Eu tinha que ser sempre muito estudiosa, tinha que ser a primeira aluna, tinha que ler muito. Eu tinha dez anos e ela me fez ler todos os clássicos...”.⁷⁶ Das sete Rainhas entrevistadas apenas uma delas, Peggy Gutmann relembra a figura materna a partir de sua inserção no mercado de trabalho.

Meu pai, na nossa casa, nunca se diferenciava ocupação de mulher, ocupação de homem, trabalho de mulher, trabalho de homem... Não existia isso, não tinha isso... Que nem, Adriana... Eu falei assim pra você, na época a minha mãe começou a trabalhar fora... As mulheres o máximo que faziam eram ser costureiras, professora, normalmente de música ainda... Era dessa maneira e minha mãe trabalhava em uma repartição que praticamente era a única mulher, e todas as outras pessoas eram homens, e depois ela foi galgando chefias dentro do Correio e Telégrafos, na época nem era Correio e Telégrafos, era outro nome...⁷⁷

No concurso, tanto na fase anterior à eleição quanto posterior, a presença materna é lembrada e as imagens de mães eufóricas, cobrando posturas adequadas das jovens são reconstruídas a partir da responsabilidade assumida pelas mães no que se refere à educação e comprometimento das filhas. Afinal, as jovens representavam suas famílias e os valores que haviam aprendido. Regina Puppi relembra que sua mãe exigia seu comprometimento, dizendo: “você entrou pra ser Rainha, agora não me faça feio!”. Encarregada da educação dos filhos, a mãe exigia: “A minha mãe me fazia estudar pela Barsa, Adriana, tudo que podia se saber no aspecto da Geografia, sabe... Então foi muito aprofundado em tudo”.⁷⁸

A moralidade e o controle dos corpos das jovens são questões, uma vez mais, rememoradas. Margareth Sponholz recorda que a família questionou sua

⁷⁵ SANWAYS, S. Rainha da Soja de Ponta Grossa 1974.

⁷⁶ Id.

⁷⁷ GUTMANN, P. Rainha da Soja de Ponta Grossa e Primeira Princesa da Soja do Paraná 1978.

⁷⁸ PUPPI, R. Rainha da Soja de Ponta Grossa 1973.

participação no concurso e apenas permitiu, devido ao conceito de seriedade atribuído ao mesmo.

Eu freqüentava um colégio de freiras, né, que era o Colégio Santana. Então claro que a educação era toda como se fosse uma redoma, né! Inclusive, na hora de um concurso... Porque antes eu tinha sido Miss Piscina, do Clube da Lagoa. Mas não foi uma escolha de concurso. Foi uma escolha entre os associados. Então, quando veio o convite da Rainha da Soja, a primeira coisa que a família pensa é... Em concurso é, é... Que não é a coisa... É... Como eu posso te dizer, assim... Me ajude! Assim... Que não é coisa pra moça direita! ... Pra moça de família não é concurso! E realmente o concurso era muito bem controlado! ⁷⁹

Concursos de beleza não eram para “moças direitas, de família”, pois estas não deveriam se expor aos olhares dos outros, principalmente aos masculinos. No entanto, o concurso Rainha da Soja superou a concepção de futilidade e vulgaridade que permeava as competições femininas e instituiu, por meio da reprodução de valores das elites, um espaço permitido para a exposição de símbolos identificadores dos hábitos dessas mesmas elites. Tal permissividade respaldava-se na aura de seriedade do evento, cuidadosamente construída pelos organizadores do concurso.

O conceito de seriedade associado ao concurso, era reforçado pelos critérios de seleção da eleita, pela inexistência do desfile de maiô e pela presença materna em todas as atividades sociais nas quais participavam as jovens majestades. Envolvendo outras mulheres da família, as mães são também lembradas pela participação efetiva e financeira: “Minha mãe financiou a roupa. [...] Minha mãe veio para Curitiba... tem uma tia minha que fazia alta costura na época, fizeram o vestido pra mim... minha mãe passava noites bordando”.⁸⁰

Michelle Perrot, ao analisar a família como uma instância de regulamentação fundamental para a sociedade, escreve ser esta instituição “átomo da sociedade civil

⁷⁹ SPONHOLZ, M. Rainha da Soja de Ponta Grossa e Primeira Princesa da Soja do Paraná 1977.

⁸⁰ SANWAYS, S. Rainha da Soja de Ponta Grossa 1974.

[...]. Célula de reprodução, ela engendra os filhos, aos quais dá uma primeira socialização. Cadinho da consciência nacional, ela transmite os valores simbólicos e a memória fundadora. A 'boa família' é o fundamento do Estado".⁸¹ Refletindo sobre as relações entre público e privado, a historiadora afirma que "a família instaura a comunicação"⁸² entre as duas esferas sociais. No caso do concurso Rainha da Soja, a aprovação e a participação das famílias constituíam-se em requisito fundamental para a sobrevivência do certame e sua legitimação. Enquanto Rainhas, as jovens circulavam e representavam o espaço público, autorizado pelas "boas famílias" ponta-grossenses, uma vez que o concurso exibia gestos e atos distintivos, seletivos e representativos dessas famílias e grupos sociais aos quais pertenciam.

A rememoração das mulheres está ligada à sua condição, ao seu lugar na família e na sociedade.⁸³ Assim, a família rememorada nas narrativas das Rainhas, encontra-se relacionada à identidade feminina da filha e suas relações com outros membros da família, majoritariamente femininos. No caso específico das entrevistadas, ao recordarem e narrarem sua posição social como filhas, membros de famílias pertencentes às elites locais, possibilitam a análise sob duas perspectivas: a primeira remete ao espaço familiar como um lugar de reprodução das práticas consideradas femininas, como o casamento, a maternidade, a dedicação ao lar e também como transmissora de novos valores, como a importância da educação e da profissão. De outro ângulo, possibilita pensar o concurso como espaço autorizado, uma vez que este não negava as regras sociais idealizadas para as mulheres desses grupos, mas ao contrário, reafirmava e ressaltava normas culturalmente instituídas.

⁸¹ PERROT, M. **As mulheres ou os silêncios da história**. São Paulo: Edusc, 2005. p. 458.

⁸² Ibid, p. 459.

⁸³ Ibid, p. 39.

3.2.2 Entre Permanências e Mudanças: Casamento, Maternidade, Profissão

Esposas, donas-de-casa, mães, universitárias e profissionais são identidades femininas reconstruídas pelas Rainhas em suas lembranças sobre o concurso Rainha da Soja. Tais identidades não se antagonizam com a identidade de filhas, membros femininos de famílias das elites locais. Ao contrário, complementam-se e permitem a reflexão de que essas mulheres adquiriram um aprendizado das práticas femininas, inicialmente no âmbito familiar e as reproduziram nos espaços das famílias que constituíram. Além disso, orientam a existência de múltiplas formas de ser mulher, descaracterizando qualquer hipótese essencialista do feminino e apontam um período, no qual as mulheres passaram a ser preparadas para a independência financeira, mas que também estivessem aptas a desempenhar seu papel de esposa e mãe.⁸⁴

Os anos de 1970 foram expressivos na construção de novas feminilidades. As mulheres engrossaram as fileiras do mercado de trabalho de forma crescente. Maria Amélia de Almeida Teles⁸⁵ indica que, em 1950, no Brasil, a proporção de trabalhadoras era de 13,5%; em 1970 quase dobra este número – 20,8% -; e, seis anos mais tarde, em 1976, a porcentagem de mulheres economicamente ativas atinge 28,8%. Reivindicações sobre a necessidade de creches para filhos de trabalhadoras levaram inúmeras mulheres dos grupos populares a reuniões e movimentos em prol desse direito.

Questões como o controle de natalidade foi incorporado em programas governamentais brasileiros como o “Programa de Prevenção de Gravidez de Alto Risco”, cujos critérios foram criticados por profissionais da saúde e feministas, como

⁸⁴ MARTINS, A.P.V. Memórias femininas. In: _____. (org.) **Mulheres na história**. Paraná. Séculos 19 e 20. Curitiba: UFPR, 1997. p. 190.

⁸⁵ TELES, M. A. de A. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1993. p. 57.

discriminatórios para as mulheres dos grupos populares.⁸⁶ Porém, o programa orientou sobre o uso da pílula, contribuindo para a divulgação e ampliação desse método contraceptivo, contribuindo para alterações no exercício da sexualidade feminina. Neste sentido, as mulheres passaram a discutir planejamento familiar e direito ao prazer sexual desvinculado da reprodução. Jornais feministas da época acusavam tal aspiração: “É preciso também optar por não ter filhos, já que sexo e procriação não andam necessariamente juntos. Isso quer dizer que todas as mulheres devem ter todas as informações sobre métodos anticoncepcionais que existem”.⁸⁷ A lei do divórcio, promulgada em 1977, contribuiu complementarmente com transformações nas práticas cotidianas entre homens e mulheres e com a feição do casamento enquanto instituição indissolúvel, cuja manutenção encontrava-se sob responsabilidade das mulheres.

Apesar de divergirem sobre o fato de terem, ou não, sido educadas para o casamento, as sete mulheres entrevistadas são casadas e apenas uma não vivenciou a maternidade. Regina Puppi relembra que “não fui educada pro casamento. Eu fui educada pra ser uma profissional, auto-suficiente, que pudesse me manter e me realizar financeiramente e que eu fosse feliz através dela... Não necessariamente pra eu ser uma dona de casa”.⁸⁸ “Não necessariamente”, porém, as funções domésticas eram ainda um aprendizado necessário, tal como os estudos, para a vida da ‘mulher moderna’.⁸⁹ Ao ser questionada sobre ter vivido, no decorrer da década de 1970, um período de mudanças para as mulheres, prossegue afirmando que “foi nesse período que as mulheres começaram a ter independência, tanto sexual, como financeira, de uma maneira que ela não dependia do homem pra

⁸⁶ No Programa de Prevenção à Gravidez de Alto Risco, as mulheres com mais de 30 anos, mais de três gestações, cardíacas e desnutridas, estavam incluídas na gravidez de alto risco. Isso representava 70% das mulheres brasileiras em idade fértil. (Ibid., p. 101).

⁸⁷ Ibid., p. 146.

⁸⁸ PUPPI, R. Rainha da Soja de Ponta Grossa 1973.

⁸⁹ MARTINS, A.P.V. Memórias femininas. In: _____. (org.) **Mulheres na história**. Paraná. Séculos 19 e 20. Curitiba: UFPR, 1997. p. 197.

sobreviver, que a mulher por si só se bastava”.⁹⁰ Apropriações culturais revelam-se nessa rememoração e possibilitam pensar que as jovens candidatas vivenciavam o conjunto de transformações sociais que atingiam o universo feminino. Nos jornais locais, artigos sobre a pílula e o trabalho feminino, em pequeno número, foram editados numa maneira tímida de acompanhar o que vinha ocorrendo nos grandes centros brasileiros. As questões “modernizadoras” do ser feminino não atingiram a todas as mulheres na mesma proporção, pois há que se considerar além do gênero, posições e *habitus* de classes sociais.

Graduada em Odontologia, Regina Puppi, apesar do apoio familiar para que desenvolvesse sua profissão, optou pela maternidade.

No que eu acabei minha faculdade eu me casei e fui morar em São Paulo e morei seis anos lá. Tinha consultório para trabalhar, de um tio meu... Tinha secretária, clientes e tudo o mais. Mas eu pensava: “tô longe da minha mãe... não posso contar com respaldo familiar... como é que eu vou ter filhos?” Porque eu queria muito ser mãe... “Como é que eu vou poder largar na mão de empregada?” Eu não teria coragem... Eu acho muito difícil conciliar as duas coisas quando você mora longe da família... Então eu optei pela maternidade e não me arrependi! [...] Acho que mãe é aquela que dá banho... Que dá comida...⁹¹

Vivência diferente é rememorada por Marisa Sielski. Educada para o casamento, graduou-se em Matemática e exerceu a profissão num curso supletivo noturno destinado a adultos, onde enfrentou dificuldades para o exercício do magistério: “faziam piadinhas... ‘ter aula com a Rainha’, entende? Estranhavam minha presença! Eu não deveria estar ali”.⁹² Nessa lembrança, Marisa Sielski reconstitui um ambiente escolar freqüentado por pessoas de grupos populares que ironizavam a presença da jovem, indicando resistências ao fato de uma mulher pertencente às elites locais, coroada Rainha da Soja e, por este motivo, portadora

⁹⁰ PUPPI, R. Rainha da Soja de Ponta Grossa 1973.

⁹¹ Id.

⁹² SIELSKI, M. Rainha da Soja de Ponta Grossa e Segunda Princesa da Soja do Paraná 1975.

de símbolos desses grupos, trabalhar e à noite. Poderia ser compreendido como um capricho de jovem mimada, pois mesmo sendo cada vez mais comum entre mulheres dos grupos médios e elites, o trabalho feminino ainda era visto como uma complementação à renda familiar, uma obrigação.⁹³

Reforçando a concepção da existência de pluralidades de posições femininas relativas ao casamento e ao exercício de uma profissão, Marisa Sielski recorda que,

Na época, as mulheres tinham já esse preparo para concluir o curso, mesmo que casasse durante a faculdade havia uma pressão familiar e a própria mulher queria concluir o curso. Então, era importante na época, depois se tornou cada vez mais, mas já era bastante importante... Sabe fora que havia umas... Eu tive casos na minha família que engravidaram e largaram tudo ou se casaram muito cedo e não quiseram fazer, é, curso superior... Então, havia de tudo, mas havia já uma proporção grande de mulheres e moças fazendo questão de concluir o curso...⁹⁴

Prática comum entre as mulheres que trabalhavam, com o casamento, Marisa interrompeu a carreira docente e passou a desempenhar as funções de esposa, dona-de-casa e mãe. Segundo Margareth Rago⁹⁵, construiu-se um imaginário de mulher voltada à intimidade, simbolizada como mãe devotada, implicando a sua desvalorização profissional, política e intelectual. A mulher, desse modo, esquece de si para realizar-se através do êxito dos filhos e do marido. Assim, criou-se o mito da maternidade e da feminilidade como sinônimos. Por gostar de atuar em sala de aula, Marisa Sielski tentou retomar a profissão quando os filhos “pegaram uma idadezinha que foram para a escola”, mas “foi um transtorno... eu já estava acostumada com esta outra vida. Não se pode começar uma família estando em casa e depois sair. É melhor sempre estar trabalhando, não largar nunca”.⁹⁶ Sentia culpa por estar fora de

⁹³ CUNHA, M. de F. da. Homens e mulheres nos anos 1960/70: Um modelo definido? **História, Questões e Debates**, Curitiba, n. 34, p. 201-222, 2001.

⁹⁴ SIELSKI, M. Rainha da Soja de Ponta Grossa e Segunda Princesa da Soja do Paraná 1975.

⁹⁵ RAGO, M. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

⁹⁶ SIELSKI, loc. cit.

casa e optou por dedicar-se exclusivamente à família. Mesmo assim, faz planos para o futuro, pois os filhos estão adultos: “eu gosto de ser dona-de-casa, gosto de cuidar deles sempre gostei, né, enquanto fiquei com eles vi muitas coisas que mulheres que trabalham não acompanham né... Foi muito bom! Mas no momento em que eles crescem você fica perdida”.⁹⁷

As lembranças de Marisa Sielski e sua reflexão quanto à sua trajetória embasam-se num conjunto de normas sociais que aparecem em termos de representações naturalizadas: aos pais de família caberia o sustento, enquanto as esposas deveriam se ocupar das tarefas domésticas, dos cuidados com os filhos e da atenção ao marido.⁹⁸ Esse embate entre duas representações do feminino – ser profissional e dona-de-casa – permeia as lembranças das entrevistadas, em maior ou menor grau, evidenciando opções limitadas aos aspectos culturais compartilhados na sociedade local e nas famílias das jovens.

Peggy Gutmann relembra que recebeu uma educação “totalmente liberal. Meu pai nos criou com toda a liberdade e a responsabilidade, nós éramos responsáveis pelas nossas atitudes, pelo que nós fazemos, sempre foi assim!”⁹⁹ Mesmo com a mãe exercendo um cargo nos Correios e Telégrafos e com o discurso de independência, Peggy não exerceu nenhuma atividade profissional. Casou-se com o prefeito de Ponta Grossa na gestão 1976-1980 e devido aos vários compromissos oficiais como Primeira Dama do município desistiu da faculdade de Administração antes de concluí-la.

Judith Silveira, graduada em Farmácia, atuou por anos na profissão de bioquímica e recorda que “o curso superior foi o curso normal da minha vida. Eu sempre estudei e era até a Universidade, e quando eu terminasse a Universidade é

⁹⁷ SIELSKI, M. Rainha da Soja de Ponta Grossa e Segunda Princesa da Soja do Paraná 1975.

⁹⁸ CUNHA, M. de F. da. Homens e mulheres nos anos 1960/70: Um modelo definido? **História, Questões e Debates**, Curitiba, n. 34, p. 201-222, 2001.

⁹⁹ GUTMANN, P. Rainha da Soja de Ponta Grossa e Primeira Princesa da Soja do Paraná 1978.

que ia pensar em casar ou qualquer coisa assim”.¹⁰⁰ Neste viés, Ana Paula Vosne Martins, ao estudar um grupo de mulheres universitárias em Curitiba, nas décadas de 1950 e 1960 já havia constatado que “cada vez mais jovens mulheres adiavam o casamento tão sonhado para entrar num curso superior”.¹⁰¹ Neta de uma das primeiras professoras e diretora de escola em Ponta Grossa, Judith Silveira atribui essa tendência a sua família.

Isso já é da educação que meu pai me deu, da minha avó, que já era mais avançada na época. Porque, veja, meu pai com todas essas limitações que ele nos dava... Que não podia namorar, não podia sair sozinha, a mãe tinha que ir junto. Mas no campo profissional era aberto, era livre e dava o maior incentivo. Eu na época, talvez não tenha querido sair da cidade, mas se eu dissesse que eu tinha que estudar em São Paulo, no curso tal, ele deixaria. Mas se eu dissesse que ia namorar ele não deixava. Entendeu? Talvez ele até deixasse se eu pedisse, mas eu achava que eu não podia. A minha mãe também acompanhou, achava que eu tinha que ser assim.¹⁰²

As identidades femininas reconstruídas nos processos de rememoração e relacionadas às trajetórias de cada uma das entrevistadas revelam multiplicidade de vivências da feminilidade que se pretendia para o período. Neste sentido chama atenção a importância atribuída pelas famílias ao Ensino Superior naquele momento, lembrando que, com exceção de Peggy Gutmann, todas as outras seis Rainhas graduaram-se.¹⁰³

¹⁰⁰ SILVEIRA, J. Rainha da Soja de Ponta Grossa 1971.

¹⁰¹ MARTINS, A.P.V. Memórias femininas. In: _____. (org.) **Mulheres na história**. Paraná. Séculos 19 e 20. Curitiba: UFPR, 1997. p. 190.

¹⁰² SILVEIRA, loc. cit.

¹⁰³ Em 1966, o curso de Direito apresentou 125 matrículas masculinas e 18 femininas; em Odontologia foram 68 matrículas masculinas e 8 femininas; na faculdade de Filosofia, Letras e Artes, foram 131 matrículas masculinas e 185 femininas e em Farmácia, os números indicaram um equilíbrio com 26 matrículas masculinas e 24 femininas. Esses números chamam a atenção para a concentração de mulheres nos cursos relacionados ao exercício do magistério. Entre os anos de 1961 a 1966, a matrícula no Ensino Superior havia aumentado 156%, numa demonstração de continuidade da campanha iniciada pelo governo para elevar o grau de escolaridade da população (ÁLBUM DE PONTA GROSSA 1966. **Ponta Grossa**: Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, 1966; ÁLBUM DE PONTA GROSSA 1967. **Ponta Grossa**: Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, 1967).

Maria Helena Bueno Trigo¹⁰⁴ mostra que, desde a década de 1930, já podiam ser percebidas mudanças no universo das relações de gênero e no imaginário social, cuja base foi dada pelas condições sociais e econômicas advindas do declínio da economia cafeeira que impulsionou muitas famílias a adquirir um novo instrumental que permitisse um trabalho remunerado. Assim, a autora supõe que a entrada das mulheres na universidade – prática que no Brasil ocorreu significativamente a partir das décadas de 1960 e 1970¹⁰⁵ – trouxe mudanças, não só no nível de comportamento explícito, de códigos de sociabilidade que alteraram a relação de gêneros, até então bastante tradicionais, mas também por iniciar uma alteração nas expectativas familiares e coletivas a respeito do lugar social da mulher.

No entanto, em algumas lembranças, é possível observar que freqüentar um curso superior poderia significar prestígio, estar em voga com os aspectos modernizadores da sociedade e não efetivamente o desempenho de uma profissão. Edna Fae relembra comparando o presente e o passado:

A pessoa que tem um curso superior hoje em dia... qualquer um... as moças de vinte e dois, vinte e três estão se formando e ninguém pensa em se formar para não exercer a profissão, mas naquela época era normal você se formar e não exercer a profissão.¹⁰⁶

Caracterizado como o "segundo salário", uma forma de a mulher "ajudar" nas despesas do lar, o trabalho feminino, nos anos de 1960 e 1970, era considerado uma questão econômica.¹⁰⁷ Margareth Sponholz relembra que "trinta anos atrás, a mulher não precisava trabalhar. Mas não é nem falar isso: 'Mulher não precisa

¹⁰⁴ TRIGO, M. H. B. Amor e casamento no século XX. In: D'INCAO, M. Â. (org.). **Amor e família no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1989. p. 88-94.

¹⁰⁵ MARTINS, A. P. V. Memórias femininas. In: _____. (org.) **Mulheres na história**. Paraná. Séculos 19 e 20. Curitiba: UFPR, 1997. p. 190.

¹⁰⁶ FAE, E. Rainha da Soja de Ponta Grossa e Rainha da Soja do Paraná 1976.

¹⁰⁷ ARÁN, M. Os destinos da diferença sexual na cultura contemporânea. **Revista Estudos feministas**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 399-422, jul/dez 2003.

trabalhar'. Eu até fazia umas coisas. Eu fazia artesanato. Tinha uma sócia e a gente vendia. Mas não tem aquela obrigação..."¹⁰⁸ Trabalhar, nas narrativas, significava praticar algo por diversão ou para representar uma nova posição frente às regras estabelecidas para as mulheres desses grupos sociais. Contrariamente, o "não trabalhar" agregava capital simbólico a essas mulheres e expunha suas condições e de suas famílias no aspecto econômico. Edna Fae lembra que algumas mulheres "nem faziam faculdade. Ou faziam e não iam buscar o diploma, não exerciam a profissão. Então o diploma de faculdade era um "*status*"... Era um *status* pra dizer: 'eu tenho segundo... eu tenho um curso superior'".¹⁰⁹ Era uma opção velada que conduzia ao "bom" casamento e a uma continuidade da dependência econômica e emocional transferida do pai para o marido. Não é apenas um mundo de frivolidades, mas a reprodução de estilos, de formas de estar no mundo.

Porque às vezes as pessoas associam você trabalhar pelo fato de você ter necessidade de trabalhar... Quer dizer, hoje falo que todas as pessoas têm necessidade de trabalhar, pela cabeça, pela sua realização, mas existiu uma época em que você... A pessoa que queria trabalhar, só se ela precisasse... Só se ela estivesse precisando financeiramente. [...] Eu podia parar de trabalhar que a minha vida ia continuar igual... Não ia mudar o meu padrão de vida, ia ganhar as mesmas coisas que ganhava, mas a realização pessoal é... Assim, a bagagem que você adquire e a maneira como você começa a ver o mundo.¹¹⁰

Maria Beatriz Nader¹¹¹ pondera que, como principal agente de socialização, a família reproduz padrões culturais no indivíduo, não só conferindo normas éticas, mas também lhe proporcionando sua primeira instrução sobre as regras sociais, assim como molda profundamente seu caráter. Neste sentido, posso afirmar que as identidades femininas reconstruídas nas memórias das entrevistadas relacionam-se ao *habitus* compartilhado por posições sociais ou por grupos sociais que se

¹⁰⁸ SPONHOLZ, M. Rainha da Soja de Ponta Grossa e Primeira Princesa da Soja do Paraná 1977.

¹⁰⁹ FAE, E. Rainha da Soja de Ponta Grossa e Rainha da Soja do Paraná 1976.

¹¹⁰ Id.

¹¹¹ NADER, M. B. **Mulher**. Do destino biológico ao destino social. 2. ed. Vitória: Edufes, 2001.

diferenciam entre si e dos demais grupos por distinções e gostos. As jovens eleitas não foram imunes aos processos de instituição da “mulher trabalhadora”¹¹², mas também mantiveram a face voltada “para uma concepção mais tradicional do feminino, fortemente vinculada ao privado, ao espaço do lar. Uma face voltada para a insegurança das mudanças, a outra para a segurança da estabilidade e da permanência”.¹¹³ Era “um modelo bifronte”¹¹⁴, pois, embora as mulheres já estivessem participando cada vez mais do mercado de trabalho e tendo acesso a profissões antes restritas aos homens, esse modelo de mulher tinha uma forte associação com o espaço doméstico.

As lembranças das entrevistadas reconstroem o modelo bifronte e, empiricamente, tendem a reproduzir os papéis tidos como “naturais” à mulher, como o casamento e a maternidade. Essas trajetórias apresentam o fundo comum que as relacionam à preservação das características das elites ponta-grossenses tidas como “tradicionais”, dada a origem das famílias à época de formação da cidade ou ao poder econômico e cultural adquirido. Nesse ponto é possível ponderar que o concurso Rainha da Soja poderia ser um palco de reafirmação de valores femininos idealizados e amparados em comportamentos almejados, pelas elites locais, para as mulheres. Diante do questionamento de múltiplos valores femininos e familiares, encenava-se a preservação de hábitos culturais e do “destino natural” feminino.

Assim, as identidades reconstruídas nos processos mnemônicos de filhas, esposas, mães e profissionais e os elementos simbólicos que instituem tais representações de gênero e suas condutas objetivadas, agregam capital simbólico às famílias das elites locais e funcionam como princípio diferenciador de suas

¹¹² WEINSTEIN, B. As mulheres trabalhadoras em São Paulo: de operárias não-qualificadas a esposas profissionais. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 4, 1995, p. 143-171. Disponível em <<http://www.unicamp.br/pagu/cadernos4.html>> Acesso em maio 2007.

¹¹³ MARTINS, A. P. V. Memórias femininas. In: _____. (org.) **Mulheres na história**. Paraná. Séculos 19 e 20. Curitiba: UFPR, 1997. p. 204.

¹¹⁴ *Ibid*, p. 204.

posições na estrutura social local. Do mesmo modo, e seguindo tal linha de raciocínio, a identidade reconstruída da Rainha não confronta o poder distintivo das famílias, mas os reforça através da exposição do *habitus* partilhado e exibido nas performances femininas desenvolvidas no decorrer do processo seletivo que elegia a melhor dentre as jovens das elites locais.

3.2.3 De meninas à Rainha

A Rainha do concurso da Soja era uma mulher solteira, branca, jovem, saudável e bela, pertencente a famílias portadoras de reconhecido capital econômico, político, cultural. Era uma imagem pública – “O concurso Rainha da Soja era um evento. Ele era importante o ano inteiro. Nós aparecíamos nos jornais todos os dias. Eram raros os dias do ano nos quais a Rainha da Soja não estava em algum evento. Sempre”¹¹⁵ – carregada de simbolismo e vencedora em uma competição, sem participação popular, cujos critérios como civilidade, moralidade, beleza e inteligência determinavam os padrões instituintes do modelo idealizado de Rainha e de mulher. Representava aquilo que a sociedade ponta-grossense tinha de melhor. Diz-se ‘sociedade ponta-grossense’, pois, valores compartilhados pelas elites econômicas e políticas foram apropriados por vários grupos sociais como parte da constituição dessa identidade local, que se relaciona ao espaço de pertencimento à cidade.

Como orienta Joan Scott¹¹⁶, os conceitos de gênero estruturam concreta e

¹¹⁵ SANWAYS, S. Rainha da Soja de Ponta Grossa 1974.

¹¹⁶ SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, n. 20, v. 2, p. 101-132, 1995. Ver também: CRESPO, E. L. Madres, esposas, reinas. Petróleo, mujeres y nacionalismo em Comodoro Rivadavia durante los años del primer peronismo. In: LOBATO, M. Z. (org.). **Cuando las mujeres reinaban**. Belleza, virtud y poder em la Argentina del siglo XX. Buenos Aires: Biblos, 2005. p. 121-142.

simbolicamente a percepção e organização da vida social. Na medida em que essas diferenças estabelecem distribuições de poder, como o controle diferenciado de recursos materiais e simbólicos ou o acesso aos mesmos, o gênero relaciona-se com a própria constituição do poder. A figura da Rainha da Soja alicerçava-se em múltiplas representações de poder. Os poderes político e econômico, ancorados na Prefeitura Municipal e na multinacional Sanbra, respectivamente, personificavam-se e generificavam-se na representação da Rainha e na simbologia por ela transmitida. Nessa perspectiva, ambos os poderes não se encontram separados do corpo social, mas se compõem nas relações entre as múltiplas instâncias sociais criando símbolos e significados compartilhados pela coletividade. Conforme dito no Capítulo 1, focar o Estado como “a instituição ou objeto fundamental do ‘político’” não significa afirmar que o Estado seja o único lugar de exercício de poderes, mas uma, dentre tantas instâncias sociais, onde o poder encontra-se diluído.¹¹⁷ De forma semelhante, os aspectos econômicos são lidos como “relações sociais [que] não são anteriores às culturais, nem as determinam; elas próprias são campos de prática cultural”.¹¹⁸

Ao receber a faixa e a coroa de Rainha da Soja, a jovem passava a simbolizar o surto de desenvolvimento e progresso associado à implantação da multinacional Sanbra na cidade, ação comumente relacionada aos atos do prefeito Cyro Martins. No desempenho desse papel, a eleita assumia inúmeros compromissos sociais. No decorrer do reinado, as majestades ficavam face-a-face com o poder militar instituído, pois eram recebidas com pompa e assistiam a desfiles promovidos pelos militares, em Brasília. (ANEXO 17).

Na época era uma coisa muito e... De muita responsabilidade, era uma coisa muito importante com bastante responsabilidade, porque na seqüência do título nós fazíamos uma viagem. Fazia a Rainha, as duas princesas e a Miss simpatia, com um acompanhante e nós

¹¹⁷ GOUVÊA, M. de F. A História Política no Campo da História Cultural. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 3, n. 1, p. 25-36, Verão 1998. p. 32.

¹¹⁸ HUNT, L. **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 9.

representávamos o seu local... Ponta Grossa, o Paraná, em São Paulo, em Brasília... Nós fomos nos ministérios. Fomos recebidas pelos ministros com uma pompa... O exército... Aonde nós íamos éramos homenageadas... Vinha a cavalaria toda fazer um espetáculo pra nós, vinha todos os soldados do batalhão [...] Proporcionando na época em 1978 né... Isso você... Trinta anos atrás, te convidavam pra jantar, você entrava em um barco... Um negócio assim, de repente você estava flutuando, navegando no lago Paranoá... Pra mim isso trinta anos atrás né... Hoje é uma coisa mais comum né, com a vivência, mas na época aquilo era um deslumbre... Então nós tínhamos a obrigação... A viagem tinha obrigação de fazer alguma coisa em São Paulo... Nós éramos... Nós tínhamos um encontro no Belvedere, aonde era com os diretores da Sanbra, o presidente do grupo... Nós tínhamos a obrigação de ter um conhecimento da soja, de conhecer os dados, de conhecer os índices, essas coisas, e daí nós éramos levadas às autoridades... Então, de uma certa maneira divulgando a soja né... Aquilo era o auge da soja...¹¹⁹

Suzy Mara Samways relembra a importância da Rainha da Soja e a associação dessa imagem ao prefeito, poder político civil e ao poder político militar na figura do Comandante do 13º Batalhão de Infantaria Blindada, locado em Ponta Grossa: “Eu participava de praticamente tudo, qualquer coisa que acontecia na cidade a Rainha da Soja e o prefeito eram... Era a Rainha da Soja, o prefeito, o comandante...” Prossegue sorrindo, “a Rainha da Soja e o prefeito não poderiam faltar. As pessoas mais importantes da cidade!”¹²⁰ Regina Puppi, em suas lembranças, enfoca as relações entre o produto agrícola motivador do desenvolvimento local e a imagem da Rainha. O objetivo da Rainha era “de expandir a soja no cenário nacional! Qual a importância de Ponta Grossa sabe? Expandir com Ponta Grossa, Capital da Soja. Noticiar para o mundo a existência da soja, o valor que tinha... com a base central aqui em Ponta Grossa”.¹²¹

Ao corporificar os poderes político e econômico, a imagem da Rainha reveste-se, também, de representações compreendidas como naturais no desempenho das práticas femininas. Destituída de elementos eróticos, a Rainha parece dessexuada,

¹¹⁹ GUTMANN, P. Rainha da Soja de Ponta Grossa e Primeira Princesa da Soja do Paraná 1978.

¹²⁰ SANWAYS, S. Rainha da Soja de Ponta Grossa 1974.

¹²¹ PUPPI, R. Rainha da Soja de Ponta Grossa 1973.

criando-se uma aura maternal e moralizante, que poderia ser compreendida como uma estratégia das elites locais para a preservação de papéis femininos, amplamente questionados no período. Neste sentido, a imprensa local corroborou para a construção da imagem da Rainha como representação da cidade, que responsável pelo desenvolvimento e pelo bem-estar de sua população, lembrava a figura materna. Além das constantes notícias, nos anos de 1974 e 1975, o jornal *Diário dos Campos* publicou algumas caricaturas¹²² da Rainha – sempre trajada com vestido de gala, manto e coroa – desempenhando funções filantrópicas, políticas, econômicas e simbolizando Ponta Grossa corporificada numa jovem, bela e culta mulher. (ANEXO 18).

Edna Fae pondera,

Quando você fala, por exemplo, Miss... Miss você fala senhorita e Rainha é uma senhora, quase uma divindade! A Rainha mãe, a mãe de Deus, a Rainha Misericordiosa, é uma Rainha. Falando em Rainha você lembra da aristocracia de Londres, Europa, de todas as Rainhas, a Rainha Elizabeth... Então você se lembra uma figura magistral, [...] A Rainha é uma mulher. A mulher que é criada pela mãe. A soja é uma semente, né... Uma semente que vai dar frutos... Então se for pensar, a mulher, a Rainha... A mulher puxa a natureza... A mulher é uma Rainha por sua natureza... Mas, ali era a mesma coisa que um símbolo também de feminilidade, de fecundação. Ah! Então você fala... A semente é plantada... E depois pra colher é assim... Assim... Ela nasce... Todo o período que a soja se desenvolve e aquele grãozinho faz o quê? Ele move... Move montanhas, porque ele move todo o produto interno do Brasil... [...] É uma coisa que... Eu acho que ta associado à semente da soja pelo fato de que a semente vai gerar o fruto, a semente vai nascer e a planta vai gerar “n” grãos e a mulher é um sinônimo de reprodução...¹²³

¹²² Orienta Joaquim da Fonseca que o termo caricatura é designação geral e abrangente para uma forma de arte que se expressa através do desenho, da pintura, da escultura, etc. A caricatura que utiliza a deformação e limita-se ao exagero de características físicas é apenas uma de suas manifestações, tal como é a caricatura de situação, na qual acontecimentos reais ou imaginários colocam em relevo os costumes ou comportamentos de certos grupos sociais. A partir dessa orientação é possível compreender o termo caricatura numa acepção ampla e entender como suas formas a charge, o cartum, o desenho de humor, a tira cômica, a história em quadrinhos de humor, o desenho animado e a caricatura propriamente dita, isto é, a caricatura pessoal. Neste sentido, atribuímos aos desenhos publicados no jornal o termo caricatura. (FONSECA, J. da. *A Caricatura como expressão Gráfica*. In: _____. **Caricatura**. A imagem Gráfica do humor. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999. p. 17-24)

¹²³ FAE, E. Rainha da Soja de Ponta Grossa e Rainha da Soja do Paraná 1976.

Concepções relativas ao imaginário coletivo ocidental sobre o feminino são reconstruídas na narrativa de Edna e indicam questões importantes no processo de criação da imagem da Rainha. Num primeiro momento, a lembrança evoca a relação mulher, rainha e divindade, permeada por comparações religiosas que remetem à idéia de pureza, como a referência feita à Maria, mãe de Jesus, fecundada virgem. Essa representação reconstitui o embate dicotômico entre imagens da mulher demoníaca e da Virgem, que “se distingue pela pureza de sua carne e [por] ser bela em toda a quietude de seu corpo intacto”.¹²⁴ Num segundo momento, a rememoração estabelece conexões com a realeza inglesa, pautada na hereditariedade de sangue, num indicativo de que a Rainha da Soja poderia pertencer a uma genealogia feminina local baseada em práticas femininas distintivas que a inserisse num casto rol de mulheres eleitas a compor uma realeza atribuída por mérito de seleção.¹²⁵ Por fim, associa as concepções de mulher, natureza, fertilidade e maternidade, argumentos que reforçam a construção de uma imagem de realeza, feminina, despida de sexualidade erótica, mas ao contrário, associada ao “destino natural da reprodução”. Ao estudar o amor cortês, Georges Duby explica que “tal como a mãe de Cristo, a mulher nobre é exaltada enquanto ‘dama’. A dama (*domina*, feminino de *dominus* – senhor, em latim) é, em primeiro lugar, a esposa, logo, a mãe. Em contrapartida, essa função criadora confere-lhe poder e a dama *domina*”¹²⁶. Perspectiva semelhante é narrada por Edna Fae, pois a representação da Rainha sob inspiração de elementos culturais que povoam o imaginário feminino e a relaciona ao destino natural das mulheres também se constitui em poder. Poder

¹²⁴ ROUSSO, F. A beleza através da história. In: FAUX, D. S. (et. al.). **Beleza do século**. São Paulo: Cosac & Naify, 2000. p. 36.

¹²⁵ LORENZO, M. F.; REY, A. L.; TOSSOUNIAN, C.. Imágenes de mujeres virtuosas: moralidad, género y poder em la Argentina de entreguerras. In: LOBATO, M. Z. (org.). **Cuando las mujeres reinaban**. Belleza, virtud y poder em la Argentina del siglo XX. Buenos Aires: Biblos, 2005. p. 19-44.

¹²⁶ DUBY, G. A mulher, o amor e o cavaleiro. In: _____. **Amor e sexualidade no Ocidente**. 2. ed. Lisboa: Terramar, 1998. p. 235.

exercido sobre outras mulheres, excluídas pelos critérios de seleção, e sobre os homens, por representar não antagonismo ou confronto com os papéis masculinos, mas complementaridade vinculada a sua função de mãe, símbolo da fertilidade.

Para a historiadora Ana Paula Vosne Martins¹²⁷, a representação do feminino por intelectuais e artistas insere-se numa longa tradição cultural que remonta ao imaginário clássico e principalmente aos primeiros formuladores da doutrina cristã. Prossegue refletindo que, apesar das diferenças estilísticas, culturais e das motivações, há uma constante nessa tradição: a ambigüidade da figura feminina pautada em figuras obsessivas no imaginário masculino: a musa, a mãe e a sedutora. A Rainha da Soja era musa e mãe e essa associação também foi apropriada pela Sanbra ao veicular, em sua revista mensal, imagens que combinam esses elementos identitários do feminino idealizado. (ANEXO 19). Ao receber, em Brasília, a Rainha de 1976, o então Ministro da Agricultura, Alysson Paulinelli, “pede à Rainha da Soja mais um milhão de toneladas em 77”.¹²⁸ Esse pedido foi feito a alguém autorizado e reconhecido simbolicamente pelo seu poder de fertilidade e de responsabilidade em zelar pelo progresso da cidade e do elemento fundamental deste progresso, que era a produção da soja.

Às representações de maternidade e fertilidade, outros elementos sociais distintivos e excludentes somavam-se e compunham a identidade da Rainha, como o pertencimento a famílias das elites locais, nos devidos termos discutidos acima. Conforme relembra Peggy Gutmann,

A gente tinha uma ambição de fazer isso, por nós, pela nossa família. A família nossa propiciava isso e era uma coisa que ajudava. Eu lembro de outras moças que concorreram, mas que tinham uma condição diferente, condição menor... Então influenciava isso... A gente percebia assim uma situação mais humilde delas né... E acho que na hora isso inibia.¹²⁹

¹²⁷ MARTINS, A. P. V. O Caso Naná: representações de gênero no encontro entre texto e imagem no século XIX. **História: Questões e Debates**, Curitiba, n. 34, p. 157-174, 2001, p. 162.

¹²⁸ ATUALIDADES SANBRA. São Paulo: Gráfica Editora Hamburg, v. 1, n. 37, 1976.

¹²⁹ GUTMANN, P. Rainha da Soja de Ponta Grossa e Primeira Princesa da Soja do Paraná 1978.

Complementarmente a esse pertencimento distintivo, a elegância e o adequado comportamento social eram exigidos nas aparições públicas e ilustram o tratamento simbólico e diferenciado dispensado às realezas da soja: “sempre quando aparecesse algumas majestades aquilo tem um outro aspecto, você vê assim... De ver descer uma comitiva de moças bem vestidas, bem trajadas... Às vezes tínhamos que descer usando faixa e tudo”.¹³⁰

A aparição pública da Rainha constituía-se num verdadeiro espetáculo que exigia vigilância, distanciamento entre ela e os “súditos”. Margareth Sponholz relembra que “na viagem, eu achei muito interessante, ninguém podia se aproximar da gente! Cada uma tinha alguém do lado, como segurança”.¹³¹ Ações como essas faziam com que as aparições das Rainhas fossem consideradas atos de suma importância e contribuía para a transformação da jovem em símbolo a ser seguido e ouvido. Neste sentido, a Rainha de 1974, ao rememorar o que sentiu durante seu reinado em relação às demais pessoas, reconstrói a idéia da idolatria.

Eu acho que em cidades como Ponta Grossa... Não só cidades como Ponta Grossa, o ser humano precisa de ídolos, precisa ter referências. Nas cidades pequenas, principalmente, era importante a figura... Alguma mulher, a primeira-dama da cidade, mas tinha que ter alguém que representasse as moças, as mulheres da cidade. Eles tinham uma idolatria, a população de Ponta Grossa idolatrava a Rainha da Soja. [...] Nós precisamos ter estas figuras. Precisamos destes ídolos. Precisamos de referências e isto foi muito forte. A Rainha da Soja era uma representante da região dos Campos Gerais, não só da soja, mas do povo, da população. Ela falava pelo povo. Eu participava de assuntos importantes. [...] Me chamavam de majestade nos lugares que eu ia, pra você ter idéia. Até no próprio cabeleireiro: “a majestade está aí”... Então era muito forte isto... [...] Nós éramos muito admiradas, nós éramos idolatradas. As pessoas demonstravam amor, era, era... Nós éramos amadas, nós éramos idolatradas! [...] Nós éramos uma referência... Nós éramos um ídolo...¹³²

¹³⁰ Id.

¹³¹ SPONHOLZ, M. Rainha da Soja de Ponta Grossa e Primeira Princesa da Soja do Paraná 1977.

¹³² SPONHOLZ, M. Rainha da Soja de Ponta Grossa e Primeira Princesa da Soja do Paraná 1977.

A auto-representação construída como alguém que simboliza o “povo”, permite ponderar que o concurso da Rainha da Soja e o sistema simbólico instituído reatualizava, uma vez mais, o lugar de adoração ao feminino, o enaltecimento da Mulher Natureza e o culto à mãe devotada, consolidado no Romantismo do século XIX e para o qual contribuíram vários autores e artistas.¹³³ Mesmo sendo mulheres beneficiadas pela situação econômica das famílias, ao contrário das personagens femininas principais dos contos de fada, as eleitas associavam a ascensão à realeza às fábulas. Argumentos de pureza são rogados numa situação que de semelhante aos contos de fadas têm a noção de mudança de espaços sociais. Nos contos, as heroínas sofridas deixam esse cotidiano para serem alçadas a um plano social diferenciado, seletivo. As jovens candidatas eleitas, de certa forma, também mudavam de posição social ao serem alçadas das situações de adolescentes para a objetivação das representações de Rainha da Soja.

As lembranças de Suzy Mara Samways sugerem essa mudança de *status* e reforça a imagem feminina idealizada na pureza.

O concurso era um sonho! Era um conto de fadas... Sabe a história da Cinderela? Todas as moças da região queriam ser Rainha da Soja, [...] como se fosse um conto, um sonho, como uma menina querer ser Cinderela, uma menina querer ser... Ele era muito mais importante para as moças da região do que o miss Paraná... Ele parecia que tinha uma importância maior até do que o miss Brasil... A Rainha da Soja era vista como uma princesa... Existia uma ingenuidade... Existia um... Era, era... Era singelo...¹³⁴

Marisa Sielski relembra que numa ocasião, durante a Exposição Feira Agropecuária e Industrial (EFAPI), ela ficou exposta numa vitrine de vidro para ser vista e admirada pelas pessoas que visitavam o evento. Nos alto-falantes sua presença era anunciada. Sorrindo, ela recorda que:

¹³³ MARTINS, A.P. V. Gênero, Ciência e Cultura. In: _____. **Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004. p. 21-62.

¹³⁴ SANWAYS, S. Rainha da Soja de Ponta Grossa 1974.

Era reverenciada aonde você chegava! Nossa! Na Efapi, sabe, você se sentia Rainha mesmo porque colocaram num *standart* de vidro, aquele povo olhando... Era muito interessante! Pessoas com quem você não tinha contato, que nem sabiam de sua existência.¹³⁵

Prossegue, reafirmando a construção da imagem de ídolo e de contos de fada:

As pessoas têm muita necessidade de ídolos, né, as pessoas são carentes disto. Porque há uma necessidade de ter um modelo. [...] você era aquela figura realmente de contos de fada, né, a Rainha da Soja mexe com o imaginário da pessoa.¹³⁶

Do presente, as entrevistadas reconstituem e analisam o papel desempenhado pelas Rainhas da Soja, isto é, por elas próprias. A Rainha da Soja não mexia apenas com o imaginário “da pessoa”, mas com os processos identitários delas mesmas. As jovens apropriavam-se das funções reais a elas delegadas e retribuía com o comprometimento e correspondência às expectativas criadas em torno de seus comportamentos: “Então viam, valorizavam e você também passa a se cuidar um pouco mais, passa a se vestir melhor, você sabe que estão te notando mais. Então tudo isto te valoriza e você acaba ficando mais em destaque e tendo um valor maior na sociedade”.¹³⁷

A deferência no tratamento às jovens era cultivada pela diretoria da multinacional Sanbra. Muitos foram os cartões gentis enviados, acompanhando ou não presentes, os convites para jantares, coquetéis, entrevistas. (ANEXO 20). Na figura do diretor de Relações Públicas, a multinacional comportava-se como um perfeito cavalheiro diante das damas, desempenhando o papel masculino de protetor carinhoso, numa alusão às representações de pais ou maridos atenciosos,

¹³⁵ SIELSKI, M. Rainha da Soja de Ponta Grossa e Segunda Princesa da Soja do Paraná 1975.

¹³⁶ Id.

¹³⁷ SIELSKI, M. Rainha da Soja de Ponta Grossa e Segunda Princesa da Soja do Paraná 1975.

delicados e preocupados com o bem-estar das jovens majestades. Em contrapartida, as jovens representavam o complexo industrial inspirando, com suas atitudes idealizadas, a confiabilidade e familiaridade, mascarando os conflitos desencadeados pela implantação do complexo 'sambrino' na cidade, como a exploração de mão-de-obra, o inchaço urbano, entre outros.

Ao vulto público da Rainha cabia discursar sobre a soja e suas vantagens. Poder autorizado pela seleção e pela conquista de um espaço edificado como um lugar preferencial, distintivo, o lugar das realezas femininas. O desembaraço verbal das jovens, testado na sabatina que antecedia o baile de coroação e somado aos aspectos de bom comportamento às regras da etiqueta social, era exigido no decorrer do ano do reinado. Num período em que se reivindicava a presença das mulheres nas faculdades, no mundo do trabalho, no exercício da sexualidade e no controle de natalidade. Não bastava a beleza, mas a associação de beleza e cultura.

Regina Puppi relembra situações vivenciadas por ela nesse propósito. As reuniões entre a Rainha e os homens responsáveis pela cadeia produtiva da soja marcaram profundamente a sua experiência.

R: Na minha época, não era um concurso de beleza, era concurso de conhecimentos gerais, porque o vencedor ia divulgar o nome de Ponta Grossa, falar com outros governadores, secretários, ministros, Secretário de Abastecimento e Agricultura da Guanabara, de São Paulo, primeiras damas, indústria e comércio. Tudo o que a gente falava Adriana, era divulgado nas primeiras manchetes dos jornais, dos principais, sabe... Comércio Exterior, O Globo, Folha de São Paulo, então a gente era obrigada praticamente estar com tudo na ponta da língua, tudo Adriana... Tinha que representar a cidade por um ano, tudo era gravado, divulgado na imprensa. Quando eu ganhei, por exemplo, eu fui pra São Paulo nos escritórios deles em São Paulo, eu fiz uma entrevista para mais de trezentos engenheiros agrônomos do Brasil inteiro... Até o presidente [refere-se ao presidente da Sanbra] falou: "não massacrem ela, nem eu sei tudo o que vocês estão perguntando", e era tudo televisionado.

A: E eles questionavam você?

R: Questionavam! Como se fosse Adriana... Como se fosse engenheiro agrônomo, exportador de soja sabe... Sabe, tinha que saber a origem da soja, a capacidade, a umidade pra fazer todos os beneficiamentos da soja, os países que exportavam a soja, as formas como a soja era beneficiada, sabe, na forma de leite, de grãos, de carne, o valor protéico, tudo o que

tinha que saber... Sabe Adriana... A parte financeira da soja, estocagem pra silo, era muito complicado sabe...¹³⁸

Os encontros com homens, num espaço marcadamente masculino, também compõem as lembranças de Edna Fae. Questionada sobre ter falado para uma platéia eminentemente masculina recordou que,

Eu fiz pra donos de supermercados. É que tinha uma reunião anual em Brasília, tanto para donos de supermercados como produtores de soja... Foi até que a minha viagem se estendeu mais... Porque era pra ser mais curta... E acho que eles estavam gostando da brincadeira... E eu... Pra mim tudo bem né? Também estava gostando muito! E assim... De... Você... Me sentia valorizada e isso é se sentir Rainha... Quando você é chamada no microfone, tem duzentos homens, assim, sentados... Daí eles chamam, né: “Agora queremos chamar aqui a Rainha da Soja do Paraná, a Senhorita Edna Babinski, que vai falar pra nós alguma coisa sobre o que ela pensa da soja”... Eu lembrava assim... Pra mim era um filme... Até hoje não me esqueço de algumas coisas que eu falei... Lembro que nesta ocasião, eu imagino que foi em 1976... E tudo o que eu falei em 1976 ainda serviria... É... Pra supermercado... Eu falei assim: “Olhe, o Brasil é um país... é um país subdesenvolvido... é um país onde as pessoas passam fome e onde existem pessoas no Sul, que têm uma condição... que não tem tanta disparidade como existe no Norte”... Nós estávamos em Brasília, capital do país, ali deve ter empresários de todo o Brasil, mas toda a soja é industrializada no Paraná e em Ponta Grossa... “É a minha cidade”... Na época, era o maior centro de industrialização da soja. [...] Nossa! Eles aplaudiram muito!¹³⁹

Por algum tempo refleti sobre o significado dessas reuniões. O que levaria a multinacional a propor um encontro, onde homens especialistas dispensavam tempo, para ouvir uma beldade feminina falar sobre algo que eles já estavam mais que informados, afinal era o negócio deles. Ao analisar a eleição da Rainha dos Vinhedos, em Mendoza, Argentina, Cecília Belej e outras afirmam que

la tension entre la modernidad expresada em nuevas imágenes femeninas y estereotipias de belleza y el temor a la inestabilidad que estas mujeres podrían producir termina formulando um doble discurso: liberador por um

¹³⁸ PUPPI, R. Rainha da Soja de Ponta Grossa 1973.

¹³⁹ FAE, E. Rainha da Soja de Ponta Grossa e Rainha da Soja do Paraná 1976.

lado, pero com apelaciones a los valores y roles tradicionales de las mujeres.¹⁴⁰

Essa análise inspirou-me a concluir que as reuniões, eventos “espetaculares”, televisionados, apresentavam tendência semelhante. Ao permitir a exposição da Rainha da Soja diante de uma platéia masculina e especializada, a multinacional operava sintonizada com as mudanças que ocorriam na esfera do feminino, no Brasil. A Rainha era uma mulher culta, “moderna”. Porém, é possível ponderar que inexistia qualquer indício de oposição de lugares sociais entre os homens e a mulher representada pela jovem Rainha. A Rainha, por não ser uma agrônoma, uma especialista, não confrontava saberes conhecidos e estabelecidos, assim não punha o poder masculino em xeque. Além disso, a jovem simbolizava a própria soja, a fertilidade e a sintonia entre os poderes econômicos e políticos, amparada em modelos idealizados de civilidade e moralidade.

Deste modo, o poder exercido pela jovem, naquele momento, constituía-se num poder autorizado e bem delimitado, cujo fundamento encontrava-se no exercício das funções tidas como naturais às mulheres, além de que todo o processo era conduzido por homens que questionavam, confrontavam os conhecimentos da Rainha e, por fim, eram responsáveis pela cadeia produtiva da soja, sua industrialização e comercialização.¹⁴¹ Em seus estudos, Collen Ballerino Cohen¹⁴² concluiu que é permitida à Rainha “uma voz” para falar publicamente, representando aqueles que sustentam objetivamente o sistema simbólico instituído pelos concursos femininos.

¹⁴⁰ BELEJ, C.; MARTIN, A. L.; SILVEIRA, A. La más bella de los viñedos. Trabajo y producción em los festejos mendocinos (1936-1955). In: LOBATO, M. Z. (org.). **Cuando las mujeres reinaban**. Belleza, virtud y poder em la Argentina del siglo XX. Buenos Aires: Biblos, 2005. p. 65.

¹⁴¹ GODELIER, M. As mulheres e o poder político. Ponto de vista de um antropólogo. In: DUBY, G.; PERROT, M. **As mulheres e a história**. Lisboa: Dom Quixote, 1995. p. 91-100.

¹⁴² COHEN, C.B.; WILK, R.; STOELTJE, B. (orgs.). Introduction. In: _____. **Beauty queens on the global stage: gender contests, and power**. New York: Routledge, 1996. p. 1-12.

Figura pública e simbólica, submetida a vários eventos sociais, a identidade da Rainha da Soja, reconstruída nos processos de rememoração, aproxima elementos tradicionalmente atribuídos às mulheres das elites – maternidade, fertilidade, bons modos – acrescentando-se inteligência, cultura e beleza. Edna Fae relembra que,

Eles queriam um modelo de Rainha... Que fosse uma pessoa que realmente divulgasse e falasse da soja... E também era um concurso de beleza, em que a mulher tinha que ser bonita e ao mesmo tempo... Isso é conotação que hoje em dia não existe... Hoje em dia as mulheres são tão inteligentes e tanto são bonitas, são capazes... E antigamente a diferença é que existia uma separação. A mulher bonita não precisava ser inteligente...¹⁴³

Assim, concepções de beleza e cultura complementam a feminilidade idealizada. Ambas, beleza e cultura, somadas à desenvoltura e aos bons modos, constroem a Rainha da Soja, símbolo que representa a multinacional Sanbra e Ponta Grossa.

Por isso sempre ficava muito evidente que era um concurso cultural... Porque você precisava ter conhecimento sobre a soja... Até uma das perguntas que me foram feitas... Nós fazíamos uma sabatina na TV, ao vivo... Então uma das perguntas foi se eu achava mais importante a beleza da provável ganhadora ou o conhecimento sobre a soja... Disse ser importante as duas coisas porque para uma Rainha é importante que ela tenha uma presença bonita, né, e... E como o propósito era divulgar a soja teria que ter conhecimentos [...], mas tinha que ter também uma presença assim *agradável*... Não era... Não precisava ser linda e maravilhosa, mas uma presença agradável e um conhecimento sobre a soja porque o concurso foi feito para a divulgação da soja...¹⁴⁴

A beleza era importante, “afinal as heroínas são todas belas”¹⁴⁵, mas a conquista do título ocorria por outros elementos e, ao menos teoricamente, a

¹⁴³ FAE, E. Rainha da Soja de Ponta Grossa e Rainha da Soja do Paraná 1976.

¹⁴⁴ SIELSKI, M. Rainha da Soja de Ponta Grossa e Segunda Princesa da Soja do Paraná 1975.

¹⁴⁵ MARTINS, A. P. V. O Caso Naná: representações de gênero no encontro entre texto e imagem no século XIX. **História: Questões e Debates**, Curitiba, n. 34, p. 157-174, 2001, p. 158.

inteligência e a cultura figuravam entre eles. A construção de identidades de gênero, no concurso, não apelava apenas para a beleza física, mas exigia valores de ordem moral e comportamentos de civilidade e sociabilidade específicos, como visto anteriormente. Como indica Cecília Belej e outras, “la belleza física será um atributo indispensable pero no suficiente para ser elegida reina: su personalidad debía completar el estereotipo de femineidad de la época”.¹⁴⁶

As Rainhas da Soja deveriam reunir em seus corpos os aspectos simbólicos da feminilidade propalada entre os grupos sociais envolvidos no concurso como a civilidade, a moralidade, a beleza e a inteligência. Porém, tais elementos identificadores do ser mulher não se restringiam aos grupos locais ou à cidade como um todo, mas diziam respeito a questões culturais mais amplas e menos específicas. Tanto os critérios para a escolha da jovem eleita, quanto os vieses lembrados na reconstituição da Rainha, indicam a existência de um *habitus* relacionado ao feminino e, especificamente, às mulheres das elites. Ao representar um modelo idealizado de mulher, a Rainha da Soja reforçava esse modelo e distinguia-se das outras mulheres. Ao mesmo tempo, como membro de famílias das elites locais, a Rainha reafirmava valores de determinadas classes sociais e o concurso, dessa forma, espelhava concepções de feminilidade e distinções sociais.

Assim, a identidade da Rainha ancora-se na representação do poder econômico, a soja; político, a cidade de Ponta Grossa; ambos reforçados pelas imagens das famílias às quais pertenciam as jovens e pelas concepções de maternidade e fertilidade expressas pelo feminino. De outro modo, ao se tornar símbolo de concepções culturais, as jovens instituíaam poder a si próprias por meio da exposição de suas imagens idolatradas e reverenciadas justamente pelo que representavam ou, melhor dizendo, pelo que estavam autorizadas e legitimadas a representar.

¹⁴⁶ BELEJ, C.; MARTIN, A. L.; SILVEIRA, A. La más bella de los viñedos. Trabajo y producción em los festejos mendocinos (1936-1955). In: LOBATO, M. Z. (org.). **Cuando las mujeres reinaban**. Belleza, virtud y poder em la Argentina del siglo XX. Buenos Aires: Biblos, 2005. p. 66.

As memórias das mulheres entrevistadas, conforme Halbwachs, não resultam de mecanismos essencialistas, mas se relacionam a vertentes culturais constituídas, reconhecidas e praticadas – as estruturas de percepção – e que possuem vínculos com a conjuntura do período analisado e com as vivências da sociedade pontagrossense, espaço por onde circula a maior parte das Rainhas eleitas.

Ao estudar o concurso Rainha Encantadora de Serpentes, Beverly Stoelje¹⁴⁷ orienta que concursos de beleza são rituais que comunicam relações de gênero e constroem comportamentos idealizados para as jovens mulheres, identificando-as publicamente como símbolos de instituições sociais, incluindo a família e negócios, a cidade e a nação. No caso de concursos que elegem Rainhas, Stoelje afirma que há a prática da inversão simbólica, pois a monarquia é justamente o oposto da democracia. Essa teatralização, que dura um tempo limitado, permite o comportamento tabu e a expressão do impensável, e restaura o padrão normativo por meio da exposição de diretrizes e modelos para o comportamento social. Como em outras formas de inversão, o concurso de beleza cria um papel que não tem poder político, ganhos financeiros e não exerce autoridade sobre outras pessoas, mas a Rainha reveste-se de capital simbólico. Esses rituais podem exercer uma influência importante nas práticas da vida cotidiana, uma vez que as participantes levarão sua experiência e seu *status* de volta aos domínios cotidianos da vida social, constituindo suas identidades inspiradas também nessas experiências coletivas. As Rainhas da Soja viveram uma inversão que legitimava modelos femininos idealizados, associados aos poderes econômicos e políticos, campos que objetivaram o concurso.

Nesta perspectiva, o concurso Rainha da Soja de Ponta Grossa pode ser lido como um evento ritual. Um espaço de dramatização de ideais de gênero, de classe e de etnia, que produz um sistema de significações, no qual o corpo feminino torna-

¹⁴⁷ STOELJE, B. The snake charmer queen: ritual, competition, and signification in American Festival. In: _____.; COHEN, C. B.; WILK, R. **Beauty queens on the global stage**. Gender, contests and power. New York: Routledge, 1996.p. 13-30.

se símbolo de mudanças e permanências, associando poderes políticos e econômicos com modelos idealizados de jovens mulheres. Espaço de construção e reafirmação de identidades, de memórias, de linguagem, o ritual de seleção da Rainha da Soja instituiu identidades femininas, como a filha, a universitária, a esposa, a mãe, a profissional, como narrado neste capítulo. Legitimou, também, as específicas transformações econômicas sofridas por Ponta Grossa, nos anos de 1970, sob influência do contexto nacional, convertendo a exploratória presença da multinacional Sanbra em espetáculo que objetivava as expectativas de progresso e desenvolvimento, almejadas pela população e constituinte da identidade local, em atos concretos, visíveis. Além dessas questões já discutidas, o ritual possibilita a análise de concepções mais amplas, como a construção de corpos e feminilidades, exposição dos conflitos entre a beleza e a inteligência. É o que discutirei no próximo capítulo, o concurso enquanto um espaço ritual.

4 “REINADO COR DE OURO”: RITUAL DO CONCURSO RAINHA DA SOJA DE PONTA GROSSA

Símbolos estão essencialmente envolvidos com o processo social. Vim a conceber os desempenhos do ritual como sendo fases distintas, no processo social, através das quais os grupos se ajustavam a mudanças internas e se adaptavam ao seu ambiente externo. Desse ponto de vista, o símbolo ritual transforma-se em um fator de ação social, em uma força positiva num campo de atividade.

TURNER¹

O objetivo neste capítulo é desenvolver o estudo do concurso Rainha da Soja enquanto espaço ritual, lugar de memória, no qual práticas culturais se rearticulam instituindo visões de mundo, ao mesmo tempo em que também é instituído por essas mesmas práticas. Desse modo, discuto como as representações criadas no concurso instituem visões culturais, por meio de ações ritualizadas e como diferentes relações sociais, incorporadas e desempenhadas durante o ritual, demarcam fronteiras simbólicas praticadas no cotidiano dos grupos envolvidos no evento. Para concretizar esses objetivos, as concepções teórico-metodológicas inspiradas na antropologia, pontualmente na concepção de ritual, mesclam-se com as posturas investigativas da história, numa ação interdisciplinar cujas premissas amparam a reconstrução de significados para o concurso, este analisado enquanto uma prática ritual.

¹ TURNER, V. **Floresta de símbolos**. Aspectos do ritual Ndembu. Rio de Janeiro: Editora UFF, 2005. p. 49.

4.1 APROXIMAÇÕES ENTRE RITUAIS E O CONCURSO RAINHA DA SOJA

Fenômeno singular e historicamente delimitado, o concurso Rainha da Soja de Ponta Grossa só pode ser identificado por suas especificidades relacionadas aos movimentos conjunturais instituídos pelas esferas política, econômica e cultural no decorrer dos anos de 1970 no Brasil. Contexto este reconstruído, pela historiadora, no tempo presente, através da interpretação da memória escrita e falada. Por outro lado, o evento apresenta semelhanças em relação a outros concursos femininos, principalmente na regularidade de determinados atos que compõem sua forma², como integrar uma festividade maior – os Encontros com a Soja – tratar da eleição e coroação das eleitas em um glamoroso baile de gala. Assim, forma e conteúdo apontam para concepções de diversidade e universalidade, contribuindo para a identificação do concurso como cerimônia ritualizada. Para Colleen Cohen³, universalidade e diversidade são aspectos característicos e não contraditórios nos concursos femininos, pois a universalidade, atribuída pela replicação, possibilita que os fenômenos surjam ancorados em arranjos sociais singulares que apenas estudos circunscritos podem reconstruir.

Retomando a idéia de que nos rituais forma e conteúdo estão sempre associados, Marisa Peirano⁴ afirma que nesses eventos há sempre uma forma específica, como por exemplo, o grau de convencionalidade que atribui ao evento um caráter especial. Para a antropóloga, não existem conceituações rígidas e absolutas para os rituais, cabendo ao pesquisador compreender pela análise da

² PEIRANO, M. **Rituais**. Ontem e hoje. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. A forma refere-se à maneira como é estruturado o evento como, por exemplo, no caso dos concursos femininos, a existência da competição de talentos ou de conhecimentos, o desfile em passarela, a existência de um corpo de jurados, a premiação.

³ COHEN, C. B.; WILK, R.; STOELJE, B. (orgs.). Introduction. In: _____. **Beauty Queens on the Global Stage. Gender, Contests and Power**. New York: Routledge, 1996. p.1-12.

⁴ PEIRANO, M. (org.). **O Dito e o Feito**. Ensaios de Antropologia dos Rituais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

forma e conteúdo, assim como pelo estudo das relações contextuais, o que os envolvidos no evento indicam como diferente, como único. Nessa perspectiva, ritual é um fenômeno comunicativo que “expande, ilumina e ressalta”⁵ valores e representações sociais comuns a determinado grupo, reproduzindo relações, num ato pedagógico, que estrutura o *habitus* de grupos envolvidos e orienta a interiorização de conhecimentos, normas, valores, diferenças. Neste sentido, “focalizar rituais é tratar da ação social”, prossegue Peirano, afirmando que se a ação social se realiza no contexto de visões de mundo partilhadas, a comunicação entre indivíduos permite entrever classificações na forma de estar no e pensar o mundo. “Quer a comunicação se faça por intermédio de palavras ou de atos, ela difere quanto ao meio, mas não minimiza o objetivo da ação nem sua eficácia”.⁶

Na vertente antropológica indicada por Marisa Peirano, o ritual é analisado como uma prática social que relaciona aspectos simbólicos, transmitidos no fenômeno, com a cultura que possibilita seu surgimento e manutenção, compreendendo-o e legitimando-o. Visto deste ângulo, o ritual é linguagem ao comunicar, a partir de atos encenados em perspectiva cerimonial, práticas da vivência cotidiana das pessoas ou grupos envolvidos.⁷

Utilizando-se do conceito de ritual em seus estudos sobre concursos de beleza, Beverly Stoelje⁸ defende que mudanças sociais significativas precisam ser

⁵ PEIRANO, M. (org.). **O Dito e o Feito**. Ensaios de Antropologia dos Rituais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

⁶ Ibid., p. 9.

⁷ O filósofo da linguagem John Austin defende que palavras são atos e podem ser referenciais, mas também fazer coisas através de seu próprio pronunciamento. Desse ângulo, Austin recorta atos performativos, que são aqueles nos quais a enunciação já constitui sua realização. Trata-se de expressões que possuiriam uma força intrínseca, uma ação, um compromisso. A expressão “Eu prometo”, é um exemplo. (PEIRANO, M. (org.). **O dito e o feito**. Ensaios de Antropologia dos rituais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002).

⁸ STOELJE, B. The snake charmer queen: Ritual, competition, and signification in American Festival. In: COHEN, C. B.; WILK, R.; STOELTJE, B. (orgs.). **Beauty queens on the global stage: gender contests, and power**. New York: Routledge, 1996. p. 13-30.

representadas numa *performance* ritual, pois requerem ajustamento e negociação. Transição, ambigüidade, conflito podem ameaçar uma dada estrutura de relações, explícita ou implicitamente, e comportamentos rituais podem desenvolver-se em resposta a tais incertezas e desafios. Através do ritual uma definição específica de relações sociais pode ser demonstrada. Assim, rituais freqüentemente servem a propósitos conservativos, implementando e reforçando as relações sociais mais próximas do *status quo* do que o socialmente inovador. O propósito ao qual o ritual serve, portanto, será o de legitimar relações sociais dominantes no grupo que o implementa. Neste sentido, Stoelje diz que estudos caracterizam o ritual como legitimador da ordem sociopolítico de um grupo particular, se aquele grupo constitui uma força hegemônica ou um desafio ao *status quo*.

Consistente com a teoria de que o ritual pode ser uma resposta a um desafio ao *status quo*, Stoelje argumenta que o concurso de beleza é um ritual resposta às relações de gênero em mudança. Em relação aos rituais ligados à sexualidade observou que a distinção entre adulto e criança e entre masculino e feminino é fundamental para a organização de qualquer sociedade; eles são, ambos, conceitos socialmente construídos e estabelecidos através de ritos de iniciação. Argumenta que a preocupação central dos rituais marcando o *status* de adulto é claramente a sexualidade adulta, pois tais ritos expressam idéias relacionadas à reprodução, consistentes com os valores daqueles que os produzem. Prossegue afirmando que o simbolismo sexual de ritos é uma tentativa de controlar poderes, conduzindo-os a propósitos sociais específicos; uma tarefa conseguida por indivíduos com conhecimento especializado que podem mobilizar poder em ação ritual. Essa análise, conforme Stoelje, fornece uma perspectiva útil para a consideração de concursos de beleza, especificamente, aquele das funções do concurso de beleza como um evento ritual secular moderno relacionado a controlar poderes de jovens mulheres na sociedade moderna. Desse modo, concursos de beleza servem para legitimar a perspectiva de *status quo* com relação aos poderes de mulheres jovens, identificando-as publicamente como sinais de instituições sociais e cívicas, incluindo

família e negócios, a comunidade e a nação. O concurso, ritual no qual mulheres jovens competem, umas contra outras, pelo título de rainha, serve para ligar as concorrentes individuais à instituição patrocinadora como uma representante da mesma, criando um padrão ideal pelo qual julgar mulheres e definir seus papéis, como sinal de uma instituição pela qual a mesma é responsável.

Neste ponto, torna-se fundamental acrescentar as ponderações de Pierre Bourdieu⁹ no tocante ao ritual. Para o sociólogo, o êxito das operações rituais reside no reconhecimento social dos atos performativos – “atos autorizados” – como se esses fossem evidentes sob determinadas condições, as mesmas que definem seu uso legítimo. Prossegue, orientando que as formas dos rituais – etiqueta das cerimônias, código dos gestos, ordenamento dos ritos – constituem apenas o elemento mais visível de um sistema de condições e produzem as disposições ao reconhecimento como crença e desconhecimento de discurso autorizado. Desse modo, para que o ritual funcione e opere, é preciso que este se apresente e seja percebido como legítimo pelos participantes e por aqueles que assistem a ele.

A linha demarcatória entre aqueles que já passaram pelo ritual e aqueles que não o fizeram é o que chama atenção nos rituais. Com base nessa argumentação, Bourdieu defende que tais eventos seriam “ritos de consagração, ritos de legitimação, ou simplesmente, ritos de instituição”¹⁰ que fariam desconhecer como arbitrário e a reconhecer como legítimo e natural um limite arbitrário. Nessa premissa, os ritos de consagração operam uma divisão que passa despercebida, naturalizando propriedades de “natureza social” ou aspectos culturais. No ritual de consagração instituído no concurso Rainha da Soja, uma mulher é transformada numa imagem de poder que vincula o poder econômico às características femininas reproduzidas historicamente, como a emotividade, pureza, beleza. Essa associação relativiza a racionalidade e o cálculo da exploração econômica imposta pela

⁹ BOURDIEU, P. Linguagem e poder simbólico. In: **A economia das trocas lingüísticas**. 2. ed. São Paulo: USP, 1998. p. 89.

¹⁰ Ibid., p. 97.

multinacional e pelas diretrizes econômicas governamentais advindas dos governos ditatoriais brasileiros, contribuindo para naturalizar a presença da indústria na cidade.

Ao operar uma divisão que passa despercebida, as relações instituintes do concurso construíam um grupo privilegiado de mulheres. Ao serem escolhidas como candidatas ao título, as jovens distinguiam-se, por mérito estético e cultural, das demais jovens. Assim, num curto período de tempo, vivenciavam a experiência de não estarem reconhecidamente eleitas, mas cientes de não mais pertencerem ao espaço comum destinado às demais mulheres. Ao estudar os ritos de passagem, Arnold Van Gennep¹¹, concluiu que esses acontecimentos expressam a dinâmica social e compartilham um padrão recorrente, mesmo em uma multiplicidade de formas explícitas ou implícitas. Esse padrão implica em três fases distintas que se referem à separação, à fase liminar, fronteira e à incorporação. A primeira relaciona-se com o apartamento do iniciado ao convívio coletivo; a segunda, com a etapa da ambigüidade, quando o iniciado “é e não é ao mesmo tempo”; e a terceira, refere-se à reincorporação social sob nova condição. Assim como Mary Douglas¹² e Victor Turner¹³, Van Gennep entendia a fase liminar como algo ambíguo, paradoxal e negativo. Para os três antropólogos, o ambíguo significava todo objeto, ser ou instituição situada simultaneamente em dois campos semânticos excludentes e portadores de características contraditórias. Roberto Da Mata¹⁴, ao estudar o carnaval brasileiro, defende a releitura do conceito de liminaridade, propondo a observação de um possível lado positivo e recusando a concepção clássica de explicá-la enquanto um estado que desafia um sistema concebido como fixo, não admitindo a indecisão ou o adiamento. “O carnaval é uma festa que estimula a

¹¹ Ver VAN GENNEP, A. **Os ritos de passagem**. Rio de Janeiro: Vozes, 1978.

¹² Ver DOUGLAS, M. **Pureza e Perigo**. São Paulo: Perspectiva, 1966.

¹³ Ver TURNER, V. **O Processo Ritual**. Estrutura e anti-estrutua. Rio de Janeiro: Vozes, 1974.

¹⁴ DA MATTA, R. Individualidade e liminaridade: considerações sobre os ritos de passagem e a modernidade. **Mana**. Estudos de Antropologia Social. Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 8-29, 2000.

disputa, mas doméstica, aristocratiza e hierarquiza a competitividade, fazendo com que ganhadores e perdedores se liguem entre si como grupos e entidades especiais”¹⁵, com essa afirmação, Da Mata exemplifica que os ritos de passagem podem transformar individualidade em complementaridade, isolamento em interdependência e autonomia em imersão na rede de relações estabelecidas como modelo de plenitude para a vida social, a existência da ambigüidade.

O concurso Rainha da Soja torna-se campo propício para a análise e rediscussão sobre a existência de um padrão recorrente nos espaços rituais e para o questionamento da liminaridade enquanto prática negativa. Durante semanas, que antecediam a escolha da Rainha da Soja, as candidatas passavam horas de seus dias participando de ensaios, jantares, entrevistas coletivas, reuniões. Acontecimentos que envolviam o grupo de jovens, aparentemente isolando-as por mérito estético e intelectual das demais mulheres da sociedade local. Mesmo considerando a exigüidade do tempo, o grupo atingia o *límen* ao vivenciar a experiência de não estarem reconhecidamente eleitas, mas cientes de que não mais pertenciam ao espaço comum destinado às outras mulheres. Esse estado transitório encerrava-se com a escolha e legitimação da eleita, fase de onde emergiam as candidatas sob outra condição social, quando assumiam novas responsabilidades perante a coletividade.¹⁶

Além de instituir um grupo especial de jovens mulheres, diferenciadas das demais por critérios pautados em suas posições e disposições sociais, o concurso separava homens e mulheres. Ritual em que apenas mulheres eram consagradas por suas condutas individuais, cabendo aos homens o papel de espectador ou de selecionador – no caso dos jurados. Neste sentido, o ritual do concurso contribuía

¹⁵ DA MATTA, R. Individualidade e liminaridade: considerações sobre os ritos de passagem e a modernidade. **Mana**. Estudos de Antropologia Social. Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 8-29, 2000. p. 12.

¹⁶ Id. Ver também: _____. **Carnavais, malandros e heróis**. Para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. TURNER, V. **O Processo Ritual**. Estrutura e anti-estrutura. Rio de Janeiro: Vozes, 1974.

para naturalizar as diferenças de gênero e para reforçar representações idealizados para o feminino. Nesta perspectiva, o concurso tinha uma função pedagógica de sancionar uma ordem estabelecida baseada em diferenças culturais reconstruídas como naturais, como o gênero e a classe social. Nas palavras de Guacira Lopes Louro¹⁷, na função pedagógica há uma determinação consentida que reitera identidades e práticas hegemônicas. Assim, ao mesmo tempo em que subordina, nega ou recusa outras identidades e práticas, torna os sujeitos parte integrante do processo de reprodução da hegemonia estabelecida, tornando-os participantes ativos na construção de sua identidade, como também promove um investimento continuado na determinação de suas formas de ser ou viver sua sexualidade e seu gênero.

Outro efeito do ritual de consagração, para Pierre Bourdieu, é a notificação a alguém de sua identidade “quer no sentido de que ele a exprime e a impõe perante todos, quer notificando-lhe assim com autoridade o que esse alguém é ou deve ser”.¹⁸ Essa característica de inculcação da representação explica o fato de que os alunos adultos de um curso supletivo resistiam a ter aulas com uma Rainha da Soja. Marisa Sielski¹⁹ relembra a experiência e a explica neste sentido: “eu acredito que a pessoa assim comum, ela não gosta de ver alguém, né, que ela imaginou que é um ídolo junto, passando pelos mesmos problemas... tem que ser preservada aquela imagem...” Por outro ângulo, o dever interiorizado de estar sempre bem vestida, penteada, agir com bons modos revela-se no presente. No decorrer das entrevistas, as mulheres demonstraram preocupações com sua aparência relacionando-a com possíveis expectativas que eu pudesse ter em relação à identidade de Rainhas. Sorrindo, Margareth Sponholz contou que confidenciou com sua manicure antes de

¹⁷ LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. In: _____. (org.). **O corpo educado**. Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 7-34.

¹⁸ BOURDIEU, P. Linguagem e poder simbólico. In: **A economia das trocas lingüísticas**. 2. ed. São Paulo: USP, 1998. p. 99.

¹⁹ SIELSKI, M. Rainha da Soja de Ponta Grossa e Segunda Princesa da Soja do Paraná 1975. **Entrevista concedida à Adriana Cançado**. Ponta Grossa, 8 nov 2005.

receber-me: “vou fazer a minha unha, porque não posso receber a moça aqui em casa e ela vai dizer: ‘Nossa! Esta velha está acabada!’”.²⁰

Ao consagrar as mulheres em Rainhas, o concurso estabelecia um limite arbitrário que separava e naturalizava diferenças de gênero e classe. Assim, fazia com que as elites preservassem suas posições em relação ao feminino e aos demais grupos sociais. Realizava um processo de inculcação de disposições duradouras amparadas em gostos de classe, “os quais ao determinarem a ‘escolha’ dos signos exteriores com que se exprime a posição social, como as roupas, fazem com que todos os agentes sociais sejam portadores de signos distintivos”²¹. Para Pierre Bourdieu, muito mais do que os signos exteriores ao corpo, os signos incorporados como as maneiras de falar, de andar, de comer, a postura, estão fadados a funcionar como apelos, mediante os quais se pode lembrar àqueles que poderiam esquecer o lugar que lhes confere a consagração.

Conforme orientam os antropólogos quanto aos elementos imprescindíveis para a análise de simbolismo construído em rituais, o concurso Rainha da Soja só pode ser compreendido quando analisado em relação ao contexto sociocultural que o possibilita, objetivando-o. Mais do que impor uma ordem social, o ritual coaduna símbolos e situações que podem ser incongruentes para os próprios participantes e que, somente no ritual, são expressas publicamente e convertidas em algo inteligível e ao mesmo tempo polifônico. Pensado de outro modo, o concurso, enquanto ato de magia social, encontrava na sociedade local seu fundamento e legitimidade de poder simbólico.

²⁰ SPONHOLZ, M. Rainha da Soja de Ponta Grossa e Primeira Princesa da Soja do Paraná 1977. **Entrevista concedida à Adriana Caçado**. Ponta Grossa, 25 out. 2005.

²¹ BOURDIEU, P. Linguagem e poder simbólico. In: **A economia das trocas lingüísticas**. 2. ed. São Paulo: USP, 1998. p. 103.

4.2 RELENDO O RITUAL E SEUS SIGNIFICADOS

O concurso compreendido como uma cerimônia ritual torna-se um espaço social no qual ações desempenhadas constroem significados e relações sociais. Constitui-se em uma rede de sentidos articulada na figura feminina, consagrada rainha nesse mesmo ritual de instituição. Ao estudar a monarquia brasileira, Lilia Moritz Schwarcz²² orienta que para entender a realeza é preciso compreender a lógica de uma vida que gira em torno de um rei. Em meio a um grande ritual de consagração, o rei é transformado em ícone, imagem mestra que, como representação, não morre jamais. Enfim, como pessoa e mito, o rei é, sobretudo, um objeto ritual, uma imagem evidente do poder que acaba por vincular simbolicamente um homem a uma nação e dotá-lo de um poder que o separa dos demais. Para a autora, apoiada nas análises de Clifford Geertz²³, Peter Burke²⁴ e Marc Bloch²⁵, os rituais monárquicos tentavam demonstrar que a política é ação simbólica. Fortemente pautada em uma agenda de festas, rituais e imagens, a monarquia se servia à larga das representações simbólicas que envolvem o poder monárquico e que evocam elementos históricos de longa duração, associando o soberano à idéia de justiça, de ordem, de paz e de equilíbrio.

Essas considerações tornam-se pertinentes para se pensar sobre o evento ritual que consagra uma jovem à Rainha da Soja, momento este em que a mulher reveste-se de representações, sendo convertida em objeto ritual, em símbolo.

²² SCHWARCZ, L. M. **As barbas do imperador**. D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 25-34.

²³ CLIFFORD, G. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1973.

²⁴ BURKE, P. **A fabricação do rei**. A construção da imagem pública de Luís XIV. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

²⁵ BLOCH, M. **Os reis taumaturgos**. O caráter sobrenatural do poder régio: França e Inglaterra. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Explica Victor Turner²⁶ que símbolo é uma coisa compreendida consensualmente como tipificando, representando ou lembrando algo, através da posse de qualidades análogas, ou por meio de associações em fatos ou pensamentos. Para o antropólogo, símbolos podem ser “objetos, atividades, relações, eventos, gestos e unidades espaciais em uma situação ritual”.²⁷ Sob essa orientação, a Rainha da Soja é compreendida como um símbolo na situação ritual do concurso. Um símbolo que representou idealizações de desenvolvimento econômico, política, família e gênero, campos os quais articulados possibilitaram a construção de significados que indicam controle social e diferenciação de gênero e classe social.

4.2.1 Relendo o Ritual: Articulações entre Economia, Política e Família

No aspecto contextual, o Brasil dos anos de 1970 encontrava-se envolto em discursos ufanistas transmitidos por intensa publicidade, que apontava para um país promissor. Para a equipe econômica dos governos militares, a meta era “racionalizar a economia pela concentração do capital nas indústrias mais eficientes e o estímulo à penetração do capital multinacional mais moderno e produtivo”.²⁸ Essa forma de agir emanava da Doutrina de Segurança Nacional e Desenvolvimento, cuja principal premissa era desenvolver o país, priorizando o investimento estrangeiro.²⁹ O Ministro da Fazenda Delfim Neto, eleito “Homem de Visão de 1970”, declarou no mesmo ano ter o país uma taxa de crescimento substancial resultante de ações governamentais como “produtividade agrícola, ênfase na agricultura, enxugamento

²⁶ TURNER, V. **Floresta de símbolos**. Aspectos do ritual Ndembu. Rio de Janeiro: Editora UFF, 2005.

²⁷ Ibid., p. 49.

²⁸ ALVES, M.H.M. **Estado e Oposição no Brasil: 1964-1984**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 362.

²⁹ Id.

da liquidez excessiva do sistema bancário, reservas externas, reservas cambiais no exterior e crédito ao setor particular”.³⁰ Solidário com as metas prescritas, o governo do Paraná instituiu medidas para concessões de crédito para as indústrias.³¹ Ampliou-se, também, o investimento estadual em empreendimentos de infraestrutura, como rodovias, usinas hidrelétricas, linhas telefônicas, redes de silos e armazéns³². Ocorria uma aproximação entre os campos político e econômico com ênfase na produtividade agrícola voltada para o comércio exterior. Processo no qual as agroindústrias, majoritariamente multinacionais, davam o tom na economia do país.

Em Ponta Grossa, conforme analisado no capítulo 1, Cyro Martins, eleito em 1969, assumiu a prefeitura municipal inspirado pelas propostas desenvolvimentistas³³, tendo cumprido a constante evocação de grupos locais sobre a instalação de indústrias na cidade, com a construção do complexo industrial Sanbra. Como observado anteriormente, ao estabelecer-se na cidade, a multinacional passou a incentivar medidas para a divulgação da soja por meio de palestras e cursos – os Encontros com a Soja – assim como por meio de patrocínios de eventos locais, como torneios de natação e hipismo. Inicialmente projetado como ação publicitária, o concurso Rainha da Soja, e as ações nele praticadas, assim como seu próprio significado e importância, extrapolou a questão mercadológica. Reproduzindo ações praticadas por grupos das elites ponta-grossenses, a Sanbra,

³⁰ DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, 17 abr. 1970, p. 2.

³¹ Em 1970, a agência de fomento econômico Companhia de Desenvolvimento Econômico do Paraná (Codepar) teve sua estrutura alterada e transforma-se no Banco de Desenvolvimento do Paraná (Badep). O desenvolvimento industrial paranaense entre os anos de 1970 e 1980 revela-se expressivo. Entre os anos citados, o setor industrial apresentou um crescimento de 23% ao ano. (PARANÁ. Secretaria da Agricultura e do Abastecimento. **Manual Técnico do Subprograma de Manejo e Conservação do Solo**. 2. ed. Curitiba: IAPAR, 1994. p.372).

³² PARANÁ. Secretaria da Fazenda. **Oportunidades de Investimentos**. Centro de Promoções Econômicas. Curitiba: Paraná: out. 1973.

³³ O financiamento prometido no Plano de Desenvolvimento encontrava-se disponível no Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDES), o que demonstra a sintonia entre o governo municipal e as outras esferas de poder político instituído, como o Estado. (PONTA GROSSA. **Lei 2157**, de 13 de setembro de 1969. Título III. Capítulo III. Cidade Industrial).

na figura dos organizadores do concurso, comunicava, através do ritual e das jovens mulheres, valores afeitos a seus interesses e aos grupos políticos e econômicos locais, construindo uma rede de sociabilidades que não confrontasse valores praticados por esses mesmos grupos. Isso fica claro na reportagem sobre o projeto do concurso Rainha da Soja, publicado em 1980, na revista Propaganda.

Quando uma empresa do setor alimentar promove uma campanha para a escolha de uma Rainha, mobilizando a juventude feminina, ela, certamente, se aproxima da comunidade e tende a ser acolhida com muita simpatia. Afinal alimento e beleza são coisas que têm muito a ver.³⁴

A juventude feminina, delimitada por jovens mulheres das elites locais, é tratada como instrumento que produz e reproduz capital simbólico e que – unindo e instituindo relações, produz ou reproduz capital social. Conforme orienta Pierre Bourdieu³⁵, podemos dizer que a associação entre “alimento”, “beleza” e jovens mulheres, indica a exclusão dessas mulheres do espaço público da política e as relegam ao mundo privado, naturalizando essa divisão do mundo social. No entanto, a exclusão do mundo público da política assegura que elas sejam instrumentos de política, meios de assegurar a reprodução do capital simbólico e social, no caso específico das elites envolvidas no evento. Desse modo, o evento contribuía para a construção de feminilidades e masculinidades, corroborando a afirmativa de Joan Scott de que “o gênero é construído através do parentesco, mas não exclusivamente; ele é construído na economia e na organização política”.³⁶

Ao justificar o projeto do concurso, a multinacional argumenta sobre o potencial do evento no estímulo para ampliação das áreas cultivadas: “estávamos no início do período de grande expansão do plantio dessa importante leguminosa e o

³⁴ Revista **Propaganda**, São Paulo, n. 305, p. 15-18, dez. 1981. Edição Especial. Disponível em: http://www.portal-rp.com.br/pop/eventosecomemoracoes/1981_03.htm Acesso em 12 maio 2005.

³⁵ BOURDIEU, P. A Dominação Masculina. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 2, n. 20, p. 133-184, jul./dez. 1995.

³⁶ SCOTT, J. Gênero: Uma Categoria Útil de Análise Histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 2, n. 20, p. 71-99, jul./dez. 1995. p. 88.

Paraná tinha todas as possibilidades de vir a ocupar a posição de segundo Estado produtor de soja do país".³⁷ No entanto, além dos aspectos econômicos reafirma a importância do evento como espaço simbólico para a legitimação de sua presença na sociedade local.

Por intermédio desse evento, a Sanbra pretendeu criar laços de amizade com aquela comunidade, reforçando a sua identificação junto aos olhos do público e solidificando a relação de boa vontade empresa/governo/comunidade, muito acentuada na época devido à condição de primeira empresa a se instalar no Distrito Industrial de Ponta Grossa.³⁸

Ao refletir sobre o interesse da Sanbra na organização e manutenção do concurso, no decorrer da entrevista, Judith Silveira pondera que o certame fora uma estratégia para a aceitação da multinacional e seus diretores na sociedade pontagrossense e para estabelecer relações sociais amparadas em valores e práticas efetivados em grupos locais.

Naquela época lá em Ponta Grossa era uma província. E o que se faz dentro de uma província para conquistar o povo da região? Faz o que eles gostam. Baile... Pra reunir a sociedade, concurso de beleza porque era um concurso de beleza respeitado. Porque não era um concurso de beleza física, sem roupa. Então, dentro da província, dos costumes da província, mulher bonita, bem vestida, pra chamar a atenção, pra promover o evento, o baile... Agrada aos costumes da região. E o que eles queriam? Eu não sei por que, porque se é uma grande empresa hoje, é diferente. Já se olha pela parte financeira, pelos recursos que vão para a região. E naquela época eu não sei por que, qual era a característica da época... Me parece que eles quiseram agradar a região. Por que tinham que agradar a região se eles tinham poder financeiro? Hoje eu penso pra que agradar a região. Será que naquela época eles precisavam agradar as pessoas, os fazendeiros para plantarem?³⁹

³⁷ Revista **Propaganda**, São Paulo, n. 305, p. 15-18, dez. 1981. Edição Especial. Disponível em: http://www.portal-rp.com.br/pop/eventosecomemoracoes/1981_03.htm Acesso em 12 maio 2005.

³⁸ Id.

³⁹ SILVEIRA, J. Rainha da Soja de Ponta Grossa 1971. **Entrevista à Adriana Caçado**. Curitiba, 1 jun. 2006.

Como o ritual constitui-se num emaranhado de significações e significados, pulverizando-os, afirmo que a indústria para validar sua importância e relativizar seu potencial exploratório, deveria ser reconhecida, identificada como algo natural e necessário ao desenvolvimento do município, sem com isso lesar normas culturais praticadas. Para Pierre Mayol⁴⁰, “a relação ligando um freguês a seu comerciante é feita da inserção progressiva de um discurso implícito sob as palavras explícitas da conversa, que tece entre um e outro parceiro da troca uma rede de sinais, tênues, mas eficazes, favorecendo o processo de reconhecimento”. Pierre Mayol orienta que um indivíduo que se instala em um bairro – e aqui é possível pensar Ponta Grossa dos anos de 1970 como um espaço semelhante a um bairro – é obrigado a considerar o meio social desse espaço para poder viver nele. Obrigação que significa criar e respeitar vínculos e laços, que significa conveniência, o modo pelo qual se é percebido e cujo capital simbólico é reconhecido pelos outros indivíduos deste mesmo espaço social.

Assim, o ritual instituído pelas relações simbólicas e objetivas que sustentaram o concurso Rainha da Soja de Ponta Grossa tornou-se um espaço de partilhamento e exposição de valores reproduzidos pelas elites locais, em consonância com objetivos econômicos da multinacional Sanbra. Ao patrocinar a competição feminina, a multinacional, em sintonia com o poder político, criou um espaço de poder simbólico. De um ângulo, o evento somava capital simbólico à empresa pela seriedade, moralidade e civilidade nele praticadas e por outro, era palco para a representação e reafirmação de identidades coletivas de gênero e de classe social. Para Pierre Bourdieu, o poder simbólico se refere a um tipo de poder que não é reconhecido como tal. Trata-se de um poder invisível que “só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos e nem que o exercem”.⁴¹

⁴⁰ MAYOL, P. A conveniência. In: CERTEAU, M. de; GIARD, L.; MAYOL, P. **A invenção do cotidiano**. Morar, cozinhar. Rio de Janeiro: Vozes, 1996. p. 53.

⁴¹ BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Lisboa: Bertrand, 1989. p. 23.

Por meio de corpos femininos, jovens, brancos, heterossexuais, pertencentes a famílias de reconhecido prestígio e distinção, relações econômicas e políticas instituíram representações legitimadas e reconhecidas pela população local. As jovens representaram a civilidade, o comportamento social idealizado e contribuíram para reafirmar o casamento e a maternidade como espaços naturais para as mulheres, num contexto em que a inserção feminina no mercado de trabalho e a liberalização sexual por meio da pílula eram assuntos estampados em revistas e anunciavam um processo irreversível para as mulheres. Neste sentido, o ritual para a eleição da Rainha foi muito além da frivolidade de uma competição de beleza, pois sua compreensão encontra-se na análise de singularidades contextuais que possibilitaram o corpo feminino como símbolo de valores morais em que se apoiaram os poderes econômicos e políticos que sustentaram objetivamente a realização do evento. A ênfase nos argumentos de aproximação entre a multinacional e a sociedade local reafirma a existência de um projeto racional e planejado de inserção da Sanbra nos hábitos cotidianos da sociedade local ou de grupos dessa sociedade.

Por conseguinte, é possível pensar numa primeira síntese: a articulação das relações econômicas e políticas instituíram processos de construção de identidades coletivas locais e de gênero, reproduzidas no espaço ritual do concurso, que por sua vez era objetivado por essas mesmas relações. Simultaneamente, o ritual instituía a legitimação da presença da multinacional na cidade, aproximando seus diretores das práticas cotidianas e dos processos de divisão do mundo social local. Nessa configuração, a família manifesta-se como espaço privilegiado de reprodução de *habitus* e de acúmulo de capital simbólico masculino.

Simbolizando a Rainha da Soja, por meio da representação de múltiplas identidades femininas, as jovens eleitas exibiam no decorrer do ritual do concurso e durante o reinado desempenhos vinculados à família à qual pertence, instituindo

capital simbólico a si mesma e a sua própria família. Conforme Stanley Tambiah⁴², a eficácia de um símbolo relaciona-se à própria capacidade em unir indivíduos e grupos a posturas morais de conduta. Neste sentido, prossegue Tambiah, a eficácia do símbolo tende a ser conservativa, pois ao inculcar regras e valores, impõem-se determinados modelos de ação social, de relações sociais praticadas pelos grupos ao qual o símbolo representa. Desse modo, as jovens rainhas tendiam a representar suas famílias em valores adquiridos e que conservavam e reproduziam. Assim, no concurso Rainha da Soja, as elites econômicas e políticas, das quais faziam parte famílias tradicionais da cidade, sustentaram objetivamente o evento e coniventes com o perfil conservador do momento histórico, reproduziam seus gostos e distinções por meio de jovens que corporificavam a Rainha.

Como abordado, Ponta Grossa retomava, nessa ocasião, o papel de centro regional econômico e político do Estado do Paraná. Membros dos campos político e econômico também compartilhavam espaços sociais na geografia da cidade, como o Clube Pontagrossense, o Lions Club, o Rotary Club. A convivência nos mesmos espaços sociais, a prática de gostos semelhantes, posições sociais próximas estruturam um conhecimento, *habitus*, que tendia para conservação desses mesmos valores tornando-os tradição. Para o historiador Eric Hobsbawn⁴³, a origem da tradição está na repetição de determinados valores e normas de comportamento que permitem aos grupos manter uma continuidade em relação ao passado. A participação das famílias tradicionais nesses espaços sociais sempre foi significativa em função das próprias tradições, ou seja, das convenções sociais estabelecidas entre os grupos, cujos membros compartilhavam o mesmo estilo de vida, na situação econômica, nas opiniões políticas e nas relações sociais.

⁴² TAMBIAH, S. A performative approach to ritual. In: _____. **Culture, Thought and social action.** Na Anthropological Perspective. Cambridge: Harvard University Press, 1985.

⁴³ HOBBSAWM, E.; RANGER, T. (orgs). **A invenção das tradições.** 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

Ocupando posições-chave na sociedade ponta-grossense, dispendo de objetivos poderes, influências e privilégios, os membros das famílias tradicionais integravam também os grupos que, no decorrer da década de 1970, encontravam-se envolvidos com as particularidades do processo de industrialização da cidade⁴⁴. Definidos pela detenção dos poderes: econômico, político e cultural, os grupos que compunham a elite local tinham, na família, um dos princípios para o reconhecimento desses poderes, que indicavam posições sociais no campo social da cidade.

No discurso de posse do cargo de prefeito de Ponta Grossa, Cyro Martins (1969-1972) refere-se ao prefeito anterior como “membro de tradicional família” e a si próprio como descendente de “família humilde e laboriosa, que aqui, na Princesa dos Campos se estabeleceu no século passado, tendo em nosso genitor, o exemplo daquele que soube vencer, mercê de seu trabalho, da economia e da austeridade para consigo mesmo”.⁴⁵ A família constitui o que Pierre Bourdieu⁴⁶ chama de capital pessoal, que identifica e reconhece uma pessoa pelo seu “nome”, que indica pertencimento a um núcleo familiar, reforçando a imagem de seriedade e comprometimento da figura política.

As lembranças de Peggy Gutmann⁴⁷, cuja família estabeleceu-se em Ponta Grossa nos anos de 1970, são exemplares para demonstrar a importância das relações familiares na sociedade local. Entre sorrisos, Peggy narrou que “Ponta Grossa é diferente em tudo e era uma cidade mais do que é hoje dos ‘qual que se é?’”. Como eu não havia entendido a expressão, Peggy repetiu explicando: “Do assim ‘dos qual que você é?’ De que família você é? Porque conforme o teu berço é o teu valor, o valor teu aqui em Ponta Grossa, às vezes, não está em você mesmo, o

⁴⁴ HEINZ, F. **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

⁴⁵ JORNAL DA MANHÃ. Ponta Grossa, n. 4256, 01 fev. 1969, p. 1.

⁴⁶ BOURDIEU, P. A Representação Política. In: _____. **O Poder Simbólico**. Lisboa: Difel, 1989. p. 163-208.

⁴⁷ GUTMANN, P. Rainha da Soja de Ponta Grossa e Primeira Princesa da Soja do Paraná 1978. **Entrevista concedida à Adriana Caçado**. Ponta Grossa, 4 dez 2006.

valor está em que família você pertence.” ”Dos qual você é?” é uma pergunta que se revela enquanto uma permanência na cidade, pois é ainda comum às pessoas perguntarem à qual família você pertence.

A fala de Peggy Gutmann é expressiva e condensa a importância que as relações familiares possuem na identificação do indivíduo no campo social da cidade. Questão que se mantém no presente. A família converte-se num espaço definidor de valores individuais e coletivos, como ponto central da organização social. Complementarmente, a concepção de tradição relaciona-se ao núcleo familiar e às características morais apresentadas e praticadas por seus membros. Além disso, a idéia de tradição refere-se, também, a esferas específicas da cultura, congregando um conjunto de valores que orientam a conduta, canalizando aspirações, pensamento e vontades, revelando um estilo de vida.⁴⁸

É evidente a importância da família nas relações sociais locais como espaço de poder: simbólico, distintivo e de validação, trajetórias sociais dos homens com posições nos campos econômicos, políticos e culturais. Lembra Stanley Tambiah que a construção de significados, no processo ritual, vincula-se à análise entre a forma – como se apresenta o evento ritual – e o conteúdo – o que significa para a sociedade que o pratica e reconhece. Desse modo, o ritual conjuga aspectos pragmáticos, sendo que a performance ritualística está sempre referida a um contexto essencial para sua eficácia, pois esta se encontra nas relações culturais que possibilitam a criação, o reconhecimento e a legitimação do fenômeno⁴⁹. Neste sentido, as relações que instituíram o ritual do concurso Rainha da Soja também contribuíram para a conservação e reafirmação de valores relacionados às famílias tradicionais da cidade. Membros dessas mesmas famílias, as jovens candidatas eram constantemente vinculadas a seus pais e simbolizavam, por meio do comportamento social, do vestuário, da etiqueta, o núcleo familiar:

⁴⁸ ORTIZ, R. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

⁴⁹ TAMBIAH, S. A performative approach to ritual. In: _____. **Culture, Thought and social action**. Na Anthropological Perspective. Cambridge: Harvard University Press, 1985.

Regina Maria, uma flor da sociedade pontagrossense que vai representar o Lagoa no concurso da Rainha da Soja de 1973. Sua indicação pela nossa diretoria mereceu as melhores referências do quadro social. Regina Maria é filha do casal Dna. (sic) Carmem Kohler e Dr. Amadeu Puppi, ilustre médico pontagrossense e figuras das mais conceituadas na sociedade local.⁵⁰

A maneira como mulheres e homens tornam-se sujeitos “de gênero” constituem uma questão política e social, e não apenas ligada às histórias pessoais e privadas. As escolhas, a sexualidade, a vida familiar são informadas pelo social, têm sentido político e exercem efeitos que transcendem o âmbito privado. Essa concepção expõe conexões e imbricações ocultas entre o público e o privado.⁵¹ Assim, como espaço no qual valores simbólicos eram produzidos e reproduzidos, o ritual do concurso Rainha da Soja instituía-se de forma a reconstituir modelos de comportamentos idealizados para as jovens mulheres participantes. Dentre esses valores simbólicos, representados e praticados no ritual, encontrava-se a reconstrução constante de que as jovens Rainhas eram “moças de família”. Reforçava-se, assim, a relação entre a noção de família e a idéia de respeitabilidade, convertendo o núcleo familiar num espaço de virtude moral.⁵² Esse ideal de família foi reconstruído no concurso e amparou as trajetórias dos membros masculinos nos espaços da política e da economia, atribuindo-lhes valor moral e capital simbólico no espaço da masculinidade por meio das representações idealizadas da feminilidade e praticadas pelas jovens representantes dessas famílias.

A maximização do valor simbólico da família, para Klass Wortmann⁵³, tem como finalidade a preservação de *status* ameaçado. Tudo depende do que há para se ganhar ou perder. Em outras palavras, a categoria família é manipulável, à

⁵⁰ DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa. n. 23294, 13 maio 1973, p. 3.

⁵¹ LOURO. G. L. Epistemologia Feminista e Teorização Social. Desafios, Subversões e Alianças. In: ADELMAN, M.; SILVESTRIN, C. B. (orgs.). **Gênero Plural**. Curitiba: UFPR, 2002. p. 11-22.

⁵² WOORTMANN, K. **A família das mulheres**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987.

⁵³ Id.

disposição dos grupos e indivíduos de acordo com seus interesses. Diante das transformações ocorridas, no decorrer dos anos de 1970, no que se refere à participação feminina no mercado de trabalho, às alterações na família brasileira desencadeadas pelo aumento dos casos de separação conjugal e pela aprovação do divórcio em 1977⁵⁴, as famílias tradicionais da cidade tendiam a reproduzir valores conservativos dos laços matrimoniais e dos comportamentos de suas jovens filhas. A reprodução de valores conservativos de certo ideal feminino, como comportamento moral ilibado, destituição de erotismo, discricção em vestimentas e comportamentos sociais, por meio das representações praticadas no concurso, reafirmava conhecimentos adquiridos pelas mulheres dessas famílias envolvidas no evento e soava como postura pedagógica, orientadora de comportamentos femininos através da exposição e representação de uma mulher considerada melhor do que as outras jovens da comunidade, justamente por simbolizar a construção de uma feminilidade idealizada pelas elites locais.

Essa tendência manifestada no controle moral das jovens candidatas contribuía para preservar a família como espaço para as bases materiais e sociais das relações entre os sexos, afastando possíveis condutas que pudessem abalar o núcleo familiar enquanto lugar privilegiado de sua reprodução social, de relações de filiação, de aliança e de coabitação.⁵⁵ Nos atos do ritual do concurso, reforçava-se a imagem da família enquanto um espaço criador de distinções sociais, pois para as elites tradicionais, segundo Woortmann, afirmar o pertencimento a tal família inclui projetar uma linha de descendência isolada, uma categoria de *status* pautada em específicos desempenhos de papéis de gênero. As transformações contextuais da década de 1970 indicavam profundas mudanças nas representações das funções femininas, implicando possíveis alterações nas relações familiares. Neste sentido, a

⁵⁴ MERCADO DE TRABALHO FEMININO. Disponível em: <<http://www.direitodefamilia.com.br/Materia.asp?CodMater=19>>. Acesso em 23 jun. 2007.

⁵⁵ LEFAUCHEUR, N. Maternidade, Família, Estado. In: DUBY, G.; PERROT, M. (orgs.). **História das Mulheres no Ocidente**. O século XX. Lisboa: Afrontamento, 1991. p. 470-503.

imagem da Rainha tornava-se um significante que envolvia permanências e mudanças, pois símbolos rituais possuem propriedades polissêmicas e multivocais. Dito de outro modo, um único símbolo pode representar muitas coisas.⁵⁶

A Rainha simbolizava em si mesma um conflito característico dos anos de 1970, período de mudanças nos espaços tradicionalmente atribuídos às mulheres. Abria-se o espaço universitário como caminho para alcançar o mercado de trabalho e esse posicionamento tornou-se explícito no ritual do concurso, pois as jovens eram referenciadas pelos planos futuros de inserção profissional e avaliadas pelo nível cultural. Essas intenções aproximadas ao perfil conservativo de valores morais indicam a representação de uma mulher “moderna”, cujas famílias apoiavam as mudanças no modo de ser das mulheres. Assim, as jovens representavam, também, a mudança, constituindo-se em símbolos femininos que seguiam as tendências relacionadas à profissionalização e à autonomia financeira. Construía-se a representação da mulher inteligente, atuante, mas que preservasse os bons modos, o bom gosto e a estética corporal, numa *performance* indicativa de que o trabalho feminino não impediria a manutenção de valores associados aos padrões morais, familiares, estéticos, idealizados para as mulheres na sociedade ponta-grossense.⁵⁷ Entretanto, valores como a maternidade, a domesticidade, o casamento, o auto-

⁵⁶ TURNER, V. **Floresta de símbolos**. Aspectos do ritual Ndembu. Rio de Janeiro: Editora UFF, 2005.

⁵⁷ No livro organizado por Mirta Zaida Lobato, autoras desenvolvem estudos sobre concursos de Rainhas praticados na Argentina, durante o período do primeiro peronismo, e discutem a associação entre a representação da mulher trabalhadora e os poderes econômicos e políticos indicando a importância dos contextos específicos na análise desses eventos. Para as pesquisadoras, no período em que o trabalhador/a argentino/a foi investido/a de simbologias que os valorizavam diante e a partir do poder político, os concursos que elegiam jovens mulheres como Rainhas converteram-se em espaços de reconstrução identitária. Essa reconstrução baseava-se em novos modelos de feminilidade – que associavam as mulheres ao espaço do trabalho – sem, no entanto, perder o potencial de reprodução de ideais tradicionais pensados para o feminino, como a responsabilidade pela manutenção de valores morais apoiados na valorização do casamento e da maternidade. Esse ponto caracteriza também o concurso Rainha da Soja, com a diferença de que nos estudos citados, as candidatas eram das classes trabalhadoras, ao contrário das concorrentes e vencedoras do certame ponta-grossense. Ver: LOBATO, M. Z. (org.). **Cuando las mujeres reinaban**. Belleza, virtud y poder en La Argentina del siglo XX. Buenos Aires: Biblos, 2005. Ver também Capítulo 1.

controle moral e sexual eram exigidos e representados no ritual de eleição da Rainha da Soja.

Nas lembranças das entrevistadas, a figura paterna é lembrada como o provedor, responsável pela sobrevivência material da família, e aquele que a representa no espaço público da economia e da política; enquanto as mulheres, no enfoque sobre as mães, são reconstruídas a partir de seus laços com a família, com as tarefas domésticas e no cuidado com o comportamento das filhas. Portanto, as imagens maternas vinculam-se à capacidade das mães em garantir a honra familiar, por meio do respeito à moral e aos bons costumes. Nesta perspectiva, pode-se afirmar que o julgamento da família e dos comportamentos de seus membros, pela sociedade, dependia em grande parte do comportamento da mulher, nas representações de esposas e filhas.⁵⁸

Myriam Moraes de Barros⁵⁹, ao estudar a relação entre memória e família, orienta que as lembranças relacionadas à família tendem a caracterizar patriarcas e matriarcas. A vida das avós são rememoradas como fonte de transmissão de determinados bens simbólicos, que representam uma situação social e ao mesmo tempo uma ordem moral. Alguns entrevistados têm nos avós o início da trajetória da família e, neste sentido, falar dos avós é falar em seu poder familiar, na capacidade de agregação da rede familiar em torno de si, como elemento de reconhecimento. Esses bens simbólicos podem representar uma origem de *status* elevado na hierarquia social. Neste viés, Judith Silveira, filha de um conceituado médico, ao falar de sua família relembra que,

Só pra falar pra você um pouquinho da família da minha mãe... A família da minha mãe também é uma família tradicional na cidade... A minha avó ficou viúva muito cedo com seis filhas... Minha mãe era a filha mais nova... [...]

⁵⁸ MALUF, M.; MOTT, M. L. Recônditos do mundo feminino. In: SEVCENKO, Nicolau. (org.). **História da vida privada no Brasil**. República: da Belle époque à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 367-422.

⁵⁹ BARROS, M. M. L. de. Memória e família. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 29-42, 1989.

Por exemplo, a minha mãe, quando ela fazia... Bolava as roupas... Desenhava... Bordava... Minhas tias também fazem coisas lindas... Então o lado artístico da família do meu avô paterno... E do outro lado, da família Soares que moravam ali na Praça... Isso que eu chamo da tradição da família, todos esses detalhes, né? ⁶⁰

Nas lembranças de Judith, o papel das avós relaciona-se com a construção da tradição familiar por meio da reprodução de certos bens simbólicos como o lado artístico das mulheres da família. Por outro lado, as avós indicam a posição hierárquica elevada da família na sociedade local, reforçada pela idéia de que cada descendente torna-se alvo e ao mesmo tempo o veículo de preservação dos valores familiares. Há, assim, um plano moral que acaba por definir a inserção das famílias na sociedade mais ampla, não exclusivamente em termos econômicos, mas como representantes de uma camada social que compartilha de um mesmo discurso de representação da família.⁶¹ Desse modo, o concurso poderia ser um espaço para o exercício de representações vinculadas ao passado das famílias dos grupos envolvidos, reatualizando funções sociais interiorizadas como tradicionais.

Pierre Bourdieu⁶² orienta que, compreendidas como símbolos nos quais se afirma e se exhibe o capital simbólico de um grupo doméstico, as mulheres devem manifestar o capital simbólico do grupo em tudo o que concorre para sua aparência, cosmética, porte, vestimenta. Por isso, prossegue o sociólogo, nas sociedades contemporâneas, ainda mais do que nas sociedades arcaicas, elas se alinham ao lado da aparência, do ser-percebido, do agradar. Estando assim socialmente inclinadas a tratar a si mesmas como objetos estéticos, destinados a suscitar a admiração, e, em conseqüência, a prestar atenção a tudo que se refere à beleza, à elegância, à estética do corpo, da vestimenta, do porte, elas naturalmente tomam a

⁶⁰ SILVEIRA, J. Rainha da Soja de Ponta Grossa 1971.

⁶¹ BARROS, M. M. L. de. Memória e família. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 29-42, 1989.

⁶² BOURDIEU, P. A Dominação Masculina. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 2, n. 20, p. 133-184, jul./dez. 1995.

seu encargo, na divisão do trabalho doméstico, tudo que compete à estética e à gestão da imagem pública e das aparências sociais dos membros da unidade doméstica. São elas, enfim, que asseguram a gestão da vida ritual e cerimonial da família, organizando recepções, festas, cerimônias, destinadas a assegurar a manutenção das relações sociais e da influência da família.

No caso específico do ritual do concurso Rainha da Soja, as jovens eleitas, mulheres que apreendem a se encarregar da gestão do capital simbólico das famílias, foram chamadas a transportar esse papel para o interior da indústria e da política que representavam. A elas foram confiadas as atividades de apresentação, de recepção e acolhida, e também a gestão dos grandes rituais burocráticos – como as discussões com grupos de engenheiros, a participação nos desfiles das tropas do Exército, em Brasília – que, como os rituais domésticos, contribuem para a manutenção e para o aumento do capital social de relações e do capital simbólico. Prossegue Bourdieu afirmando que as mulheres são agentes privilegiadas, pelo menos no interior da unidade doméstica, da conversão do capital econômico em capital simbólico, com atividades como a decoração da moradia, a compra de bens culturais, a gestão dos ritos e das cerimônias destinadas a manifestar a posição social da unidade doméstica, as mulheres exercem um papel determinante na dialética da pretensão e da distinção que é o motor de toda a vida cultural. Essa conversão do capital econômico da multinacional Sanbra em capital simbólico teve a Rainha da Soja como símbolo potencial, por meio das representações de suas identificações na esfera doméstica das famílias das elites locais. Aproximaram-se, num jogo relacional praticado no ritual de consagração, representações de seriedade, controle, beleza praticadas no interior das famílias e a própria indústria, reforçando sua importância no campo das relações sociais locais e criando condições de aceitabilidade na constituição identitária da cidade. Neste sentido, e retomando a concepção de que a eficácia dos símbolos encontra-se em relação direta com o sucesso destes em unir indivíduos e grupos a regras morais de

conduta⁶³, é possível dizer que as representações e identidades das Rainhas da Soja, foram instituídas com o direcionamento de preservar valores e comportamentos tidos como adequados às mulheres pertencentes a esses grupos familiares.

Pierre Bourdieu argumenta que as mulheres, de grupos familiares “burgueses”, das quais se sabe que põem extrema atenção nos cuidados do corpo ou na cosmética e, mais amplamente, no cuidado da respeitabilidade ética e estética, são alvos preferidos da dominação simbólica, mas também as agentes escolhidas para transmitir seus efeitos às classes dominadas. Porém não são vítimas passivas de dominação, uma vez que ampliam poderes no que se refere as demais mulheres da sociedade, ao constituírem um grupo diferenciado, tanto pelas questões de gênero quanto de pertencimento a grupos de elites, pois como orienta Bourdieu⁶⁴, o ritual só tem eficácia se reconhecido como discurso autorizado e legitimado pelos participantes e por aqueles que assistem a ele.

Por isso, as Rainhas representaram a família constituída pelo casamento formal, numa sociedade na qual essa instituição era compreendida como célula básica e valores privados ocupavam lugar central⁶⁵. As entrevistadas são mulheres casadas com homens pertencentes aos atuais grupos das elites locais, o que pode conduzir a análise a uma espécie de reprodução de *habitus* de classe e gênero, uma vez que essas uniões se integram a um sistema de articulações políticas e de poder econômico, pois as regras sociais construídas por esses grupos afetam os padrões matrimoniais, preservando a família como centro de confirmação de *status* social

⁶³ TAMBIAH, S. A performative approach to ritual. In: _____. **Culture, Thought and social action.** Na Anthropological Perspective. Cambridge: Harvard University Press, 1985.

⁶⁴ BOURDIEU, P. Linguagem e poder simbólico. In: **A economia das trocas lingüísticas.** 2. ed. São Paulo: USP, 1998. p. 89.

⁶⁵ PROST, A. Fronteiras e espaços do privado. In: ARIÉS, P. & DUBY, G. **História da Vida Privada**, vol. 5. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

vinculado à moralidade e à seriedade.⁶⁶ Neste aspecto, mantém-se no presente a concepção de tradição dessas famílias por meio da memória dessas mulheres.

Lugar de ensinamentos das regras de convívio, de instituição de autoridade e de preservação de valores morais, a família, representada pelas Rainhas nas fases do concurso, definia um específico estilo de vida das elites locais, assim como atribuía a seus membros prestígio social e distinção simbólica.⁶⁷ As jovens candidatas obtinham autorização para participar do concurso, porque o evento, enquanto um espaço ritual, ressaltava valores e representações comuns ao grupo das elites locais, reproduzindo relações de classe e gênero.⁶⁸ Esta última pautada nas relações familiares e nos valores nela reproduzidos. Desse modo, o controle do corpo feminino e a ênfase em aspectos como cultura e comportamento das jovens revelavam-se elementos imprescindíveis que permitiam a multinacional Sanbra concretizar o evento e atingir os objetivos previstos no projeto do concurso.

A participação de jovens mulheres pertencentes às famílias tradicionais locais contribuía para o caráter de seriedade atribuído ao evento e à própria multinacional. Num movimento de circularidade, participar do concurso representava reforçar valores familiares e de gênero praticados nas esferas privadas das famílias e transmitidos na prática ritual. Num período de crise das instituições democráticas nacionais, oprimidas pelo regime ditatorial implantado, em 1964, no Brasil e dos sucessivos abalos nas instituições econômicas e políticas, o concurso significava um espetáculo que corroborava a idéia difundida de um “Brasil Grande”, desenvolvido, unificado em prol da melhoria das condições sociais. Ao selecionar jovens mulheres que se uniam aos seus patrocinadores e, posteriormente, à cidade, quando a competição atingiu sua fase extralocal, o concurso criava sentimentos de coesão em

⁶⁶ WOORTMANN, K. **A família das mulheres**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987.

⁶⁷ BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

⁶⁸ PEIRANO, M. (org.). **O Dito e o Feito**. Ensaios de Antropologia dos Rituais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

torno da Rainha e de suas representações. O ritual articulava, assim, as relações simbólicas performáticas com o jogo de relações sociais vividas no cotidiano.

Concluindo, o ritual articulou significados econômicos, políticos e simbólicos instituindo representações de valores familiares que, por sua vez, sustentavam o capital simbólico dos homens envolvidos nas tramas políticas e econômicas. Através das performances das jovens eleitas, representantes físicas e simbólicas das famílias, construíam-se e reafirmavam-se valores praticados nos grupos das elites locais. Neste sentido, o concurso apresenta forte apelo conservativo, tornando-se palco para a reprodução simbólica de estilos de vida praticados nos grupos envolvidos no certame.

Neste ponto é possível pensar numa segunda síntese: a articulação das relações econômicas, políticas e simbólicas no ritual do concurso Rainha da Soja estabeleceram um viés conservativo de práticas familiares, das elites locais envolvidas no processo de industrialização da cidade. Ao adotarem e reproduzirem posturas estéticas e éticas idealizadas pelas famílias, as jovens eleitas construíam símbolos diferenciadores de classe social, contribuindo para a instituição de consenso sobre a legitimidade dessas diferenças. Além disto, ao representarem valores idealizados pelas elites locais, as jovens contribuíam para a preservação do *status*, posições e estilos, das famílias, transformando capital econômico e político dos membros masculinos em capital simbólico para esses membros assim como a si mesmas.

No entanto, essas representações ancoradas no corpo feminino, símbolo da consagração ritual, indicam outras interpretações possíveis no que diz respeito ao gênero, ao corpo e a feminilidade.

4.2.2 Relendo o Ritual e seus significados: Articulações entre Economia, Política e Gênero

Ao analisar os concursos de Rainha, Robert Lavenda⁶⁹ concluiu que esses eventos pertencem a um tipo específico de concurso de beleza e devem ser analisados em suas particularidades. Para o antropólogo, concursos de Rainhas são “eventos híbridos”, pois associam elementos presentes em bailes de debutantes e em concursos de beleza, criando espaços com uma variedade de significados individuais e sociais.

Para compreender esses eventos, Robert Lavenda orienta que é preciso estabelecer o que envolve os concursos de Rainhas, como eles são mantidos, organizados, quem participa e assim por diante. O estudo dessas variáveis torna-se importante para a compreensão do concurso, justamente por associá-lo às representações que a sociedade tem de si mesma e constrói para os outros. Normalmente, concursos de Rainha são eventos locais relacionados à identidade coletiva local. Nesse sentido, nos concursos de Rainha, as candidatas são julgadas pela representatividade social, pelo desempenho de atividades sociais, escolar e reconhecimento de suas famílias, diferentemente dos concursos de *misses*, nos quais a aparência física determina a vencedora. Desse modo, organizadores de concursos de Rainhas buscam constituir um grupo distintivo de jovens mulheres, alguém para representar a cidade e o próprio patrocinador, dissociando a beleza física dos critérios de seleção.

Prossegue o antropólogo afirmando que o evento para a escolha de Rainhas assemelha-se à apresentação de debutantes, cerimônia que envolve as relações

⁶⁹ LAVENDA, R. “It’s not a Beauty Pageant!”: Hybrid Ideology in Minnesota Community Queen Pageants. In: COHEN, C. B.; WILK, R.; STOELTJE, B. (orgs.). **Beauty queens on the global stage: gender contests, and power**. New York: Routledge, 1996.

que as famílias das jovens possuem na sociedade e que está associada às práticas das elites. Portanto, a apresentação de debutantes e os eventos que se modelam nela, carregam uma inescapável aura de classe social, de elitismo. As características físicas de uma debutante são irrelevantes, pois elas participam do baile em virtude da posição de seus pais. Por sua vez, o concurso de beleza dilui a distinção praticada na apresentação de debutante. Baseado no julgamento de idealizados padrões estéticos femininos, características que teoricamente são independentes de classe social, o concurso de beleza torna-se uma forma mais igualitária de competição, menos elitizada. Justamente por valorizar traços físicos, o concurso de beleza não é bem aceito em cidades onde todos se conhecem, mas por outro lado, a família, chave para o *debut*, não é suficiente nos rituais que elegem uma Rainha e por isso, esse evento, para ser aceito pela sociedade, deve alcançar um equilíbrio cuidadoso. Esse equilíbrio deve assimilar o caráter igualitário do concurso de beleza, como inscrições e premiações, assim como eliminar as marcas consideradas não respeitadas, como a competição com maiô. Igualmente, aspectos elitistas da apresentação de debutantes serão preservados, como as ligações entre as candidatas, suas famílias e posições sociais privilegiadas.

Os concursos de Rainha devem ser estruturados de tal forma que apenas as jovens “corretas” se tornem candidatas e vençam. Se todas as jovens participassem poderiam criar embaraços por não preencherem os requisitos de classe – do *debut* - ou físicos – do concurso de beleza. Os concursos de Rainha celebram aquilo que é singular e distintivo, pois não é qualquer mulher que pode vencer. Para Lavenda, o concurso de Rainha inicia com o *debut* e encerra com competição do concurso de beleza e, desse modo, esse arranjo possibilita que organizadores e candidatas atinjam seus objetivos sem ofender a sensibilidade local ou a sua própria.

O ritual do concurso Rainha da Soja de Ponta Grossa apresentava pontos semelhantes aos discutidos por Robert Lavenda. Por suas características formais e de conteúdo, posso dizer que o evento não era um concurso de beleza por si só, mas incluía outras características com forte apelo local e de classe social,

semelhantes às apresentações de debutantes, praticadas pela maioria das entrevistadas. O concurso revela-se um espaço ritualizado, no qual as elites locais instituíam distinções ancoradas em comportamentos femininos idealizados. A compreensão de que no concurso deveriam participar apenas jovens autorizadas pelas posições sociais de suas famílias na sociedade ponta-grossense e das distinções atribuídas a elas, explica a resistência que as entrevistadas narram ao relembrem da ampliação do concurso para a participação de candidatas de outros municípios. Essa atitude dos organizadores era vista como uma espécie de rompimento da importância simbólica do ritual do concurso para a sociedade local, uma vez que estavam em jogo representações conservativas de práticas das elites locais por meio do comportamento e *performance* das jovens representantes destas mesmas elites.

Ao serem questionadas sobre o concurso constituir-se numa competição de beleza, as entrevistadas afirmam que não era esse o foco central do evento, mas não negam que a beleza era quesito importante, “ele era... não deixava de ser um concurso de beleza. Como diz Vinicius de Moraes: ‘as feias que me perdoem’! Mas ele também era um concurso voltado para a parte intelectual, ao relacionamento, ao comportamento”.⁷⁰ Judith Silveira recorda que

Na época, era pra ser concurso de beleza... Mas foi um concurso de beleza não daqueles tradicionais da época que tinham... Sei lá... Que tinha que desfilarem com roupa social, depois a caráter e depois roupa de banho... Não! Foi só um desfile. Com uma roupa só...⁷¹

De modo semelhante, os organizadores do concurso Rainha da Soja negavam ser o evento um concurso de beleza. Esse posicionamento intensificou-se a partir de 1975, coincidindo com a abertura do concurso para outras cidades.

⁷⁰ GUTMANN, P. Rainha da Soja de Ponta Grossa e Primeira Princesa da Soja do Paraná 1978.

⁷¹ SILVEIRA, J. Rainha da Soja de Ponta Grossa 1971.

Paulo Schmidt fez questão de frisar que o Concurso Rainha da Soja sempre foi mal interpretado, num aspecto: As entidades de classe e possíveis participantes do Concurso, sempre entenderam o Rainha da Soja como uma promoção de beleza e apresentação física das candidatas. Não se trata, absolutamente de uma iniciativa dessa envergadura, mas sim de fundo amplamente cultural, onde se vai selecionar uma representante paranaense que possa transmitir todo o potencial agrícola e industrial não só de Ponta Grossa, como do Paraná, quando for requisitada para representar a sua cidade e o seu Estado, fora daqui. Será uma jovem para representar o Estado mostrando o potencial jovem e culto do Paraná, como já fizeram as seis moças até agora eleitas em anos anteriores.⁷²

Em uma correspondência enviada ao prefeito municipal de Ponta Grossa, o diretor repete os argumentos citados no jornal e invoca a família como fator de sucesso do certame. Ao relatar o sucesso do concurso, diz que:

A base desse sucesso é um conjunto de fatores positivos, entre eles o prestígio que o concurso recebe das mais significativas entidades públicas e particulares, que asseguram às concorrentes e aos seus familiares, um alto nível de seriedade⁷³.

À juventude culta somava-se a família, base moral da sociedade, assim como instituição valorizada pelas elites locais e a seriedade, aspecto que afasta o concurso dos eventos pautados exclusivamente na beleza física das candidatas. Os regulamentos do concurso a partir de 1975 também passaram a enfatizar o “cunho cultural” e o distanciamento de eventos femininos que envolviam rígido padrão estético também se revela na ficha de inscrição que as candidatas deveriam preencher “de próprio punho”. Sem questionar medidas físicas, a ficha centrava as questões em aspectos das práticas sociais da candidatas, como filiação, local onde estudava e/ou trabalhava, informações sobre passatempo e esportes, entre outros

⁷² DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 23935, 11 mar. 1977.

⁷³ CORRESPONDÊNCIA encaminhada por Paulo Schmidt, Diretor de Relações Públicas da Sanbra, ao Prefeito Municipal de Ponta Grossa, Luiz Carlos Stanislawzuk, em 07 mar. 1977. São Paulo. Acervo Museu Campos Gerais.

itens que permitiam traçar o perfil socioeconômico da jovem e de sua família.⁷⁴ (ANEXO 21).

Associada aos poderes políticos, econômicos e familiares e aos valores praticados nos grupos das elites locais, os corpos das Rainhas deveriam estar destituídos de representações erotizadas. Essa pretensa isenção de sensualidade motivava a ênfase no caráter cultural do certame, distanciando-o e distinguindo-o de concursos de *misses*, reconhecidos pela exploração do corpo feminino, principalmente na fase de desfile em trajes de banho. Alvo de freqüentes ataques feministas no decorrer dos anos de 1970, a valorização das formas físicas das mulheres candidatas ao título de *miss* encontrava-se velada no concurso Rainha da Soja e o ponto de diferenciação, lembrado pelas entrevistadas, é justamente a inexistência do desfile em trajes de banho. Marisa Sielski rememora, sorrindo, que no concurso Rainha da Soja “você não punha maiô, também numa cidade como a nossa, provinciana!”.⁷⁵ Nessa narrativa, a entrevistada aponta por meio da expressão “provinciana”, a existência reconhecida de rígidos modelos de conduta instituídos para as mulheres dos grupos envolvidos no ritual do concursos, revelando a interdição à mostra sensual do corpo feminino.

A competição de maiô, diferentemente da competição de talento ou cultura, conforme Sarah Banet-Weiser⁷⁶, é um espetáculo sobre o consumo visual dos corpos femininos; é a exibição do objeto feminino não falante, cuja feminilidade é disciplinada através da precisão de movimentos e de formas corporais calculadas em medidas precisas e equivalentes. O corpo feminino, neste sentido, é reduzido a uma construção na qual se torna objeto destinado à exibição. Conclui Banet-Weiser

⁷⁴ PREFEITURA MUNICIPAL DE PONTA GROSSA. **Ficha de Inscrição para o Concurso Rainha da Soja do Estado do Paraná**. 1977. Acervo Museu Campos Gerais.

⁷⁵ SIELSKI, M. Rainha da Soja de Ponta Grossa e Segunda Princesa da Soja do Paraná 1975.

⁷⁶ BANET-WEISER, S. Anatomy of a Beauty Pageant: the Swimsuit Competition. In: _____. **The most beautiful girl in the world**. Beauty pageants and national identity. Los Angeles: University of Califórnia Press, 1999. p. 58-86.

que os concursos de *misses* contribuem para naturalizar a feminilidade em sua relação com a beleza corporal ao passo que a masculinidade distingue-se pelo talento, intelecto e ambição empreendedora.

Suzy Mara Sanways, eleita Rainha da Soja de Ponta Grossa, em 1974, conquistou o título de miss Paraná anos depois e, ao concorrer no concurso *miss* Brasil, ficou entre as dez finalistas. Ao lembrar e comparar as duas experiências, Suzy Mara rememora a importância do físico no concurso de *miss*, critério que instituiu uma imagem dicotômica entre a beleza e a inteligência das mulheres.

Na minha época, você era só o que você era... Da tua pele pra fora, você só era plástica, você só era a beleza... Você não podia ter olheira como estou hoje que passei até as três da manhã num projeto, nada... Você tinha que... Então isto cansa... Isto cansa... Me lembro uma vez que eu fui numa festa na casa de um amigo meu, que foi meu padrinho de casamento... [...] tava com minha prima... Tenho uma prima que é intelectual e ela tava de óculos [...] Um amigo comum falou pra minha prima: "Nossa que óculos bonito. Você deve ser muito inteligente" e daí ele olhou pra mim e falou: "E você é muito bonita!"⁷⁷

Após um profundo silêncio seguido de uma franca risada, Suzy prosseguiu dizendo, "Aquilo me feriu... Engoli seco, assim por educação: "Ah... obrigada". Era o mundo da *miss* na época. Você só tinha que ser bonita, você não precisava ser mais nada. Você precisava ser bonita e loira!"⁷⁸

Outro ponto visível nas lembranças das entrevistadas é a associação entre os concursos de *misses* e a exploração do corpo feminino. Suzy Mara Samways narra que,

O concurso Rainha da Soja era diferente do concurso de miss, por exemplo... uma miss Paraná é vista pelos homens: "olha ela tem um par de pernas maravilhoso", né... Ela é uma mulher... Ela é vista desta maneira e a

⁷⁷ SIELSKI, M. Rainha da Soja de Ponta Grossa e Segunda Princesa da Soja do Paraná 1975.

⁷⁸ SANWAYS, S. Rainha da Soja de Ponta Grossa 1974 **Entrevista concedida à Adriana Cançado**. Curitiba, 22 out. 2005.

Rainha da Soja não... A Rainha da Soja era vista como uma princesa... Existia uma ingenuidade... Era singelo... Sabe, não tinha este outro aspecto... Eu acho que o Rainha da Soja é mais infantil, é mais a questão da Cinderela, é mais singelo e o de miss é a mulher! É a figura da mulher! Representa a mulher do Paraná! As festas... Os eventos em Brasília... É a mulher do Paraná! Eu fui convidada para fotografar pra Playboy várias vezes... Pra fazer cinema, pra fazer novela... Então é um outro enfoque.⁷⁹

A relação entre os concursos para *misses* e a exposição do corpo fica clara também nas lembranças de Regina Puppi. Ao ser questionada se havia recebido convite para participar de concurso para *miss*, Regina respondeu,

Não Adriana, não teve nenhum convite pra Miss, mas se tivesse eu não teria ido, porque eu acho Adriana que mostrar só o físico não leva a nada, eu acho que... Eu fui no concurso da soja, porque não tinha concurso de maiô, não tinha nada dessas coisas. Era um concurso de puro cunho cultural, por isso que... Eu acho que... Essa parte de desfile... Não tenho nada contra dinheiro, acho muito lindo, acho uma coisa glamorosa, mas não tem nada a ver comigo... Então, na cabeça de uma menina de quinze anos era um sonho, a Rainha da Soja, porque não se via só, só o aspecto plástico da beleza... Então tinha o outro aspecto que também era importante... Então a moça tinha que ser inteligente, tinha que saber falar, tinha que saber divulgar isto fora...⁸⁰

Observa-se que o corpo feminino não se constituía explicitamente em objeto da competição no rígido sentido atribuído aos concursos de beleza. A beleza das candidatas apresentava-se somada a outros critérios exigidos da jovem como se apresentar com desembaraço, desenvoltura e bem vestida. Nas lembranças das entrevistadas, o corpo é reconstituído como um espaço velado, discreto, disciplinado. (ANEXO 22).

Você estava decentemente vestida, com classe... Não explorava o, o... Talvez um pouco da tua apresentação facial, mas você não era explorada pela figura da mulher em si... Que passava alguma conotação sexual ou

⁷⁹ SANWAYS, S. Rainha da Soja de Ponta Grossa 1974.

⁸⁰ PUPPI, R. Rainha da Soja de Ponta Grossa 1973. **Entrevista concedida a Adriana Cançado.** Ponta Grossa, 28 out. 2005.

alguma coisa assim... Não havia conotação sexual na apresentação das candidatas, no sentido da exploração da sexualidade feminina. Talvez por este motivo, uma tentativa de negar a sexualidade feminina existisse tanta ênfase na perspectiva cultural do concurso.⁸¹

Marisa Sielski reflete sobre a ausência de apelo erótico ou sexual na apresentação das candidatas e, de maneira mais crítica, conclui que a constante negativa de que o concurso não era de beleza e sim um evento no qual predominava o cunho cultural, poderia estar relacionado à intenção de manter a competição associada a elevado nível de seriedade e moralidade. Neste sentido, Sarah Banet-Weiser⁸² argumenta que concursos femininos possibilitam no e através dos corpos femininos mediações entre valores familiares, de gênero, de classe, incluindo valores políticos e econômicos. Para a autora, concursos constituem-se em espaços de criação de identidades individuais e coletivas, cujos significados são continuamente negociados e contestados. São também lugares nos quais práticas disciplinares, que constroem mulheres como femininas, são expostas.

Em perspectiva semelhante, Joan Scott⁸³ orienta que a política é, ela própria, um conceito generificado, pois estabelece sua importância e seu poder público, suas razões de ser e a realidade de existência da sua autoridade superior, precisamente as custas da exclusão das mulheres de seu funcionamento. No entanto, prossegue Scott, o gênero é uma das referências recorrentes pelas quais o poder político tem sido concebido, legitimado e criticado. Ele não apenas faz referência ao significado da oposição homem/mulher; ele também o estabelece. Desta maneira, a oposição binária e o processo social das relações de gênero tornam-se parte do próprio significado de poder; pôr em questão ou alterar qualquer de seus aspectos ameaça o sistema inteiro.

⁸¹ SIELSKI, M. Rainha da Soja de Ponta Grossa e Segunda Princesa da Soja do Paraná 1975.

⁸² BANET-WEISER, S. Anatomy of a beauty pageant: the swimsuit competition. In: _____. **The most beautiful girl in the world.** Beauty pageants and national identity. Los Angeles: University of Califórnia Press, 1999. p. 58-86.

⁸³ SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. p. 92.

De modo semelhante, conforme visto no capítulo 1, Katarina Mattson e Katarina Pettersson⁸⁴ defendem que os concursos de beleza constituem-se em rituais nos quais discursos e práticas implicam um simbolismo de gênero e de Estado. Esse simbolismo envolve processos de construção de raça, de gênero e de classe. As autoras afirmam que concursos de beleza podem refletir mudanças estruturais relacionadas ao padrão de consumo e ao ideal de modernidade, uma vez que as eleitas tornam-se modelos para serem copiados. Entre silêncios e risos, Suzy Mara Samways recorda que “quando a Regina Puppi era Rainha, nossa! Nós achávamos... as meninas de Ponta Grossa todas... Se ela usava um cinto branco todas as meninas de Ponta Grossa queriam usar cinto branco... [...] E ela tinha um cintinho bem fininho assim e era linda!”⁸⁵. Reforça-se a idéia de que as relações econômicas e políticas articuladas no ritual contribuíam para naturalizar diferenças entre as mulheres, enfatizando distinções de classe, conforme discutido no início deste capítulo.

Palco de múltiplas representações, o ritual do concurso contribuía para construir representações de gênero e, pedagogicamente, instituir fronteiras simbólicas entre mulheres e também entre homens e mulheres. Evento heterogêneo, no sentido atribuído por Robert Lavenda, no qual representações do feminino construía-se nos comportamentos exigidos das jovens, baseados em concepções tradicionais como seriedade, moralidade, civilidade, assim como ao desempenho intelectual das jovens, elemento apropriado dos discursos que instituíam novo modelo de mulher no período. Construía-se uma distinção de gênero apoiado em capital simbólico agregado pelas vencedoras, mascarando relações de poder, mantenedoras do evento. Ao negar a beleza como central na disputa, os organizadores destituía imagens de objetificação sexual das candidatas,

⁸⁴ MATTSON, K.; PETERSSON, K. Crowning miss Sweden – Constructions of gender, race and nation in beauty pageants. In: 5th EUROPEAN FEMINIST RESEARCH CONFERENCE, 2003, Sweden.

⁸⁵ SANWAYS, S. Rainha da Soja de Ponta Grossa 1974.

reforçando o feminino como símbolo da identidade local pautada em valores defendidos por grupos das elites locais.

É possível aqui pensar na terceira síntese: concurso Rainha da Soja foi um espaço ritual, no qual relações econômicas, políticas e simbólicas se articularam, instituindo um campo conservativo e distintivo também no que se refere a processos de generificação. A primeira distinção de gênero diz respeito às fronteiras criadas entre as próprias mulheres, pois a jovem eleita e consagrada por méritos estabelecidos como adequados a uma mulher, demarcava uma específica feminilidade. De outro modo, a segunda distinção de gênero refere-se à criação de um espaço permitido para “certas” mulheres, do qual os homens eram excluídos e aceitos como espectadores. Olhado sob essa premissa, o ritual estabelecia regras para mulheres e homens das elites locais, contribuindo para a construção do feminino e do masculino na sociedade local. Mesmo sem apelo erótico, o corpo feminino era alvo de observação e sua adequação às normas estabelecidas poderia ser contabilizada como capital simbólico no mercado matrimonial, reforçando concepções familiares das elites e as reproduzindo. Dessa maneira foi também um espaço de controle de comportamentos femininos e masculinos.

Estabelecidos como um conjunto objetivo de referências, os conceitos de gênero estruturam a percepção e a organização concreta e simbólica de toda a vida social. Na medida em que essas referências estabelecem distribuições de poder (um controle ou um acesso diferencial aos recursos materiais e simbólicos), o gênero torna-se implicado na concepção e na construção do próprio poder.⁸⁶ Parece importante observar que as mudanças nas relações de gênero podem se produzir a partir de considerações sobre as necessidades do estado. Na maior parte dos casos, o estado não tinha nada de imediato ou de material a ganhar com o controle das mulheres. Essas ações não faziam sentido, a menos que estivessem integradas

⁸⁶ SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. p. 88.

numa análise da construção e consolidação do poder. Uma afirmação de controle ou de força corporificou-se numa política sobre as mulheres.⁸⁷

O ritual do concurso se constituiu de maneira a preservar uma feminilidade amparada na pureza, recordada no presente pelas entrevistadas. Ao mesmo tempo, a ação pedagógica transmitida no ritual afastava as jovens candidatas da suposta vulgaridade e incapacidade intelectual atribuída aos concursos de beleza, assim como simbolizava o lugar social ocupado por essas jovens e suas famílias nos campos da política e da economia. Para as jovens das elites ponta-grossenses, candidatas ao título de Rainha da Soja, a beleza física mesclava-se a concepções de sucesso profissional e inteligência. O fato de participarem de uma competição feminina como modelos da mulher educada, elegante e inteligente, mantinha intocada a imagem da “moça para casar”, agregando às jovens, capital simbólico no mercado matrimonial.

Para Pierre Bourdieu⁸⁸, a educação é fundamentalmente política: ela tende a inculcar maneiras de portar o corpo, maneiras de caminhar, de manter a cabeça ou de dirigir o olhar, que estão “prenhes de uma ética, de uma política e de uma cosmologia”⁸⁹, e isso, porque elas são quase todas sexualmente diferenciadas e porque através dessas diferenças elas exprimem praticamente as oposições fundamentais da visão do mundo. As jovens eleitas tinham, simbolicamente, inscritos em seus corpos pensamentos ou ações potenciais, possibilidades e impossibilidades práticas que definem um *habitus* de gênero e de classe.

Entre sorrisos, Marisa Sielski rememora a aproximação de um jovem que se tornaria seu marido.

⁸⁷ SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. p. 91.

⁸⁸ BOURDIEU, P. A Dominação Masculina. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 2, n. 20, p. 133-184, jul./dez. 1995.

⁸⁹ Ibid., p. 157.

Agora, foi interessante porque o meu marido, que já me conhecia, ele veio conversar comigo depois do concurso... Para saber da minha experiência e interessado digamos nesta faixa... Foi muito interessante... Talvez até tivesse vontade de vir conversar, mas não sabia como porque naquela época era mais difícil chegar na pessoa... Então houve uma aproximação assim... Ele veio perguntar: 'Como foi a experiência, ta, ta.'⁹⁰

O corpo feminino, neste sentido, é exposto aos olhares masculinos, carregado de simbologia de gênero e a aproximação com a Rainha instituiu capital simbólico também aos homens. Para Susan Bordo, a economia do olhar estabelece diferentes instruções de como estar no mundo no sentido de que “os homens atuam, as mulheres aparecem”.⁹¹ Assim, conforme Bordo, a feminilidade constitui-se por meio de discursos do corpo e, no caso das mulheres estes discursos constroem práticas voltadas aos outros: corpos para os olhares de outros. Assim, a feminilidade ocorre no posar (passivo) como objeto de vista da masculinidade que olha (agente) e domina os critérios de julgamento.

Ao responder minha pergunta sobre a aproximação dos homens após sua eleição, Marisa Sielski recorda que,

M: Os homens, claro, eles querem aparecer também. Se tinha uma Rainha havia aqueles que ficavam com todas, no próprio baile... Aqueles que dançavam com a Rainha eram os bons! Então naquele baile, eu não tinha namorado, na época... Então eu lembro das pessoas que chegavam... Percebia que, digamos assim... Quem era meu amigo, quem eu não conhecia aqueles que vieram demonstrar algum interesse... Então, mudou! Porque até então, é, não chegava... Não chegavam muitos... Tinha aqueles... Aquelas pessoas que eram pares de baile, mas veio um público diferente, digamos assim, já neste baile...

A: Diferente como?

M: Pessoas com quem eu não tinha nenhum contato... Vieram para dançar, não sei se só para aparecer ou se com alguma intenção... Alguns até a gente percebia que tinha algum interesse, outros você via que era apenas para estar dançando ali: “eu dancei com a Rainha...”⁹²

⁹⁰ SIELSKI, M. Rainha da Soja de Ponta Grossa e Segunda Princesa da Soja do Paraná 1975.

⁹¹ BORDO, S. R. O corpo e a reprodução da feminidade. In: JAGGAR, A. M.; _____. **Gênero, corpo, conhecimento**. Rio de Janeiro: Rosas dos Tempo, 1997. p. 19-41.

⁹² SIELSKI, M. loc. cit.

Suzy Mara recorda a aproximação masculina após a eleição, de maneira semelhante à Marisa Sielski, reforçando a concepção de que dançar com a Rainha indicava acúmulo de poder simbólico aos homens: “E os moços assim... Nossa! Eles queriam, quando eles dançavam: ‘Olha, eu dancei com a Rainha da Soja!’”.⁹³ Com ênfase na voz, Suzy Mara Samways afirma que “pra eles era muito importante!”⁹⁴ O corpo da Rainha e suas representações, indicadoras do exercício de poder das eleitas, passavam a ter um significado especial. Por meio das representações da Rainha, as jovens eram cortejadas, mas também poderiam fazer suas escolhas⁹⁵. Margareth Sponholz rememora, “o que eu senti mais no meu íntimo mesmo, foi essa... Evidência! Sabe? Então, eu, eu... Eu teria quem eu quisesse. Dá a impressão que é um pouco por aí... Bem no íntimo, eu podia escolher, não eu ser a escolhida”.⁹⁶

Ao enfatizar o cunho cultural e deserotizar o corpo feminino, o ritual do concurso classificava as jovens Rainhas como belas mulheres com comportamento moral ilibado. Assim, o concurso, enquanto ritual, comunicava condutas adequadas para mulheres e contribuía para tipificar o feminino numa oposição entre representações de mulheres “fáceis” e mulheres “para casar”.⁹⁷ O ritual da escolha da Rainha instituía por meio da corporalidade vigiada a “mulher direita”, contribuindo para reforçar as representações da mãe pura e esposa casta, ambas necessárias num arranjo matrimonial e na preservação das posições sociais.⁹⁸ Nesta perspectiva, o concurso pode ser lido como um ritual de exposição de corpos femininos portadores de signos indicativos de status social, como os gestos, a aparência, o comedimento, o controle. Esse prestígio alcançado pelas jovens

⁹³ SANWAYS, S. Rainha da Soja de Ponta Grossa 1974.

⁹⁴ Id.

⁹⁵ FÁVERI, M. de. **Moços e moças para um bom partido**. 2. ed. Itajaí: Univali, 1999.

⁹⁶ SPONHOLZ, M. Rainha da Soja de Ponta Grossa e Primeira Princesa da Soja do Paraná 1977.

⁹⁷ HEILBORN, M. L. Construção de si, gênero e sexualidade. In: _____. (org.). **Sexualidade**. O olhar das ciências sociais. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. p. 40-58.

⁹⁸ FÁVERI, loc. cit.

representava capital simbólico “à maneira de um jogo e que deve ter oportunizado”, na sociedade ponta-grossense, “o estreitamento de laços, distinções sociais e fechamento, cuidado, não mistura”.⁹⁹ Ao parafrasear Marlene de Fáveri, pretendo dizer que, de fato, o cuidado de si no ritual da eleição da Rainha da Soja foi um dispositivo eficiente na formação das elites atuais, no que tange à preparação das jovens para a constituição de novas famílias, nas quais valores partilhados nos grupos das elites são praticados e reproduzidos.

Paulo Micelli orienta que há uma constante relação cultural entre o corpo físico e o corpo das idéias e, desse modo, um símbolo serviria para exprimir certas demandas por significados como também “constitui tal expressão na medida em que lhes oferece os materiais significantes com que se veiculam as significações visadas pelos interesses e reivindicações dos diversos grupos sociais”.¹⁰⁰ Especificamente no caso das Rainhas, seus corpos, roupas, comportamentos, tornaram-se espelhos para necessidades femininas, espacial e temporalmente, criadas numa tendência de reproduzir padrões idealizados de feminilidade.

O corpo da Rainha da Soja representava o corpo político e econômico local por meio da associação entre localismo e feminilidade. Esse corpo de mulher consagrado majestade exigia, para amparar as representações dos poderes que sustentavam objetivamente o concurso, práticas coniventes com as propostas de ordem e moralidade integrantes dos discursos autoritários do período. Valores e ideais praticados pelas elites locais passavam a ancorar-se nos corpos físicos das eleitas. Nesse viés, as jovens eram transformadas em símbolo da cidade e do Brasil, além de representarem as qualidades das indústrias beneficiadoras da soja. O corpo feminino convertia-se em texto cultural, uma construção social na qual se inscrevem visões de uma cultura singular.¹⁰¹

⁹⁹ FÁVERI, M. de. **Moços e moças para um bom partido**. 2. ed. Itajaí: Univali, 1999. p. 102.

¹⁰⁰ MICELI, S. A força do sentido. In: BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999. p. I-LXI.

¹⁰¹ BORDO, S. R. O corpo e a reprodução da feminidade. In: JAGGAR, A. M.; _____. **Gênero, corpo, conhecimento**. Rio de Janeiro: Rosas dos Tempo, 1997. p. 19-41.

Portanto, a feminilidade instituída no concurso baseava-se na decência, na intelectualidade, na seriedade dos comportamentos femininos. Assim, enfatizava a dicotomia de imagens femininas, pois a feminilidade construída no certame opunha-se à feminilidade erotizada, conformando dois paradigmas de feminilidade, a mulher recatada e a mulher sensual.¹⁰² Como afirma Joan Scott¹⁰³, a *performance* de feminilidade é uma maneira de se referir à organização social da relação entre os sexos. Neste sentido, as relações políticas e econômicas se articularam constituindo práticas que, no ritual do concurso, encontraram campo propício para o desempenho de identidades de gênero, instituindo divisões e classificando comportamentos adequados a homens e mulheres.

Susan Bordo¹⁰⁴, além de investigar o corpo, enquanto texto cultural, analisa também como local de controle social na reprodução da feminilidade. Esse controle, conforme Klass Woortmann¹⁰⁵, opera como uma linguagem simbólica, que reafirma a posição social do ser feminino. Neste aspecto, a beleza do corpo, por sua vez, é sempre ambígua, podendo se articular ao puro como ao impuro, como a imagem da integridade assim como da concupiscência. Quando associada ao puro, a beleza parece refletir ou articular-se a uma qualidade não-corporal, ou seja, a pureza da alma. O concurso Rainha da Soja, enquanto ritual, comunicava representações do corpo feminino destituído de sensualidade, aproximando-o de uma imagem íntegra, pura¹⁰⁶, próxima da figura da “mulher para casar”.

Assim, o ritual do concurso se constituiu de maneira a preservar e reproduzir uma feminilidade amparada em sentimentos de moralidade e seriedade e recato na

¹⁰² BRUHNS, H. T. Corpos femininos na relação com a cultura. In: ROMERO, Elaine. (org.). **Corpo, mulher e sociedade**. São Paulo: Papirus, 1995. p. 71-98.

¹⁰³ SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação e Realidade**, n. 2, v. 15, jul./dez. 1990.

¹⁰⁴ BORDO, S. R. O corpo e a reprodução da feminidade. In: JAGGAR, A. M.; _____. **Gênero, corpo, conhecimento**. Rio de Janeiro: Rosas dos Tempo, 1997. p. 19-41.

¹⁰⁵ WOORTMANN, K. A comida, a família e a construção de gênero feminino. **Revista de Ciências Sociais**, n. 29, v. 1, 1986, p. 103-130.

¹⁰⁶ BRUHNS, loc cit.

exposição do corpo, recordados no presente pelas entrevistadas. Ao mesmo tempo, a ação pedagógica transmitida no ritual afastava as jovens candidatas da suposta vulgaridade e incapacidade intelectual atribuída aos concursos de beleza, assim como simbolizava o lugar social ocupado por essas jovens e suas famílias. Para as jovens das elites ponta-grossenses, candidatas ao título de Rainha da Soja, a beleza física mesclava-se a concepções de sucesso profissional e inteligência, indicando a incorporação de novas subjetividades que compunham os processos de construção das mulheres no decorrer dos anos de 1970.

Dessa forma, os organizadores do evento compunham um espaço permitido, não interdito para as jovens de “boas” famílias. Neste sentido, Edna Fae relembra que participou do concurso “porque é um concurso bom! E que na verdade o concurso tinha uma imagem ótima, que não era um concurso brega, porque na cidade era uma coisa chique”.¹⁰⁷ O fato de participarem de uma competição feminina como modelos da mulher educada, elegante e inteligente, mantinha intocada a imagem da “moça para casar”, agregando a essas jovens, capital simbólico no mercado matrimonial.

Para Michel Foucault¹⁰⁸, métodos que permitem o controle das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade são o que se pode chamar de disciplinas. Essas marcas rituais da obediência têm como fim um aumento do domínio de cada um sobre seu próprio corpo. Forma-se, então, uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. A disciplina assim fabrica corpos submissos, “corpos dóceis”.¹⁰⁹ Neste viés, o ritual do concurso soa como um dispositivo que estabelece

¹⁰⁷ FAE, E. Rainha da Soja de Ponta Grossa e Rainha da Soja do Paraná 1976. **Entrevista concedida à Adriana Cançado**. Ponta Grossa, 22 maio 2006.

¹⁰⁸ FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. História da violência nas prisões. 31. ed. São Paulo: Vozes, 2006.

¹⁰⁹ Ibid., p. 119.

ausências e presenças, instaurando comunicações úteis, vigiando comportamentos, apreciando-os, sancionando-os, medindo qualidades ou méritos. Corpos disciplinados são espaços que marcam lugares, indicam valores, garantem a obediência e hierarquizam.

Os corpos das Rainhas, disciplinados pelo controle de suas condutas morais e sexuais, pela constante vigilância de seus comportamentos sociais e gestuais, simbolizam uma feminilidade associada às concepções da maternidade e do casamento. De modo complementar, simbolizam também a mulher bela e inteligente, destituída de valorações erotizantes. O corpo exibido aos olhares de homens e de outras mulheres – aquelas que não integram o grupo das eleitas – é múltiplo em identidades e significados. No entanto, identidades e significados simbolizados nos corpos femininos resultam de poderes disciplinares que controlam e classificam, ao mesmo tempo em que naturalizam as performances apresentadas nas etapas do concurso.

Na reflexão sobre os corpos das Rainhas, pode-se inferir que corpo, no sentido cultural e social, é algo experienciado a partir de situações e valores culturalmente construídos.¹¹⁰ Defendendo a perspectiva de que rituais são espaços que comunicam e intensificam as vivências cotidianas, digo que os corpos femininos apresentados no concurso Rainha da Soja e as representações de feminilidade desempenhadas nas performances das jovens, resultavam de uma pedagogia anterior ao evento, reforçada nele, também alicerçada nas relações familiares e nas redes sociais partilhadas no espaço social. Os corpos das jovens candidatas representavam valores reproduzidos nos campos sociais em que elas e suas famílias circulavam. Para Pierre Bourdieu¹¹¹, os sinais das disposições estéticas e esquemas classificatórios revelam a origem e a trajetória de vida de uma pessoa e se manifestam na forma do corpo, no andar, na conduta, no estilo de falar.

¹¹⁰ SANTAELLA, L. **Corpo e comunicação**. Sintoma da cultura. São Paulo: Paulus, 2004.

¹¹¹ BOURDIEU, P. Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, R. (org.). **Pierre Bourdieu**. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1983. p. 82-121.

Insistindo na premissa de que rituais são espaços comunicativos, simbólicos, o concurso da Rainha da Soja é compreendido como um espaço ritual, cuja experiência revela-se nas subjetividades de cada uma das mulheres eleitas e entrevistadas, assinalando comportamentos morais e estéticos que permanecem até o presente. Percepções idealizadas do feminino, reproduzidas no ritual do concurso orientam as vivências dessas mulheres, que permanecem no grupo das elites locais exercendo seus papéis de donas-de-casa e mães, preservando, em primeiro plano, a família, conforme observado no capítulo 3.

Contrariando os estudos de Robert Lavenda, ao constatar que as Rainhas da comunidade que analisou não são lembradas, as Rainhas da Soja de Ponta Grossa são constantemente recordadas por setores médios e das elites locais. Sempre que comentava do estudo sobre o concurso, as pessoas na faixa etária acima dos 35 anos costumavam iniciar animadas conversas, dizendo conhecer candidatas ou amigos que possuem candidatas na família. Além disso, as mulheres eleitas que permanecem em Ponta Grossa freqüentam ambientes sociais afeitos às elites, saem em colunas sociais e participam de programas televisivos locais para falar da experiência de ter sido Rainha da Soja.

A quarta síntese demonstra que a articulação das relações políticas, econômicas e simbólicas, no ritual do concurso Rainha da Soja instituíam e legitimavam práticas voltadas para a preservação do casamento, da domesticidade e da maternidade como funções naturalmente atribuídas às mulheres que, por sua vez, exerciam poderes sobre outras mulheres e sobre os homens, ao serem consagradas modelos desse ideal de conduta.

Desse modo, o concurso Rainha da Soja de Ponta Grossa não foi exclusivamente um concurso de beleza. Foi um concurso de Rainha, entremeado pelas práticas de apresentação de debutantes e também por práticas dos concursos de beleza, como sugere Robert Lavenda. Constituiu-se, assim, justificado pelo contexto histórico que possibilitou seu surgimento e legitimação. Com isso, posso afirmar que concursos femininos apresentam múltiplas formas, que apenas um olhar

investigativo reconstitui e cuja reconstrução ocorre a partir das memórias sobre eles, dos significados a eles atribuídos e das identidades reafirmadas no decorrer dos atos ritualizados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos encontros com as fontes escritas e as vozes que se ouviram, houve um caminho percorrido em busca da compreensão daquelas múltiplas falas sobre o concurso Rainha da Soja de Ponta Grossa.

Criação cultural, o evento ritual perpassou a sociedade ponta-grossense que, pouco a pouco, interiorizou sua construída importância para as práticas políticas, econômicas e sociais pretendidas por grupos locais. Surgido num espaço eminentemente masculino, como os Encontros com a Soja, por onde circulavam homens ligados ao ciclo produtivo da leguminosa, o concurso para eleição da Rainha da Soja torna-se um singular referente que possibilita pensar a sociedade ponta-grossense e uma multiplicidade de relações que a compõe, em movimentos que transformam e também preservam determinados valores e comportamentos.

A idéia de preservação e reprodução de práticas culturais é o primeiro ponto a ser discutido e considerado nesta análise final. O estudo das fontes e o apoio dos referenciais teóricos selecionados indicam uma rota de oposição às vertentes atualmente em voga na academia, na prática historiográfica e nos estudos culturais de maneira geral. Contrariando as posturas pós-estruturalistas que se amparam na estrutura lingüística e pautam-se nas mudanças e transformações dos grupos sociais, a análise do objeto desta pesquisa possibilita pensá-lo enquanto um espaço no qual as relações sociais que o compunham tendiam a reproduzir representações e práticas que identificavam e distinguiam grupos das elites locais. Neste sentido, é um estudo que identifica permanências sociais, identificadas ainda hoje na composição das famílias das mulheres entrevistadas, as Rainhas da Soja de Ponta Grossa.

Desse modo, ler as permanências de uma sociedade contribui com os estudos culturais no sentido que a concepção relativista desses estudos autoriza a busca de outros objetos, outros campos, outras abordagens. Uma delas

desenvolvida conduziu o olhar sobre as permanências e ritos de reprodução de práticas sociais, em processos inter-relacionais entre estruturas sociais e ação social.

Nesse sentido, o concurso Rainha da Soja de Ponta Grossa foi um espaço ritual constituído por específicas relações econômicas, políticas e de gênero, cujas composições indicavam a construção de consensos em torno de objetivos propalados pelos campos político e econômico para a cidade e seu desenvolvimento. Assim, com características preservativas, o ritual contribuiu para a articulação entre a economia e a política, representadas por membros de tradicionais famílias locais, detentores de expressivo capital econômico, cultural e simbólico na esfera da cidade e da região dos Campos Gerais. Nesse aspecto, esta é também uma história das elites e dos arranjos culturais instituídos para a preservação de distinções sociais.

Seguindo as orientações de Pierre Bourdieu, posso afirmar que o concurso e sua forma ritualizada compunham um sistema classificatório, distintivo, o qual expunha simbólica e objetivamente a hierarquização da própria estrutura social local.

Num período em que grandes espetáculos, obras e propagandas davam o tom de um “Brasil Grande” e no qual as transformações nos comportamentos femininos, no casamento, no mundo do trabalho anunciavam outros tempos nas relações sociais, com destaque para as relações entre homens e mulheres, o concurso Rainha da Soja reforçava as imagens de poder masculino por meio das representações criadas sobre um corpo feminino. Mas não um corpo qualquer e sim o corpo selecionado, escolhido entre o que a sociedade local possuía de melhor em termos femininos, ou melhor dizendo, entre os corpos femininos disponíveis nos grupos objetivadores do ritual, os grupos econômicos e políticos.

Ao instituir uma mulher como símbolo da beleza e do comportamento adequado, o ritual do concurso desenvolvia aspectos de diferenciação, pois a Rainha eleita distinguia-se das demais mulheres da cidade. Ao mesmo tempo, lembrando que todo o símbolo é polifônico, as representações simbolizadas pelas

eleitas contribuíam para reforçar comportamentos considerados adequados às mulheres desses grupos, como o casamento, a maternidade e a domesticidade. Tais elementos somavam-se à beleza das rainhas e ao seu nível intelectual. Esse aparente paradoxo instituía imagens de mulheres “modernas”, cultas, graduadas em cursos superiores, com promissora vida profissional associadas a imagens de “moças de família”, educadas, prendadas, aptas ao mercado matrimonial e à reprodução de valores e estilos compartilhados pelas elites locais.

Pedagogicamente o ritual estabelecia e reforçava distinções entre homens e mulheres. As candidatas, de um modo geral, e posteriormente a eleita, tornavam-se objetos para serem observados e copiados. No entanto, essa objetificação não se restringia aos apelos sexuais e eróticos ou ao consumo, mas estabelecia um complexo jogo de poder entre homens e mulheres. Instituída Rainha, a mulher acumulava capital simbólico para sua família e também ao homem que dela se aproximasse. Para disputar sua atenção e com ela constituir família, o homem também não poderia ser “um qualquer”, mas um reconhecido membro da sociedade local, com hábitos e distinções compartilhadas pelo grupo ao qual pertencia a Rainha.

Assim, o concurso era palco para o aprendizado de comportamentos, distinções e estilos das elites locais, num movimento de exposição dos critérios diferenciadores e de reforço de laços familiares. Através das representações construídas por meio do corpo feminino idealizado, os membros dos grupos das elites locais exprimiam suas convicções e demonstravam uma pretensa coesão em torno de objetivos como o desenvolvimento da cidade, a preservação de tradicionais práticas familiares e a preservação das mulheres nas funções de esteio moral das famílias das elites locais, assim como os homens nas funções de provedor do espaço doméstico e detentor dos poderes político e econômico, espaços tradicionalmente masculinos.

Contribuindo com esse processo diferenciador de gênero e de classe, a multinacional Sanbra, na figura de seus diretores, integrava-se aos grupos das elites

locais, sendo reconhecido como um membro que mesmo chegado de “fora” partilhava de concepções culturais semelhantes. Esse posicionamento lhe agregava expressivo capital simbólico e mesclava seu potencial exploratório através de sua aceitação e reconhecimento como alguém que partilha premissas sociais semelhantes.

Dito de outro modo, as relações econômicas e políticas se articularam e, por meio de corpos femininos eleitos e das práticas desenvolvidas no ritual do concurso, estabeleceram a busca de consensos. O espaço do concurso foi também espaço de conflito, pois conforme orienta Joan Scott, onde há a busca pelo consenso, há também o conflito. No ritual do concurso houve a luta por consenso justamente diante de um quadro conjuntural indicativo de mudanças sociais.

As representações e os simbolismos construídos no ritual foram instituídos pela articulação dos poderes político e econômico que, por meio do corpo feminino e suas representações identitárias, estimularam a criação de consensos sobre as diferenças e distinções de classe e gênero, num movimento de preservação do status dos grupos formados por membros das elites locais.

As identidades e representações construídas no ritual foram legitimadas pela sociedade local, cuja ânsia pelo desenvolvimento da cidade foi, de certo modo, contemplada com a construção do complexo industrial. Esse fato recolocou Ponta Grossa no circuito de importância do Estado do Paraná e do Brasil. Reconhecida nacionalmente pela festividade que elegia a Rainha da Soja e por abrigar em seus limites geográficos a maior indústria beneficiadora de grãos de soja da América Latina, a cidade vivenciou momentos áureos, com a visita de importantes personalidades do mundo político e econômico do período. Esse surto de desenvolvimento e de “otimismo”, no sentido atribuído por Carlos Fico, contribuiu para objetivar expectativas coletivas no tocante à constituição da identidade local. Através de imagens espetaculares e de uma presença grandiosa, a Sanbra representou para os ponta-grossenses a concretização das idéias de progresso, modernização e desenvolvimento, aguardada desde os anos de 1930. Assim,

legitimar as imagens e práticas desenvolvidas no concurso foi também uma forma de reconhecer-se participante daquele momento, que se entendia ímpar para a cidade e para seus moradores.

O estudo do concurso Rainha da Soja possibilita olhares diferenciados sobre esses eventos rituais que transformam mulheres em rainhas, corpos físicos em identidades generificadas e em símbolos que podem representar múltiplas e singulares relações sociais. Nesse sentido, concursos de beleza deixam de ser eventos frívolos e banais, espaços de exploração feminina, para converterem-se em complexos processos nos quais a política e a economia ocupam papéis centrais na construção de representações que visam preservar e reproduzir práticas culturais singulares. Assim, fica aberta a futuros trabalhos a exploração de outros ângulos e outras temáticas que contemplem a intrincada construção de identidades e representações instituídas em concursos de beleza e que envolvem homens e mulheres em variados espaços e temporalidades.

REFERÊNCIAS

LIVROS, ARTIGOS, TESES, DISSERTAÇÕES

ALBERTI, V. **Beyond the versions**. Possibilities of the narrative in oral history interviews. Rio de Janeiro: CPDOC, 2004. 10f. Trabalho apresentado na XIIIth International Oral History Conference "Memory and Globalization". Rome, Italy, 23-26 de 2004a. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br>> Acesso em 14 dez. 2006.

_____. **Manual de História Oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004b.

_____. A existência na história: revelação e riscos da hermenêutica. **Estudos Históricos**. Historiografia, Rio de Janeiro, v. 9, n. 17, p. 31-57, 1996. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/>> Acesso em 21 jun. 2006.

_____. **O fascínio do vivido, ou o que atrai**, Rio de Janeiro: CPDOC, 2003.

ALVES, M. H. M. **Estado e Oposição no Brasil: 1964-1984**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

ANDERSON, K. Interview techniques: shedding agendas In: GLUCK, S. B.; PATAI, D. **Women's Words. The feminist practice of oral history**. New York: Routledge, 1991. p. 12-18.

ARÁN, M. Os destinos da diferença sexual na cultura contemporânea. **Revista Estudos feministas**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 399-422, jul/dez 2003.

BAECHLER, J. Grupos e Sociabilidade. In: BOUDON, R. **Tratado de Sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995. p. 65-106

BANET-WEISER, S. "A certain class of girl": respectability and the structure of Miss América Pageant. In: _____. **The most beautiful girl in the world**. Beauty pageants and national identity. Los Angeles: University of Califórnia Press, 1999. p. 31-57.

_____. Anatomy of a Beauty Pageant: the Swimsuit Competition. In: _____. **The most beautiful girl in the world**. Beauty pageants and national identity. Los Angeles: University of Califórnia Press, 1999. p. 58-86.

_____. **The most beautiful girl in the world**. Beauty pageants and national identity. Los Angeles: University of Califórnia Press, 1999. p.1-30.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BARROS, M. M. L. de. Memória e família. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 29-42, 1989. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/>> Acesso em 21/06/2006.

BATISTA, A. M. F. de O. **O telefone sem fio, a sobrinha do presidente e as duas polegadas a mais**. Concepções de beleza no concurso de Miss Universo. Dissertação. (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

BATISTA, M. I. **Clube Princesa dos Campos**. 1897-1997. Ponta Grossa: Planeta, 1997.

BELEJ, C.; MARTIN, A. L.; SILVEIRA, A. La más bella de los viñedos. Trabajo y producción em los festejos mendocinos (1936-1955). In: LOBATO, M. Z. (org.). **Cuando las mujeres reinaban**. Belleza, virtud y poder em la Argentina del siglo XX. Buenos Aires: Biblos, 2005.

BERGSON, H. **Matéria e Memória**. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BILLOROU, M. J.; RODRÍGUEZ, A. M. Reinas e campesinas: las “hijas de los colonos” em scena. In: LOBATO, M. Z. (org.) **Cuando las mujeres reinaban**. Belleza, virtud y poder em la Argentina del siglo XX. Buenos Aires: Biblos, 2005. p. 121-142.

BLACKBURN, S. **Dicionário de Filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. p. 256

BLOCH, M. **Os reis taumaturgos**. O caráter sobrenatural do poder régio: França e Inglaterra. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

BORDO, S. R. O corpo e a reprodução da feminidade. Uma apropriação feminista de Foucault. In: JAGGAR, A. M.; _____. **Gênero, corpo, conhecimento**. Rio de Janeiro: Rosas dos Tempos, 1997. p. 19-41.

BORGES, G. M. B. Soja: Problemas de Escoamento. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n. 61, p. 9-38, out. /nov. /dez. 1977.

BORLAND, K. “That’s not what I said”: Interpretative conflict in oral narrative reserch. In: GLUCK, S. B.; PATAI, D. **Women’s Words**. The feminist practice of oral history. New York: Routledge, 1991. p. 63-76.

BOSI, E. **Memória e Sociedade**. Lembranças de Velhos. 9. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, E. **O tempo vivo da memória**. Ensaio de Psicologia Social. 2. ed. São Paulo: AteliêEditorial, 2003.

BOSON, D. (coord.). **Brasil Operação Sul**. São Paulo: Serviços de Imprensa, ago. 1971.

BOURDIEU, P. A **Dominação Masculina**. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 2, n. 20, p. 133-184, jul./dez. 1995.

_____. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1999.

_____. **A economia das trocas lingüísticas**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1998. p. 91.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

_____. A força do Direito. Elementos para uma sociologia do campo jurídico. In: _____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989. p. 209-254.

_____. A Representação Política. In: _____. **O Poder Simbólico**. Lisboa: Difel, 1989. p. 163-208.

_____. Condição de classe e posição de classe. In: _____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1999. p. 3-26.

_____. Espaço social e gênese das classes. In: _____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989. p. 133-162.

_____. Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, R. (org.). **Pierre Bourdieu**. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1983. p. 82-121.

_____. Linguagem e poder simbólico. In: **A economia das trocas lingüísticas**. 2. ed. São Paulo: USP, 1998. p. 81-128.

_____. **O poder simbólico**. Lisboa: Bertrand, 1989.

_____. **Razões Práticas**. Sobre a teoria da ação. São Paulo: Papius, 1996.

BRAGA, E. dos S. **A construção social da memória**. Uma perspectiva histórico-cultural. Ijuí: Unijuí, 2000

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1998.

BRASIL. Secretaria de Planejamento. **Projeto do II Plano Nacional de Desenvolvimento** (1975-1979). Governo Ernesto Geisel. 1975-1979. Brasília: IBGE, set. 1974. Acervo Museu Campos Gerais.

BRASIL. **Relatório da Comissão Interestadual da Bacia Paraná-Uruguaí**. Brasília: CIBPU, 1963. Acervo Museu Campos Gerais.

BRUHNS, H. T. Corpos femininos na relação com a cultura. In: ROMERO, Elaine. (org.). **Corpo, mulher e sociedade**. São Paulo: Papius, 1995. p. 71-98.

BURKE, P. **A fabricação do rei**. A construção da imagem pública de Luís XIV. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

_____. A História dos Acontecimentos e o Renascimento da Narrativa. In: _____. (org.). **A escrita da história**. Novas Perspectivas. São Paulo: Unesp, 1992. p. 327-348.

_____. **História e Teoria Social**. São Paulo: Unesp, 2002.

BUSTAMANTE, R. M. da C. *Ludi Circenses: Análise Comparativa da sua Representação Imagética em Dois antigos Mosaicos Norte-Africanos*. In: LESSA, F. de S.; _____. (orgs.). **Memória e Festa**. Rio de Janeiro: Mauad, 2005. p. 123-133.

CAIXETA, J. E.; BARBATO, S. Identidade feminina: um conceito complexo. **Paidéia**, n. 14, v. 28, p. 211-220, 2004.

CANÇADO, A. Paixão e Honra: Criminalidade Passional em Ponta Grossa na década de 30. in: DITZEL, C. de H. M.; SAHR, C. L. L. (orgs.) **Espaço e Cultura**. Ponta Grossa e os Campos Gerais. Ponta Grossa: UEPG, 2001. p. 193-208.

CASTRO, H. História Social. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. **Domínios da História**. Ensaios de Teoria e Metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 45-60.

CERTEAU, M. **A escrita da história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____.; GIARD, L.; MAYOL, P. **A invenção do cotidiano**. Morar, cozinhar. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1996. p. 46-56.

CESÁRIO, A. C. Norte Novo: A Expansão da Fronteira e seu Conteúdo Simbólico. In: PAZ, F. **Cenários de Economia e Política**. Curitiba: Prephacio, 1991.

CHAMMA, G. **Ponta Grossa: o povo, a cidade e o poder**. Ponta Grossa, 1988.

CHANFRAULT-DUCHET, M. F. Narrative structures, social models, and symbolic representation in the life story. In: GLUCK, S. B.; PATAI, D. **Women's Words**. The feminist practice of oral history. New York: Routledge, 1991. p. 77-92.

CHARTIER, R. A história hoje: dúvidas, desafios, propostas. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 7, n. 13, p. 97-113. 1994.

_____. A História das Mulheres. Séculos XVI-XVII. Diferenças entre os sexos, e violência simbólica. In: DUBY, G.; PERROT, M. **As Mulheres e a História**. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

CHAVES, **A cidade civilizada**: discursos e representações sociais no jornal DIÁRIO DOS CAMPOS. na década de 1930. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2001.

_____. A "cidade civilizada": cultura, lazer e sociabilidade em Ponta Grossa no início do século XX. In: DITZEL, C. de H. M.; SAHR, C. L. L. **Espaço e cultura**: Ponta Grossa e os Campos Gerais. Ponta Grossa: UEPG, 2001, p.65-76.

_____. **Do Centro de Comércio e Indústria ao Selo Social.** Economia e Sociedade Ponta-grossense. Ponta Grossa: UEPG, 2006

CLUBE PONTAGROSSENSE. Órgão Oficial de Divulgação do Clube Ponta-Lagoa. Ponta Grossa, mar. 2000. Disponível em: <http://www.clubepontalagoa.com.br> Acesso em 21/12/2007.

COHEN, C. B.; WILK, R.; STOELJE, B. (orgs.). Introduction. In: _____. **Beauty Queens on the Global Stage.** Gender, Contests and Power. New York: Routledge, 1996. p.1-12.

_____. (orgs.). **Beauty Queens on the Global Stage.** Gender, Contests and Power. New York: Routledge, 1996.

CREDDO, M. do C. S. (org.). **Fontes históricas.** Abordagens e métodos. São Paulo: Unesp, 1996.

CRESPO, E. L. Madres, esposas, reinas. Petróleo, mujeres y nacionalismo em Comodoro Rivadavia durante los años del primer peronismo. In: LOBATO, M. Z. (org.). **Quando las mujeres reinaban.** Belleza, virtud y poder em la Argentina del siglo XX. Buenos Aires: Biblos, 2005. p. 121-142.

CUNHA, M. de F. da. Homens e mulheres nos anos 1960/70: Um modelo definido? **História, Questões e Debates**, Curitiba, n. 34, p. 201-222, 2001.

DA MATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis.** Para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____. Individualidade e liminaridade: considerações sobre os ritos de passagem e a modernidade. **Mana.** Estudos de Antropologia Social. Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 8-29, 2000.

DITZEL, C. **Manifestações Autoritárias:** o Integralismo nos Campos Gerais (1932-1955). Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004).

DOUGLAS, M. **Pureza e Perigo.** São Paulo: Perspectiva, 1966.

DUBY, G. A mulher, o amor e o cavaleiro. In: _____. **Amor e sexualidade no Ocidente.** 2. ed. Lisboa: Terramar, 1998. p. 225-238.

DUCHET-CHANFRAULT, M. F. Narrative structures, social models and symbolic representation in the life story. In: GLUCK, S. B.; PATAI, D. **Women's Words.** The feminist practice of oral history. New York: Routledge, 1991. p. 77-92.

ELIAS, N. A civilização como transformação do comportamento humano. In: _____. **O Processo Civilizador.** Uma História dos Costumes. v.1. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. p. 65-213.

ENDERS, A. *Les lieux de mémoire*, dez anos depois. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p. 128-137, 1993.

FARGE, A. La historia de las mujeres. Cultura y poder de las mujeres: ensayo de historiografía. **Historia Social**, n. 9, p. 79-102, inverno 1991.

FÁVERI, M. de. **Moços e Moças para um Bom Partido**. 2. ed. Itajaí: Univali, 1999. p. 102.

FÉLIX, L. O. A História Política Hoje: Novas Abordagens. **Revista Catarinense de História**, Florianópolis, n. 5, p. 25-36, 1998.

FERNANDES, R. S. **A memória dos lugares, dos objetos e os guardiões da memória na educação não-formal**. Disponível em <<http://www.hola.pro.br/arquivo/webdoc03/2005/webdoc3d.html>> Acesso em 13/05/2006.

_____. **As marcas do vivido sentido**: memórias de jovens ex-freqüentadores de um projeto educacional não-formal. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Campinas, Campinas, 2005.

FERREIRA, M. de M. A Nova “Velha História”: O Retorno da História Política. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 265-271, 1992.

_____. A Reação Republicana e a Crise Política dos Anos 20. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 6, n.11, p. 9-23, 1993.

_____. História oral, comemorações e ética. **Projeto História**. Ética e história oral, São Paulo, n. 15, p. 157-164, abr. 1997.

_____.; AMADO, J. (orgs.) Apresentação. In: _____. **Usos e Abusos da História Oral**. 5. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p. vii-xxv.

FICO, C. **Reinventando o otimismo**. Ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil. Rio de Janeiro: FGV, 1997. p. 27-53.

FONSECA, J. da. A Caricatura como expressão Gráfica. In: _____. **Caricatura**. A imagem Gráfica do humor. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999. p. 17-24

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 15. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

_____. **Vigiar e punir**. História da violência nas prisões. 31. ed. São Paulo: Vozes, 2006.

GASPARI, E. **A ditadura escancarada**. Ilusões armadas. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GEERTZ, C. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: _____. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 13-44.

GLUCK, S. B.; PATAI, D. Introduction. In: _____. **Women's Words**. The feminist practice of oral history. New York: Routledge, 1991. p. 1-5.

GODELIER, M. As mulheres e o poder político. Ponto de vista de um antropólogo. In: DUBY, G.; PERROT, M. **As mulheres e a história**. Lisboa: Dom Quixote, 1995. p. 91-100.

GOUVÊA, M. de F. A História Política no Campo da História Cultural. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 3, n. 1, p. 25-36, Verão 1998.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

HARDING, S. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. **Estudos Feministas**, v.1, n. 1, 1993.

HEILBORN, M. L. Construção de si, gênero e sexualidade. In: _____. (org.). **Sexualidade. O olhar das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. p. 40-58.

HEINZ, F. (org.). **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

HOBSBAWM, E.; RANGER, T. (orgs). **A invenção das tradições**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOLANDA, A. B. de. **Novo Dicionário Aurélio**. Da língua Portuguesa. Curitiba: Positivo, 2004.

HUNT, L. **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

INÁCIO, I. da C. A família rememorada: representações do grupo familiar em memórias de militantes comunistas. **Revista Brasileira de História** v. 9, n. 17, São Paulo, 1989.

IPARDES. **Paraná**. Economia e Sociedade. Governo do Estado do Paraná. Secretaria do Estado do Planejamento. Curitiba, 1982.

JOHNSON, A. **Dicionário de Sociologia**. Guia prático da linguagem sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

JULLIARD, J. A política. In: LE GOFF, J.; NORA, P. **História: Novas abordagens**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. p. 181-193.

LAVALLE, A. M. **Clube Guáira**. Germânia - Guáira. 1896-1996. Um século de sociedade na memória de Ponta Grossa. Ponta Grossa: Centro de Publicações, 1996.

LAVENDA, R. "It's not a Beauty Pageant!": Hybrid Ideology in Minnesota Community Queen Pageants. In: COHEN, C. B.; WILK, R.; STOELTJE, B. (orgs.). **Beauty**

queens on the global stage: gender contests, and power. New York: Routledge, 1996. p. 31-46.

LEACH, E. Aspectos antropológicos da linguagem: categorias animais e insulto verbal. In: DA MATTA, R. **Edmund Leach**. Antropologia. São Paulo: Ática, 1983. p. 170-199.

_____. Ritual as expression of social status. In: HUGH-JONES, S.; LANDLAW, J. (ed.). **The essential Edmund Leach**. New York: Yale University Press, 2000. p. 153-173.

LEFAUCHEUR, N. Maternidade, Família, Estado. In: DUBY, G.; PERROT, M. (orgs.). **História das Mulheres no Ocidente**. O século XX. Lisboa: Afrontamento, 1991. p. 470-503.

LEITE, M. M. L. Mulheres e famílias. **Revista Brasileira de História**, v. 9, n. 17, São Paulo, 1989.

LEWIS-ETTER, G. Black Women's life stories: reclaiming self in narrative texts. In: GLUCK, S. B.; PATAI, D. **Women's Words**. The feminist practice of oral history. New York: Routledge, 1991. p. 43-59.

LOBATO, M. Z. (org.) **Cuando las mujeres reinaban**. Belleza, virtud y poder em la Argentina del siglo XX. Buenos Aires: Biblos, 2005.

_____. Introdução. In: _____. (org.). **Cuando las mujeres reinaban**. Belleza, virtud y poder em la Argentina del siglo XX. Buenos Aires: Biblos, 2005. p. 9-18.

_____.; DAMILAKOU, M.; TORNAY, L. Las reinas del trabajo el peronismo. In: _____. (org.) **Cuando las mujeres reinaban**. Belleza, virtud y poder em la Argentina del siglo XX. Buenos Aires: Biblos, 2005. p. 77-120.

LOURO, G. L. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. **Educação e Realidade**, n. 20, v. 2, p. 101-132, 1995.

_____. **Gênero, sexualidade e educação**. 8. ed. São Paulo: Vozes.

_____. Nas redes do conceito de gênero. In: LOPES, M. J.; MEYER, D. E.; WALDOW, V. R. **Gênero e Saúde**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 2-43.

_____. Pedagogias da sexualidade. In: _____. (org.). **O corpo educado**. Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 7-34.

_____. Epistemologia Feminista e Teorização Social. Desafios, Subversões e Alianças. In: ADELMAN, M.; SILVESTREIN, C. B. (orgs.). **Gênero Plural**. Curitiba: UFPR, 2002. p. 11-22.

LOWEN, C. L. **Favelas: Um Aspecto da Expansão Urbana de Ponta Grossa**. Dissertação. (Mestrado em Organização do Espaço) – Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita, Rio Claro, 1990.

MACHUCA NETO, M. **Custos de produção, processamento e comercialização de sementes de soja no Município de Ponta Grossa**. Safra 1978/79. Minas Gerais, 1980

MALUF, M.; MOTT, M. L. Recônditos do mundo feminino. In: SEVCENKO, Nicolau. (org.). **História da vida privada no Brasil**. República: da Belle époque à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 367-422.

MARTINS, A. P. V. Memórias femininas. In: _____. (org.) **Mulheres na história**. Paraná. Séculos 19 e 20. Curitiba: UFPR, 1997. p. 189-206.

_____. O Caso Naná: representações de gênero no encontro entre texto e imagem no século XIX. **História: Questões e Debates**, Curitiba, n. 34, p. 157-174, 2001.

_____. Gênero, Ciência e Cultura. In: _____. **Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004. p. 21-62.

MARTINS, C. (Relator). Aula proferida na Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra, ADESG. **Ciclo de Estudos**, Pladei. Ponta Grossa, 1973. (Datilografado). Acervo Museu Campos Gerais.

MATTSON, K.; PETTERSON, K. **Crowning miss Sweden**. Constructions of gender, race and nation in beauty pageants. In: 5th EUROPEAN FEMINIST RESEARCH CONFERENCE, 2003, Sweden.

MAYOL, P. A conveniência. In: CERTEAU, M. de; GIARD, L.; MAYOL, P. A invenção do cotidiano. Morar, cozinhar. Rio de Janeiro: Vozes, 1996. p. 46-69.

MAZZALI, L. **O processo recente de reorganização agroindustrial: do complexo à organização "em rede"**. São Paulo: Unesp, 2000; BRASIL. **Projeto do II Plano Nacional de Desenvolvimento (1975-1979)**. Governo Ernesto Geisel. 1975-1979. Brasília: IBGE, set. 1974.

MELO, M. S. de; MENEGUZZO, I. S. Patrimônio Natural dos Campos Gerais do Paraná. In: DITZEL, C. de H. M.; SAHR, C. L. **Espaço e Cultura: Ponta Grossa e os Campos Gerais**. Ponta Grossa: UEPG, 2001. p. 415-428

MERCADO DE TRABALHO FEMININO. Disponível em: <<http://www.direitodefamilia.com.br/Materia.asp?CodMater=19>>. Acesso em 23 jun. 2007.

MICELI, S. A força do sentido. In: BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999. p. I-LXI.

MINAYO, M. C. de S. Fase de análise ou tratamento do material. In: _____. **O desafio do conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004. p. 197-248.

MINISTER, K. A feminist frame for the oral history interview. In: GLUCK, S. B.; PATAI, D. **Women's Words**. The feminist practice of oral history. New York: Routledge, 1991. p. 27-41.

MONASTIRSKY, L.B. A mitificação da ferrovia em Ponta Grossa. In: DITZEL, C. de H.M.; SAHR, C.L. **Espaço e Cultura: Ponta Grossa e os Campos Gerais**. Ponta Grossa: UEPG, 2001.

_____. **A mitificação do pátio central da RFFSA em Ponta Grossa**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais**. Investigações em Psicologia Social. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

MOSKALENKO, L. Beauty, women and competition: "Moscow beauty 1989". In: COHEN, C. B.; WILK, R.; STOELTJE, B. (orgs.). **Beauty queens on the global stage**. Gender, Contests and Power. New York: Routledge, 1996. p. 61-74.

NADER, M. B. **Mulher**. Do destino biológico ao destino social. 2. ed. Vitória: Edufes, 2001.

NOME científico da soja: *Glycine max* (L.) Merr. Disponível em http://www.plantamed.com.br/plantaservas/especies/Glycine_max.htm Acesso em 12 maio 2007.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-26, 1993.

OLIVEIRA, D. **Urbanização e industrialização no Paraná**. Curitiba: SEED, 2001.

OLIVEIRA, J. C. de. **Educadores ponta-grossenses. 1850-1950**. Ponta Grossa: UEPG, 2002.

OLIVEIRA, R. C de. (org.). **A Construção do Paraná Moderno: Políticos e Política no Governo do Paraná de 1930 a 1980**. Curitiba: SETI, 2004,

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio**. No movimento dos sentidos. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1995.

ORTIZ, R. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

PARANÁ. Secretaria da Agricultura e do Abastecimento. **Manual Técnico do Subprograma de Manejo e Conservação do Solo**. 2. ed. Curitiba: IAPAR, 1994.

PARANÁ. Secretaria da Fazenda. **Oportunidades de Investimentos**. Centro de Promoções Econômicas. Curitiba: Paraná: out. 1973.

PEIRANO, M. (org.). **O Dito e o Feito**. Ensaios de Antropologia dos Rituais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

_____. **Rituais**. Ontem e hoje. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

PERROT, M. As mulheres ou os silêncios da história. São Paulo: Edusc, 2005.

_____. **Mulheres públicas**. São Paulo: Unesp, 1998.

_____. Práticas da memória feminina. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 9, n. 18, p. 9-18, ago./set. 1989.

PESAVENTO, S. J. Palavras para crer. Imaginários de sentido que falam do passado. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, n. 6, 2006. Disponível em <http://nuevomundo.revues.org/document1499.html>. Acesso em 05/05/2007;

PINTO, C. R. J. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Perseu Abramo, 2003.

POLLAK, M. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

_____. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, Rio de Janeiro, p. 3-15, 1989.

PORTELLI, A. **A filosofia e os fatos**. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 59-72, 1996.

_____. História oral como gênero. **Projeto História**, São Paulo, n. 22, p. 9-24, jun. 2001.

PROJETO VISANDO À IMPLANTAÇÃO DE FÁBRICA DE ÓLEO DE SOJA EM PONTA GROSSA (PR). SANBRA. Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro. São Paulo, dezembro de 1970. Acervo Museu Campos Gerais.

PROST, A. Fronteiras e espaços do privado. In: ARIÉS, P. & DUBY, G. **História da Vida Privada**, vol. 5. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

RAGO, M. **Do cabaré ao lar**: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

REMOND, R. Por que a história política? **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 13, p. 7-19, 1994.

RODRÍGUES, A. M.; BILLOROU, M. J. Reinas e Campesinas: Iãs 'hijas de los colonos' em escena. In: LOBATO, M. Z. (org.). **Cuando las mujeres reinaban**. Buenos Aires: Biblos, 2005. p. 121-142.

ROMANELLI, G. Autoridade e poder na família. In: CARVALHO, M. do C. B. de. (org.). **A Família Contemporânea em Debate**. São Paulo: EDUC/Cortez, 1995. p. 73-88.

ROUSSO, F. A beleza através da história. In: FAUX, D. S. (et. al.). **Beleza do século**. São Paulo: Cosac & Naify, 2000. p. 25-78.

RYAN, M. A parada Norte-Americana: Representação da Ordem Social do Século XIX. In: HUNT, L. **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 177-209.

SABAT, R. Pedagogia Cultural, Gênero e Sexualidade. **Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 21, p. 9-21, 2001.

SAHR, C. L. Estrutura Interna e Dinâmica Social na Cidade de Ponta Grossa. In: DITZEL, C. de H. M.; SAHR, C. L. L. **Espaço e Cultura: Ponta Grossa e os Campos Gerais**. Ponta Grossa: UEPG, 2001. p. 13-36

SAHR, W., D.; SAHR, C. L. L. A imagem turística do planalto dos Campos Gerais. In: DITZEL, C. de H. M.; _____. **Espaço e Cultura: Ponta Grossa e os Campos Gerais**. Ponta Grossa: UEPG, 2001. p. 393-414.

SANGSTER, J. Feminist debates and use of oral history. In: THOMSON, A.; PERKS, R. **The oral history reader**. New York: Routledge, 2003. p. 86-100.

SANTAELLA, L. Corpo e comunicação. Sintoma da cultura. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTOS, M. S. **Memória coletiva e teoria social**. São Paulo: Annablume, 2003.

_____. Sobre a autonomia das novas identidades coletivas: alguns problemas teóricos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 13, n. 38, São Paulo, 1998.

SCHACTAE, A. M. Representações: A Polícia Militar Feminina no Paraná (1979-1984). **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 9, n. 2, p. 111-127, 2004.

SCHWARCZ, L. M. As barbas do imperador. D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, n. 16, p. 5-22, jul./dez. 1990.

_____. História das Mulheres. In: BURKE, P. (org.). **A escrita da história**. Novas Perspectivas. São Paulo: Unesp, 1992. p. 63-96.

SILVA, J. M. Cultura e Territorialidades Urbanas. Uma abordagem da pequena cidade. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 5, n. 2, Inverno 2000. p. 9-39

SILVA, T. T. da. **Identidade e Diferença**. A perspectiva dos Estudos Culturais. 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p. 78.

SOHIET, R. Enfoques feministas e a história: desafios e perspectivas. In: _____. ; SAMARA, E. M. de; MATOS, M. I. de. (orgs.). **Gênero em Debate: Trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea**. São Paulo: EDUC, 1997. p. 53-82.

STOELJE, B. The snake charmer queen: ritual, competition, and signification in American Festival. In: _____.; COHEN, C. B.; WILK, R. **Beauty queens on the global stage**. Gender, contests and power. New York: Routledge, 1996.p. 13-30.

SUÁREZ, M. A problematização das diferenças de gênero e a antropologia. In: AGUIAR, N. **Gênero e Ciências Humanas**. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1997. p. 31-48.

TAMBIAH, S. A performative approach to ritual. In: _____. **Culture, Thought and social action**. Na Anthropological Perspective. Cambridge: Harvard University Press, 1985.

TELES, M. A. de A. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

ILLY, L. A. Gênero, história das mulheres e história social. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 3, p. 29-62, 1994.

TRIGO, M. H. B. Amor e casamento no século XX. In: D'INCAO, M. Â. (org.). **Amor e família no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1989. p. 88-94.

TURNER, V. **Floresta de símbolos**. Aspectos do ritual Ndembu. Rio de Janeiro: Editora UFF, 2005.

_____. **O Processo Ritual**. Estrutura e anti-estrutua. Rio de Janeiro: Vozes, 1974.

VAN ESTERIK, P. The politics of beauty in Thailand. In: COHEN, C. B.; WILK, R.; STOELTJE, B. (orgs.). **Beauty queens on the global stage**. Gender, Contests and Power. New York: Routledge, 1996. p. 203-216.

VAN GENNEP, A. **Os ritos de passagem**. Rio de Janeiro: Vozes, 1978.

VARIKAS, E. Gênero, experiência e subjetividade. A propósito do desacordo Tilly-Scott. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 3, p. 63-84, 1994.

VICTOR, N. **A Terra do Futuro**. Impressões do Paraná. 2. e. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996.

VIEIRA, M. do P. de A.; PEIXOTO, M. do R. da C.; KHOURY, Y. M. A. **A pesquisa em história**. São Paulo: Ática, 1989.

VIEIRA, M. Z. (org.). **Perfis da Cidade: Crônicas de Vieira Filho**. Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 1993.

VOLDMAN, D. A invenção do depoimento oral. In: FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. (orgs.) **Usos e Abusos da História Oral**. 5. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p. 247-266.

WACHOWICZ, R. **História do Paraná**. 6. ed. Curitiba: Vicentina, 1988

WEINSTEIN, B. As mulheres trabalhadoras em São Paulo: de operárias não-qualificadas a esposas profissionais. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 4, 1995, p. 143-171. Disponível em <<http://www.unicamp.br/pagu/cadernos4.html>> Acesso em maio 2007.

WOLF, N. **O mito da beleza**. Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

WOORTMANN, E. F. Homens de hoje, mulheres de ontem: gênero e memória no seringal. In: FREITAS, C. **Anais do I Seminário e II Semana de Antropologia da UCG**, Goiânia: UCG, 1998.

WOORTMANN, K. A comida, a família e a construção de gênero feminino. **Revista de Ciências Sociais**, n. 29, v. 1, 1986, p. 103-130.

_____. **A família das mulheres**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987.

ÁLBUNS E REVISTAS

ÁLBUM DE FOTOGRAFIAS DE MARGARETH SPONHOLZ. Acervo particular de Margareth Sponholz.

ÁLBUM DE FOTOGRAFIAS DE MARISA SIELSKI. Acervo Particular de Marisa Sielski.

ÁLBUM DE FOTOGRAFIAS DE REGINA PUPPI. Acervo particular de Regina Puppi.

ÁLBUM DE PONTA GROSSA 1966. **Ponta Grossa**: Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, 1966.

ÁLBUM DE PONTA GROSSA 1967. **Ponta Grossa**: Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, 1967. Acervo Casa da Memória Paraná.

ÁLBUM DE PONTA GROSSA 1976. **Ponta Grossa**: Gráfica Planeta, 1976. Acervo Casa da Memória Paraná.

ÁLBUM PERSONALIDADE 1974. **Ponta Grossa**: Gráfica Planeta, 1974. Acervo particular de Suzy Mara Samways.

ANÁLISE. Ponta Grossa, n. 2, maio de 1974. Acervo particular de Regina Puppi.

- ATUALIDADES SANBRA. São Paulo, n. 73, 1982. Acervo Biblioteca UEPG.
- ATUALIDADES SANBRA. São Paulo, jul. 1973. Acervo particular de Regina Puppi.
- ATUALIDADES SANBRA. São Paulo, maio 1974. Acervo particular de Regina Puppi.
- ATUALIDADES SANBRA. São Paulo, n. 37, 1974. Acervo Biblioteca da UEPG.
- ATUALIDADES SANBRA. São Paulo, n. 37, 1974. Acervo Biblioteca da UEPG.
- ATUALIDADES SANBRA. São Paulo, n. 37, 1976. Acervo Biblioteca da UEPG.
- ATUALIDADES SANBRA. São Paulo, n. 38, 1974. Acervo Biblioteca UEPG.
- ATUALIDADES SANBRA. São Paulo, n. 38, v.21974. Acervo Particular de Suzy Mara Samways.
- ATUALIDADES SANBRA. São Paulo, n. 40, 1974. Acervo particular de Suzy Mara Samways.
- ATUALIDADES SANBRA. São Paulo, n. 41, 1974. Acervo particular de Suzy Mara Samways
- ATUALIDADES SANBRA. São Paulo, n. 42, 1974. Acervo Biblioteca UEPG.
- ATUALIDADES SANBRA. São Paulo, n. 43, 1975. Acervo Biblioteca da UEPG.
- ATUALIDADES SANBRA. São Paulo, n. 43, 1975. Acervo Biblioteca UEPG.
- ATUALIDADES SANBRA. São Paulo, n. 44, 1975. Acervo Biblioteca da UEPG
- ATUALIDADES SANBRA. São Paulo, n. 50, 1976. Acervo Biblioteca UEPG.
- ATUALIDADES SANBRA. São Paulo, n. 55, 1975. Acervo particular de Suzy Mara Samways.
- ATUALIDADES SANBRA. São Paulo, n. 57, 1977. Acervo Biblioteca UEPG.
- ATUALIDADES SANBRA. São Paulo, n. 58, 1977. Acervo Biblioteca UEPG.
- ATUALIDADES SANBRA. São Paulo, n. 61, 1977. Acervo Biblioteca UEPG.
- ATUALIDADES SANBRA. São Paulo, n. 63, 1978. Acervo Biblioteca UEPG.
- ATUALIDADES SANBRA. São Paulo, n. 64, 1978. Acervo Biblioteca UEPG.
- ATUALIDADES SANBRA. São Paulo, n. 64, 1978. Acervo Biblioteca UEPG.
- ATUALIDADES SANBRA. São Paulo, n. 65, 1978. Acervo Biblioteca UEPG.
- ATUALIDADES SANBRA. São Paulo, n. 65, 1979. Acervo particular de Suzy Mara Samways
- CINESCÓPIO. Ponta Grossa: Tipografia Noviski, n. 89, jul. 1973. Acervo particular de Suzy Mara Samways.
- MANCHETE. Rainha da Soja. Rio de Janeiro, p. 148-151, jun. 1977. Acervo particular de Edna Fae.
- REVISTA AMIGA TV, Rio de Janeiro, n. 528, 03 jul. 1980. Acervo particular de Maria Helena Bittencourt.
- REVISTA BRASILEIRA DE COMUNICAÇÃO E RELAÇÕES PÚBLICAS, São Paulo, n. 22, ano II, 1973. Acervo particular da Regina Puppi.
- REVISTA PROPAGANDA, São Paulo, n. 305, p. 15-18, dez. 1981. Edição Especial. Disponível em: http://www.portal-rp.com.br/pop/eventosecomemoracoes/1981_03.htm Acesso em 12 maio 2005.
- REVISTA VEJA. São Paulo, 04 jul.1973. Acervo Biblioteca UEPG.

ATAS

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL DE PONTA GROSSA, Ponta Grossa. **Livro Ata das Reuniões da Diretoria 1961 a 1978**. Livro 7, Caixa 5. Arquivo da ACIPG.

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL DE PONTA GROSSA. Ponta Grossa. **Livro de Atas das Reuniões da ACIPG de 1968 a 1971**. Livro 7, Caixa 5. Arquivo da ACIPG.

CÂMARA DOS VEREADORES. Ponta Grossa. **Ata da Sessão realizada no dia 05 set. 1969**, Livro 15, v. 28. Arquivo da Câmara Municipal de Ponta Grossa.

CÂMARA DOS VEREADORES. Ponta Grossa. **Ata das Sessões realizadas nos dias 13 dez.1968 a 9 set.1970 e 05 set.1969**, Livro 15, v. 28. Arquivo da Câmara Municipal de Ponta Grossa.

CÂMARA DOS VEREADORES. Ponta Grossa. **Ata das Sessões realizadas nos dias 11 set. 1970 a 5 abr. 1972**, Livro 16, v. 28. Arquivo da Câmara Municipal de Ponta Grossa.

CARTÕES, CONVITES E CORRESPONDÊNCIAS E OUTROS DOCUMENTOS DE ARQUIVOS

BILHETE do Jóquei Club homenageando as Rainhas. Acervo particular de Margareth Sponholz.

CÂMARA MUNICIPAL DE PONTA GROSSA. **Prefeitos e Vereadores de Ponta Grossa até 1996**. Acervo Casa da Memória Paraná.

CARTÃO de Natal enviado pela Sanbra a Regina Puppi. Acervo particular de Regina Puppi.

CARTÃO enviado pela Sanbra a Suzy Mara Samways. Acervo particular de Suzy Mara Samways.

CONVITE para formatura de militares em Ponta Grossa. Acervo particular de Regina Puppi.

CORRESPONDÊNCIA encaminhada por Paulo Schmidt, Diretor de Relações Públicas da Sanbra, ao Prefeito Municipal de Ponta Grossa, Luiz Carlos Stanislawzuk, em 07 mar. 1977. São Paulo. Acervo Museu Campos Gerais.

CORRESPONDÊNCIA enviada pela Sanbra a Suzy Mara Samways. Acervo particular de Suzy Mara Samways.

FICHA de inscrição para o Concurso Rainha da Soja 1977. Acervo particular de Margareth Sponholz.

PASTAS Cyro Martins, Ponta Grossa, RG4139, Acervo Museu Campos Gerais.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PONTA GROSSA. **Aqui, Ponta Grossa:** 1970. Administração Engenheiro Cyro Martins. 1969-73. Ponta Grossa: Planeta, 1970. Acervo Museu Campos Gerais.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PONTA GROSSA. **Ponta Grossa, hoje, é uma cidade-futuro.** Ponta Grossa: Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, 1970. Acervo Museu Campos Gerais.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PONTA GROSSA. **Prospecto** “Ponta Grossa está esperando, traga o parafuso”. Plano de Desenvolvimento Industrial de Ponta Grossa, Pastas Fontes, Cyro Martins, Pladei RG4055, Acervo Museu Campos Gerais. Acervo Museu Campos Gerais.

PROGRAMA DE VIAGEM DE MARGARETH SPONHOLZ. Acervo particular de Margareth Sponholz.

PROGRAMA DE VIAGEM DE REGINA PUPPI. Acervo particular de Regina Puppi.

PROSPECTO DO 3º ENCONTRO COM A SOJA. Acervo particular de Regina Puppi.

PROSPECTO SANBRA. Detalhamento das atividades da multinacional no Brasil. Acervo particular de Regina Puppi.

ENTREVISTAS

ANDRADE, A. Jornalista e colunista social. **Entrevista concedida à Adriana Caçado.** Ponta Grossa, 22 de junho de 2005.

FAE, E. Rainha da Soja de Ponta Grossa e Rainha da Soja do Paraná 1976. **Entrevista concedida à Adriana Caçado.** Ponta Grossa, 22 maio 2006.

GUTMANN, P. Rainha da Soja de Ponta Grossa e Primeira Princesa da Soja do Paraná 1978. **Entrevista concedida à Adriana Caçado.** Ponta Grossa, 8 dez. 2006.

PUPPI, R. Rainha da Soja de Ponta Grossa 1973. **Entrevista concedida a Adriana Caçado.** Ponta Grossa, 28 out. 2005.

SANWAYS, S. Rainha da Soja de Ponta Grossa 1974. **Entrevista concedida à Adriana Caçado.** Curitiba, 22 out. 2006.

SIELSKI, M. Rainha da Soja de Ponta Grossa e Segunda Princesa da Soja do Paraná 1975. **Entrevista concedida à Adriana Caçado**. Ponta Grossa, 8 nov. 2005.

SPONHOLZ, M. Rainha da Soja e Primeira Princesa da Soja do Paraná 1977. **Entrevista concedida à Adriana Caçado**. Ponta Grossa, 25 out. 2005.

JORNAIS

A NOTÍCIA. Ponta Grossa, 4 nov. 1978, p. 2. Acervo Casa da Memória Paraná.
 A NOTÍCIA. Ponta Grossa, 19 nov. 1978, p.1. Acervo Casa da Memória Paraná.
 A NOTÍCIA. Ponta Grossa, 16 jan.1979, p.1. Acervo Casa da Memória Paraná.
 A NOTÍCIA. Ponta Grossa, 11 fev. 1979, 1. Acervo Casa da Memória Paraná.

DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 24.761, 10 abr. 1980, p. 2.
 DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 24805, 24 maio 1980, p. 1.
 DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, 15 maio 1940, p. 2.
 DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 21556, 29 jan.1969, p. 1.
 DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 21603, 27 mar. 1969, p. 2.
 DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 21770, 20 set. 1969, p. 3;
 DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, 17 abr. 1970, p. 2.
 DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 22207, 04 mar. 1971.
 DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 4930, 29 abr. 1971, p. 4.
 DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 22260, 08 maio 1971.
 DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, 19 set. 1971, n. 22871, p. 3.
 DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 22885, 03 out. 1971, p. 8
 DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, 13 jan. 1972, n. 22965, p. 8.
 DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 22976, 25 jan. 1972, p. 2.
 DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 22976, 25 jan. 1972, p. 2.
 DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, 30 jan. 1972, n. 22981, p. 1;
 DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, 02 mar. 1972, n. 23005, p. 1.
 DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 23037, 08 abr. 1972, p. 6
 DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, 15 abr. 1972, n. 23043, p. 8
 DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 23064, 12 maio 1972, p. 1.
 DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 23065, 13 maio 1972, p. 1
 DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 23069, 18 maio 1972, p. 3.
 DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n.23294, 13 maio 1973, p.3.
 DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 23294, 13 maio 1973, p. 3.
 DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, 24 maio 1973, p. 10.
 DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, 22 jun. 1973, p.1.
 DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 23579, 26 abr. 1974.
 DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 235993, 21 maio, 1974, p. 1.
 DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 235993, 21 maio, 1974, p. 1.
 DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n.23605, 28 maio 1974, p.1.
 DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 23607, 30 maio 1974, p. 1.
 DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 23785, 1 jan. 1975, p.1.
 DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 24153, 24 fev. 1975

DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 23375, 26 abr. 1975, p. 1.
 DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 23382, 06 maio 1975, p. 1.
 DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 23390, 15 maio 1975, p. 1.
 DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 23390, 15 maio 1975, p.1.
 DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 23395, 22 maio 1975, p. 1.
 DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 23400, 28 maio 1975, p. 1.
 DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, 29 maio 1975, p. 1.
 DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 23405, 04 jun. 1975, p. 1.
 DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 23407, 7 jun. 1975, p. 1.
 DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 23440, 16 jul. 1975, p. 1.
 DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, 23 maio 1976, p. 16
 DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, 23 maio 1976, p. 16
 DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, 26 maio 1976, p. 2.
 DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 23701, 29 maio 1976, p. 1.
 DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, 5 jun. 1976, p.1.
 DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 23935, 11 mar. 1977.
 DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 23935, 11 mar. 1977.
 DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 23936, 12 mar. 1977.
 DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 23883, 8 maio 1977, p.1.
 DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 24153, 31 mar. 1978
 DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 24153, 31 mar. 1978.
 DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 24.228, 30 abr. 1978, p. 4.
 DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, 8 jun. 1978, p.1.
 DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, n. 24.212, 11 jun. 1978

FOLHA DE LONDRINA. Londrina, 12 abr. 1973. p. 2. Acervo particular de Regina Puppi.

JORNAL DA MANHÃ. Ponta Grossa, n. 7257, p.1.
 JORNAL DA MANHÃ. Ponta Grossa, n. 4932, 31 abr. 1971, p. 2.
 JORNAL DA MANHÃ. Ponta Grossa, n.4252, 28 jan.1969, p.1.
 JORNAL DA MANHÃ. Ponta Grossa, n. 4256, 01 fev. 1969, p. 1.
 JORNAL DA MANHÃ. Ponta Grossa, n. 4287, 12 mar. 1969, p. 1;
 JORNAL DA MANHÃ. Ponta Grossa, n.4304, 01 abr. 1969, p.2
 JORNAL DA MANHÃ. Ponta Grossa, n. 4333, 08 maio 1969, p. 1
 JORNAL DA MANHÃ. Ponta Grossa, n. 4336, 11 maio 1969, p. 1.
 JORNAL DA MANHÃ. Ponta Grossa, 14 set. 1969, p. 8
 JORNAL DA MANHÃ. Ponta Grossa, 01 abr. 1970, n. 4605, p. 1.
 JORNAL DA MANHÃ. Ponta Grossa, n. 4646. 17 maio 1970, p. 1;
 JORNAL DA MANHÃ. Ponta Grossa, 03 jun. 1970, n. 4659, p. 1;
 JORNAL DA MANHÃ. Ponta Grossa, n. 4716, 12 ago. 1970, p. 1.
 JORNAL DA MANHÃ. Ponta Grossa, 16 out. 1970, n. 4770, p. 4.
 JORNAL DA MANHÃ. Ponta Grossa, 20 out. 1970, n. 4773, p. 1.
 JORNAL DA MANHÃ. Ponta Grossa, 09 nov. 1970, p.1
 JORNAL DA MANHÃ. Ponta Grossa, n. 4930, 29 abr. 1971, p. 4.
 JORNAL DA MANHÃ. Ponta Grossa, n. 4931, 30 abr. 1971, p. 1.
 JORNAL DA MANHÃ. Ponta Grossa, 09 nov. 1971, p. 1.
 JORNAL DA MANHÃ. Ponta Grossa, n. 4917, 12 maio 1972, p. 8.
 JORNAL DA MANHÃ. Ponta Grossa. n. 7163, 20 mar. 1977, p. 2
 JORNAL DA MANHÃ. Ponta Grossa, n. 7202, 10 maio 1977, p.1.

JORNAL DA MANHÃ. Ponta Grossa, n. 7203, 3 jun. 1977.

JORNAL DA MANHÃ. Ponta Grossa, 30 de maio 1978.

JORNAL DA MANHÃ. Ponta Grossa, 29 maio 1980, p. 1.

O ESTADO DO PARANÁ. Curitiba, maio 1974. Acervo particular de Suzy Mara Samways.

O ESTADO DO PARANÁ. Curitiba, 29 maio 1975. Acervo Particular de Suzy Mara Samways.

O ESTADO DO PARANÁ. Curitiba, 18 set. 1977, p. 4. Acervo particular de Margareth Sponholz.

O PROGRESSO. Ponta Grossa, n. 588, 20 jun. 1912. Acervo Casa da Memória Paraná.

O PROGRESSO. Ponta Grossa, n. 586, 16 jul. 1912. Acervo Casa da Memória Paraná.

Jornais DIÁRIO DOS CAMPOS e JORNAL DA MANHÃ. Acervos do Museu Campos Gerais e Casa da Memória Paraná. Ponta Grossa, Paraná.

LEIS E PROJETO DE LEI

PONTA GROSSA. **Decreto Municipal 551/69**, de 31 de dezembro de 1969. Secretaria Municipal de Administração e Negócios Jurídicos da Prefeitura Municipal de Ponta Grossa.

PONTA GROSSA. **Lei 2157**, de 13 de setembro de 1969. Título III. Capítulo III. Cidade Industrial. Secretaria Municipal de Administração e Negócios Jurídicos da Prefeitura Municipal de Ponta Grossa.

PONTA GROSSA. **Lei n. 2157**, de 13 de setembro de 1969, Título I, Do Plano de Desenvolvimento Industrial de Ponta Grossa, art. 2º. Secretaria Municipal de Administração e Negócios Jurídicos da Prefeitura Municipal de Ponta Grossa.

PONTA GROSSA. **Lei n. 2157**, de 13 de setembro de 1969, Título II, Do Órgão Superior de Administração e Controle do Pladei, arts. 3º e 4º. Secretaria Municipal de Administração e Negócios Jurídicos da Prefeitura Municipal de Ponta Grossa.

PONTA GROSSA. **Lei n. 2157**, de 13 de setembro de 1969, Título III, Do Planejamento Geral, Capítulo I, Assistência às Indústrias Existentes, arts. 14, 2º. Secretaria Municipal de Administração e Negócios Jurídicos da Prefeitura Municipal de Ponta Grossa.

PONTA GROSSA. **Lei n. 2157**, de 13 de setembro de 1969, Título IV, Dos Recursos para Aplicação do Pladei, Capítulo I, Estímulos Fiscais aos Contribuintes de Impostos, art. 23. Secretaria Municipal de Administração e Negócios Jurídicos da Prefeitura Municipal de Ponta Grossa.

PONTA GROSSA. **Lei n. 2157**, de 13 de setembro de 1969, Título V, Dos estímulos Fiscais Diretos as Empresas Industriais, arts. 15, 38. Secretaria Municipal de Administração e Negócios Jurídicos da Prefeitura Municipal de Ponta Grossa.

PONTA GROSSA. **Lei n. 2157**, de 13 de setembro de 1969, Título VII, Da Concessão dos Benefícios, art. 44. Secretaria Municipal de Administração e Negócios Jurídicos da Prefeitura Municipal de Ponta Grossa.

PONTA GROSSA. **Lei n. 2157**, de 13 de setembro de 1969, Título VIII, Das Disposições Finais, art. 48. Secretaria Municipal de Administração e Negócios Jurídicos da Prefeitura Municipal de Ponta Grossa.

PONTA GROSSA. **Plano de Desenvolvimento Industrial de Ponta Grossa**. Mensagem e Projeto de Lei, encaminhados pelo Prefeito Municipal à Câmara Municipal de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 1969. Acervo Casa da Memória Paraná.

ANEXOS

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 1	-QUADRO “ALGUMAS ANOTAÇÕES SOBRE AS RAINHAS DA SOJA DE PONTA GROSSA”.....	262
ANEXO 2	-JUDITH SILVEIRA, RAINHA DA SOJA DE PONTA GROSSA 1971.....	264
ANEXO 3	-REGINA PUPPI, RAINHA DA SOJA DE PONTA GROSSA 1973.....	267
ANEXO 4	-SUZY MARA SANWAYS, RAINHA DA SOJA DE PONTA GROSSA 1974.....	269
ANEXO 5	-MARISA SIELSKI, RAINHA DA SOJA DE PONTA GROSSA 1975..	272
ANEXO 6	-EDNA FAE, RAINHA DA SOJA DE PONTA GROSSA 1976.....	274
ANEXO 7	-MARGARETH SPONHOLZ, RAINHA DA SOJA DE PONTA GROSSA 1977.....	276
ANEXO 8	-PEGGY GUTMANN, RAINHA DA SOJA DE PONTA GROSSA 1978.....	278
ANEXO 9	-MAPA DE ATIVIDADES DA SANBRA NO BRASIL.....	280
ANEXO 10	-HOTEL VILA VELHA.....	282
ANEXO 11	-PROPAGANDAS DA MULTINACIONAL SANBRA.....	284
ANEXO 12	-INDÚSTRIAS EM PONTA GROSSA.....	286
ANEXO 13	-JÓQUEI CLUBE DE PONTA GROSSA HOMENAGEIA RAINHAS..	288
ANEXO 14	-PROPAGANDAS DO 3º, 4º E 5º ENCONTROS COM A SOJA.....	290
ANEXO 15	-COMPROMISSOS SOCIAS DAS RAINHAS.....	292
ANEXO 16	-TORCIDA NA NOITE DO BAILE.....	295
ANEXO 17	-RAINHAS E MILITARES.....	297
ANEXO 18	-CARICATURAS DAS RAINHAS NO JORNAL DIÁRIO DOS CAMPOS.....	299
ANEXO 19	-OUTRAS CARICATURAS DAS RAINHAS	304

ANEXO 20 -CARTÕES E CORRESPONDÊNCIAS.....	306
ANEXO 21 -FICHA DE INSCRIÇÃO PARA CONCURSO.....	308
ANEXO 22 -ARTIGOS QUE SE REFEREM À CULTURA, BELEZA E CORPO DAS RAINHAS.....	310
ANEXO 23 -OUTRAS IMAGENS DO CONCURSO RAINHA DA SOJA.....	312
ANEXO 24 -SOBRE AS RAINHAS DA SOJA.....	315

ANEXO 1 – QUADRO “ALGUMAS ANOTAÇÕES SOBRE AS RAINHAS DA SOJA
DE PONTA GROSSA”

QUADRO “ALGUMAS ANOTAÇÕES SOBRE AS RAINHAS DA SOJA DE PONTA GROSSA”

<p>JUDITH SILVEIRA</p>	<p>1ª Rainha da Soja de Ponta Grossa. Eleita em 1971, aos dezesseis anos de idade. Representante do Colégio Municipal Regente Feijó. Filha de Maria Clara Borges de Macedo Silveira e de Sady Silveira, ambos ponta-grossenses. Seu pai era médico e sua mãe dona-de-casa. Formou-se em Farmácia e Bioquímica. Exerceu a profissão por anos e hoje é aposentada. Atualmente reside em Curitiba. É casada, mãe de um filho, preside uma associação beneficente e faz planos para concluir o curso de Psicologia trancado por excesso de atividade.</p>
<p>REGINA PUPPI</p>	<p>3ª Rainha da Soja de Ponta Grossa. Eleita em 1973, aos dezesseis anos de idade. Representante do Clube da Lagoa. Filha de Amadeu Puppi e de Carmem Kohler. Seu pai era médico e foi prefeito municipal entre 1973-1976. Sua mãe era dona-de-casa e exerceu a presidência da Secretaria de Obras Sociais (SOS) na gestão do marido no Executivo da Prefeitura Municipal de Ponta Grossa. Formou-se em Odontologia. Não exerceu a profissão. Atualmente reside em Ponta Grossa. É casada, mãe de três filhos. Não exerce atividade profissional.</p>
<p>SUZY MARA SAMWAYS</p>	<p>4ª Rainha da Soja de Ponta Grossa. Eleita em 1974, aos dezesseis anos de idade. Representante do Léo Clube. Filha Alcides Samways e de Cleusa Samways. Filha única mudou-se para Ponta Grossa com a família. Seu pai era funcionário público da Receita Federal. Sua mãe gradou-se em Letras depois de casada, mas dedicou-se à família. Formou-se em Arquitetura e Design pela PUC-PR. Conquistou o título de Miss Paraná em 1978 e ficou entre as dez finalistas no concurso Miss Brasil. Atualmente reside em Curitiba. É casada, mãe de um filho e exerce suas funções de arquiteta.</p>
<p>MARISA SIELSKI</p>	<p>5ª Rainha da Soja de Ponta Grossa e Segunda Princesa da Soja do Paraná. Eleita em 1975, aos dezoito anos. Representante do Clube Princesa dos Campos. Nascida em Ponta Grossa, filha de um comerciante de carnes e de uma dona-de-casa, formou-se em Pedagogia pela UEPG. Exerceu o magistério até casar e passou a dedicar-se a família. Atualmente reside em Ponta Grossa. É casada, mãe de dois filhos e dedica-se à família.</p>

EDNA BABINSKI FAE	<p>6ª Rainha da Soja de Ponta Grossa e Rainha da Soja do Paraná. Eleita em 1976, aos dezoito anos.</p> <p>Representante do Clube Pontagrossense.</p> <p>Filha de um madeireiro e proprietário de cinema e de uma dona-de-casa pertencente a tradicional família local, udou-se para Ponta Grossa com a família aos quinze anos.</p> <p>Formou-se Pedagogia pela UEPG e exerceu o magistério por certo tempo, até casar-se.</p> <p>Atualmente é casada, mãe de dois filhos e administra sua franquia de uma Agência de Correios em Ponta Grossa, onde reside.</p>
MARGARETH SPONHOLZ	<p>7ª Rainha da Soja de Ponta Grossa e Primeira Princesa da Soja do Paraná. Eleita em 1977, aos dezenove anos.</p> <p>Representante do Clube Pontagrossense</p> <p>Nascida em Ponta Grossa, seu pai era advogado e deputado estadual e sua mãe era uma dona-de-casa, pertencente a tradicional família local.</p> <p>Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), jamais exerceu a profissão.</p> <p>Atualmente é casada, reside em Ponta Grossa e não possui filhos.</p>
PEGGY GUTMANN	<p>8ª Rainha da Soja de Ponta Grossa e Primeira Princesa da Soja do Paraná. Eleita em 1978, aos dezoitos anos.</p> <p>Representante da Sociedade Rural dos Campos Gerais.</p> <p>Filha de um comerciante de implementos agrícolas e de uma funcionária da Agência de Correios, mudou-se para Ponta Grossa com a família nos anos de 1970.</p> <p>Iniciou a faculdade de Administração na UEPG. Não concluiu o curso devido ao casamento com o prefeito municipal Luiz Carlos Stanislawzuk eleito em 1976. Não exerceu atividade profissional.</p> <p>Atualmente é casada, reside em Ponta Grossa e é mãe de dois filhos.</p>

Org.: Adriana Cançado.

Fonte: As informações compiladas resultam das entrevistas e pesquisas em vários jornais locais e referem-se exclusivamente às rainhas que concederam entrevistas. Para ver informações sobre todas as Rainhas da Soja, consultar ANEXO 24.

ANEXO 2 – JUDITH SILVEIRA E OUTRAS RAINHAS DA SOJA



Desde 1971, quando se elegeu a primeira Rainha da Soja, Judith Macedo Silveira, o concurso vem sendo patrocinado pela SANBRA, com o co-patrocínio do Clube Pontagrossense e o prestígio da Prefeitura Municipal de Ponta Grossa e do PLADEI — Plano de

Desenvolvimento Industrial do município. Em 1972, Ana Maria Buzato contagiou com sua simpatia o júri que a escolheu Rainha. No ano seguinte, Regina Maria Puppi venceu com méritos indiscutíveis. Em 1974, já oficializado pelo órgão de turismo paranaense Paranatur, Suzy Mara

A pedra fundamental do Conjunto Industrial de Ponta Grossa, foi lançada durante o I Encontro com A Soja e inaugurado durante o terceiro conclave.



Judith Macedo Silveira
Rainha da Soja em 1971

Samways foi escolhida Rainha da Soja.

Neste ano, o certame vem contando com a adesão de um grande número de municípios, que estão apresentando suas candidatas. Elas estão sendo selecionadas, inclusive as de Ponta Grossa, segundo um critério padrão, relacionado com seus conhecimentos sobre a soja, apresentação pessoal e desenvoltura, tudo de conformidade com um regulamento que vem sendo amplamente divulgado pela imprensa, além de ter sido enviado a todas as Prefeituras do Estado do Paraná. Ao ampliar seu âmbito para todo o Estado, o concurso mantém todas as suas características tradicionais, isto é, continuará a ser uma promoção de cunho fundamentalmente cultural, vinculada aos conhecimentos gerais

V ENCONTRO COM A SOJA 26 à 31 de maio

que as candidatas demonstrarem possuir, sobre a importância da soja para o Paraná e para o Brasil.

Para este concurso, a exemplo dos anteriores, podem apresentar candidatas clubes sociais, clubes de serviço, universidades, colégios, cooperativas, grêmios, diretórios acadêmicos, entidades associativas em geral. Vale assinalar que o concurso, por não conter nenhuma finalidade lucrativa, é aberto, gratuitamente, a todas as entidades que desejem participar. A única exigência é que a candidata tenha mais de quinze anos.

A eleição, nos municípios, será realizada em data a critério dos organizadores locais. A fase final, em Ponta Grossa, será desenvolvida em



Regina Maria Puppi
Rainha da Soja em 1973

duas fases. No dia 30, será realizada, nos estúdios da TV Esplanada, canal 7, a prova de conhecimentos gerais sobre a soja, para as candidatas da cidade. No dia 31, a festa oferecerá atrativo duplo: primeiro desfilarão as candidatas ao título de Rainha da Soja da cidade de Ponta Grossa, a qual, uma vez eleita, passará a disputar o título final com todas as outras.

O júri, de acordo com o regulamento do concurso, estará constituído de personalidades vinculadas aos campos da cultura, da comunicação e das artes. Ele será presidido por Da. Carmen Puppi, Primeira Dama do município de Ponta Grossa e será integrado por Antonio J. S. Lobo Neto, presidente da Paranatur; jornalistas Carlos Jung, do jornal O Estado do Paraná, e Geraldo Banas,

diretor-presidente da Editora Banas; da atriz de teatro e televisão Márcia Maria; de Da. Cleide Kossatz Pereira, da sociedade pontagrossense, e Paulo P. Schmidt, diretor da SANBRA.



Ana Maria Buzato
Rainha da Soja em 1972

A vencedora ganhará, da SANBRA, uma viagem, com direito a acompanhante, a Recife, Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo, com todas as despesas pagas. O programa de viagens conterà uma parte de contatos com personalidades de Governos estaduais e municipais, além de amplo programa recreativo e social, do qual constará uma recepção no Escritório Central da Empresa, em S. Paulo. Também as Princesas receberão prêmios, a serem anunciados no momento da eleição.



Suzy Mara Samways
Rainha da Soja em 1974

ANEXO 3 – REGINA MARIA PUPPI, RAINHA DA SOJA DE PONTA GROSSA 1973.



Regina Puppi na noite em que foi coroada Rainha da Soja 1973. Álbum de Fotografias de Regina Puppi. Acervo particular de Regina Puppi.



Desfile de Regina Puppi após a coroação. Acervo Clube Ponta Lagoa.

ANEXO 4 – SUZY MARA SAMWAYS, RAINHA DA SOJA DE PONTA GROSSA 1974



Suzy Mara Samways em fotografia oficial.

Revista Atualidades Sanbra, São Paulo, n.38, v.21974. Acervo Particular de Suzy Mara Samways.



Suzy Mara Samways, Rainha da Soja de Ponta Grossa 1974. O Estado do Paraná, Curitiba, 29 maio 1975. Acervo Particular de Suzy Mara Samways.

ANEXO 5 – MARISA SIELSKI, RAINHA DA SOJA DE PONTA GROSSA 1975



Marisa de Fátima Sielski, eleita Rainha da Soja 1975.
Álbum de Marisa Sielski. Acervo Particular de Marisa de Fátima Sielski.



como Rainha da Soja de Ponta Grossa ganhou viagem a Rio, São Paulo e, num oferecimento do PLADEI de Ponta Grossa, também a Brasília. Ana Maria e Ilsa viajarão para as capitais paulista e fluminense. Nessas cidades, manterão entrevistas com autoridades governamentais, e com a imprensa, divulgando a expansão da soja no Paraná, além de participarem de extenso programa social e turístico patrocinado pela SANBRA.

Neste ano, o certame contou com a adesão de grande número de municípios da região. Além de Ponta Grossa, também Castro, Maringá, Porto Amazonas, Guarapuava, Tibagi, Pirai do Sul, Telemaco Borba, Arapoti e Palmeira enviaram candidatas, selecionadas segundo um critério padrão, relacionado com

Na página oposta:
Marisa de Fátima Sielski, Rainha da Soja de Ponta Grossa.

Ao lado, Isabel Cristina, ao lado das princesas e Rainha da Simpatia.

Abaixo: júri que presidiu a escolha.



Noite do baile 1975. Revista Atualidades Sanbra, São Paulo, n. 44, 1975.
Acervo Biblioteca da UEPG.

ANEXO 6 – EDNA FAE, RAINHA DA SOJA DE PONTA GROSSA 1976



Edna Babinski Fae, eleita Rainha da Soja de Ponta Grossa 1976 e Rainha da Soja Nacional 1976, ladeada pelas 1ª e 2ª Princesas. Revista Atualidades Sanbra, n. 55, Ano X. Acervo particular de Suzy Mara Samways.



Edna Fae. Jornal A Notícia. Ponta Grossa, 4 nov. 1978. Acervo Casa da Memória Paraná.

ANEXO 7 – MARGARETH SPONHOLZ, RAINHA DA SOJA DE PONTA GROSSA
1977



Margareth Sponholz, Rainha da Soja 1977 e Edna Fae, Rainha da Soja de PG e do Brasil 1976. Acervo particular de Margareth Sponholz.



Margareth Sponholz, Rainha da Soja 1977. Acervo particular de Margareth Sponholz.

Álbum de fotografias de Margareth Sponholz.

ANEXO 8 – PEGGY GUTMANN, RAINHA DA SOJA DE PONTA GROSSA 1978



Da esquerda para a direita: Peggy Gutmann, eleita Rainha da Soja de Ponta Grossa 1978 e 1ª Princesa da Soja Nacional; Maria de Fátima Kalil, Rainha da Soja Nacional 1978, Carlos Antich, presidente da Sanbra no Brasil; 2ª Princesa e Rainha da Simpatia. Atualidades Sanbra, São Paulo, n. 63, 1978. Acervo Biblioteca UEPG.



Jornal Notícias. Ponta Grossa, 19 nov. 1978. Acervo Casa da Memória Paraná.



Jornal Notícias, Ponta Grossa, 16 jan. 1979, p.1. Acervo Casa da Memória Paraná.

ANEXO 9 – MAPA DE ATIVIDADES DA SANBRA NO BRASIL

MAPA SANDRA


ANEXO 10 – HOTEL VILA VELHA



Hotel Vila Velha. Álbum de Ponta Grossa 1976. Acervo Casa da Memória Paraná.

ANEXO 11 – PROPAGANDAS DA MULTINACIONAL SANBRA

VOLTA AO MUNDO EM 365 DIAS POR 240 MILHÕES DE DÓLARES



No ano de 1973, foi este o total das exportações efetuadas pela SANBRA, em uma autêntica volta ao mundo, levando produtos brasileiros a dezenas de portos estrangeiros. O Brasil firma seu conceito entre as nações desenvolvidas. E nós nos orgulhamos de contribuir para isso, confirmando nossa posição de maior exportadora brasileira do setor privado.

SANBRA
SOCIEDADE ALGODOEIRA DO NORDESTE BRASILEIRO S.A.

Revista Atualidades Sanbra, São Paulo, n. 38, 1974.
Acervo Biblioteca UEPG.

Plantada no solo fértil do Brasil, a Sanbra, há mais de cinquenta anos intimamente vinculada às atividades agrícolas, participa da progressiva implantação de uma nova mentalidade de valorização da técnica, da pesquisa, do planejamento. E o agricultor brasileiro, integrado nesse esforço, certamente responderá ao desafio que o desenvolvimento do País lhe faz: produzir cada vez mais, e cada vez melhor.



SANBRA
SOCIEDADE ALGODOEIRA DO NORDESTE BRASILEIRO S.A.

NOSSO TRABALHO É UMA SEMENTE

Revista Atualidades Sanbra, São Paulo, n. 42, 1974.
Acervo Biblioteca UEPG.

ANEXO 12 – INDÚSTRIAS EM PONTA GROSSA



Indústria de Óleos Cargill.



Comabro Indústria de Alimentos do Brasil.



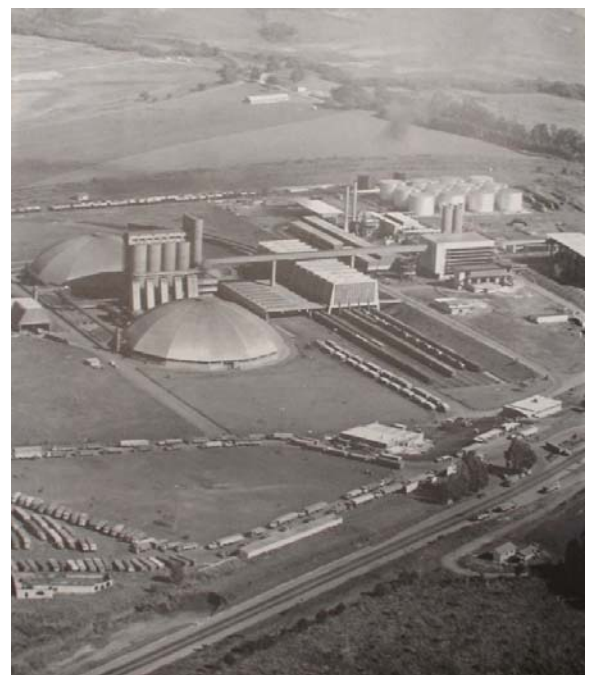
Indústria de Óleos Imcopa.



Indústria Wagner.



Indústria de Óleos Mak Bros.



Complexo Industrial Sanbra

ÁLBUM DE PONTA GROSSA 1976. Ponta Grossa: Gráfica Planeta, 1976. Acervo Casa da Memória Paraná.

ANEXO 13 – JÓQUEI CLUB DE PONTA GROSSA HOMENAGEIA RAINHAS

4.º Páreo - 1.200 metros - 15,40 horas
PREMIO - MARGARETH SPONHOLS - RAINHA DA SOJA DE 1977.

1	1 - BYGÉA	5 - 55	J. Azevedo	Branca	F 5 A SC Fás e Hygáa	Cornelio G. Verachoor	1 - O. Rodrigues
2	2 - HELTON	3 - 54	E. Regiani	Azul	M 8 C PR Captor e Namiris	Haras Meua	2 - G. Zakrzewski
3	3 - HAPPY EXCÉDING	2 - 54	L. P. Silva	Ouro	M 10 A PR Cyrnos e Guem	Stud Porta do Sol	3 - N. Nascimento
3	> - ROMULOS	1 - 57	A. A. Silva 3 k	Ouro c/ Faixa	M 7 C SP Natfol e Libra Esterlina	Stud Regina Maria	> - N. Nascimento
4	4 - POCLANO	9 - 54	J. Barbosa 3 k	Marron-Frísio Branco-Boné Branco	M 9 C SP Emery e Oclina	Stud Mandrágora	4 - R. L. Torres
4	5 - QUARTEIO	6 - 54		Vermelha	M 10 C SP Adil e Ibiapina	Stud Francisco José	5 - B. Oliveira
5	6 - QUILANCE	4 - 54	A. O. Coradin 1 k	Rosa	M 10 A SP Gabar e Malanga	João Locola	6 - L. J. Ferreira
5	7 - ESSEX	8 - 54	R. L. Borges 3 k	Preta	M 9 C SP Fogoso e Burla	Acyr Tadeu Milleo	7 - P. França
6	8 - ZITTAU	10 - 54	C. R. Rosa	Amarela c/ mangas pretas	M 6 C PR Vivat Rex e Montemani	Stud Caulin	8 - J. Costa
6	9 - LUTY	7 - 57		Azul Escuro/Azul Claro List. Vert.	M 10 A RJ Sancy e Lucinea	Stud Cinco Irmãos	9 - O. Rodrigues

Dotação: Cr\$ 3.500,00 ao 1.º - 875,00 ao 2.º - 525,00 ao 3.º - 350,00 ao 4.º - 175,00 ao 5.º
 (T5) REC. - Fulanito / Kauay King / Beau Latin - 79" 2/5

Venc. - () Dupla () Placês () () Movimento do Páreo - Tempo -

5.º Páreo - 1.400 metros - 16,40 horas
GRANDE PREMIO - CLUB PONTAGROSSENSE.

1	1 - BEAU LATIN	7 - 51		Branca	M 4 C PR Quartier Latin e Padra Bela	Haras Meua	1 - G. Zakrzewski
2	2 - CAMPO ERÉ	4 - 54		Azul	M 7 C PR Hurcade e Organdine	Stud Ortiz	2 - Ivo Nogueira
3	3 - CHANCO	2 - 51	C. R. Rosa	Azul Mangas Vermelhas/B. Vermelho	M 9 C SP Ortille e Quina Branca	Adilson Berger	3 - J. Costa
4	4 - IMPREVISTO	3 - 54	A. O. Coradin	Verde	M 10 C SP All Babá e Obra Prima	Stud Laopaulo	4 - L. J. Ferreira
5	5 - TULY	6 - 54	J. Azevedo	Vermelha	M 8 C RJ Hudson e Dolly Bell	Alberto Breginski	5 - A. Bozza
6	6 - ZINDIENE	5 - 58		Rosa	M 4 C PR Mindlenna e Oananda	Alceu Bozza	6 - A. Bozza
6	7 - TACARE	1 - 60	A. A. Silva	Preta	M 7 C SP Desert Call II e Ormai	Stud Porta do Sol	7 - N. Nascimento

Dotação: Cr\$ 4.000,00 ao 1.º - 1000,00 ao 2.º - 600,00 ao 3.º - 400,00 ao 4.º - 200,00 ao 5.º
 (TE) REC. - BARBARÉ - 93" 1/2

Venc. - () Dupla () Placês () () Movimento do Páreo - Tempo -

6.º Páreo - 1.200 metros - 17,20 horas
PREMIO - EDNA BABINSKI FAÉ - RAINHA DA SOJA DE 1976.

1	1 - ADO	1 - 54	L. Rosa	Branca	M 8 C SP Aruak e Hula	Stud Porta do Sol	1 - N. Nascimento
2	2 - ENDITO	5 - 57	A. A. Silva 3 k	Branca c/ Faixa	M 9 C RJ Endymion e Citara	Stud Porta do Sol	> - N. Nascimento
2	3 - BICADO	7 - 57	A. O. Coradin 1 k	Verde c/ Gola e Braçadeira Vermelha	M 8 C SP Aristocles e Sheila	Stud Guazulf	2 - J. Costa
3	3 - HARA BOY	4 - 51	A. C. Oliveira 3 k	Ouro	M 4 C RS Harakiri e Maal Calk	Stud Neveia	3 - B. Oliveira
4	4 - KORIYAMA	8 - 52		Verde	F 6 C PR King Charming e Rondelle	Aurelio Hilgemberg	4 - L. J. Ferreira
5	5 - QUARTIN	6 - 57	J. Azevedo	Ouro/Trevo Lilaz - Boné Ouro Lilaz	M 7 C PR Rumor e Mara Terrat	Geraido M. Francisquini	5 - O. Rodrigues
6	6 - SPITFIRE	3 - 54	R. L. Borges 3 k	Rosa	M 9 C PR Jatillo e Gualra	Gentil Miguel Gil	6 - P. França
6	7 - SAMANGO	2 - 54	O. Farago	Preta	M 9 C PR Swinal e Tamará	Nelson Chagas	7 - Ivo Nogueira

Dotação: Cr\$ 3.000,00 ao 1.º - 750,00 ao 2.º - 450,00 ao 3.º - 300,00 ao 4.º - 150,00 ao 5.º
 (T4) REC. - Fulanito / Kauay King / Beau Latin - 79" 2/5

Venc. - () Dupla () Placês () () Movimento do Páreo - Tempo -

Pista = Movimento Geral de Apostas = Starter = LUIZ A. ZANDER

NAO HAVERÁ DESCARGA PARA APRENDIZES NO 5.º PÁREO ***** PARA EFEITO DE ARREMATAS ANIMAIS DO MESMO TREINADOR SERÃO AGRUPADOS

PULE MÍNIMA CR\$ 10.00

LOCAL DE APOSTAS, ACUMULADAS E PG.TOS.: LOTÉRICIA TUPY - Rua XV do Novembro, 375 E AGENCIA LA PLATA - Rua Balduino Taques, 274 - PONTA GROSSA/PR.

APOSTAS EM CURITIBA: AGENCIA LA PLATA - Travessa Jesuino Marcondes, 64 E TESOURO ESCONDIDO - Rua XV do Novembro, 60 - CURITIBA/PR.

Bilhete do Jockey Club homenageando as Rainhas. Acervo particular de Margareth Sponholz.

JOQUEY CLUB HOMENAGEIA HOJE A RAINHA DA SOJA DO PARANÁ



Haverá hoje no Hipódromo de Uvaranas mais uma sensacional Jornada Turfística. O programa oficial da 20ª. reunião do corrente ano tem como destaques os Grandes Prêmios. "Clube Pontagrossense" e "Edna Babinski Faé, Rainha da Soja 1976". O presidente do JCP Munir Miguel conta com o prestigiamto dos turistas paranaenses. Por outro lado, também a diretoria do Clube Pontagrossense, através do presidente Djalma de Almeida. Cesar está conclamando os diretores, membros do Conselho e associados em geral para prestigarem esta tarde turfística de gala, marcada para o Hipódromo de Uvaranas.

Jockey Club homenageia Rainha da Soja. Diário dos Campos, Ponta Grossa, 5 jun. 1976, p.1. Acervo Museu Campos Gerais.

RAINHA DA SOJA NO JOQUEI



No último sábado o Jockey Clube Pontagrossense prestou significativa homenagem à srta. Edna Babinski Faé Rainha da Soja do Paraná-76. Apesar do mau tempo, a reunião turfística foi bastante concorrida. O páreo principal, que homenageou a rainha, foi corrido na distância de 1400 metros e foi vencido pelo animal Imprevisto. A foto é da reunião de sábado em Uvaranas, aparecendo o animal vencedor, a Rainha da Soja, o presidente do Jockey Clube, Munir Miguel e Dioclet Guimaraes, titular do Stud Irmãos Guimaraes, feliz proprietário do animal ganhador do Grande Premio "Srta. Edna Babinski Faé".

Rainha da Soja no Jockey. Diários dos Campos, Ponta Grossa, 8 jun. 1978, p.1. Acervo Museu Campos Gerais.

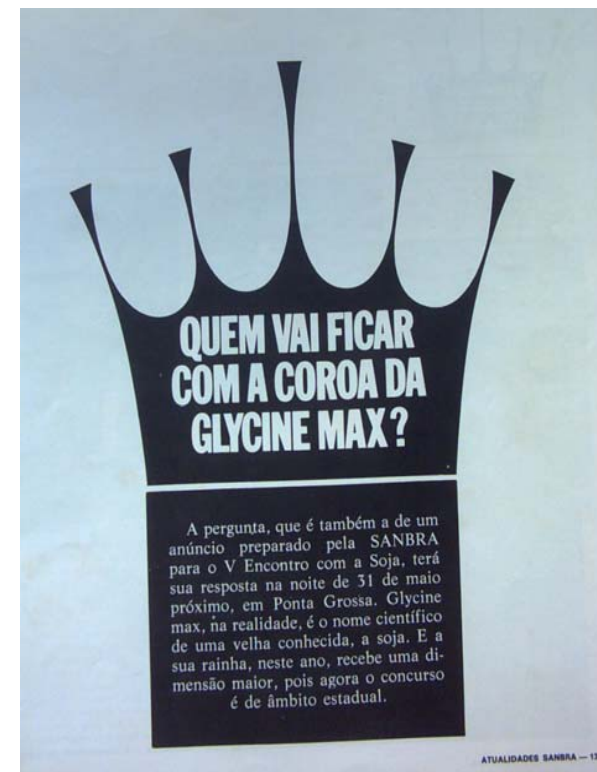
ANEXO 14 – PROPAGANDAS DO 3º, 4º E 5º ENCONTROS COM A SOJA



Prospecto do 3º Encontro com a Soja
Acervo particular de Regina Puppi.



Revista Atualidades Sanbra, n. 40, 1974.
Acervo particular de Suzy Mara Samways.



Revista Atualidades Sanbra, n. 43, 1975.
Acervo Biblioteca UEPG.

ANEXO 15 – COMPROMISSOS SOCIAIS DAS RAINHAS



MADRINHA DA TURMA

Senhorita Regina Maria Puppi

PROGRAMA

Dia 15 de dezembro 1973
 No Pátio do 13.º BIB, às 10,00 horas:
 Solenidade de Formatura constante de:
 Leitura do Boletim Interno - Entrega de prêmios - Entrega das Espadas pelas Madrinhas - Compromisso de Aspirante a Oficial - alocução de despedida do Comandante do Batalhão - Desfile e Coquetel dos Aspirantes, Familiares e Convidados.
 Na Catedral do Bispo, às 19,00 horas:
 Missa em Ação de Graças e benção das Espadas

Dia 16 de dezembro
 No Clube da Lagoa às 23,00 horas: Baile de Formatura

Traje: Oficiais 3.º B
 Formandos 3.º D
 Convidados Passeio Completo
 Conjunto Afrikan Korps

Convite para formatura de militares em Ponta Grossa. Acervo particular de Regina Puppi.



Rainha da Soja 1974 na 6ª Exposição Agropecuária de PG. Revista Atualidades Sanbra, São Paulo, n.41. Acervo particular de Suzy Mara Samways.

PANORAMA

Muitas rainhas na 2ª Noite Brasileira.

Ocorreu com grande sucesso e representatividade a "II Noite Brasileira" realizada em Ponta Grossa no dia 18 de dezembro último, nos salões do Clube da Colina Ponta-grossense, com a finalidade de reunir recursos para a Associação Ponta-grossense de Assistência à Criança Defeituosa — APACD. A promoção contou com a coordenação do Lions e do Leo Clube de Ponta Grossa-Vila Velha, Comitê de Imprensa da Câmara Municipal, Clube Ponta-grossense e União Cívica Feminina.

A reunião contou com a participação especial de Miss Paraná, Rainha da Soja de 1974, Suzy Mara Samways; Rainha da Soja do Brasil de 1978, Maria de Fátima Kalli; Rainha da Soja de Ponta Grossa, Peggy Maria Gutman e Rainha da Soja do Paraná de 1976, Edna Babinski Faé. A Sanbra patrocinou a presença de sua Rainha e doou gravura e partida de produtos de sua fabricação para sorteio durante o jantar.

Passe na frente, com Delícia.

Desde 1.º de março a Sanbra está oferecendo aos consumidores da margarina Delícia Cremosa, carrinhos Fórmula 1, com jogo de adesivos para sua decoração, num total de dez escudarias diferentes, nas cores originais de cada uma. Foram criados dois cartuchos especiais para esta promoção "Passe na frente com Delícia". O primeiro contém dois potes de 250 gramas e, com eles, um carrinho Fórmula 1 e uma cartela com os números e emblemas para aplicar. A segunda contém dois potes de 500 gramas e, ao invés de um, 2 carrinhos e respectivos adesivos.

A campanha é sustentada por um comercial de 30 segundos, estrelado pelo comediante Paulo Silvino, do "Planeta dos Homens", veiculado nas principais emissoras de TV brasileiras, mais anúncios em revistas infantis e cartazes de ponto de venda.

Revista Atualidades Sanbra, São Paulo, n. 65, 1979. Acervo particular de Suzy Mara Samways

ANEXO 16 – TORCIDA NA NOITE DO BAILE



Margareth Sponholz, no momento em que desfilava para os jurados escolhidos para selecionar a Rainha da Soja 1977. Álbum de Margareth Sponholz. Acervo particular de Margareth Sponholz.



Jornal da Manhã, Ponta Grossa, n. 7202, 10 maio 1977, p.1.



MARGARETH SPONHOLZ, representante do Clube Pontagrossense, foi eleita a 1ª Princesa da Soja no Concurso realizado neste último sábado, Margareth foi muito aplaudida quando desfilou pela primeira vez, sendo eleita então RAINHA DA SOJA DE PONTA GROSSA 1977, título que recebeu de Edna Babinski Fasé, também candidata do Clube Pontagrossense no ano anterior. Ela usava um vestido preto e bordado em prata. Margareth desfilou com muito charme e segurança. Dilma Osório, todo preto com bordados em prata. Margareth recebeu a faixa de Edna. Temos certeza de estarmos bem representados. Na foto, Margareth recebendo a faixa de Edna.

Jornal da Manhã, Ponta Grossa, n. 7203, 3 jun. 1977. Acervo Casa da Memória Paraná.

ANEXO 17 – RAINHAS E MILITARES



Margareth Sponholz em Brasília sendo recepcionada por militares. Álbum de Margareth Sponholz. Acervo particular de Margareth Sponholz.



Na "Casa de Manchete", em São Paulo. Rainhas e Princesas da Soja, quando visitavam o Estande da SANBRA na Exposit.



Na visita as unidades militares, o ponto marcante de Brasília.

O fato de que o recrutamento para as unidades militares visitadas em Brasília, feito anualmente em maio, ocorre sempre no sul do País, e o Paraná contribui com o maior contingente, contribuiu para que as visitas realizadas a essas unidades continuassem a ser o ponto marcante na programação do Distrito Federal.

No Batalhão de Polícia do Exército — "Batalhão Brasília", onde foram recebidas pelo Cel. Gastão Fuhr, seu Comandante, duas demonstrações impressionaram vivamente as visitantes. A primeira foi a formação de uma pirâmide humana, reunindo 24 homens sobre uma motocicleta em movimento, que finaliza com os dois elementos colocados no topo desfraldando a Bandeira Nacional a 60 km/hora. A segunda, a mobilização, formação e saída do contingente da unidade, em movimento acelerado, para acudir emergência. A mistura de vozes de comando, através dos toques de corneta, o roncar dos motores dos mais diversos veículos de emprego militar, desde a motocicleta ao carro choque, de transporte de tropa, ambulâncias, etc., e a tropa armada, configuram uma operação ruidosa e movimentada, representando um espetáculo de notável eficiência e adestramento eficientíssimo.

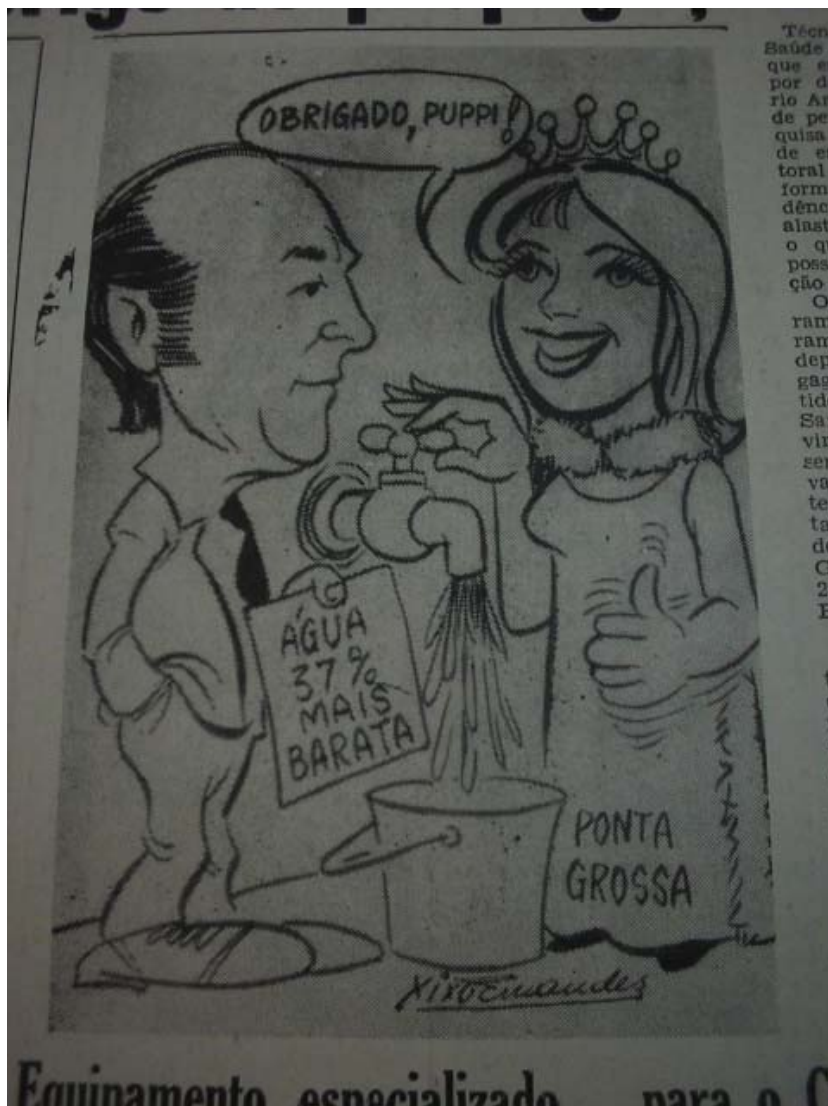
No Batalhão de Guarda Presidencial (B.G.P.), onde as visitantes foram recepcionadas pelo Comandante, Cel. Flamarion Carvalho de Oliveira, uma unidade cuja principal atividade é a guarda ao Presidente da República, ao Palácio do Planalto e ao Palácio da Alvorada, as jovens vencedoras do certame

realizado em Ponta Grossa assistiram a diversas evoluções de contingentes de tropa, em uniformes de gala.

No Regimento de Cavalaria de Guardas "Dragões da Independência", uma unidade de cavalaria cujo papel principal reside na Guarda de Honra a cavalo do Presidente da República, as Rainhas e Princesas assistiram exercícios de equitação na "carriere" e de polo. Ainda no RCG, o Comandante, Ten. Cel. Francisco Rabello Leite Neto, colocou à disposição das jovens um antiquíssimo carro puxado à cavalos, presente de um Embaixador da Suíça. Este se impressionara, quando apresentou credenciais, por haver passado em revista a tropa de cavalaria, que formara em sua honra, utilizando um veículo automotor. De volta ao seu país, já aposentado, invocando velha tradição segundo a qual a tropa montada deve ser passada em revista com a autoridade a cavalo ou em veículo hipomotor, adquiriu lá aquela velha carruagem, para ofertá-la à unidade, com o fim de ser empregada naquele uso.

Nos três locais visitados, Rainhas e Princesas eram aguardadas diante do portão central pelos respectivos Subcomandantes e a seguir conduzidas ao Gabinete de Comando, onde, depois de breve saudação, passavam a assistir às demonstrações. Em todas as unidades já se encontram agrupados os soldados, recrutas, sargentos e até mesmo oficiais naturais de Ponta Grossa, Cascavel, Guarapuava e Marumbi, de onde se originavam as Rainhas e Princesas da Soja.

ANEXO 18 – CARICATURAS DAS RAINHAS NO JORNAL DIÁRIO DOS CAMPOS.



Diário dos Campos, Ponta Grossa. n. 23375, 26 abr. 1975, p. 1.



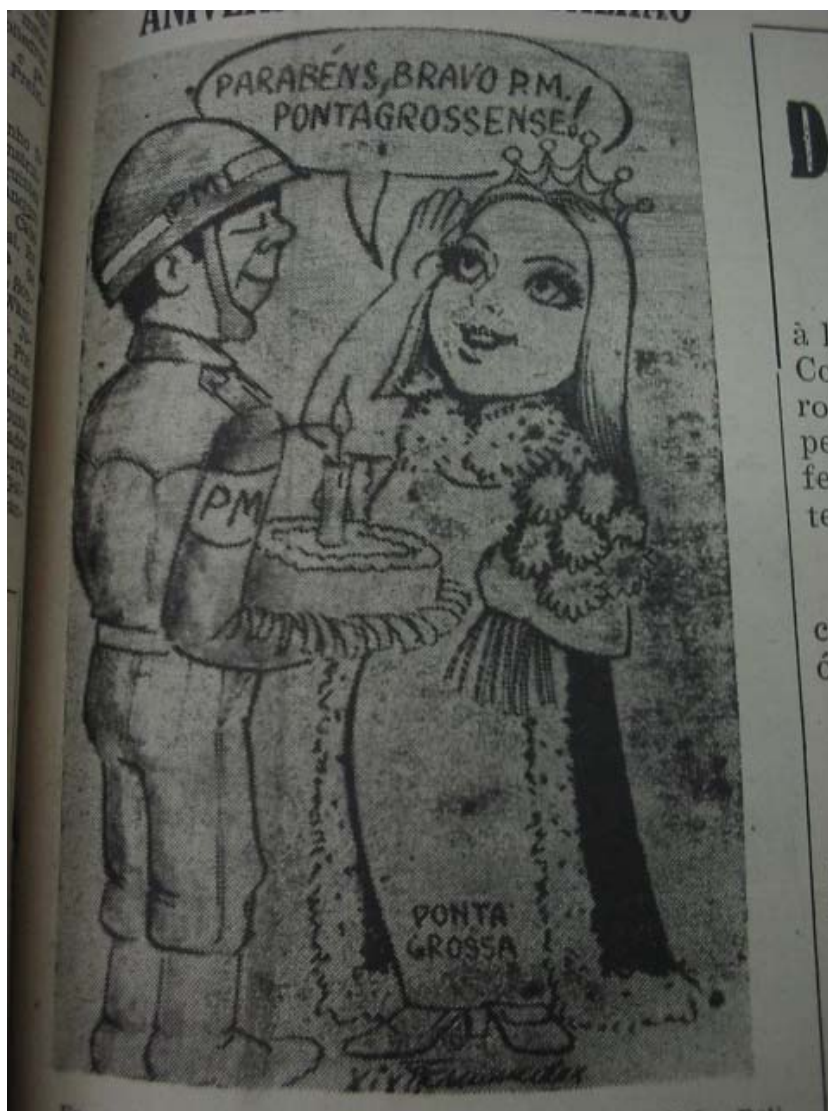
Diário dos Campos, Ponta Grossa, 7 jun. 1975, n. 23407, p. 1.



Diário dos Campos. 15 de maio de 1975. n. 23390. p. 1.



Diário dos Campos. 28 de maio de 1975. n. 23400. p. 1.



Diário dos Campos. 16 de julho de 1975. n. 23440. p. 1.



Diário dos Campos. 04 de junho de 1975. n. 23405. p. 1.



Diário dos Campos. 22 de maio de 1975. n. 23395. p. 1.

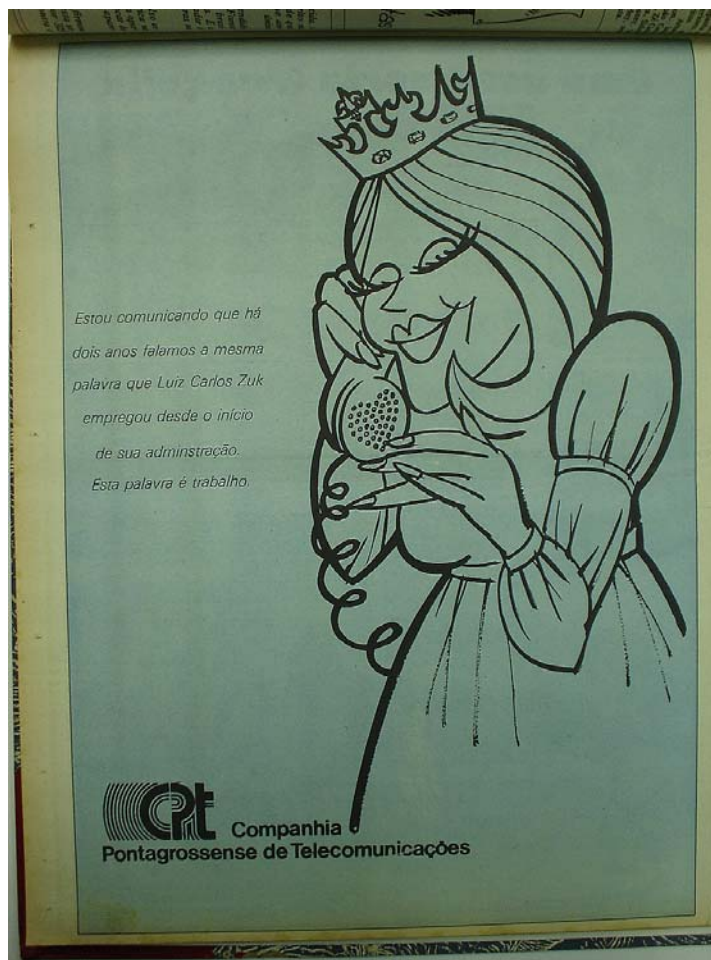


Diário dos Campos. 06 de maio de 1975. n. 23382. p. 1.

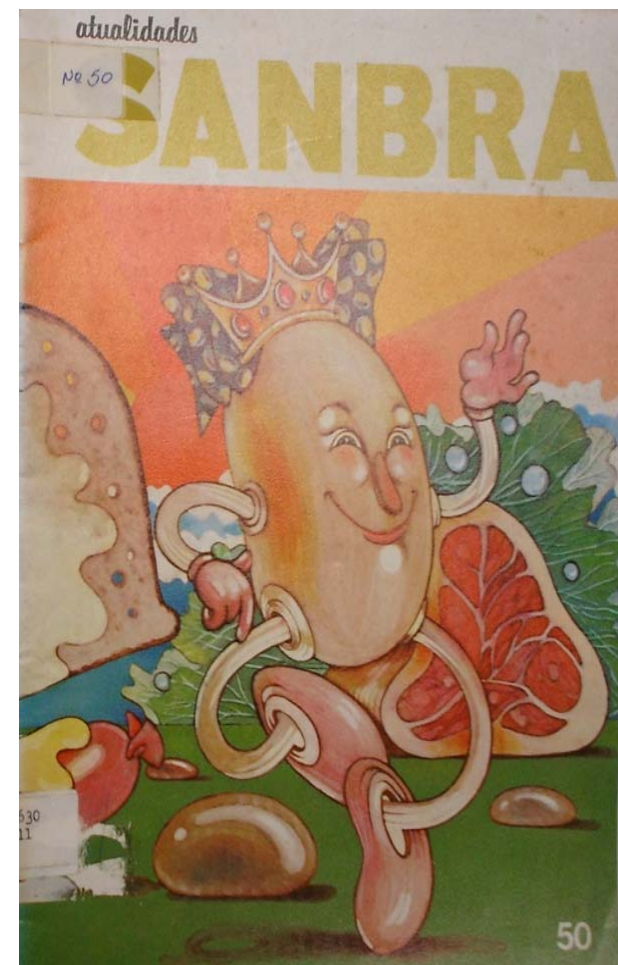
ANEXO 19 – OUTRAS CARICATURAS DAS RAINHAS



Jornal Notícias, Ponta Grossa, 11 fev. 1979, 1.
Acervo Casa da Memória Paraná.



Atualidades Sanbra, São Paulo, n.65, 1978.
Acervo Biblioteca UEPG.



Atualidades Sanbra. São Paulo, n.50, 1976.
Acervo Biblioteca UEPG.

ANEXO 20 – CARTÕES E CORRESPONDÊNCIAS

Correspondência enviada pela Sanbra a Suzy Mara Samways. Acervo particular de Suzy Mara Samways.

DIRETORIA

SANBRA SOCIEDADE ALGODOEIRA DO NORDESTE BRASILEIRO S.A.
CAIXA POSTAL 8149 - TEL. 239-5622
TELEGRAMAS: SANCOTTON
SÃO PAULO-BRASIL

São Paulo, 14 de junho de 1974 .

À
SENHORITA
SUZY MARA SANWAYS
PONTA GROSSA - PARANÁ

Prezada Senhorita,


O Concurso que elegeu a Rainha da Soja, de Ponta Grossa, foi um sucesso .

Sentimos - e estamos seguros de refletir, também, o seu ponto de vista - que diante do êxito alcançado, todos fomos vitoriosos : as candidatas ao título, pela demonstração de carinho à Cidade, colocando beleza e inteligência a serviço dos seus elevados ideais de trabalho e de progresso; nossa Empresa, pela oportunidade que recebeu, da gente generosa de Ponta Grossa, de acrescentar algo ao trabalho que já vem desenvolvendo nessa área . E, finalmente, a própria Cidade Princesa, pelo magnífico exemplo que deu, de coesão, e de intenso calor humano .

Queremos, agora, cumprimentá-la oficialmente, pela sua vitória pessoal, alcançando o título máximo . Esse fato proporcionará a Ponta Grossa a oportunidade de se fazer representar em outros pontos do nosso País, e no exterior, levando a todos a mensagem de pujança e de otimismo contida na frase "Aqui o futuro é hoje" !

Deseja, portanto, a Diretoria desta Empresa, apresentar à gentil senhorita, e a sua Excelentíssima Família, efusivos agradecimentos pela sua participação, manifestando-lhe a certeza da nossa sincera estima e admiração.


Atenciosamente



PPS/mifs

Para Sua Majestade
Regina Maria Puppi,
o carinho e a admiração de
todos os seus súditos
Sambines.
Dezembro de 1973

Que na Paz, haja o Natal;
que no futuro,
haja o Ano Novo,
pleno de felicidade.



Cartão de Natal enviado pela Sanbra a Regina Puppi. Acervo particular de Regina Puppi.

À querida Suzy,
um abraço cari-
nhoso do amigo
Paulo

14.2.75

Cartão enviado pela Sanbra a Suzy Mara Samways. Acervo particular de Suzy Mara Samways.

ANEXO 21 – FICHA DE INSCRIÇÃO PARA CONCURSO

CONCURSO RAINHA DA SOJA DO ESTADO DO PARANÁ - 1977

(preencher de próprio punho)

Ficha de Inscrição
nº

Cidade
Nome
R.G.
Filiação: Sr.
Sra.
Endereço: Rua nº
Bairro
Cód. Postal Cidade
Data Nascimento Natural de
Onde estuda atualmente
Curso série
Pretende se formar em
Que outros cursos possui?
Trabalha? Onde?
É candidata representante de que clube ou entidade?
Por que se candidatou?
Já foi candidata em outros concursos?
Quais?
Quais os títulos que possui?

INFORMAÇÕES GERAIS

Passatempos (assinale com um X)

- piano
- violão
- outros instrumentos - quais _____
- desenho/pintura
- literatura
- teatro
- cinema
- fotografia
- balé
-

Esportes (assinale com um X)

- natação
- basquete
- volei
- atletismo
- tênis
-
-
-
-

Conhece outras Cidades/Estados/Países, além do seu? sim não
Caso positivo, quais?
Se eleita pela sua cidade, quem seria sua acompanhante?
Nome
Endereço R.G.
Grau de Parentesco
Se eleita Rainha da Soja do Estado do Paraná, quem seria sua acompanhante?
Nome
Endereço R.G.
Grau de Parentesco

OBSERVAÇÃO:- A candidata, abaixo assinada, confirma ter perfeito conhecimento do Regulamento do Concurso.

.....,.....de..... de 1977

Assinatura

Ficha de inscrição para o Concurso Rainha da Soja 1977. Acervo particular de Margareth Sponholz.

ANEXO 22 – ARTIGOS QUE SE REFEREM À CULTURA, BELEZA E CORPO DAS
RAINHAS



Sem a necessidade de mostrar o corpo num biquini, as candidatas, depois de enfrentarem o júri em provas escrita e oral para avaliação intelectual, desfilam na passarela sua elegância.

“Sem necessidade de mostrar o corpo num biquini”.
Revista Amiga TVRio de Janeiro, n. 528, 03 jul. 1980.

Acervo particular de Maria Helena Bittencourt.

Rainha da soja 73. Linda e culta.



Para que Regina Maria Puppi (foto) fosse escolhida a Rainha da Soja de 1973, não bastou somente sua beleza, mas também sua simpatia, sua capacidade de comunicação, e os expressivos conhecimentos que possui, sobre a oleaginosa que se expande rapidamente pelo Paraná.

Realizado pela terceira vez em Ponta Grossa, a escolha da Rainha faz parte da programação do Encontro com a Soja e tem o patrocínio da Prefeitura Municipal, através da Secretaria de Economia e do Plano de Desenvolvimento Industrial de Ponta Grossa (Pladei). Conta ainda com o

apoio da Associação Comercial e Industrial local, de cooperativas e indústrias da região.

A escolha é criteriosa: após a seleção das candidatas pelas escolas e faculdades da região, pelos clubes sociais e de serviço, são submetidas a uma sabatina pública, em que se definem seus conhecimentos sobre a soja, sua expansão no Paraná e sua importância alimentícia e econômica. Neste ano, a prova foi televisada pela TV Esplanada, de Ponta Grossa. A decisão final ocorre no encerramento do Encontro, em Baile de Gala. O júri, formado por elementos representativos da região, procura selecionar

aquele que representará durante todo o ano a pujança e o desenvolvimento da Princesa dos Campos.

Em 1973 a escolha da Rainha foi unida a dois fatos marcantes: o sesquicentenário de Ponta Grossa e o cinquentenário da SANBRA (que desde o primeiro Encontro vem co-patrocinando a escolha) e marcou a inauguração do Conjunto Industrial da SANBRA em Ponta Grossa, ocorrida em 22 de junho, na véspera do Baile de Encerramento do III Encontro. Com a inauguração, a cidade passou a ser a Capital Mundial da Soja e Regina, uma rainha plenamente à altura.

“Rainha da Soja 1973. Linda e Culta”.

Revista Brasileira de Comunicação e Relações Públicas, São Paulo, n.22, ano II, 1973. Acervo particular da Regina Puppi.

ANEXO 23 – OUTRAS IMAGENS DO CONCURSO RAINHA DA SOJA



Suzy Mara no momento da coroação.
 Jornal O Estado do Paraná, maio 1974. Acervo particular de Suzy Mara Samways.



Beleza e personalidade são duas fortes características das eleitas.

Regina Puppi e Suzy Mara.
 Revista Atualidades Sanbra, São Paulo, maio 1974. Acervo particular de Regina Puppi.



Momentos da viagem prêmio de Regina Puppi.
 Regina Puppi. Revista Atualidades Sanbra, São Paulo, jul. 1973. Acervo particular de Regina Puppi.

Rainha da Soja 77: toda a

Seu eleito Rainha da Soja do Estado do Paraná num ano em que a soja ganha enorme destaque no cenário nacional, motivos de campanhas e atividades, foi para Rosilene Bernhardt de Góes uma surpresa. Agradável e motivadora, sem dúvida alguma.

De início, a Rainha e suas princesas — Margaret Spoonhiz e Mara Lenita Prigol — e mais a Rainha da Simpatia, Eliana Valera Nabarette, percorreram várias capitais do País. Entre os lugares visitados estão em Brasília, São Paulo, Curitiba e Rio de Janeiro, alguns que mostraram o reconhecimento alcançado pelo Concurso Rainha da Soja em todo o território nacional. Ministros Alysson Paulinelli, da Agricultura; Angelo Catinon de Sá, da Indústria e Comércio; Ney Braga, da Educação; e Arnaldo Prieto, do Trabalho.

Em agosto, Rosilene viajou a São Paulo, desta vez trazendo sua beleza para representar o Paraná, como a Rainha da Soja, no lançamento da Campanha de Incentivo ao Consumo de Soja. Sucesso alcançado, a campanha, iniciada na capital paulista, estendeu-se a inúmeras outras municípios, promovendo a soja como uma alternativa de baixo custo, para a aquisição das proteínas necessárias à alimentação do brasileiro. Novamente em São Paulo, em 7 de setembro, em companhia de Margaret Spoonhiz, Mara Lenita Prigol e Eliana Valera Nabarette, ela participou do já festivo dia, durante a realização dos Jogos de Integração SANBRA-Sanista.

Em outubro, a SANBRA participou da 3ª EFAP - Exposição Agropecuária e Industrial de Ponta Grossa. E não poderia deixar de apresentar suas rainhas, Rosilene e suas princesas. Lá estiveram, recebendo, no estande da SANBRA, as homenagens de milhares de pessoas que visitaram a feira. Quando da realização do Brasil Export 77, no Parque Anhembi, em



Sua beleza representa todo o Estado do Paraná.



Brasília, suas Princesas de Estado receberam do governador. Na foto, com Ney Braga, da Educação.

história de um reinado.



No Brasil, em São Paulo, prestigiando as campanhas pró-esportivas envolvendo SANBRA e Sanista, Rainha e Princesas da soja participaram juntamente com o pessoal da escola.



No lançamento da Campanha de Incentivo ao Consumo de Soja, em São Paulo, a presença da Rainha da Soja 77.

São Paulo, a presença de Rosilene foi, novamente, solicitada. E a Rainha da Soja do Estado do Paraná 1977 aproveitou mais uma oportunidade para divulgar a soja, produto que, por seu valor nutritivo e baixo custo, pode contribuir de forma definitiva para a elevação do padrão alimentar da ampla maioria da população brasileira.

Enquanto em São Paulo era realizada a Brasil Export, em Jandaia do Sul a Rainha da Soja se fazia representar em outro importante acontecimento. Na "Semana da Cultura de Jandaia do Sul" a SANBRA era representada por Eliana Valera Nabarette, a Rainha da Simpatia, que, por sua vez, ampliou os caminhos e serem percorridos na divulgação da soja.

Tudo isso no cumprimento de apenas metade de seu reinado. Muito mais será feito até que Rosilene passe a coroa à Rainha da Soja 1978. Incluído no Calendário Oficial de Eventos Turísticos do Paraná, o Concurso Rainha da Soja, para este ano, promete ser ainda mais movimentado.

Já em 1977, 43 municípios paranaenses produtores de soja se fizeram representar no certame, com um total de 72 candidatas. O integrado já na vida do paranaense, como um dos mais importantes acontecimentos do ano, o concurso certamente ampliará sua penetração, compreendendo mais e mais cidades ruínas, festa de festa, cultura e integração.

Se o ano de Rosilene foi, e está sendo, movimentado, cheio de coisas novas e de todo um trabalho por fazer — divulgar a soja —, o ano da Rainha da Soja 1978, irrevocavelmente, será muito mais. O que promete, para o concurso, um crescimento cada vez maior, e um grande estímulo por parte de todos aqueles que já o conhecem, quanto ao cumprimento de suas finalidades a nível de todo o País.



Rosilene Bernhardt de Góes, Rainha da Soja 1977, entrega o prêmio de Brasil Export 77, no estande da SANBRA.



Transferida pelo trem, o momento em que a Rainha da Soja entregou um dos prêmios, com uma coroa de flores, ao vencedor nos Jogos de Ponta Grossa por ocasião da EFAP.



ATUALIDADES SANBRA

Momentos do baile e viagem prêmio 1977. Revista Atualidades Sanbra. São Paulo, n. 57, 1977. Acervo Biblioteca UEPG.



Rainha da Soja 78: tudo preparado para a grande festa

Bruna Lombardi, conhecida nacionalmente por sua atuação na novela "Sem lenço, sem documento", recentemente transmitida para todo o Brasil pelo Rede Globo de televisão, também com atuação destacada como modelo e escritora, e Aldimir Martins, conhecido internacionalmente como um dos expoentes das artes plásticas brasileiras, são dois dos nomes que estarão em Ponta Grossa, no dia 27 de maio próximo, para compor o juri que escolherá a Rainha da Soja do Brasil de 1978, em certame patrocinado, desde o início, em 1971, pela SANBRA — Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro S.A. O Nascimento do Diretor da Coordenação de Relações Públicas da SANBRA, Cte. Paulo P. Góesmar,

ocorrido no dia 27 de abril, no Rio de Janeiro (veja notícia em outro local desta edição) não alterou o calendário estabelecido, por entender seus organizadores que a realização do evento será a melhor homenagem a quem o criou, e três meses após, vindo planejando, organizando e dirigindo o certame.

O Concurso Rainha da Soja do Brasil de 1978 terá seu ápice no dia 27 de maio, com a realização de baile no Clube Pontagrossense e eleição, inicialmente, da Rainha da Soja de Ponta Grossa e, a seguir, da Rainha da Soja do Brasil 1978. Todo o desenrolar desta etapa decisiva será transmitido, em cores, pela televisão, através de três emissoras. As imagens serão geradas pela TV Eplanada, de Ponta Grossa, e

retransmitidas pela TV Iguaçu, de Curitiba, e TV Tibagi, de Apucarana. Esta transmissão em cores permitirá a todos os telespectadores de todo o Estado do Paraná e, ainda, parte dos Estados de São Paulo e Santa Catarina.

Assis Chateaubriand, Pirai do Sul, Cascavel, Toledo, Guarapuava, Maringá e Castro — além de, naturalmente, Ponta Grossa — foram as primeiras cidades que confirmaram a participação. Nessas e em outras cidades, as eleições foram realizadas por comissões organizadoras nomeadas pelas prefeituras locais, dentro de um critério padrão: conhecimentos sobre a importância da soja para o Paraná e o País; desenvolvimento e fidelidade verbal; e desenvolvimento em passarela. Para

permitir uma participação ainda maior, a Coordenação de Relações Públicas da SANBRA reduziu a idade mínima para inscrição de 16 para 17 anos, completos até 31 de maio de 1978.

Em Ponta Grossa, a programação oficial, definida pela SANBRA, terá início no dia 25, com a chegada das candidatas de seus municípios, emisso geral e jantar informal, oferecido pela Churrascaria Nunes. No dia 26, no período da manhã, será feita a apreciação dos itens relativos a conhecimentos sobre soja, desenvolvimento e fidelidade verbal, nas dependências do Clube Pontagrossense. Em seguida, as candidatas serão apresentadas à imprensa, durante almoço nas formações artísticas de Vila Velha, oferecida pela Paratur. A noite, novamente nas dependências do Clube Pontagrossense, será oferecido jantar de confraternização das candidatas de Ponta Grossa e de outros municípios. No dia 27, a escola pelo grande juri, durante baile no Clube Pontagrossense.

Neste ano, entre outros prêmios, a vencedora receberá um automóvel Chevrolet 1978 0 km, de F. Capelletti, e uma viagem a Brasília, Rio de Janeiro, São Paulo e Curitiba, com direito a acompanhante e duração de sete dias. A viagem deverá ocorrer no mês de julho, ocasião em que se desenvolverá diversos



contatos oficiais, com autoridades governamentais federais, estaduais e municipais. Além desses prêmios, oferecidos pela SANBRA, a Rainha ganhará uma jóia exclusiva, criada e oferecida por M. Rosemann Joilheiro; um conjunto de malas Primicia e dois tapetes (um de pele e outro de lã), oferecidos por Iriz Tapetes. Para as princesas, além da viagem a Brasília, Rio de Janeiro, São Paulo e Curitiba, em companhia da Rainha da Soja do Brasil de 1978, também receberão um conjunto de malas Primicia e um tapete de lã, de Iriz Tapetes.

A rainha da Simpatia (escolhida por votação das próprias candidatas) receberá uma gravura de F. Dörzila. Complexo Industrial de Ponta Grossa ainda hoje, o maior de hemisfério sul e o maior do mundo em capacidade elaboração,

e a rainha da Soja de Ponta Grossa ganhará uma jóia oferecida pela Prefeitura local, além de um tapete de Iriz Tapetes. Todas as candidatas inscritas receberam produtos de linha têxtil de S.A. Molino Sartista e Associadas. As viagens-prêmio, oferecidas pela SANBRA, contam com o prestígio de Vap e a rede de Hotéis Horsa. O certame conta, também, com o apoio da Paratur que, o inclui, em 1977, no Calendário de Eventos Turísticos do Paraná.



Tudo começou em 1971

A RAINHA DA SOJA DO BRASIL 1980



Cláudia de Saes, Rainha da Soja do Brasil 1980, em uma cerimônia de entrega de prêmio.



Cláudia de Saes, Rainha da Soja do Brasil 1980, em uma cerimônia de entrega de prêmio.



Cláudia de Saes, Rainha da Soja do Brasil 1980, em uma cerimônia de entrega de prêmio.

A Rainha da Soja do Brasil 1980, Cláudia de Saes, nasceu em Ponta Grossa, no Paraná, em 1958. Ela é filha de uma família de produtores de soja. Cláudia de Saes é uma jovem de 21 anos, de Ponta Grossa, que se tornou a primeira Rainha da Soja do Brasil em 1980. Ela foi escolhida pelo júri composto por representantes de várias instituições. Cláudia de Saes é uma jovem de 21 anos, de Ponta Grossa, que se tornou a primeira Rainha da Soja do Brasil em 1980. Ela foi escolhida pelo júri composto por representantes de várias instituições.



Cláudia de Saes, Rainha da Soja do Brasil 1980, em uma cerimônia de entrega de prêmio.

Propaganda para Concurso Rainha da Soja 1978.

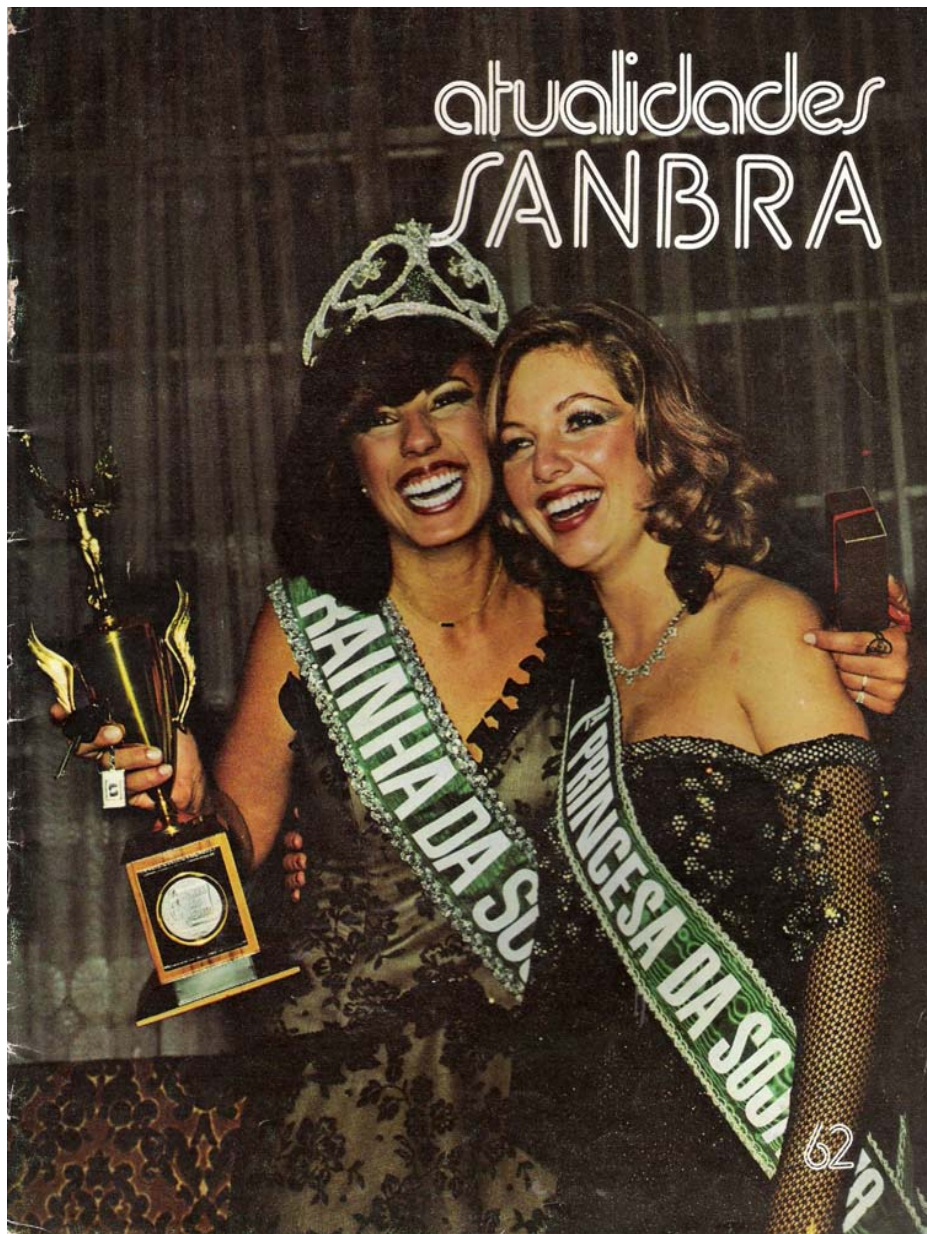
Revista Atualidade Sanbra. São Paulo, n. 61, 1977. Acervo Biblioteca UEPG.

A Rainha da Soja do Brasil 1980

Revista Amiga. São Paulo, n. 528, 02 jun.1980. Acervo de Regina Puppi.

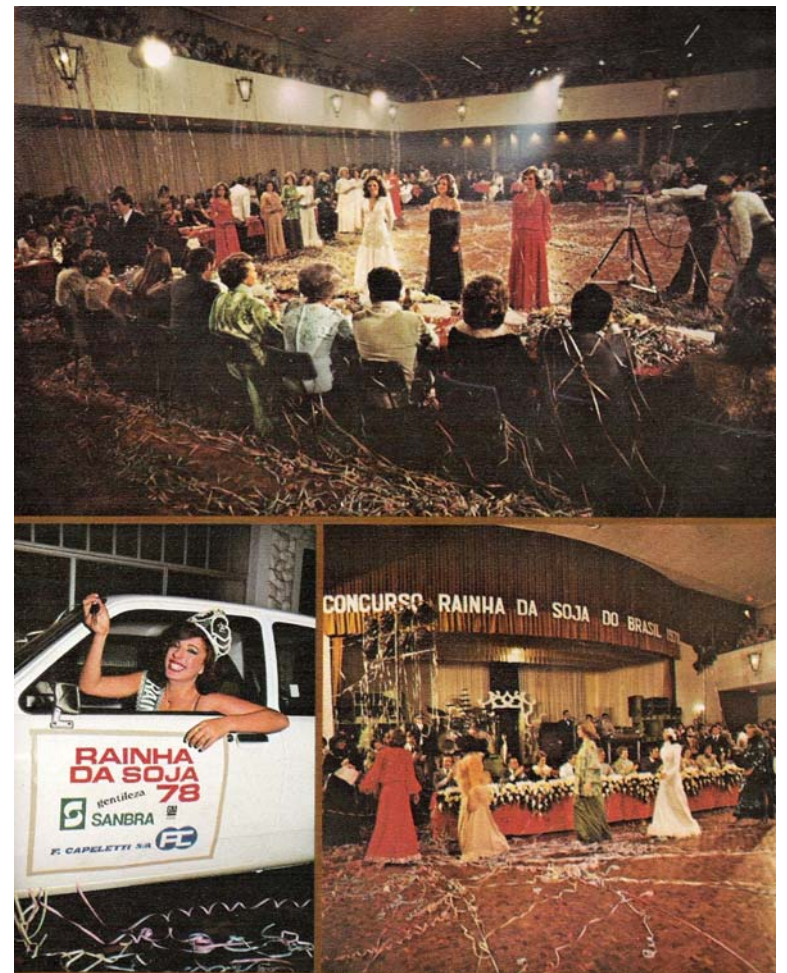


Concurso Rainha da Soja do Brasil 1978. Da esquerda para a direita: Peggy Gutmann, eleita Rainha da Soja de Ponta Grossa e 1ª Princesa da Soja do Brasil; A Rainha da Soja do Brasil seguida pela 2ª Princesa e Rainha da Simpatia. Revista Atualidades Sanbra. São Paulo, n. 64, 1978. Acervo Biblioteca UEPG.



Rosilene Bernardelli, Rainha da Soja do Brasil 1978 e Peggy Gutmann, Rainha Da Soja de Ponta Grossa e 1ª Princesa da Soja do Brasil 1978.

Revista Atualidades Sanbra. São Paulo, n. 64, 1978. Acervo Biblioteca UEPG.



Momentos do baile 1978.

RAINHA DA SOJA E A LEMBRANÇA DA FESTA

Foi uma festa de beleza que deixou saudades. A sociedade pontagrossense e paranaense viveu instantes de muita emoção com a escolha da Rainha da Soja do Brasil de 1978. Nas fotos a lembrança de um acontecimento social que provou ser um dos maiores no calendário de promoções da Princesa dos Campos e do Paraná.



Peggy Maria Gutmann, representante da Sociedade Rural dos Campos Gerais, quando recebe os cumprimentos pela sua escolha como Rainha da Soja de Ponta Grossa.



Peggy Gutmann, 1ª Princesa e a representante de Curitiba eleita Rainha da Soja do Brasil de 1978, num instante de emoção como tantos registrados na festa de sábado.



Maria de Fátima Kall, Rainha da Soja do Brasil de 1978, sorridente a curva que vai ostentar durante um ano em nome da Soja promovendo a grande realização.



As Rainhas em pose especial. Margaret Sponholz Rainha da Soja de 1977 e Peggy Maria Gutmann, Rainha da Soja de 1978, felizes com a promoção do último sábado.



A pose especial das Rainhas da Soja. A de 1977, Rosilene Bernardelli de Godoy, e Maria de Fátima Kall, Rainha da Soja de 1978.



Como Juizadora do Concurso Rainha da Soja do Brasil de 1978, a difícil missão de escolher sábado último a responsável por um ano de 1978. As quatro finalistas do grande certame, incluindo a Rainha da Soja de 1978.



Edna Dalmaschi Fal entrega a faixa de Rainha da Soja, a represent.



As entrevistas com a Rainha da Soja do Brasil de 1978.



Momentos do baile de 1978.
Jornal da Manhã. Ponta Grossa, 30 de maio 1978.
Acervo Casa da Memória Paraná.

ANEXO 24 – SOBRE AS RAINHAS DA SOJA

SOBRE AS RAINHAS DA SOJA

Os bailes para a coroação das Rainhas da Soja aconteceram desde o 1º Encontro com a Soja.

Em 1971 desfilaram dez candidatas pontagrossenses, sendo eleita como rainha, Judite Macedo Silveira, representante do Colégio Estadual regente Feijó. Como prêmio, a Sanbra ofereceu uma viagem a São Paulo e Rio de Janeiro, com direito a acompanhante.

Em 1972, dezessete jovens ponta-grossenses desfilaram concorrendo ao título. Ana Maria Busato, da Faculdade de Direito foi escolhida Rainha da Soja 1972 e ganhou uma viagem ao Rio de Janeiro, com estadia de uma semana e direito a acompanhante. As princesas eleitas foram Claudia Craveiro de Sá, do Clube Pontagrossense e Maria Tereza Raicoski, do Colégio Estadual Regente Feijó. Ana Maria foi recebida pelo vice-governador do Rio de Janeiro e secretários de Turismo e da Agricultura da Guanabara, além de participar de entrevistas a jornais, rádios, televisões, divulgando o nome de Ponta Grossa e a importância da soja para a região o Brasil.

No ano de 1973 foi eleita Regina Maria Puppi, representante do Clube da Lagoa, foi escolhida entre dezessete candidatas. Como prêmio recebeu uma viagem ao Rio de Janeiro e São Paulo, onde visitou pontos turísticos de ambas as cidades e manteve contato com autoridades governamentais e jornalistas. Na Guanabara encontrou-se com o Secretário da Agricultura e Abastecimento, com o Chefe do gabinete do Secretário da Cultura, Desporto e Turismo. Em São Paulo esteve com a Primeira-Dama paulista e com o Vice-Governador.

Em 1974, dentre doze candidatas, foi coroada Suzy Mara Samways, que representou o Léo Clube Vila Velha. Foram coroadas as princesas Cinthya Borges de Macedo Silveira, do Clube Pontagrossense e Irene Petchevist, do Diretório Acadêmico Dr. Joaquim de Paula Xavier. A partir deste ano, sob patrocínio da Sanbra, o corpo de jurados passou a contar com alguma personalidade feminina de

reconhecido potencial televisivo nas atividades de julgamento das candidatas. Neste ano a convidada especial foi a repórter da Rede Tupi de Televisão, Cidinha Campos. Como prêmio, a rainha recebeu uma viagem à Argentina e São Paulo e as princesas foram contempladas com uma viagem a Foz do Iguaçu.

Em 1975, com a “abertura” do concurso para outros municípios do Estado, dentre as nove candidatas locais, coroou-se Rainha da Soja de Ponta Grossa, Marisa de Fátima Sielski, representante do Clube Princesa dos Campos e Eloina Maria Carneiro de Sá, do Colégio Estadual Regente Feijó e Lizie de Fátima Sovenski Pacheco, obtiveram o título de princesas. Marisa concorreu na segunda etapa com nove rainhas eleitas em outros municípios. Nesta fase foi eleita Rainha da Soja do Paraná 1975, a representante de Guarapuava, Isabel Cristina Virmond Rauen; a castrense Ana Maria Martins Lopes e a ponta-grossense Marisa Sielski foram eleitas princesas. Neste evento, pela primeira vez, as candidatas escolheram entre elas a Rainha Simpatia, que neste ano foi Ilsa Auer Bach, representante de Palmeira. A rainha e seu séqüito – exceto Marisa que por motivos pessoais não pode viajar - ganhou viagens a Recife, Salvador, Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo, onde manteve contato com autoridades governamentais e com a imprensa para divulgar a expansão da soja no Paraná assim como o turismo.

Com número crescente de participantes de outras localidades, - dezessete para oito candidatas de Ponta Grossa - em 1976 foi eleita Rainha da Soja de Ponta Grossa, Edna Babinski Faé, do Clube Pontagrossense assim como Idamara Chevaroski, do Clube da Lagoa e Sonia Regina Giachini, do Clube Princesa dos Campos eleitas Princesas da Soja de Ponta Grossa. Neste ano, Edna venceu o certame estadual tendo sido coroada Rainha da Soja do Paraná e as princesas escolhidas foram Martha Terezinha Motta Campos, de Londrina e Maria de Fátima Trentin, de Maringá. Para homenagear a rainha, o Jóquei Clube de Ponta Grossa realizou os Grandes Prêmios “Clube Pontagrossense” e “Edna Babinski Faé”. Além das viagens, a rainha recebeu como prêmio um carro zero quilômetro e uma jóia em

ouro 18 quilates. Em Brasília foi recebida pelo Ministro da Agricultura e ainda viajou para o Rio de Janeiro, São Paulo e Curitiba, na companhia das princesas.

Em 1977, entre as trinta e uma candidatas de Ponta Grossa, foi coroada Margareth Sponholz, candidata do Clube Pontagrossense. Para o título de Rainha da Soja do Paraná concorreram quarenta e quatro candidatas vencendo Rosilene Bernadelli, de Cascavel. Para princesas foram eleitas Mara Bregol, de Guarapuava e Margareth Sponholz, de Ponta Grossa. A representante de Marumbi foi eleita Rainha Simpatia. Rosilene recebeu como prêmio as viagens para Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo, além de uma jóia e um carro zero quilômetro.

No ano de 1978, o certame passou a eleger a Rainha da Soja do Brasil entre vinte e duas candidatas de vários municípios paranaenses. Com a participação de Bruna Lombardi no júri a eleita por Ponta Grossa foi Peggy Maria Guttman, representante da Sociedade Rural dos Campos Gerais. A vencedora do certame em âmbito nacional foi Maria de Fátima Kalil, de Curitiba e as princesas eleitas foram Peggy Maria Guttman, de Ponta Grossa e Rosilene Brandani, de Santo Antonio da Platina. A representante de Apucarana, Sirley Vanzela, recebeu o título de Rainha Simpatia. A rainha foi premiada com um carro zero quilometro e uma jóia, além das viagens a Curitiba, São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília acompanhada pelas princesas.

O concurso de 1979, contando com dez candidatas locais elegeu como Rainha da Soja de Ponta Grossa a representante da loja Modelar Mould Shop e como princesas Solange Alves dos Santos, do Colégio Regente Feijó e Silvana Gosch Marques, do Clube da Lagoa. A candidata de Santa Maria, RS, foi coroada Rainha da Soja do Brasil dentre quarenta e uma concorrentes e recebeu como prêmios, além das tradicionais viagens, um carro zero quilômetro, um tapete, um guarda-roupa completo para viagem e um quadro do artista plástico Orlando Mattos. Como Princesas da Soja do Brasil, venceram a ponta-grossense Soraya de Souza Costa e Sayuri Eliana Katagiri, de Marau, SC.

Na décima e última edição, em 1980, competiram por Ponta Grossa dez candidatas e a representante do Clube Pontagrossense, Maria Helena Bittencourt, foi eleita Rainha da Soja de Ponta Grossa assim como as princesas Adriane de Castro Rauli, do Clube da Lagoa e Denise Rizental, do Jóquei Clube de Ponta Grossa. Para Rainha da Soja do Brasil foi escolhida a representante de Piracicaba, Marilisa Romani.